

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
CENTRO DE ESTUDOS E PESQUISAS EM AGRONEGÓCIOS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM AGRONEGÓCIOS**

**Carolina Prestes Turcato**

**DISSERTAÇÃO DE MESTRADO**

**O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL NA CONSTRUÇÃO DO  
COLETIVO ATRAVÉS DAS INTERAÇÕES EM REDES: O CASO  
DA CADEIA REDE JUSTA TRAMA**

**Porto Alegre  
2011**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
Centro de Estudos e Pesquisas em Agronegócios  
Programa de Pós Graduação em Agronegócios

**Carolina Prestes Turcato**

**TÍTULO**

**O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL NA CONSTRUÇÃO DO  
COLETIVO ATRAVÉS DAS INTERAÇÕES EM REDES: O CASO DA  
CADEIA-REDE JUSTA TRAMA**

**Dissertação de Mestrado apresentada ao  
Programa de Pós-  
Graduação em Agronegócios do Centro de Estudos  
e Pesquisas em Agronegócios da Universidade  
Federal do Rio Grande do Sul, como requisito  
parcial para obtenção do título de Mestre em  
Agronegócios.**

**BANCA EXAMINADORA**

Profa. Dra. Tania Steren - UFRGS

Profa. Dra. Claudia Simone Antonello - UFRGS

Prof. Dr. José Ednilson Cabral - UNIFOR

Orientador: Prof. Dr. Eugênio Ávila Pedrozo – UFRGS

Data da defesa: 28/02/2011

Data da Homologação: 01/06/2011

Fevereiro de 2011

### CIP - Catalogação na Publicação

Prestes Turcato, Carolina

O desenvolvimento sustentável na construção do coletivo através das interações em redes: O caso da cadeia-rede Justa Trama / Carolina Prestes Turcato. - 2011.

214 f.

Orientador: Eugenio Avila Pedrozo.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Centro de Estudos e Pesquisas em Agronegócios, Programa de Pós-Graduação em Agronegócios, Porto Alegre, BR-RS, 2011.

1. Desenvolvimento Sustentável. 2. Agricultura Orgânica. 3. Economia Solidária. 4. Complexidade. 5. Relacionamentos. I. Avila Pedrozo, Eugenio, orient. II. Título.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por sempre estar comigo, e por me guiar sempre ao caminho certo.

Agradeço meus pais, Avli e Ricardo, por serem tudo. A minha força, inspiração, exemplo, motivação e por me ensinarem o que é o amor, por me ensinarem a ver sempre o lado positivo da vida e por estarem sempre ao meu lado. Obrigada, amo vocês.

Agradeço à minha família, avós, tios e tias, primos e primas, por fazerem parte do que me faz forte, e feliz.

Agradeço às amigas, por todo o apoio, incentivo e companheirismo de sempre.

Agradeço ao meu orientador, Prof. Dr. Eugenio Pedrozo, por seus conselhos, sua sabedoria e por ter me guiado neste caminho de construção do conhecimento.

Agradeço à CAPES, por ter possibilitado a realização deste mestrado, incentivando cada vez mais a formação de pós-graduandos do Brasil.

Agradeço à UFRGS, principalmente ao Programa de Pós-Graduação em Agronegócios, à Débora e à todos os professores que possibilitaram meu aprendizado neste caminho.

Agradeço à UNIFOR, principalmente aos professores Cleber Dutra e Marcos Senna, pelo apoio, pela recepção e pelo aprendizado que obtive no mestrado sanduíche.

Agradeço também à todos os colegas que conheci nestes dois anos, pela experiência de amizade e cooperação que vivemos e que podemos sempre nos orgulhar.

É uma injustiça  
nós o algodão  
Partir no meio



## RESUMO

Em contrapartida ao modelo produtivo proposto pela Revolução Verde, surgem iniciativas que estão ganhando espaço, que são relacionadas à produção orgânica e agroecológica, normalmente praticadas pela agricultura familiar. O objeto a ser analisado na presente pesquisa é caracterizado por não apresentar uma distinção clara entre sociedade e natureza, consistindo em uma iniciativa híbrida, sendo uma cadeia-rede agroecológica, que atua na plantação, transformação, criação, produção e comercialização de roupas e acessórios de algodão agroecológico, chamada Justa Trama. Ela é composta por sete cooperativas e associações presentes em diversas regiões brasileiras, e todas participam de todo o processo decisório e de planejamento do empreendimento de natureza híbrida. Por isso, as interações em vários de seus membros. A presente pesquisa então busca compreender qual é o papel dos relacionamentos na dinâmica da cadeia-rede de produção sustentável de algodão agroecológico, considerando-se as diferentes dimensões envolvidas em todo o seu processo, desde o plantio até o consumidor final? Com o objetivo geral de analisar os relacionamentos entre os atores (humanos e não-humanos) na cadeia-rede Justa Trama e quais são as lógicas que governam a cadeia, a partir de uma perspectiva de quatro dimensões do desenvolvimento sustentável (ambiental, social, econômica e cultural) em todo o processo produtivo, desde o plantio até o consumidor final. Através da metodologia proposta pela teoria ator-rede e de rizomas, o princípio cartográfico, onde o pesquisador busca descrever e mapear os fenômenos e dinâmicas compreendidas através de suas percepções. Teorias do desenvolvimento sustentável, complexidade, ator-rede e rizomas são contempladas para a construção de um *framework* que possibilite a análise proposta. Como principais resultados tem-se a compreensão dos diferentes actantes humanos e não-humanos e as transformações que eles produzem, através dos seus relacionamentos, sendo as três principais os ideais de cooperação, solidariedade e sustentabilidade, através de uma visão holística e de construção de um novo mundo. Foram identificados os principais mediadores, os nós (ações) e a translação da caminhada. Observou-se diferentes graus de prioridade sobre as quatro dimensões do desenvolvimento sustentável em todos os actantes da cadeia-rede estudada. Mas o principal resultado foi verificar que muitos nós (ações) influenciados pelos mediadores, ligados aos movimentos sociais foram realizados sem uma análise econômico-financeira, a priori, considerando-se as dimensões culturais, sociais e ambientais, enquanto buscava-se esse equacionamento econômico-financeiro.

## ABSTRACT

Against the Green Revolution production pattern, there are few initiatives that are gaining ground, related to organic production and agroecology, usually made by family farmers. The object of the present research is characterized by the absence of a clear distinction between society and nature, consisting of a hybrid initiative, being an agroecological net-chain, which operates in the planting, processing, creation, production and marketing of clothing and accessories agroecological cotton, called Justa Trama. It is composed of seven cooperatives and associations present in several Brazilian regions, and all of them participate in all decision making and planning of the project. Considering the different dimensions involved in the productive process, from the planting to the end consumer, what is the role of the relationships in the net-chain dynamic of the agroecologic cotton sustainable production?

This research aims at Analyse relationships between human and non-human actors and what is the logic that guide the net-chain, through a 4 dimension perspective of sustainable development (social, environmental, economic and cultural), in the whole productive process, from the planting to the end consumer. Through the methodology proposed by the actor-network theory and rhizomes, the cartography principle, where the researcher seeks to describe and map the dynamic phenomena and by their perceptions. Theories of sustainable development, complexity, actor-network and rhizomes are reviewed to construct a framework to facilitate the analysis. As main results, the understanding of the different actants humans and nonhumans and the transformations they make, through their relationships, and the three major ideals of cooperation, solidarity and sustainability, through a holistic view of constructing a new world. As main results, were found the comprehension of the different actants, both human and non-human. And also the transformations they produce, through their relationships. The three main transformations produced in this case were the ideals of cooperation, solidarity and sustainability, through a holistic vision of world construction. Moreover, were identified the main mediators, the nodes (actions) and the translations happening in the production process of Justa Trama. The four dimensions of sustainable development were identifyied in all actants of the studied net-chain and they presented different levels of priority in the different organizations. But the main result was to verify that many nodes influenced by the mediators and liked to social movements happened without an economic or finance analysis, a priori, were considered only the cultural, social and environmental dimensions, while they were looking for their economic and finance balance.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1- Requisitos para uma agricultura sustentável.....</b>	<b>30</b>
<b>Figura 2- O todo é maior e menor que a soma das partes.....</b>	<b>54</b>
<b>Figura 3- Círculo tetralógico.....</b>	<b>54</b>
<b>Figura 4- Relação das dimensões do desenvolvimento sustentável e seus respectivos aspectos de análise.....</b>	<b>62</b>
<b>Figura 5- <i>Framework</i>: Interação entre desenvolvimento sustentável e relacionamentos entre humanos e não-humanos.....</b>	<b>66</b>
<b>Figura 6- Desenho da pesquisa.....</b>	<b>71</b>
<b>Figura 7- A <i>systemographie</i>.....</b>	<b>81</b>
<b>Figura 8- Representação da <i>systemographie</i> da presente pesquisa.....</b>	<b>83</b>
<b>Figura 9- Vendas globais do varejo de produtos de algodão orgânico.....</b>	<b>86</b>
<b>Figura 10- A cadeia-rede sustentável Justa Trama.....</b>	<b>88</b>
<b>Figura 11- Relacionamentos da associação ADEC.....</b>	<b>104</b>
<b>Figura 12- Relacionamentos da Cooperativa Açai.....</b>	<b>110</b>
<b>Figura 13- Relacionamentos da Coopertêxtil.....</b>	<b>117</b>
<b>Figura 14- Relacionamentos da Fio Nobre.....</b>	<b>126</b>
<b>Figura 15- Relacionamentos do Ateliê Em Nome da Arte.....</b>	<b>130</b>
<b>Figura 16- Relacionamentos da UNIVENS.....</b>	<b>136</b>
<b>Figura 17- Relacionamentos do ESPLAR.....</b>	<b>150</b>
<b>Figura 18- Relacionamentos da UNISOL.....</b>	<b>152</b>
<b>Figura 19- Configuração dinâmica da cadeia-rede Justa Trama.....</b>	<b>157</b>
<b>Figura 20- Desenho atual da cadeia-rede Justa Trama.....</b>	<b>164</b>

## LISTA DE SIGLAS

**ADEC** - Associação de desenvolvimento educacional e cultural  
**ADS** - Agência de Desenvolvimento Solidário  
**AVESOL** - Associação do voluntariado da sociedade)  
**CEPESI** - Centro Público de Economia Solidária de Itajaí  
**CMMAD** - Comissão para o Meio Ambiente e Desenvolvimento  
**CNUMAD** - Comissão das Nações Unidas para o Meio Ambiente e Desenvolvimento  
**CONES** - Cooperativa Nova Esperança  
**CONOSUD** - Associação de Cooperação Internacional Norte-Sul  
**CUT** - Central Única dos Trabalhadores  
**ESPLAR** - Centro de Pesquisa e Assessoria  
**FBB** - Fundação Banco do Brasil  
**FBES** - Fórum Brasileiro de Economia Solidária  
**GAM** - Grupo de Agroecologia e Mercado  
**IBD** - Instituto Biodidâmico  
**ICCO** - Organização Não-governamental holandesa  
**IDH** - Índice de Desenvolvimento Humano  
**ISCOS CISL** - Instituto Sindical pela Cooperação e Desenvolvimento  
**MTE** - Ministério do Trabalho e Emprego  
**NEXUS** - Instância Regional de Emiglia Romana da Confederação Geral do Trabalho Italiana  
**OE** - Organic Exchange  
**ONU** - Organização das Nações Unidas  
**SENAES** - Secretaria Nacional de Economia Solidária  
**TAR** - Teoria Ator-rede  
**UNISOL** - União e Solidariedade das Cooperativas e Empreendimentos de Economia Social do Brasil  
**UNIVENS** - Unidas Venceremos Cooperativa

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1- Matriz de Desafios da mudança.....</b>	<b>24</b>
<b>Quadro 2- Principais critérios para uma agricultura sustentável.....</b>	<b>29</b>
<b>Quadro 3- Relação entre as teorias ator-rede, complexidade e rizoma.....</b>	<b>63</b>
<b>Quadro 4- Informações sobre a Justa Trama.....</b>	<b>70</b>
<b>Quadro 5- Resumo das entrevistas realizadas com membros da Justa Trama.....</b>	<b>75</b>
<b>Quadro 6- Resumo das entrevistas realizadas com movimentos sociais ligados à Justa Trama.....</b>	<b>76</b>
<b>Quadro 7- Resumo dos documentos e arquivos consultados.....</b>	<b>77</b>
<b>Quadro 8- Definição dos autores e conceitos utilizados para cada dimensão do desenvolvimento sustentável selecionada.....</b>	<b>79</b>
<b>Quadro 9- Relação entre a Justa Trama e os movimentos sociais.....</b>	<b>164</b>
<b>Quadro 10- A relação das quatro dimensões do desenvolvimento sustentável e os empreendimentos entrevistados.....</b>	<b>169</b>
<b>Quadro 11- Relação entre os objetivos específicos e resultados analisado.....</b>	<b>169</b>

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>14</b>
<b>2 REFERENCIAL TEÓRICO .....</b>	<b>19</b>
<b>2.1 Desenvolvimento Sustentável.....</b>	<b>19</b>
2.1.1 O conceito de Desenvolvimento Sustentável: Discussões contemporâneas .....	22
2.1.2 As dimensões de desenvolvimento sustentável .....	26
<b>2.2 Agroecologia.....</b>	<b>27</b>
<b>2.3 Economia Solidária.....</b>	<b>30</b>
<b>2.4 Relações entre empreendimentos e Movimentos Sociais .....</b>	<b>34</b>
2.4.1 Identificação de problemas e direção/locus de atribuição .....	35
2.4.2 Flexibilidade e Rigidez, inclusividade e exclusividade.....	35
2.4.3 Variação no escopo interpretativo e influência .....	35
2.4.4 Ressonância.....	36
2.4.4.1 Processo discursivo .....	36
2.4.4.2 Processo estratégico .....	36
<b>2.5 O local frente ao global .....</b>	<b>37</b>
2.5.1 Emergência: Identidade e interesse .....	38
2.5.2 Recrutamento e comprometimento: Identidade e incentivo .....	39
2.5.3 Sucesso: Identidade como resultado/produto/fim .....	39
<b>2.6 Teoria Ator-Rede.....</b>	<b>40</b>
2.6.1 Fundamento da Similaridade .....	46
2.6.2 Fundamento da Translação.....	47
2.6.3 Fundamento da Mediação .....	48
2.6.4 Fundamento da Caixa-Preta.....	49
2.6.5 Fundamento do Parlamento das Coisas.....	50
<b>2.7 Teoria da Complexidade .....</b>	<b>52</b>
2.7.1 Princípio sistêmico ou organizacional .....	53
2.7.2 Princípio Hologramático.....	55
2.7.3 Princípio Retroativo .....	55
2.7.4 Princípio Recursivo.....	55
2.7.5 Princípio da Auto-eco-organização .....	56
2.7.6 Princípio da reintrodução do pesquisador no objeto analisado .....	56
<b>2.8 Teoria de Rizomas .....</b>	<b>58</b>
<b>3 FRAMEWORK PROPOSTO .....</b>	<b>61</b>
<b>3.1 Relação de novas teorias para análise das dimensões do desenvolvimento sustentável .....</b>	<b>61</b>

<b>3.2</b>	<b>Relação entre as teorias ator-rede, complexidade e rizoma .....</b>	<b>62</b>
<b>3.3</b>	<b>Framework geral .....</b>	<b>65</b>
<b>4</b>	<b>METODOLOGIA E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS .....</b>	<b>67</b>
<b>4.1</b>	<b>Tipo de pesquisa.....</b>	<b>67</b>
<b>4.2</b>	<b>Objeto de pesquisa: Descrição da cadeia-rede Justa Trama.....</b>	<b>69</b>
<b>4.3</b>	<b>Desenho da pesquisa.....</b>	<b>70</b>
<b>4.4</b>	<b>Definição operacional da pesquisa .....</b>	<b>71</b>
<b>4.5</b>	<b>Técnicas de pesquisa e análise de dados .....</b>	<b>72</b>
<b>4.6</b>	<b>Coleta de dados .....</b>	<b>74</b>
<b>4.7</b>	<b>Análise, interpretação e apresentação dos dados .....</b>	<b>77</b>
<b>5</b>	<b>INTERPRETAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS .....</b>	<b>84</b>
<b>5.1</b>	<b>Contextualização da cadeia-rede pesquisada.....</b>	<b>84</b>
<b>5.2</b>	<b>Justa Trama .....</b>	<b>87</b>
5.2.1	O plantio: Associação de desenvolvimento educacional e cultural (ADEC).....	89
5.2.2	A coleta de sementes e produção de acessórios: Cooperativa Açaí.....	104
5.2.3	A produção do fio e do tecido: Cooperativa Coopertêxtil .....	110
5.2.4	A confecção de bolsas e roupas em tecidos diferenciados: Cooperativa Fio Nobre .....	118
5.2.5	A criação e produção de jogos educativos e bichos de pelúcia: Ateliê Em Nome da Arte ...	126
5.2.6	A confecção de roupas em série, de malha de algodão: Cooperativa Unidas Venceremos (UNIVENS) .....	130
<b>5.3</b>	<b>Movimentos sociais ligados à Justa Trama .....</b>	<b>137</b>
5.3.1	Centro de Pesquisa e Assessoria (ESPLAR) .....	137
5.3.2	União e Solidariedade das Cooperativas e Empreendimentos de Economia Social do Brasil (UNISOL).....	150
<b>5.4</b>	<b>Considerações sobre a dinâmica da rede, desde sua criação até hoje .....</b>	<b>153</b>
<b>5.5</b>	<b>Desafios e oportunidades apontados pelos diferentes elos da cadeia: Como compreender os caminhos que a Justa Trama pode seguir .....</b>	<b>159</b>
<b>5.6</b>	<b>Novo desenho da cadeia-rede Justa Trama: compreendendo a lógica dos relacionamentos .....</b>	<b>163</b>
<b>6</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>168</b>
<b>6.1</b>	<b>Considerações sobre o papel dos relacionamentos e o desenvolvimento sustentável .....</b>	<b>168</b>
<b>6.2</b>	<b>Atendimento dos objetivos propostos .....</b>	<b>169</b>

<b>6.3 Implicações para gestão e estratégia .....</b>	<b>171</b>
<b>6.4 Limitações da presente pesquisa e sugestão à futuras pesquisas .....</b>	<b>172</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>173</b>
<b>ANEXO 1: CARACTERIZAÇÃO DOS ENTREVISTADOS .....</b>	<b>178</b>
<b>ANEXO 2: ROTEIRO ENTREVISTA 1: PRESIDENTES DAS COOPERATIVAS .....</b>	<b>179</b>
<b>ANEXO 3: ROTEIRO ENTREVISTA 2: COOPERADOS DAS COOPERATIVAS .....</b>	<b>181</b>
<b>ANEXO 4: ROTEIRO ENTREVISTA 3: REPRESENTANTES DOS MOVIMENTOS SOCIAIS .....</b>	<b>182</b>
<b>ANEXO 5: DOCUMENTO DA ADEC: PROPOSTA PARA IMPLANTAÇÃO DOS CONSÓRCIOS AGROECOLÓGICOS 2011.....</b>	<b>183</b>
<b>ANEXO 6: DOCUMENTO DA ADEC: PLANO AMBIENTAL DA ADEC 2010 .....</b>	<b>186</b>
<b>ANEXO 7: CARTILHA INICIAL DOS AGRICULTORES EM 1979.....</b>	<b>192</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Após o término da Segunda Guerra Mundial, uma das grandes preocupações, em nível mundial, estava relacionada com o crescimento da fome e da pobreza. Tais reflexões deram início a um movimento que tomou novas proporções ao longo de muitos anos, chamado Revolução Verde. A partir da década de 1960, este ideário produtivo promoveu e disseminou mundialmente questões relacionadas à maximização da produtividade agrícola, através da utilização intensiva de insumos químicos, variedades geneticamente melhoradas de alto rendimento, expansão de sistemas de irrigação e intensa mecanização.

Este cenário ainda é o paradigma dominante na atualidade, porém, a partir da última década, diversas mudanças vêm ocorrendo. Estas caracterizam um período de transição, onde começam a surgir questionamentos do paradigma vigente, e, juntamente com eles, novos olhares e formas de conhecimento, de produção, de ação e reação. As idéias relacionadas ao esgotamento do planeta, mudanças climáticas, sustentabilidade, entre outras, são pioneiras neste caminho. O desenvolvimento sustentável abordado na presente pesquisa, não representa um ideal, ou uma situação a ser atingida, e sim, é visto como um processo ou uma caminhada, que considera, de forma abrangente, múltiplas dimensões, tais como as questões sociais, ambientais, culturais, econômicas, solidárias, entre outras. Por isso uma simetria na análise entre sociedade e natureza é requerida, uma vez que a complexidade que envolve o tema de desenvolvimento sustentável não permite que seja analisado somente uma das dimensões citadas.

Ao realizar uma breve reflexão sobre os fenômenos que são referidos, percebe-se que estamos constantemente em conexão com o mundo, nossos relacionamentos entre indivíduos, organizações e na sociedade em geral, então, começaremos a compreender que toda a dinâmica do mundo é perpassada por relacionamentos entre atores tanto humanos como não-humanos, são híbridos de fatos e valores, que associam-se constantemente, formando redes de conexões e significações. Esta reflexão então leva a uma consideração mais ampla e complexa dos relacionamentos, pois quando conseguimos ultrapassar algumas ‘cegueiras’ da nossa rotina, percebemos a hibridização de todos os relacionamentos e dos fenômenos que são produzidos no mundo.

Estas relações híbridas são vistas por uma perspectiva de redes, onde, conforme Latour (1997, p. 8), tudo são redes, e a associação e configuração das mesmas formam um todo. É, então, através da ontologia que busca-se compreender a construção destes coletivos híbridos, a partir de conexões e relações existentes nas redes. Mas como estas redes híbridas de humanos e não-humanos vão delinear o processo de desenvolvimento sustentável no mundo?

Morin e Kern (2001, p. 56), neste sentido, afirmam:

Ao longo do século XIX, as ciências naturais reconhecem cada vez mais o homem como ser biológico, enquanto as ciências humanas o reconhecem preferencialmente como ser físico e como ser cultural. A compartimentação das ciências e as oposições entre escolas de pensamento tornam impossível uma concepção que integre estas três características e cada um desses ângulos de visão.

O paradigma da complexidade é então abordado na presente pesquisa, por relacionar a oposição ao pensamento simplista e reducionista, buscando nas inter-relações entre disciplinas, campos de estudos e especializações, a religação e o reaprendizado da organização, principalmente da articulação entre noções de física, biologia e antropossociologia.

Morin e Kern (2001, p. 56) afirmam ainda que “nenhum ser vivo, mesmo humano, pode libertar-se da biosfera”. Esta interdependência já intrínseca à sociedade e à natureza no mundo complexo atual, motiva e permite maior possibilidade de compreensão do conceito de desenvolvimento sustentável e como ele é construído.

Neste contexto, em contrapartida ao modelo produtivo proposto pela Revolução Verde, surgem iniciativas que estão ganhando espaço, que são relacionadas à produção orgânica e agroecológica, normalmente praticadas pela agricultura familiar. Estas iniciativas são caracterizadas por integrar a ação coletiva na sua orientação, contemplando, simultaneamente, questões sociais, ambientais, culturais e também econômicas, mas em perspectiva diferenciada da lógica tradicional, principalmente, daquela que dá exclusividade a competição e maximização de resultados.

O objeto a ser analisado na presente pesquisa é caracterizado por não apresentar uma distinção clara entre sociedade e natureza, consistindo em uma iniciativa híbrida, pois trata-se de uma cadeia-rede agroecológica, que atua na plantação, transformação, criação, produção e comercialização de roupas e acessórios de algodão agroecológico, chamada Justa Trama. Ela é composta por seis cooperativas e associações presentes em

quatro das cinco regiões brasileiras, e todas participam de todo o processo decisório e de planejamento dos empreendimentos solidários. A orientação para o desenvolvimento sustentável é expressa em diversas formas, ações e relacionamentos, ao longo da cadeia. Ao todo são mais de 700 associados que comercializam seus produtos não só no Brasil, mas também registram parcerias e exportações para diversos países.

Conceitos diferentes da lógica técnica e econômica do desenvolvimento competitivo, voltados para a maximização de lucros, estão presentes nos processos da Justa Trama. São valores que se expressam através de princípios ambientais, solidários, culturais, sociais e econômicos, relacionados ao paradigma do desenvolvimento sustentável. Tais valores estão intrinsecamente ligados nesta construção coletiva da rede, sendo assim, pode-se perguntar, quais são as conexões e os elementos humanos e não-humanos e os eventos que operam no processo de sustentabilidade ao longo das redes existentes na Justa Trama?

Na presente pesquisa, a dimensão de análise econômica-financeira foi menos enfatizada, para dar mais ênfase nas análises sociais, ambientais e culturais da cadeia-rede estudada. A principal razão desta escolha foi compreender como o objeto estudado articula outras dimensões que não econômicas durante toda a sua evolução para construir alternativas e outros caminhos de conquistarem sua sustentabilidade econômico-financeira.

Como são determinadas e quais as motivações das relações na cadeia rede Justa Trama sob uma abordagem das quatro dimensões do desenvolvimento sustentável (ambiental, econômica, social e cultural)? O que motiva, une, sustenta, liga os atores nesta organização?

Sendo os relacionamentos o foco central dessa análise, quais novos elementos e entendimentos são trazidos à tona ao seguir como os atores formam suas redes de relacionamentos?

Partindo dos questionamentos acima levantados, a questão central da presente pesquisa é a seguinte:

Qual é o papel dos relacionamentos na dinâmica da cadeia-rede de produção sustentável de algodão agroecológico, considerando-se as diferentes dimensões de desenvolvimento sustentável envolvidas em todo o seu processo, desde o plantio até o consumidor final?

Assim, como objetivo geral busca-se analisar os relacionamentos entre os atores (humanos e não-humanos) na cadeia-rede Justa Trama e quais são as lógicas que

governam a cadeia, a partir de uma perspectiva de quatro dimensões do desenvolvimento sustentável (ambiental, social, econômica e cultural) em todo o processo produtivo, desde o plantio até o consumidor final. Para chegar ao objetivo geral, foram estabelecidos os seguintes objetivos específicos:

- Compreender as relações entre os atores humanos e não-humanos na rede analisada;
- Compreender as questões de sustentabilidade que ocorrem nas relações entre os humanos não-humanos, na construção do coletivo;
- Verificar os fenômenos e interações que motivam e sustentam a dinâmica do funcionamento da rede analisada;
- Analisar as diferentes relações que envolvem a rede analisada em seu contexto mais amplo, como as redes são conectadas;

Algumas contribuições da presente pesquisa são relacionadas aos seguintes aspectos. A primeira é o deslocamento do foco dos resultados, na maioria dos casos, econômico-financeiros para compreender a racionalidade das cadeias-redes, para os relacionamentos, por se tratar de uma iniciativa agroecológica, e estavam ligadas também aos movimentos sociais. Nesse sentido, pode-se chegar a uma nova forma de governança nessa cadeia-rede. Outra contribuição é o fato do preenchimento das dimensões de sustentabilidade não terem sido feitas por autores específicos de desenvolvimento sustentável, apesar de elas terem sido propostas pelos mesmos, tendo-se utilizado abordagens específicas para cada uma das quatro dimensões do desenvolvimento sustentável oriundos de diferentes disciplinas acadêmicas, devido a natureza do objeto não linear. Neste sentido, as abordagens de desenvolvimento utilizadas foram quatro: social, ambiental, econômica e cultural. Porém, as teorias aplicadas para este estudo foram, respectivamente, movimentos sociais, agroecologia, economia solidária e o local frente ao global e *grassroots approach*.

Uma terceira contribuição está relacionada à lógica que se busca adotar, referindo-se ao coletivo, híbrido composto de relacionamentos entre humanos e não humanos, buscando um aprofundamento teórico, pois este é um tema de grande complexidade.

A quarta contribuição está relacionada à metodologia, que foi realizada de forma a combinar diferentes abordagens ainda não muito usuais neste campo, bem como sua

combinação de metodologias da teoria ator-rede e rizomas gerou uma análise mais completa e sensível às relações das dimensões não econômicas analisadas.

Pode-se, finalmente, mencionar, que esse conjunto de contribuições permite oferecer uma última, que é a possibilidade de um avanço no uso de uma abordagem inter, ou mesmo, transdisciplinar, para articulação entre as abordagens escolhidas, envolvendo uma análise que perpassa diferentes disciplinas e ciências, desde a agroecologia, passando pela economia, sociologia, aprendizagem, administração, complexidade, entre outros. Quadros ilustrativos das comparações e relações entre estas diferentes abordagens são apresentados com o objetivo de construir e ilustrar a contribuição teórica gerada com o cruzamento das contribuições teóricas de cada uma das teorias.

A presente pesquisa está estruturada da seguinte maneira: após a introdução, no referencial teórico são analisados o desenvolvimento sustentável, aspectos relacionados à agroecologia, economia solidária, movimentos sociais e questões culturais relacionadas a atuação local frente a desafios globais, também no referencial teórico são abordadas as teorias ator-rede, complexidade e rizomas. Logo, é proposto um *framework* para análise do caso estudado, sendo dividido em três etapas: a relação das dimensões do desenvolvimento sustentável e respectivos aspectos de análise, a relação entre a teoria ator-rede, complexidade e rizoma, e, por fim, o *framework* geral. A seguir, são apresentados os procedimentos metodológicos, a análise dos dados, as referências bibliográficas e, no apêndice, os roteiros das entrevistas a serem realizadas, como outros materiais de apoio.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

São apresentados aqui os principais conceitos que serão trabalhados e analisados durante a realização da pesquisa, que são o desenvolvimento sustentável, os princípios da agroecologia, da economia solidária, dos movimentos sociais e da questão cultural, relacionando o local frente ao global. Como também as teorias Ator-Rede, Rizomas e Complexidade, que foram combinadas a partir de suas similaridades e complementaridades. Por fim, é apresentado um *framework* geral da pesquisa.

### 2.1 Desenvolvimento Sustentável

Durante o século XIX e a maior parte do século XX pensava-se que a natureza seria uma fonte ilimitada de recursos à disposição do homem. Em função da orientação do desenvolvimento, econômico e tecnológico, sem limites ambientais, dilapidava-se o meio ambiente, confiando-se que esta forma de pensamento, considerado científico, de intervenção na natureza com objetivos práticos e econômicos fosse resolvida pelo ecossistema terrestre. Marcando também a “revolução ambiental” como sendo um dos mais importantes movimentos sociais que provocou mudanças significativas no comportamento da sociedade e na organização política e econômica.

Segundo Ignacy Sachs (2002, p. 48), a onda de conscientização ambiental é muito recente, embora possa ser parcialmente atribuída ao choque produzido pelo lançamento da bomba atômica de Hiroshima e à descoberta de que a humanidade havia alcançado suficiente poder técnico para destruir toda a vida do nosso planeta, bem como em parte à aterrissagem do homem à Lua, outro feito técnico e científico que também despertou a reflexão sobre a finitude do planeta Terra. Conforme o autor, “nestes momentos a opinião pública tornou-se cada vez mais consciente tanto da limitação do capital da natureza quanto dos perigos decorrentes das agressões ao meio ambiente, usado como depósito”.

Neste contexto ocorre a discussão sobre o conceito de desenvolvimento sustentável, que vem acontecendo sistematicamente desde 1960, quando ocorreram a Conferência da Biosfera em Paris e o surgimento da Organização Não-Governamental chamada Clube de Roma, em 1968. As discussões realizadas na época pelo Clube de Roma envolviam pautas como o aumento da pobreza e o crescimento desordenado da

população, conseguindo então mobilizar a comunidade científica, levando também os governos a ampliarem estes debates, até então restritos às questões ambientais e conservacionistas (BARROS, 2007, p. 29).

Durante a preparação da conferência de Estocolmo, duas proposições opostas foram assumidas, pelos que previam abundância e pelos catastrofistas. Os primeiros desacreditavam nas preocupações ambientais em função de que atrasariam e inibiriam os esforços dos países em desenvolvimento rumo à industrialização de peso, a prioridade deveria ser dada à aceleração do crescimento, segundo este grupo, soluções técnicas sempre poderiam ser concebidas para garantir a continuidade do progresso material das sociedades humanas. Já os pessimistas não viam futuro do planeta, onde a perturbação do meio ambiente era conseqüência da explosão populacional, pregando que o consumo deveria ser imediatamente estagnado (SACHS, 2002, p. 51).

Mas no decorrer do evento, ambas as posições foram descartadas, emergindo assim uma alternativa intermediária, mas também sendo rejeitada a opção do crescimento zero. Os resultados dessa conferência perpassaram a noção de que o objetivo das nações deveria ocorrer sobre um aproveitamento racional e ecologicamente sustentável da natureza em benefício das populações locais, levando-as a incorporar a preocupação com a conservação da biodiversidade aos seus próprios interesses, como um componente de estratégia de desenvolvimento. O paradigma do caminho do meio tratava-se então de um *outro desenvolvimento*, endógeno, auto-suficiente, orientado para as necessidades (em lugar de direcionado pelo mercado), em harmonia com a natureza e aberto às mudanças institucionais.

Conforme a ocorrência de tais acontecimentos, a década de 1970 apresentou-se como um importante tempo de transformações e de formulação de um corpo de conhecimentos e difusão dos mesmos em diversos segmentos sociais, despertando debates mais intensos e freqüentes sobre a temática na próxima década.

Após este período, em 1984, a Organização das Nações Unidas (ONU) clamou pela criação de uma “agenda global para mudanças” (CMMAD, 1991). Para a realização das audiências e fóruns, foram definidos oito eixos temáticos para discussão e apresentação de propostas, são eles:

1. Perspectivas quanto à população, meio ambiente e desenvolvimento sustentável;
2. Energia: meio ambiente e desenvolvimento;
3. Indústria: meio ambiente e desenvolvimento;

4. Segurança alimentar, agricultura, silvicultura, meio ambiente e desenvolvimento;
5. Assentamentos humanos: meio ambiente e desenvolvimento;
6. Relações econômicas internacionais, meio ambiente e desenvolvimento;
7. Sistemas de apoio à decisão relativas à administração ambiental;
8. Cooperação internacional.

Muitos autores citam momentos diferentes em que o termo desenvolvimento sustentável foi utilizado pela primeira vez, mas a abordagem mais difundida é de que ele surgiu somente a partir de 1987, no Relatório Nosso Futuro Comum. O conceito de desenvolvimento sustentável é descrito então de forma mais abrangente, sendo definido como capaz de “garantir que ele atenda às necessidades do presente sem comprometer a capacidade de as gerações futuras atenderem também as suas” (CMMAD, 1991, p. 9).

Além de, hoje, já serem consideradas ultrapassadas tais definições do Relatório Nosso Futuro Comum, alguns autores, entre eles Banerjee (2003, p. 152), considera que a definição de que o Desenvolvimento Sustentável é capaz de garantir que as necessidades do presente sejam alcançadas sem comprometer a capacidade de as gerações futuras atenderem também as suas, não é exatamente nem uma definição, e sim um *slogan*, não forma uma teoria e tem problemas em operacionalizar estes acontecimentos, sendo extremamente vago e sem sentido.

Após alguns anos de repercussões do lançamento do Relatório Nosso Futuro Comum, a década de 1990 promoveu uma tentativa de qualificação do modelo de desenvolvimento sustentável, sendo possível através da criação de uma metodologia para mensuração do crescimento, chamada Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento.

Em 1992 ocorreu a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento (CNUMAD), também conhecida como Rio-92, Eco-92 ou Cúpula da Terra. Entre os resultados deste encontro está a Agenda 21, formulada com a contribuição de governos e instituições da sociedade civil de 179 países que apresenta um direcionamento estratégico que deveria inspirar ações locais de desenvolvimento sustentável. Além da Agenda 21, resultaram outros três documentos: Declaração de Princípios sobre o Uso de Florestas, Convenção sobre a Diversidade Biológica e Convenção sobre Mudanças Climáticas (BARROS, 2007, p. 36).

Em 2000, ocorreu a publicação da Carta da Terra, documento que reúne idéias construídas por diversos especialistas desde 1997, onde outras questões foram colocadas

no debate do desenvolvimento sustentável, discutidas em seus quatro capítulos: Respeitar e cuidar da comunidade de vida, Integridade Ecológica, Justiça Social e Econômica e Democracia. A divulgação no Brasil foi feita pelo Ministério do Meio Ambiente, cujo texto, a seguir apresentado, exprime as mesmas preocupações da presente pesquisa.

Estamos diante de um momento crítico na história da Terra, numa época em que a humanidade deve escolher o seu futuro. À medida que o mundo torna-se cada vez mais interdependente e frágil, o futuro enfrenta, ao mesmo tempo, grandes perigos e grandes promessas. Para seguir adiante, devemos reconhecer que, no meio da uma magnífica diversidade de culturas e formas de vida, somos uma família humana e uma comunidade terrestre com um destino comum. Devemos somar forças para gerar uma sociedade sustentável global baseada no respeito pela natureza, nos direitos humanos universais, na justiça econômica e numa cultura da paz. Para chegar a este propósito, é imperativo que nós, os povos da Terra, declaremos nossa responsabilidade uns para com os outros, com a grande comunidade da vida, e com as futuras gerações (BRASIL, 2006, p. 1).

Nos anos seguintes fóruns como o Fórum Social Mundial incluíram espaços e discussões sobre diversos temas como economia solidária, comércio justo, expansão de liberdades civis, consumo ético e redes de colaboração solidárias, entre outras. Tais atividades vem moldando cada vez mais as práticas de sustentabilidade em diversos níveis, tanto promovendo e lutando por direitos ambientais, como sociais e econômicos e colaborando com questões éticas e culturais.

A construção destes conhecimentos acerca do conceito de desenvolvimento sustentável ainda está em processo de aperfeiçoamento e disseminação em todas as esferas sociais no mundo inteiro. Existem muitas visões e formas de conceitualizar e aplicar o desenvolvimento sustentável na rotina das nações. Algumas dessas visões serão abordadas a seguir, a fim de apresentar um panorama atual destas discussões.

### 2.1.1 O conceito de Desenvolvimento Sustentável: Discussões contemporâneas

Segundo Sachs (2002, p. 60) é preciso uma reconceitualização do desenvolvimento como apropriação efetiva de todos os direitos humanos, políticos, sociais, econômicos e culturais, incluindo-se aí o direito coletivo ao meio ambiente. Afirmado ainda a necessidade de articulações e combinações entre economia e ecologia, facilitando assim um caminho de transição.

Este autor defende o paradigma do caminho do meio, onde devemos buscar uma conciliação entre todas as ciências e as nações, através da aplicação deste conceito de forma sistemática em todas as dimensões. A visão de Ignacy Sachs nos remete à princípios da teoria ator-rede, desenvolvida posteriormente na presente pesquisa, que dizem respeito à simetria de análise entre sociedade e natureza, tendo visto que a complexidade que envolve o tema desenvolvimento sustentável não permite que seja analisado somente um dos aspectos citados. Tal simetria e consideração na análise tanto de relações entre humanos não-humanos é uma das premissas adotadas na presente pesquisa, tendo em vista a importância desta análise mais holística em se tratando de sustentabilidade.

As diferentes terminologias dos conceitos como desenvolvimento sustentável, ecodesenvolvimento, sustentabilidade, entre outros, são causadores de distorções e confusões a respeito das abordagens de cada autor, mas, em função de tentar encontrar pontos em comum em todos os conceitos, Sachs (2002) pontua algumas palavras sobre sustentabilidade, pois explica que muitas vezes o termo é utilizado para expressar somente a sustentabilidade ambiental, no entanto, este conceito tem diversas outras dimensões:

- A sustentabilidade social vem na frente, por se destacar como a própria finalidade do desenvolvimento, sem contar com a probabilidade de que um colapso social ocorra antes da catástrofe ambiental;
- Um corolário: a sustentabilidade cultural;
- A sustentabilidade do meio ambiente vem em decorrência;
- Outro corolário: distribuição territorial equilibrada de assentamentos humanos e atividades;
- A sustentabilidade econômica aparece como uma necessidade, mas em hipótese alguma é condição prévia para as anteriores, uma vez que um transtorno econômico traz consigo o transtorno social, que, por seu lado, obstrui a sustentabilidade ambiental;
- O mesmo pode ser dito quanto à falta de governabilidade política, e por esta razão é soberana a importância da sustentabilidade política na pilotagem do processo de reconciliação do desenvolvimento com a conservação da biodiversidade (SACHS, 2002, p. 71).

A partir das considerações que esclarecem as multifacetadas que envolvem a sustentabilidade, segundo Bernardes e Ferreira (2003), o movimento ecológico vem provocando algumas mudanças de atitudes importantes no planeta, tais como a mudança no estilo de vida da classe média ocidental, o aumento do consumo de mercadorias ecológicas, a diminuição do tamanho das famílias, a economia doméstica dos recursos energéticos, o aumento das leis ambientais, entre outros.

Neste contexto, os desafios globais a serem enfrentados, segundo Waddel (2007, p. 72), são relacionados com as mudanças climáticas, desigualdades sociais e regionais, entre outros. E tais desafios globais exigem mudanças globais, ou seja, não são problemas que serão resolvidos somente criando novas organizações ou reorganizando as existentes, o desafio vem também da maneira como as pessoas pensam sobre si mesmas, como se relacionam com o mundo e entre elas.

De acordo com Waddel (2007, p. 72), o desafio central do contexto de mudanças é aprofundar a aplicação do conhecimento em níveis individual, societal e organizacional. Esta classificação dos níveis de discussão de sustentabilidade é importante para um posicionamento correto e para focar ações e discursos, de forma mais coerente. No quadro 1 é apresentada uma síntese das abordagens em cada nível.

**Quadro 1: Matriz de desafios de mudança**

<b>Níveis</b>	<b>Desafios de mudança</b>		
<b>Societal</b>	Sistema político	Sistema econômico	Sistema social
<b>Organizacional</b>	Agências governamentais	Negócios	Organizações baseadas na comunidade
<b>Individual</b>	Mentalmente centrado	Fisicamente centrado	Emocionalmente centrado

Fonte: Adaptado de Waddel (2007, p. 73).

Neste contexto dos diferentes níveis de mudanças e de desafios, a mudança que diz respeito às questões dos desafios globais requer novas maneiras de ser, novos relacionamentos e novas estruturas que suportem novos conhecimentos e ambientes em constante mudança, ou seja, a mudança requer aprendizado (WADDEL, 2007, p. 72).

Estudos com foco específico em mudanças e transições são cada vez mais frequentes e discorrem sobre os três níveis de análise. Para Elzen e Wiczorek (2005, p. 652), uma transição é definida como uma mudança de longo prazo englobando um sistema que serve como função societal básica (como mobilidade, produção e consumo de alimentos, entre outros). Também segundo os autores, uma transição envolve

mudanças drásticas tanto dos elementos técnicos como dos socioculturais, enfatizando assim a co-evolução das transições.

O maior desafio das transições é que tenhamos um maior entendimento das dinâmicas de transição de maneira que também apareçam possibilidades para induzir e estimular a ocorrência das transições. Para o desenvolvimento sustentável, a busca pelo entendimento e aprofundamento das transições é fundamental e, quando ocorrendo nos níveis individual, organizacional e societal, gerará avanços e conhecimentos mais profundos em direção à sustentabilidade.

Para as transições de nível individual, a consciência e conhecimento são fundamentais, para o nível organizacional, mudanças relacionadas às estratégias e reposicionamento de valores são os principais, e, por fim, com relação às transições no nível societal, a tomada de consciência do coletivo e valorização da vivência com harmonia na Terra e com todos os seres naturais e sociais são centrais neste contexto.

Os atributos específicos das transições, principalmente com relação à complexidade da análise e compreensão das mesmas, são definidos como:

- Multi-ator: Envolve uma ampla gama de atores, incluindo organizações, consumidores, ONGs, universidades, governos, entre outros.
- Multi-fator: as transições não são causadas por um fato único, mas são o resultado de uma interconexão de vários fatores que influenciam-se entre si. Eles são uma combinação entre mudanças técnicas, regulatórias, sociais e comportamentais.
- Multi-nível: implicam mudanças em vários níveis – no nível micro as ações individuais, no nível meso a estruturação dos paradigmas e regras e no nível macro o envolvimento das características e tendências mais amplas, sociais e culturais, tais como individualização e globalização (ELZEN; WIECZOREK, 2005, p. 655).

As abordagens utilizadas no presente estudo são relacionadas com as transições, principalmente às mudanças ocorridas entre o nível de análise individual, para os níveis organizacional e societal, uma vez que questões de sustentabilidade exigem transições e análises mais complexas e holísticas de todos os níveis. Para Iyer-Raniga e Treloar (2000, p. 355), os ambientes naturais e sociais estão em constante mudança, ou seja, eles estão co-evoluindo, e a abordagem então necessária do desenvolvimento sustentável precisa ser situada inicialmente na arena das ciências naturais, que tem uma

característica evolucionária, para a teoria econômica e organizacional, que tem características de aprendizagem e inovação, e finalmente em direção a formulação de políticas para a sociedade que tem uma característica adaptativa.

Neste contexto, o foco central da presente pesquisa está nas interações entre sociedade e natureza, em como estas interações ocorrem em nível individual, e como se dá a transição para os níveis organizacional e societal, através das interações em redes, ainda considerando a complexidade intrínseca de tais relações no contexto do desenvolvimento sustentável.

Por fim, para Pedrozo e Silva (1999, p. 11), “talvez a estratégia mais importante que a proposta de desenvolvimento sustentável comporte seja a de que a educação/reeducação é fundamental”, tanto no sentido de qualificação em termos de novas tecnologias e novos desafios, mas também em termos de conscientização sobre a existência humana e qual o seu real papel no mundo, visto como um sistema do qual ele é dependente.

Os conceitos revisados abordam o desenvolvimento sustentável a partir de diferentes visões, níveis e significados. Buscando uma abordagem mais ampla, os autores já citados propõem usualmente a utilização do conceito de desenvolvimento sustentável em três dimensões básicas – econômica, social e ambiental. Sachs (2002) avança neste sentido propondo oito dimensões, que são descritas nos próximo tópico.

### 2.1.2 As dimensões de desenvolvimento sustentável

Ignacy Sachs (2002, p. 85) definiu oito dimensões de sustentabilidade a fim de pontuar ações e metas para o desenvolvimento sustentável ocorrer em cada uma, são elas:

1. Social:
  - Alcance de um patamar razoável de homogeneidade social;
  - Distribuição de renda justa;
  - Emprego pleno e/ou autônomo com qualidade de vida decente;
  - Igualdade no acesso aos recursos e serviços sociais.
2. Cultural:
  - Mudanças no interior da continuidade (equilíbrio entre respeito à tradição e inovação);
  - Capacidade de autonomia para elaboração de um projeto nacional integrado e endógeno;
  - Autoconfiança combinada com abertura para o mundo.
3. Ecológica:
  - Preservação do potencial do capital natureza na sua produção de recursos renováveis;
  - Limitar o uso dos recursos não renováveis.
4. Ambiental:
  - Respeitar e realçar a capacidade de autodepuração dos ecossistemas naturais.

5. Territorial:
  - Configurações urbanas e rurais balanceadas (eliminação das inclinações urbanas nas alocações do investimento público);
  - Melhoria do ambiente urbano;
  - Superação das disparidades inter-regionais;
  - Estratégias de desenvolvimento ambientalmente seguras para áreas ecologicamente frágeis (conservação da biodiversidade pelo ecodesenvolvimento).
6. Econômico:
  - Desenvolvimento econômico intersetorial equilibrado;
  - Segurança alimentar;
  - Capacidade de modernização contínua dos instrumentos de produção, razoável nível de autonomia na pesquisa científica e tecnológica;
  - Inserção soberana na economia internacional.
7. Política (nacional):
  - Democracia definida em termos de apropriação universal dos direitos humanos;
  - Desenvolvimento da capacidade do Estado para implementar o projeto nacional, em parceria com todos os empreendedores;
  - - um nível razoável de coesão social.
8. Política (internacional):
  - Eficácia do sistema de prevenção de guerras da ONU, na garantia da paz e na promoção da cooperação internacional;
  - Um pacote Norte-Sul de co-desenvolvimento, baseado no princípio de igualdade (regras do jogo e compartilhamento da responsabilidade de favorecimento do parceiro mais fraco);
  - Controle institucional efetivo do sistema internacional financeiro e de negócios;
  - Controle institucional efetivo da aplicação do Princípio da Precaução na gestão do meio ambiente e dos recursos naturais; prevenção das mudanças globais negativas; proteção da diversidade biológica (e cultural); e gestão do patrimônio global, como herança comum da humanidade;
  - Sistema efetivo de cooperação científica e tecnológica internacional e eliminação parcial do caráter de *commodity* da ciência e tecnologia, também como propriedade da herança comum da humanidade.

De acordo com as 8 dimensões identificadas por Sachs, na presente pesquisa serão analisadas quatro principais, que são a Ambiental, Econômica, Social e Cultural, com a finalidade de perceber suas dinâmicas e práticas, como ocorrem as relações e conexões em uma organização que é guiada e guia suas ações pelos princípios de desenvolvimento sustentável.

Para contemplar e viabilizar esta análise, são discutidos alguns aspectos teóricos relacionados com a problemática da presente pesquisa, que envolvem a cadeia-rede Justa Trama, sendo estes as questões da Agroecologia, da Economia Solidária, dos Movimentos Sociais, Comunidades de prática, e questões culturais sobre cultura local frente ao universo global.

## 2.2 Agroecologia

O movimento agroecológico surgiu como alternativa à insustentabilidade do movimento agrícola em voga desde a Revolução Verde (a partir dos anos 60). A

Revolução Verde conceitua-se então como um ideário produtivo implementado nos países centrais após o término da Segunda Guerra Mundial, com a meta de aumentar a produção e a produtividade das atividades agropecuárias, buscando assim o uso intensivo de insumos químicos, variedades geneticamente melhoradas de alto rendimento, expansão de sistemas de irrigação e através de intensa mecanização (ALTIERI, 2000, p. 8). Os objetivos deste “pacote tecnológico” correspondiam a tentar suprir uma crise na oferta de alimentos frente ao crescimento demográfico desenfreado.

Com relação aos danos logo visíveis dos métodos produtivos iniciados com a Revolução Verde, Altieri (2000, p. 9) cita os limites aparentemente intransponíveis de sustentabilidade sendo concretizados e também o aprofundamento das desigualdades socioeconômicas em ambientes rurais.

As estratégias de desenvolvimento convencionais então começaram a mostrar-se limitadas com relação à equidade e sustentabilidade, não sendo capazes de atingir aos mais pobres, nem de resolver o problema da fome, da desnutrição, ou as questões ambientais (ALTIERI, 2000, p. 15). Desde a década de 1960 até hoje, muitas iniciativas e movimentos foram organizados em tentativa de mudar o paradigma desenvolvimentista predominante, e grandes avanços como aumentos significativos de cultivos agroecológicos e orgânicos, e seu respectivo retorno positivo dos consumidores mostram que estamos no caminho de transição. Mas somente quando a humanidade em sua maioria puder compreender mais profundamente a sustentabilidade necessária atualmente é que as mudanças serão mais consistentes e palpáveis.

A agroecologia então surge como a busca e construção de novos conhecimentos, embasados em novos enfoques científicos e que possam dar suporte a uma transição a estilos de agriculturas sustentáveis e, portanto, contribuir para o estabelecimento de processos de desenvolvimento rural sustentável (CAPORAL, COSTABEBER, 2004, p. 08).

A definição geral da agroecologia adotada na presente pesquisa está relacionada à visão de Caporal e Costabeber (2004, p. 11), que é conceituada como um enfoque científico destinado a apoiar a transição dos atuais modelos de desenvolvimento rural e de agriculturas sustentáveis. Ainda segundo estes autores, o conceito de transição agroecológica é central à este novo conhecimento, entendido como um modelo multilinear de mudança, que ocorre através do tempo, nas formas de manejo dos agroecossistemas, que, na agricultura, tem como meta a passagem de um modelo convencional ou agroquímico de produção a estilos de agricultura que incorporem

princípios e tecnologias de base ecológica. Essa idéia de mudança se refere a um processo de evolução contínua e crescente no tempo, porém sem ter um momento final determinado. Entretanto, por se tratar de um processo que envolve também a intervenção humana, esta transição agroecológica implica não somente na busca de uma racionalização econômico-produtiva, mas também numa mudança nas atitudes e valores dos atores sociais em relação ao manejo e conservação dos recursos naturais (CAPORAL E COSTABEBER, 2004, p. 12).

Este enfoque centrado na mudança vai ao encontro dos conceitos de desenvolvimento sustentável adotados na presente pesquisa, onde há a consideração de que o desenvolvimento sustentável é um processo de transições e mudanças, em diferentes níveis e intensidades, que não há um fim definido, são ações e caminhos que são traçados em busca de melhores condições de vida no planeta.

**Quadro 2: Principais critérios para uma agricultura sustentável**

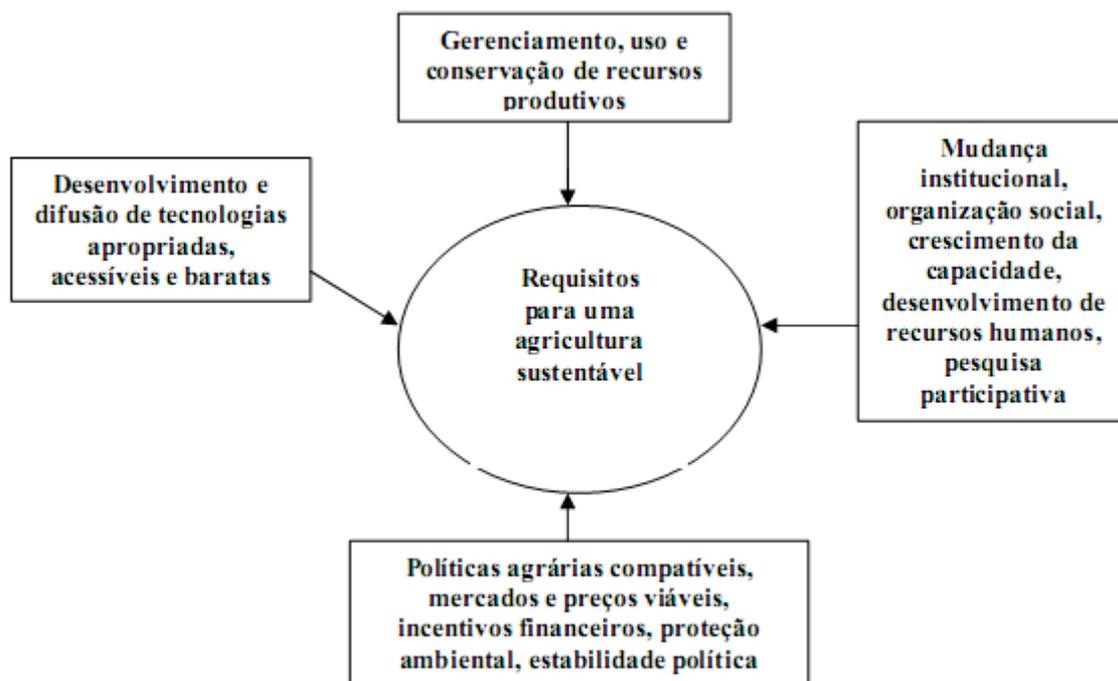
<b>1</b>	Compreensão holística dos agroecossistemas
<b>2</b>	Baixa dependência de insumos comerciais
<b>3</b>	Uso de recursos renováveis localmente acessíveis
<b>4</b>	Utilização dos impactos benéficos ou benignos do meio ambiente local
<b>5</b>	Aceitação e/ou tolerância das condições locais, antes que a dependência da intensa alteração ou tentativa de controle sobre o meio ambiente
<b>6</b>	Manutenção a longo prazo da capacidade produtiva
<b>7</b>	Preservação da diversidade biológica e cultural
<b>8</b>	Utilização do conhecimento e da cultura da população local
<b>9</b>	Produção de mercadorias para o consumo interno e para a exportação

Fonte: Adaptado de Caporal e Costabeber, 2004, p. 15

A partir dos elementos básicos da agroecologia apresentados no quadro 2, a participação dos agricultores neste processo agroecológico é de extrema relevância, ao contrário do sistema produtivo viabilizado pelo “pacote tecnológico” da Revolução Verde, o conhecimento local dos agricultores sobre o ambiente, as plantas, solos e processos ecológicos tornam-se imperativos na sustentabilidade do agroecossistema, buscando desta forma um real desenvolvimento de baixo para cima, buscando a melhoria de pequenos agricultores principalmente.

A busca de sistemas agrícolas auto-sustentáveis, com baixo uso de insumos externos, diversificados e eficientes em termos energéticos, que conserve os recursos naturais tem como ênfase a sustentabilidade de longo prazo e não a produtividade de curto prazo (ALTIERI, 2000, p. 59).

A agroecologia se consolida como um campo de conhecimento pois se nutre de outras disciplinas científicas, assim como de saberes, conhecimentos e experiências dos próprios agricultores (CAPORAL, COSTABEBER, 2004, p. 13).



**Figura 1: Requisitos para uma agricultura sustentável**

Fonte: Altieri, 2000, p. 106

A agricultura camponesa e sustentável ainda tem muitos desafios para consolidar-se como um novo paradigma, considerando-se principalmente questões políticas, de incentivos, desenvolvimento de pesquisas em técnicas e tecnologias coerentes a esta metodologia, bem como a sua promoção e adesão por parte da sociedade (ALTIERI, 2000, p. 105). Todos estes elementos, de uma forma ou outra, já vem sendo delineados, mas ainda precisam desenvolver-se. Na presente pesquisa, a busca por conceitos de agroecologia vem dar base e direção para que se possa analisar a relação deste elemento com o próprio desenvolvimento sustentável, buscando como princípios de análise os requisitos do quadro 2 e as relações existentes entre eles e a cadeia-rede Justa Trama.

### **2.3 Economia Solidária**

O surgimento dos princípios e conceitos da economia solidária remontam a meados do século XVI, através de iniciativas de autores como Claude Saint-Simon (1760-1825), que defendia a busca do bem estar dos trabalhadores mediante a produção

de coisas úteis à vida e redistribuição da riqueza por meio das associações dos cidadãos, evoluindo então após a Revolução Industrial, quando muitos pensadores voltaram-se a tentativa de resolver os crescentes problemas sociais trazidos à tona pelas práticas mecanicistas e capitalistas da época (PESSOA, 2008, p. 13).

A partir do século XIX, principalmente nos países europeus e nos Estados Unidos, iniciativas criadas por trabalhadores de cooperativismo e associativismo alavancaram o surgimento e disseminação de experiências solidárias. Já no Brasil, somente a partir de 1980, mas ganhando força maior somente na década de 1990, a economia solidária disseminou-se, tendo como marco histórico o Encontro Brasileiro de Cultura e Socioeconomia Solidária, com o intuito de buscar apoio e reconhecimento da sociedade e dos órgãos políticos competentes sobre os conceitos e objetivos da economia solidária como um todo (PESSOA, 2008, p. 14).

Segundo Gaiger (2004, p. 801), economia solidária é a denominação hoje aceita para designar uma realidade composta, que abrange realidades sociais que evoluíram por caminhos diferentes e independentes.

Castanheira e Pereira (2008, p. 188) pontuam características ímpares dos empreendimentos de economia solidária, que são:

- Todos os que trabalham nos empreendimentos possuem posses iguais, com os mesmos direitos de decisão sobre o seu destino;
- Cada membro do grupo é responsável pela gestão, participando plenamente dos resultados alcançados, sejam eles sobras ou prejuízos;
- Não há hierarquia, e sim união consciente e solidária entre os trabalhadores;
- Orientação a uma lógica coletiva;
- Cada um é responsável por si, e também pelos demais, o que expande o conhecimento mútuo dos associados e a importância de seu inter-relacionamento afetivo.

Os conceitos de economia solidária vem sendo aplicados e estão revelando progressos, principalmente em encontros de ativistas e de organizações de várias partes do mundo, onde vem se formando proposições visando abrir caminhos para o avanço da solidariedade, como princípio ético-político e como vanguarda para uma nova mundialização (GAIGER, 2004, p. 779).

Ainda segundo o autor citado, a economia solidária é um passo concreto no sentido da criação de uma nova arquitetura mundial, através da busca de adesão social. Com relação à *mundialização*, este mesmo autor afirma que o termo significa *mundializar outras coisas*, ou seja, nada será insistentemente reivindicado no plano dos macro atores responsáveis pelo desenvolvimento regional, nacional e/ou mundial que não seja realisticamente experimentado e incorporado no plano micro, nas práticas de trabalho. Também para Morin e Kern (2001, p. 113), o desenvolvimento deve ser visto de forma antropológica, ou seja, o verdadeiro desenvolvimento é o desenvolvimento humano, onde esta noção deve ser multidimensional, ultrapassar ou quebrar os esquemas não só econômicos, mas também civilizacionais e culturais. Estes autores confirmam a ênfase da economia solidária na valorização e desenvolvimento do lado social, do lado humano, do plano micro, para então tornar esse crescimento mais justo e igualitário.

“Os empreendimentos solidários enraízam-se na comunidade, promovem a participação, dinamizam redes de interação e fomentam a democracia política. Abrem vias, portanto, para que se cruze o espaço territorial e social, do micro ao macro, do local ao mundial” (GAIGER, 2004, p. 824). As relações humanas e não-humanas são as vias que, voltadas à sustentabilidade, carregam uma série de valores e significados na construção dos coletivos.

O comportamento social dominante na sociedade, o de competição, não é aceitável nos princípios da economia solidária, sendo que exige-se uma mudança de comportamento, que seja pautado na solidariedade, enfrentando assim um desafio de realização de uma reeducação coletiva (CASTANHEIRA; PEREIRA, 2008, p. 118). Esta noção de construção de uma reeducação coletiva se faz necessária, mas somente será possível e realizável quando as relações prevalecerem, principalmente as relações de solidariedade, pois as relações puramente econômicas já mostraram muitas vezes os problemas cada vez mais complexos que são capazes de gerar.

Os autores citados afirmam ainda que “enxergar a economia solidária como um modo de produção implica que cada empreendimento solidário e autogestionário pode estar na vanguarda de um processo de transformação social”. Esta transformação social pode ser relacionada com os conceitos de transições, que são os movimentos realizados envolvendo dimensões sociais e/ou grandes dimensões que perpassam os aspectos diários da vida humana, sendo tais transições cada vez mais complexas e multifacetadas, exigindo também do pensamento e do conhecimento uma ação de longo alcance, ou

seja, que realmente sejam direcionadas aos problemas complexos ações capazes de reorganizar estes problemas, de forma a transformar alguns aspectos de sua realidade.

Estas definições de economia solidária captam perfeitamente o sentido de desenvolvimento sustentável, quando o lado econômico é voltado para a economia solidária, e não a uma economia cujos objetivos parecem “destoar” dos contextos mais “puros” de desenvolvimento sustentável, que envolve várias dimensões e pensamentos mais holísticos do que somente a fragmentação do mesmo.

Ainda dentro deste contexto, um conceito importante na presente pesquisa é o de cadeia, pois o objeto analisado trata-se de uma cadeia-rede, considerando-se relações verticais e horizontais entre os participantes da mesma, onde, através das premissas da economia solidária, a rede é responsável por todo o processo produtivo, sem intermediários, desde a plantação da matéria prima até a venda ao consumidor final.

Uma das principais e pioneiras linhas de pensamento sobre cadeias é a linha de pensamento francesa, denominada *filière* (MORVAN, 1985) que é definida como uma seqüência de operações que levam à produção de bens, cuja articulação é influenciada pela fronteira de possibilidades ditadas pela tecnologia e é definida pelas estratégias dos agentes que buscam a maximização dos seus resultados.

Para Zylbersztajn (2000), o conceito de cadeias pode ser utilizado para analisar e descrever o sistema, servindo adicionalmente como uma ferramenta de gestão, seja aplicada à definição de estratégias da empresa ou ao apoio e desenho de políticas governamentais. Outro aspecto, apontado por Zylbersztajn (2000), tem a ver com a “porosidade” e instabilidade, referindo-se as interações de cadeias de produtos diferentes e as relações entre duas ou mais cadeias. Este enfoque considera que as cadeias podem se modificar ao longo do tempo.

As cadeias, neste contexto de sustentabilidade, tornam-se mais complexas e interdependentes de diversas outras cadeias, redes, atuantes e ambientes, que, no caso, normalmente são ambientes competitivos e voltados à economia de escala. Um dos desafios da cadeia-rede analisada na presente pesquisa é justamente em buscar o melhor posicionamento e a melhor forma de atuação para inserir-se, respeitando sua lógica, no mercado dominado pela lógica econômico-financeira e competitiva.

## 2.4 Relações entre empreendimentos e Movimentos Sociais

Em princípio da década de 1960, as primeiras teorias sobre movimentos sociais surgiram, em diferentes correntes. Basicamente divididas por correntes norte-americanas e correntes européias. Devido à complexidade e diversidade do tema, os coletivos sociais vem sendo objeto de análise sociológica nos últimos anos. Neste contexto, Alonso (2009, p. 69), define três principais vertentes dos movimentos sociais:

- Teoria da Mobilização de Recursos (1977): Proposta por McCarthy e Zald, focalizou a dimensão micro-organizacional e estratégica da ação coletiva e praticamente se absteve do simbolismo na explicação, enfrentando uma série de críticas devido à avaliar os movimentos sociais igualando-os a um fenômeno social como outro qualquer.
- Teoria do Processo Político (1975): Apesar de ser originária nos Estados Unidos, estudou casos europeus. Privilegiou o ambiente macro político e incorporou a cultura na análise por meio do conceito de repertório. O conceito de repertório está relacionado à dimensão histórico-cultural, o qual é definido como um conjunto limitado de rotinas que são aprendidas, compartilhadas e postas em ação por meio de um processo relativamente deliberado de escolha.
- Teoria dos Novos Movimentos Sociais: Após os anos 1960, teria se configurado um novo padrão de sociedade chamada de Pós-Industrial, onde a dominação passou a ser eminentemente cultural, feita por meio do controle da informação, por uma tecnocracia. As novas mobilizações então não teriam uma base social demarcada e seus atores não se definiam mais por uma atividade trabalhista e sim por formas de vida. Os “novos sujeitos” não seriam classes, mas sim grupos marginais em relação aos padrões de normalidade sociocultural, isto é, poderiam vir de qualquer minoria, exemplos fortes são movimentos feministas e ambientalistas. Os movimentos sociais aparecem como o novo ator coletivo, portador de um projeto cultural, que em vez de demandar democratização política ao Estado, demandariam uma democratização social, a ser construída não no plano das leis, mas dos costumes, ou seja, uma mudança cultural de longa duração gerida e sediada no âmbito da sociedade civil. Esta teoria acentuou aspectos simbólicos e cognitivos, incluindo-os na própria definição de movimentos sociais.

Além das construções teóricas sobre movimentos sociais já classificadas, Benford e Snow (2000, p. 618), apresentam conceitos sobre a importância da teoria da ação coletiva no contexto dos movimentos sociais. A ação coletiva é caracterizada pela formação e desenvolvimento de modelos individuais e, posteriormente, coletivos, a respeito de situações vividas no ‘mundo lá fora’, proposta importante para uma maior compreensão do contexto dos movimentos sociais, tanto internamente como com outras organizações e conexões geradas por determinado movimento. Sendo assim, este processo foi dividido por Benford e Snow (2000, p. 618) em características variáveis dos modelos de ação coletiva, identificando as seguintes variáveis de análise.

#### 2.4.1 Identificação de problemas e direção/locus de atribuição

A maneira mais comum de existirem variações nos modelos da ação coletiva é com relação aos problemas ou questões emergentes e com relação à correspondente direção e atribuição dos mesmos.

#### 2.4.2 Flexibilidade e Rigidez, inclusividade e exclusividade

Os modelos de ação coletiva variam de acordo com o quanto eles são relativamente exclusivos, rígidos, inelásticos e restritos ou relativamente inclusivos, abertos, elásticos e elaborados em termos do número de termos ou idéias que eles incorporam e articulam.

#### 2.4.3 Variação no escopo interpretativo e influência

Os modelos de ação coletiva operados nos movimentos sociais podem variar com relação ao escopo de atuação dos movimentos, pois, segundo Benford e Snow (2000, p. 619), existem tanto movimentos específicos comuns, que estão limitados aos interesses de grupos particulares ou a alguns problemas relacionados, como também existem movimentos sociais que são maiores em termos de abrangência, ou seja, funcionam como um tipo de macro movimento que conduz e reprime também a orientação e as atividades de outros movimentos.

#### 2.4.4 Ressonância

O quarto aspecto em que podem variar os modelos de ação coletiva é relacionado aos níveis de ressonância. Este conceito é importante para a questão da efetividade ou da potência de mobilização dos modelos proferidos, atendendo a questão de porque alguns modelos parecem ser efetivos ou ressonantes enquanto outros não.

Outra questão importante com relação aos movimentos sociais e aos processos de ação coletiva diz respeito a forma como os modelos são desenvolvidos, gerados e elaborados. Benford e Snow (2000, p. 623), apontam dois processos que são conceitualizados como discursivo e estratégico, abordados na seqüência.

##### 2.4.4.1 Processo discursivo

Este processo se refere às conversas, ações discursivas, escritas e comunicação em geral que os membros dos movimentos realizam inicialmente no contexto ou com relação à atividade dos movimentos. Os modelos de ação coletiva são gerados por dois processos: a articulação e a amplificação de modelos. A articulação de modelos envolve a conexão e o alinhamento de eventos e experiências que são relativamente organizadas e assimiladas, assim como novos ângulos de visão e/ou interpretações emergem. Já o processo de amplificação dos modelos envolve acentuar e ressaltar algumas questões, eventos ou crenças como sendo mais salientes que outras.

##### 2.4.4.2 Processo estratégico

Neste contexto, os modelos são desenvolvidos e empregados para atingir um propósito específico, como recrutar novos membros, mobilizar novas adesões, entre outros. Os esforços estratégicos pelas organizações de movimentos sociais para ligar seus interesses e modelos interpretativos com os constituintes prospectivos são inicialmente conceitualizados como processos de alinhamento de modelos, que podem ser classificados como ligação de modelos, amplificação de modelos, extensão de modelos e transformação de modelos.

Após este aporte histórico conceitual, vale ressaltar ainda que mesmo esta teoria dos novos movimentos sociais já enfrentou seus limites, e, atualmente, outros avanços neste sentido ocorreram. Elementos de uma rede de movimentos sociais são

extremamente importantes, pois constituem o caso estudado da cadeia-rede Justa Trama, podendo contribuir para a presente pesquisa no que se refere às relações e influências destes movimentos e seu verdadeiro papel na formação e manutenção da sustentabilidade na Justa Trama, através da análise simétrica entre atores humanos e não-humanos. Busca-se então visualizar as questões de ligações e do papel de cada ligação entre os atores e os movimentos sociais, estes que apóiam e estão interligados às cooperativas constituintes da cadeia-rede Justa Trama.

## **2.5 O local frente ao global**

Com o advento da globalização, as questões culturais cada vez mais tendem a ser massificadas e homogêneas, línguas e culturas desaparecem a cada dia, sendo tudo em busca de padronizações de comportamentos e hábitos, principalmente de consumo. Mas, existem também outros movimentos, com enfoques locais e regionais, que abordam e discutem também a questão cultural. Ignacy Sachs (2002, p. 85) refere-se a dimensão cultural do desenvolvimento sustentável como o respeito às culturas, ao local, às tradições. O autor menciona que sua real importância está em encontrar um equilíbrio entre a tradição do local e a inovação, buscando também uma afirmação e autoconfiança local desta cultura, para que assim possa ser combinada com abertura para o mundo, com suas marcas e traços impressos em qualquer que sejam os produtos ou serviços que saiam de cada local.

A valorização das diferenças, ou seja, dos diferentes valores culturais e sociais de cada região passa a ser uma etapa importante quando pensamos em desenvolvimento sustentável, uma vez que, a questão do local passa a ser muito mais valorizada e a visão de mundo torna-se até mais clara quando temos a noção dos benefícios e da valorização do espaço local, onde estamos inseridos.

A questão do local implica em perceber e retomar valores de sociedade, comunidade e conjunto, que estão implícitos na cultura de um local, gerando assim maior comprometimento e interdependência de cada ser humano em respeitar e valorizar sua sociedade, facilitando e transformando o local.

Para Morin e Kern (2001, p. 60), “a partir e para além de suas identidades que o enraízam na terra e o inscrevem no cosmos, o Homem produz as suas identidades propriamente humanas que são a familiar, a étnica, a cultural, a religiosa, a social e a nacional”. Ainda o autor aborda que “são a reforma do pensamento e a reforma moral

que permitirão a todos e a cada um reconhecer em todos e em cada um a *identidade humana*” (p. 64).

Neste contexto, a questão da identidade humana nos remete à teoria da identidade coletiva, que é definida por Poletta e Jasper (2001, p. 2850), como uma cognição individual, moral e emocional conectada com uma comunidade, prática ou instituição mais ampla. É uma percepção de um status ou relação compartilhada, que também pode ser imaginada, ao invés de experimentada diretamente, e é distinta de identidades pessoais, podendo mesmo formar parte de uma identidade pessoal. A identidade coletiva pode ser diferenciada da ideologia quando ela carrega sentimentos positivos para os outros membros do grupo, não somente se trata de compartilhar questões e valores.

Ainda podemos relacionar na presente pesquisa este conceito de identidade coletiva com a questão das interações em redes, proposta pela teoria ator-rede, por Bruno Latour, pois estas são vistas como híbridos de humanos e não-humanos, intensamente conectados, através de redes, onde tudo são redes, fazendo-se necessário analisar se existem determinadas relações, e quais as trajetórias de determinadas relações através das redes que foram traçadas. Os autores Poletta e Jasper (2001, p. 286), classificam três processos de identidade coletiva, apresentados na seqüência, sendo estes importantes na análise de contextos como o dos movimentos sociais, ou como da questão cultural no desenvolvimento sustentável.

### 2.5.1 Emergência: Identidade e interesse

Para explicar a criação da mobilização de identidades, da criação de identidades coletivas, Poletta e Jasper (2001, p. 288) abordam a questão de redes, citando muitos autores que trabalham com a questão de que as identidades surgem não de categorias fixas como raça, gênero ou nação, e sim pelas posições comuns que ocupam nas redes, sendo elas redes de residências urbanas, de afiliação política, entre outras. Mas também citam que outras correntes também abordam a questão do foco onde as novas identidades são esquecidas, ou seja, redes submersas, espaços livres, buracos estruturais, entre outros.

### 2.5.2 Recrutamento e comprometimento: Identidade e incentivo

A questão do incentivo e mobilização no contexto das identidades coletivas é muito associada aos modelos de identidade, que são criados, vividos e reorganizados para manter sempre maior adesão, união e mobilização. Além da função de recrutamento, os modelos de identidade coletiva são cruciais para sustentar solidariedade e comprometimento, no caso da questão cultural, todos habitantes precisam sempre comprometer-se com a valorização, difusão e preservação da cultura local, através de um modelo de identidade coletiva construída ao longo dos anos.

### 2.5.3 Sucesso: Identidade como resultado/produto/fim

Existem diversos tipos de impactos gerados pelos movimentos que dizem respeito à identidade coletiva, podendo ser culturais, institucionais, propositais ou não, atuando com maior ou menor impacto nas identidades individuais, tendo maior ou menor impacto no contexto ou sociedade em que estão inseridos estes movimentos de identidade coletiva.

Ainda sobre a questão cultural de respeitar a identidade coletiva do local, frente aos desafios globais, Arturo Escobar, em seu livro *Encountering Development: The making and unmaking of the third world* (1992), aborda que os países desenvolvidos ou de primeiro mundo acreditam que os países de terceiro mundo devem seguir seu modelo de desenvolvimento econômico e tecnológico. Sendo assim, eles voltam-se a estes países e buscam impor seus modelos e o que eles acreditam que deve ser feito, em troca de financiamentos, assistencialismo e *know-how*. Esta abordagem tem sua importância pela valorização da resistência das comunidades locais em submeterem-se a esta dominação, chamada de *grassroots approach*, em valorizarem suas raízes e tradições, buscando desenvolver-se conforme seu modelo e suas idéias de desenvolvimento, que são únicas.

O caso da cadeia-rede Justa Trama tem um espaço para estudar e analisar a dimensão cultural muito amplo, uma vez que, como as cooperativas da rede encontram-se espalhadas em diferentes regiões brasileiras, os aspectos culturais são fortemente presentes e com certeza influenciam e são influenciados por diversos outros aspectos e processos da rede. Um questionamento interessante surge com relação a como são as conexões e relações dos processos e negócios com a cultura de cada local, de cada

cooperativa e região brasileira distinta? Como estas culturas prevalecem e harmonizam-se? Como é construído este coletivo cultural tão presente e valorizado na rede, nos processos e produtos resultantes dela?

## **2.6 Teoria Ator-Rede**

Neste cenário de conceitos e teorias que integram o modelo multidimensional do desenvolvimento sustentável, buscou-se uma abordagem que permita analisar com flexibilidade e de uma forma integrada todos os processos, atores, objetos e seus relacionamentos, que permita uma compreensão da cadeia-rede Justa Trama, das suas motivações, de como funciona a rede como um todo. A teoria ator-rede se propõe então a responder a questão: Como o social em si está sendo gerado? (LATOUR, 2005, p. 192).

Tem-se ainda, conforme o autor, que o social que faz a sociedade é somente uma parte da associação que faz o coletivo. Se quisermos re-assimilar o social, é necessário, além de ver circulações e formações de laços sociais tradicionalmente concebidos, detectar outras entidades circulantes (2005, p. 233).

Através destes questionamentos, a teoria ator-rede, fundamentada na sociologia e que vem sendo muito utilizada na área de aprendizagem organizacional em administração, mostra-se como uma importante ferramenta de análise. Conforme observaram Tureta e Alcadipani (2009a, p. 57), a teoria ator-rede (TAR) não representa uma simples reflexão sobre o social, mas sim permite abordar as conexões e relacionamentos com elementos sociais e não-sociais também. Permitindo assim analisar casos onde a separação entre humanos e não-humanos não é clara e os atores possuem formas variadas.

Esta abordagem requer então assumir que as ações e as práticas sociais são constituídas por pessoas, objetos e instituições, mostrando-se necessária uma análise mais simétrica e integrada desses fenômenos complexos. Os três principais autores da TAR são Bruno Latour, John Law e Michel Callon. Apesar de pequenas divergências, suas definições da teoria ator-rede se mostram muito semelhantes, conforme citados a seguir.

Para John Law (1992), a teoria ator-rede se preocupa em como os atores e as organizações mobilizam, justapõe e mantém unidas as partes de que se compõe, em

como em alguns momentos eles são capazes de evitar que essas partes sigam suas tendências e em como eles controlam os resultados de forma a ocultar as partes heterogêneas e transformá-las em algo que se assemelha a uma coisa única e compacta. Ou seja, as relações entre humanos e não-humanos, nas análises tradicionais e aos olhos dos atores envolvidos no processo são negligenciadas, não sendo analisadas na sua devida importância e proporção.

Ela fala que os atores tomam suas formas e adquirem seus atributos como um resultado de seus relacionamentos com outros atores. Nesse esquema das coisas, os atores não tem qualidades inerentes: as divisões essencialistas são jogadas na fogueira dos dualismos (LAW, HASSARD, 1999, p. 3).

Bruno Latour (1996, p. 1), define a TAR como sendo uma teoria que não se limita aos atores humanos, mas estende a palavra ator (ou actante, denominação sugerida pelo autor) aos não-humanos, entidades não individuais. Ele afirma também que a TAR é onde a rede social acrescenta informações nas relações dos humanos em um mundo social e natural, objetivando a responsabilidade pela essência das sociedades e natureza.

Callon (1986, p. 4), afirma que ao invés de impor um repertório pré-estabelecido de análise, “o observador segue os atores em busca de identificar a maneira com que eles definem e associam os diferentes elementos nos quais eles constroem e explicam seu mundo, seja ele social ou natural”.

Uma série de fundamentos e princípios compõe a teoria ator-rede, como também definições bem particulares como as do título “ator” e “rede”, sendo descritos a seguir.

O conceito de ator, na teoria ator-rede, é redefinido como actante, terminologia utilizada ao longo da presente pesquisa, sendo assim, um actante é definido mais amplamente por Latour (1996, p. 3) como sendo alguma coisa/pessoa que atua e que cuja atividade é reconhecida por outros actantes. Também, segundo Araújo e Cardoso (2007, p. 4), um actante em uma rede na TAR pode ser definido como qualquer entidade, elemento, coisa, pessoa ou instituição que age sobre o mundo e sobre si, sendo capaz de ser representada. Latour (1996, p. 8) afirma então que “não há uma rede e um actante sobre a rede, mas sim há um actante que sua definição de mundo traça, delinea, descreve, arquiva, lista, recorda, marca ou pontua uma trajetória que é chamada de rede”.

Ao invés de opor o nível individual ao coletivo, ou a agência à estrutura, nós simplesmente seguimos como um determinado elemento (actante) se torna estratégico através do número de conexões que ele comanda e como ele perde sua importância quando desfeitas tais conexões (LATOUR, 1996, p. 3).

Para Latour (1996, p. 8), “a questão da teoria ator-rede não é se a rede é uma representação ou uma coisa, uma parte da sociedade, uma parte do discurso ou da natureza, mas sim o que move e como esse movimento é registrado”. Neste contexto, este autor define a rede a partir da relativização das distâncias e do princípio de que tudo são redes, e, literalmente, não há nada que não sejam redes, e a questão a fazer é somente se elas se conectam ou não, e quais as influências e dinâmicas de tais conexões, ele diz ainda que uma rede nunca é maior que a outra, somente pode ser mais extensa ou mais intensamente conectada. Ainda tem-se que:

A noção de rede refere-se a fluxos, circulações, alianças, movimentos, em vez de remeter a uma entidade fixa. Uma rede de actantes não é redutível a um actante nem a uma rede, ela é composta de séries heterogêneas de elementos animados e inanimados, conectados e agenciados (MORAES, 2004, p. 322).

Para Law e Hassard, a palavra rede, assim como a palavra rizoma, significava uma série de transformações, translações, traduções, que não poderiam ser capturadas por qualquer teoria tradicional da sociologia (1999, p. 15).

Araújo e Cardoso (2007, p. 4) desdobram diversos conceitos de rede para a teoria ator-rede, entre eles são citados que tanto sociedade, natureza, organizações, agentes, actantes em geral são produzidos em rede e contém diversos materiais (humanos e não-humanos), também abordam a noção de rede relacionando-a a fluxos, circulações, alianças e movimentos.

Neste contexto de actantes e redes e suas conexões dinâmicas, Latour (1996, p. 9) afirma que a teoria ator-rede não é sobre redes que foram traçadas, e sim sobre a atividade de traçar redes, o que possibilita analisar as organizações como um processo inacabado, em constante estado de transformação. Tureta e Alcadipani (2009b, p. 410) comentam que “a TAR possibilita compreender como a composição de ações específicas está distribuída dentro da organização, e por consequência, como isso configura o processo organizativo e as práticas organizacionais”.

Com a finalidade de compreender a aplicabilidade da teoria ator-rede, Canchumani (2009, p. 3) aborda a proposta de ciência em ação, a ciência em processo de construção, tratando de estudar os processos coletivos humanos e não-humanos. A

partir desta construção, Tureta e Alcadipani (2009a, p. 57) também definem a TAR como uma perspectiva de análise que não parte de suposições previamente definidas sobre os fatores social, econômico e técnico, não havendo qualquer tipo de definição rígida que possa ser aplicada em todas as situações.

Ainda para Law e Hassard (1999, p. 19):

A TAR nunca foi uma teoria sobre o que social é feito, a TAR é simplesmente outra maneira de ser fiel aos *insights* da etnometodologia: os actantes sabem o que eles fazem e nós temos que aprender com eles não somente o que eles fazem, mas como e porque eles fazem as coisas. Somos nós, os cientistas sociais que não conhecemos o que eles fazem, e não eles que não tem a explicação de porque eles inconscientemente são manipulados pelas forças exteriores a eles e conhecidas pelos poderosos métodos e olhares dos cientistas sociais.

A TAR não mostra a ninguém o formato como tem que ser desenhado – círculos, cubos ou linhas, e sim somente como ir sistematicamente gravando as habilidades de construção de mundo dos lugares e documentar e registrar. Nesse caso, as potencialidades da TAR são ainda largamente inexploradas, principalmente as implicações políticas de uma teoria social que não clama em explicar as razões e comportamento dos actantes, mas somente em encontrar procedimentos que rendam aos atores aptos a negociar suas formas através de atividades de construção de mundo (LAW e HASSARD, 1999, p. 21).

Uma das principais características da pesquisa através da teoria e metodologia ator-rede é o olhar sobre as controvérsias, como transpô-las. Com relação a esta questão, Latour faz uma distinção interessante entre fatos e ficção, quando, ao analisar as sentenças, afirma que elas podem ser mais fato ou mais ficção, dependendo da maneira como está inserida em outras sentenças, ou seja, ela será fato se for inserida numa premissa fechada, óbvia e consistente, e ficção se inserida em outras sentenças menos consistentes e unificadas (2000, p. 45). Através deste argumento inicial, o autor busca explicar o posicionamento do pesquisador, que deve ser sempre de buscar o ponto central onde tudo está acontecendo, não analisar fatos já consumados e concluídos, mas sim, ir até o centro onde este fato está ainda acontecendo, buscando traçar com ele, sua trajetória, seguir os actantes nesse caminho, por isso sua teoria trata da ciência em ação, e não da ciência já feita, como um fato consumado.

Bruno Latour, a fim de resumir o estudo das controvérsias, aborda em seu livro *Reassembling the social* algumas fontes de incerteza, ou algumas controvérsias, que precisam ser percorridas e assimiladas pelos pesquisadores, que são:

1. Não há grupos, apenas a formação de grupos: A primeira fonte de incerteza que devemos aprender é que não existe nenhum grupo relevante que possa ser o formador de agregados sociais e nenhum componente estabelecido que possa ser usado como ponto de partida incontestável (2005, p. 29). Primeiro, para designar um grupo, não importa como ele foi criado, ou reproduzido, você deve ter portavozes que ‘falam’ pela existência do grupo. Todos precisam de pessoas definindo quem eles são, o que eles deveriam ser, o que eles tem sido. Eles estão constantemente trabalhando, definindo a existência do grupo, invocando regras e precedentes (p. 31). Ainda nesta controvérsia, Latour diferencia actantes intermediários de mediadores, pois os intermediários são os que transportam significados ou forças sem transformação: definindo seus *inputs* é suficiente para definir seus *outputs*. Para propósitos práticos, um intermediário pode ser como uma caixa-preta. Já os mediadores não podem ser contados por só um, pode ser por um, por nenhum, por muitos, por infinitos. Seu *input* nunca será seu *output*, suas especificidades precisam ser analisadas constantemente. Mediadores transformam, traduzem, distorcem e modificam o significado de elementos que eles supostamente carregariam. Não importa o quanto aparentemente simples pareça um mediador, ele sempre será complexo, ele pode guiar em múltiplas direções que irão modificar todas as questões contraditórias atribuídas ao seu todo (p. 39).
2. A ação é compreendida: A ação não é transparente. A ação não é feita sob o total controle da consciência, a ação deve ser sentida como um nó, permanecer uma surpresa, uma mediação, um evento (p. 44). É por esta razão que devemos começar pelas incertezas e controvérsias sobre quem e o que está agindo quando nós agimos. Que agências são invocadas? Através de que modo de ação elas são engajadas? Estamos falando de causas e seus intermediários ou de mediadores? A teoria ator-rede é a teoria social que optou por simplesmente seguir os nativos, não importa qual imbróglia metafísico eles nos guiarão (p. 62).
3. Os objetos têm agência: Se a ação é limitada *a priori* para o que os humanos fazem intencionalmente e com significado, é difícil ver como um objeto pode agir. Eles podem existir no domínio das relações materiais e causais, mas não no

domínio simbólico e reflexivo das relações sociais. Em contrapartida, se decidirmos manter nossa decisão de começar das controvérsias sobre actantes e agências, então qualquer coisa que modifica um estado de coisas fazendo a diferença é um actante. Então, a questão para perguntar a qualquer actante é simplesmente a seguinte: Faz a diferença no curso da ação de algum outro actante ou não? Daqui pra frente, conforme afirma Latour, **a palavra coletivo tomará o lugar de sociedade** (p. 75). A questão das associações humanas e não-humanas acaba sendo logo deixada em segundo plano quando os humanos tomam o lugar de mediadores, através de discursos e interações, subjugando e desmerecendo a atuação dos não-humanos.

4. Matéria de fato x Questões de interesse: Precisamos de uma lista mais ampla para atuarmos como sociólogos das associações, que são uma extensão da lista de actantes e agências, uma reflexão mais profunda sobre os conflitos práticos da metafísica, um abandono da divisão artificial entre as dimensões técnicas e sociais, uma persistência em áreas poucos visitadas até então, uma nova prática em buscar controvérsias mais recompensadora. Nós não sabemos exatamente como todos estes atores estão conectados, mas podemos afirmar que os actantes estão todos associados e fazendo outros actantes fazer outras coisas. Isto é feito através da geração de transformações manifestadas pelos eventos inesperados ligados aos outros mediadores que os seguem ao longo da trajetória (p. 107). A palavra translação toma um sentido especializado: uma relação que não transporta causalidade, mas induz dois mediadores a coexistirem (p. 112). O objetivo do sociólogo das associações mais precisamente é: não existe sociedade, nenhum âmbito social, e nem laços sociais, mas existem translações entre mediadores que podem gerar associações traçáveis (p. 115). Para podermos visualizar o social como uma associação simétrica entre o natural e o social, devemos libertar a matéria de fato de sua redução pela “natureza” exatamente como nós devemos libertar os objetos e as coisas de suas “explicações” pela sociedade. Sem este movimento duplo, nosso argumento retornaria ao materialismo clássico (p. 117). Se aceitarmos aprender através das controvérsias sobre os não-humanos, nós logo entenderemos que a matéria de fato não descreve que tipo de agência está habitando o mundo melhor do que a palavra social, simbólica, discursiva descreve o que os atores humanos fazem (p. 110). Quando não pensamos mais em matéria de fato, e sim em questões de interesse,

esta divisão clássica entre sociedade e natureza começa a mudar. O mapeamento das controvérsias científicas sobre as questões de interesse deve nos permitir um novo olhar sobre a questão tradicional da matéria de fato (p. 114).

5. Descrevendo questões de risco: esse tipo de ciência deve ser tão lenta quanto a multiplicidade dos objetos que ela deve registrar em sua trilha, ela deve ser tão custosa quanto necessário para estabelecer conexões entre os vários mediadores e ela deve ser tão reflexiva, articulada e idiossincrática quanto os actantes cooperando em sua elaboração. Ela deve ser capaz de registrar diferenças, de absorver a multiplicidade, e ser refeita em cada novo caso em mãos. Por isso todas as quatro fontes de incerteza devem ser trabalhadas juntas, e se faltar alguma, todo o projeto ruirá (p. 121). Felizmente, segundo Latour, existe uma solução para todas estas dificuldades e é uma solução muito prática: “apenas tornando-se obstinado pela nossa decisão de nos alimentarmos de incertezas nós podemos eventualmente colocar os pés no chão” (p. 122). Se quisermos assimilar todas as incertezas vistas antes, temos que nos utilizar também de uma quinta, que é sobre o estudo em si. O que fazemos quando seguimos actantes em suas trajetórias, não estamos escrevendo relatórios? Então rede é uma expressão para checar quanta energia, movimento e especificidade nossos próprios relatos são capazes de capturar. Rede é um conceito, não uma coisa por ai. É uma ferramenta para ajudar descrever alguma coisa, não o que está sendo descrito. Em um relato feito através da teoria ator-rede, a proporção de mediadores é muito maior que a de intermediários, chama-se tal descrição de um relatório de risco, significando que ela pode facilmente falhar, e falha mesmo na maioria das vezes (p. 133).

Alguns dos principais fundamentos da teoria ator-rede são brevemente explicados a seguir, que são o fundamento da similaridade, translação, mediação, caixa-preta e parlamento das coisas, afim de esclarecer os principais conceitos a serem analisados, através da TAR.

### 2.6.1 Fundamento da Similaridade

Este princípio aborda o método de análise de um fenômeno sugerido pela TAR, ou seja, a análise simétrica de sociedade e natureza, onde ambos são efeitos negociados

em rede, e nenhuma delas pode funcionar como fundamento preestabelecido para os estudos sobre ciências. O princípio de simetria objetiva gravar as diferenças, as assimetrias e de compreender os meios práticos que permitem aos coletivos dominarem outros coletivos (MORAES, 2004, p. 324). Ainda segundo a autora, “trata-se de analisar simetricamente não apenas o erro e o acerto, mas, antes, todo e qualquer efeito das negociações em rede, inclusive a natureza e a sociedade”.

Neste sentido, busca-se com “o princípio da simetria eliminar as distinções que são tidas como dadas na ordem das coisas e questionar como essas coisas se transformam no que são” (TURETA; ALCADIPANI, 2009a, p. 58). Objetivando uma justificação, os mesmos autores apontam que o princípio da simetria não tem por objetivo atribuir subjetividade para não-humanos ou considerar humanos como objetos, mas sim evitar a distinção sujeito/objeto na análise da construção de processos de ordenamento, que envolve, necessariamente, a relação entre humanos e não-humanos.

Através deste fundamento, podemos analisar relações de redes e actantes de maneira ampla e complexa, esta flexibilidade de análise torna-se importante para o caso da cadeia-rede Justa Trama, pois ao envolver as questões de sustentabilidade, envolvem-se relações muito além das relações puramente sociais.

### 2.6.2 Fundamento da Translação

A lógica das redes é uma lógica das translações, ou seja, materiais heterogêneos (humanos e não-humanos) vão se conectando para produzir mesclas inéditas, num movimento incessante e inesperado que “inclui simetricamente o engenho humano e a durabilidade da matéria, numa parceria construída ao longo de toda uma história que associa os humanos aos materiais que fazem durar as suas ações no tempo” (MELLO, 2007, p. 261).

A palavra translação não tem somente um sentido lingüístico (relacionar versões de uma linguagem para outra), mas também tem um sentido geométrico (envolve a noção de mover de um lugar para outro). Neste sentido, translação significa não somente oferecer novas interpretações dos interesses alheios, mas ‘canalizar’ as pessoas em direções diferentes. (TECNOLOGIA, CIÊNCIA E INOVAÇÃO, 2009).

Assim, segundo Canchumani (2009, p. 3), só podem existir translações válidas conforme determinados propósitos práticos e critérios localmente contingentes, é ali onde são negociadas e formadas a identidade dos próprios actantes, as suas

possibilidades de interação e margens de manobra. Ainda segundo o autor, “a idéia de translação implica a existência de relações de coordenação entre os usuários e os formuladores de um objeto técnico, abrindo vias de negociação que ficam inscritas no mesmo objeto técnico”.

Outra forma pela qual é conhecido este fundamento da translação de Bruno Latour é como sociologia da Tradução ou Translação, abordagem que rompe com as clássicas polarizações entre natureza e sociedade, contexto de descoberta, contexto e conteúdo, centro e periferia, entre outros, tornando-se um novo modelo (ARAÚJO; CARDOSO, 2007, p. 3).

A noção de translação é fundamental para entendermos o que se passa no nível das redes de actantes. Para Moraes, (2004, p. 326), translação não deve se confundir com interação, esta parece remeter a um sentido de interação social, um tipo de relação linear que vincula humanos a humanos. O sentido de translação envolve, ao mesmo tempo, um desvio e uma articulação de elementos díspares e heterogêneos. “Translação assim refere-se à hibridização, mestiçagem, multiplicidade de conexões, sendo sustentada por uma ontologia definida por sua hibridização” (MORAES, 2004, p. 326).

Conforme explicado por Tureta e Alcadipani (2009b, p. 409), a TAR conjuga dois movimentos: o de associação (pelas conexões estabelecidas) e o de ação (através das cadeias que vão produzindo a diferença). Trata-se de um processo que ocorre em fluxos que vão passando de um lugar a outro, de uma rede a outra, tornando-se muito diversos do que eram no início.

As cadeias de translação pelas quais passam os não-humanos assim como os humanos, nos mostram como, a cada etapa, perdem-se algumas propriedades para ganhar outras, dentro das condições oferecidas em determinadas redes. Devido a esse transporte, a translação implica, simultaneamente, em similaridade e em diferença: algo se mantém, e ao mesmo tempo, algo se desloca e se modifica (TURETA; ALCADIPANI, 2009b, p. 409).

Desta forma, o processo de translação aborda esta constante dinâmica, mostrando que nunca haverá uma representação definitiva da parte da realidade que se deseja capturar. Este processo de translação indicará sempre os movimentos e fenômenos que estão formando, moldando e reorganizando as redes que existem dentro da cadeia-rede Justa Trama, objeto de estudo.

### 2.6.3 Fundamento da Mediação

O conceito de mediação, tanto quanto o conceito de translação, possibilita uma análise mais ampla de fenômenos, abandonando uma aplicação restrita apenas ao humano. A mediação então remete à idéia do meio de onde deve partir toda a análise sociológica, pois se trata de um ponto médio em que a ação de localizar e globalizar se encontra como um operador que concentra e dispersa as interações, dando simetria a humanos e não-humanos, na emergência da novidade, da criação. Mediar é interferir, é fazer a diferença na produção de um efeito, não se tratando somente da ação de um humano. Alguma coisa acontece que não é o simples transporte de força para a matéria, nem a simples projeção de uma idéia sobre os materiais. Ao agir, estamos sempre sujeitos à surpresa de nossa ação, sempre somos ultrapassados por aquilo que fabricamos, pois estaremos dividindo essa ação com outros actantes (TURETA; ALCADIPANI, 2009b, p. 406).

Como observa Canchumani (2009, p. 3), na mediação ou conversão de partes heterogêneas (humanos e não-humanos), em uma rede, podemos perceber a informação como operador em movimento das relações. Por este princípio então percebemos que a mediação das relações é o que ocorre entre elas, o que move e determina como e para qual ou quais actantes ou redes serão direcionadas as relações de determinados actantes e redes. No caso da Justa Trama, como se dão as mediações entre as cooperativas que compõe a rede? E como elas se relacionam com os elementos externos a elas? Aos elementos humanos e não-humanos que seus processos envolvem?

#### 2.6.4 Fundamento da Caixa-Preta

Caixa-preta é um termo utilizado em sistemas, para designar uma parte de uma máquina ou um conjunto de comandos complexos demais. Ele explica que um fato científico é, desde sua origem, resultado de inúmeras associações, disputas, controvérsias que aos poucos vão convergindo até tornarem-se algo que pode ser referenciado sem discussão, ou seja, uma caixa-preta. É um recurso que pode ser utilizado a qualquer momento, e, uma vez fechada, a caixa-preta permanece assim até que um evento qualquer faça necessário reabri-la. Neste momento, retoma-se a cadeia de conexões que está por trás daquela caixa-preta, problematizando toda esta cadeia (TECNOLOGIA, CIÊNCIA E SOCIEDADE, 2009).

O conceito das caixas-pretas é importante para análise das práticas que realizam-se por si só em organizações, ou seja, aquilo que se mantém por muito tempo intacto

pois costuma ter um funcionamento padrão e regular, portanto, o quanto estas caixas-pretas interferem nas relações? E quanto ao impacto nas conexões, dinâmicas e translações caso fossem necessárias aberturas nas caixas-pretas?

### 2.6.5 Fundamento do Parlamento das Coisas

No plano das redes há operações e translações que engendram ao mesmo tempo natureza e sociedade, sujeito e objeto. A prática de mediação dispõe todo o espaço, de tal modo que já não falamos mais em dois tipos de representação, mas apenas em híbridos (efeito das redes de actantes).

Latour traz à luz os híbridos ou quase-objetos por meio de um parlamento das coisas. Este parlamento não é proposto como uma utopia, mas pertencente ao presente como uma experiência de pensamento. É apresentado como um princípio de multiplicidade, colocado em cena pelo parlamento das coisas, é o princípio de conexão das redes de atores: alianças performativas conectam entre si atores heterogêneos e tem como resultado os muitos representantes que falam em nome das coisas, o que os une é o tecido único das coisas definidas por seu hibridismo. Também pode ser definido como:

O parlamento das coisas se apresenta como um modo de medida a mais, que se acrescenta aos outros e cria novas possibilidades de história e não o modo de medida alcançado. O parlamento das coisas é uma rede, é o modo de realização de uma rede de atores, um rizoma, que funciona sem o julgamento de uma unidade transcendente, sem demarcações pré-estabelecidas, sem um viés (MORAES, 2004, 331).

O parlamento das coisas coloca em cena um híbrido de fatos e valores, um híbrido de humanos e não-humanos. Um exemplo atual de um parlamento das coisas é o das conferências de mudanças climáticas, pois é um híbrido que emerge de nosso coletivo, através do parlamento das coisas. Estas definições são interligadas com a descrição dos rizomas, que são caracterizados por serem conectados através de cadeias de toda natureza, assim como biológicas, políticas, econômicas, entre outras, colocando em jogo regimes de significados diferentes e também estatutos de estados de coisas.

O parlamento das coisas lança luz sobre uma genealogia das coisas, uma genealogia das trocas de propriedades entre humanos e não-humanos. Latour se utiliza dessa genealogia como uma saída perante os impasses do paradigma dualista, para

mostrar como, por meio das translações, mobilizações e alianças performativas, as coisas se constituem como híbridos de natureza e sociedade, híbridos de humanos e não-humanos que passam a exigir não apenas uma filosofia que lhes dê acolhida, mas também um parlamento, uma política (MORAES, 2004, p. 328).

Uma rede de atores se define tanto pela mobilização do mundo como pela produção de subjetividade. O parlamento das coisas traduz esta dupla exigência da ciência definida como uma rede de atores: redefinição dos objetos e redefinição do sujeito. Podemos afirmar que um e outro se definem por sua multiplicidade, e tanto um como outro se define como rede de atores (MORAES, 2004, p. 330).

Através destas definições relacionadas ao parlamento das coisas, entende-se que o objeto de estudo, a cadeia-rede Justa Trama, pela ótica do parlamento das coisas, é um híbrido de questões sociais e naturais que interconectam-se de forma que permite articulações e movimentos únicos. Esta análise do parlamento das coisas é o que garantirá a legitimação dos processos que ocorrem entre humanos e não-humanos, que busca justamente a realização e percepção da análise do caminho do meio, onde o fenômeno ocorre na sua forma mais complexa, não sendo necessário dissociar suas partes para que se possa compreendê-lo.

A próxima teoria aborda de forma mais teórica e menos empírica a complexidade de tais relacionamentos.

## 2.7 Teoria da Complexidade

Na medida em que a sociedade e as organizações enfrentam problemas mais amplos, mais interconectados e mais complexos, existe uma necessidade maior de um pensamento também mais complexo, existe um movimento de transição do paradigma dominante da simplificação, para o paradigma da complexidade. As mudanças em diversos sentidos que vem ocorrendo no mundo nos mostram cada vez mais que o conhecimento simplificador e disciplinar tem reduzido a capacidade de resolução e/ou compreensão de problemas mais complexos atualmente. Os autores Barin-Cruz, Pedrozo e Estivaleta (2006, p. 874), afirmam que a complexidade implica um pensamento que exige uma interdisciplinaridade.

Neste contexto, Edgar Morin (2003, p. 25), afirma que o que é vital hoje é “reorganizar o nosso sistema mental para reaprender a aprender”. Esta reorganização mental da sociedade como um todo, proposta por Morin, remonta à sua idéia de construção de uma teoria/lógica/ótica/epistemologia que busca transformar, na arte de religar, o que a análise desagrega e contextualizar, enquanto o reducionismo separa (ZUCATTO, 2009, p. 32).

Segundo Morin e Kern (2001, p. 141), o reconhecimento da realidade complexa, da nossa realidade humana, social e histórica é muito difícil. Porém o paradigma da complexidade tem a função de nos ajudar a reconhecer a complexidade das realidades, não fornecendo certeza, ou seja, a complexidade é o desafio, e não a resposta, propondo-se a ser uma forma de pensar através da complicação, das incertezas e contradições (MORIN, 2007, p. 102).

A complexidade é definida principalmente por duas visões, na visão inicial a complexidade é um tecido (*complexus*: o que é tecido junto) de constituintes heterogêneos e associados inseparavelmente: colocando o paradoxo do uno e do múltiplo, e num segundo momento, a visão da complexidade é que ela é efetivamente o tecido dos acontecimentos, ações, interações, retroações, determinações, acasos que constituem nosso mundo fenomênico (MORIN, 2007, p. 13). Fazendo interface direta com as teorias ator-rede, quando esta define-se como sendo as conexões, e nada além das redes, onde os atores (uno) interligam-se em redes formando um certo tipo de tecido (múltiplo) e complexo, e também com a teoria de rizomas, sobre a heterogeneidade e a multiplicidade, afirmando a existência de múltiplas determinações, grandezas e

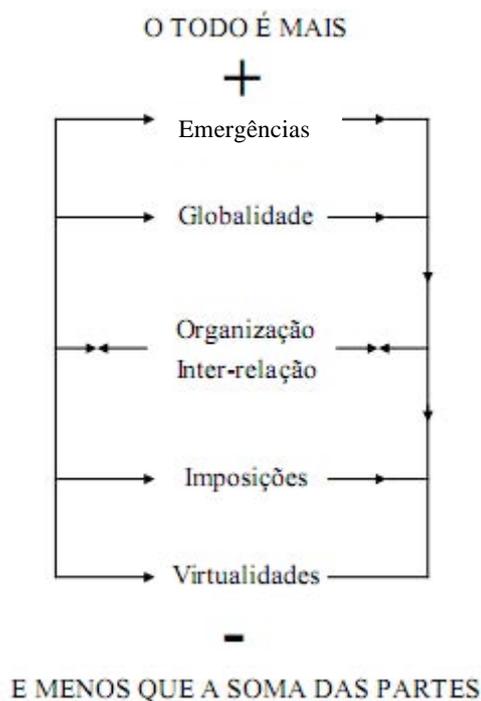
dimensões que não podem crescer sem que mude de natureza, onde as leis de combinação crescem com a multiplicidade.

Elementos fundamentais do pensamento complexo são os princípios de organização, ordem, desordem e interações. Estes e outros princípios serão abordados aqui, com a finalidade de facilitar a compreensão do fenômeno estudado, e buscando uma visão complexa, busca-se também uma compreensão mais profunda e elucidada, quando, em interface à teoria ator-rede e à teoria de rizomas, os conceitos e princípios da teoria da complexidade formam um conjunto inter-relacionado de conhecimentos necessários e pertinentes ao estudo do desenvolvimento sustentável.

### 2.7.1 Princípio sistêmico ou organizacional

As questões principais abordadas neste princípio são a relação do todo e das partes e também a relação entre ordem/desordem/organização e interações, representadas pelo círculo tetralógico.

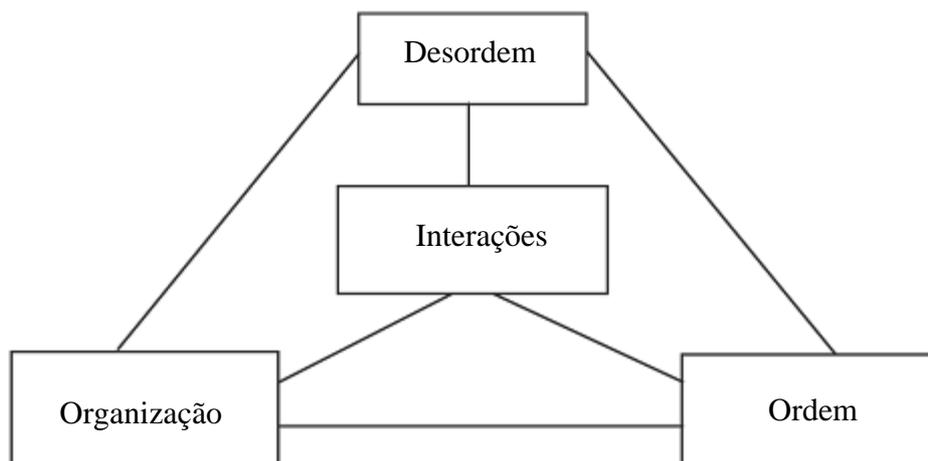
Existe uma noção já difundida de que o todo é mais que a soma das partes, que, segundo Morin (2003, p. 103), isto ocorre em função das emergências, ou seja, a noção de qualidades ou propriedades de um sistema que apresentam um caráter de novidade, nascidas das associações e combinações. Mas também, para Morin (2003, p. 110), existe a noção de que o todo também pode ser menos que a soma das partes, em função de que toda a organização que determina e desenvolve especializações e hierarquizações, determina e desenvolve imposições, estas, por sua vez, fazem-na perder ou inibir nela qualidades ou propriedades (figura 2). De forma geral, devemos considerar em todo o sistema não só os ganhos em emergências, mas também a perda em imposições, sujeições e repressões (MORIN, 2003, p. 111).



**Figura 2: O todo é maior e menor que a soma das partes**

Fonte: Morin (2003, p. 111)

Morin (2007, p. 58) afirma que a ordem e a organização são inconcebíveis sem interações, e estas, são inconcebíveis sem desordem. Nesta lógica também, o autor afirma que “quanto mais a ordem e a organização se desenvolvem, mais se tornam complexas, mais toleram, mais utilizam e necessitam até da desordem”, ou seja, há um desenvolvimento mútuo destas dimensões.



**Figura 3: Círculo tetralógico**

Fonte: Adaptado de Morin, 2003, p. 58.

No círculo tetralógico (figura 3), pressupõe-se uma ordem, mas que a partir de interações entre agentes internos e externos, pode-se gerar uma desordem, que, através da interações e seus elementos, produza organização, e esta poderá então levar a uma

nova ordem, sempre diferente da anterior (ZUCATTO, 2009, p. 35). Neste sentido também atuam as redes, postuladas por Latour, que afirma que a teoria ator-rede é sobre a atividade de traçar redes, o que possibilita analisar as organizações como um processo inacabado, em constante estado de transformação.

### 2.7.2 Princípio Hologramático

Este princípio discorre sobre o paradoxo dos sistemas complexos, onde não somente a parte está no todo, mas o todo também está nas partes. Morin (2007, p. 75), baseia-se em um holograma físico, onde o menor ponto da imagem do holograma contém a quase totalidade da informação do objeto representado, ou seja, esta noção desenvolve-se simultaneamente, e ocorre em diferentes dimensões e naturezas, tais como na biologia e na sociologia. Na biologia, este princípio é muito bem exemplificado quando pensamos que em cada célula do organismo está presente a totalidade da informação genética do organismo. E na esfera social, há a noção de que não somente os indivíduos estão inseridos na sociedade, como cada um, através da cultura, línguas e normas, tem em si, presente a sociedade que está inserido (BARIN-CRUZ; PEDROZO; ESTIVALETE, 2006, p. 875).

### 2.7.3 Princípio Retroativo

É o princípio que nega a causalidade linear, afirmando que além da causa gerar o efeito, o efeito também pode agir sobre a causa. Segundo Zucatto (2009, p. 40), a retroação se daria como um círculo que funcionaria num contínuo *feedback*, onde estes retornos sobre determinadas ações, desencadeiam por sua vez novas ações e diferentes efeitos, realimentando assim, de forma contínua o sistema.

### 2.7.4 Princípio Recursivo

Morin (2007, p. 74), afirma que no princípio recursivo os produtos e os efeitos são ao mesmo tempo causas e produtores do que os produz, o produto é produtor do que o produz. Sendo exemplificado pela reprodução humana, onde nós indivíduos somos os produtores de um processo de reprodução que é anterior a nós, mas uma vez que somos produtos, nos tornamos os produtores do processo que vai continuar.

### 2.7.5 Princípio da Auto-eco-organização

A auto-eco-organização pressupõe que os elementos estejam interligados e interdependentes mutuamente em um sistema, possibilitando a manutenção de sua constituição, a questão do eco na concepção de auto-organização relaciona à interferência do ambiente externo no sistema, impactando a organização diretamente (ZUCATTO, 2009, p. 43). Para Barin-Cruz, Pedrozo e Estivaleta (2006, p. 876), este conceito é uma parte central do paradigma da complexidade, uma vez que reforça a idéia da organização pelos indivíduos e sistemas, esta busca constante, ainda que interconectada por diversas interações e desordens constantes. Relacionando-se com a idéia de translação na teoria ator-rede, quando ela é definida como uma mediação ou invenção de uma relação antes inexistente, que de algum modo modifica os atores nela envolvidos, justamente por estar em redes de transformações, deslocamentos, onde natureza e sociedade circulam entre os elementos que participam da rede.

### 2.7.6 Princípio da reintrodução do pesquisador no objeto analisado

Este princípio busca um maior sentido e uma maior compreensão da questão de pesquisa, quando adota-se a noção de que o pesquisador, através de suas percepções, crenças, valores e história, insere-se no fenômeno estudado.

Para Zucatto (2009, p. 48), “é necessário aceitar que há, entre objeto e sujeito, uma relação ontológica: sujeito torna-se parte do objeto e, por consequência, há a ‘mão’ do pesquisador nas inferências apresentadas”.

A realidade então, encontra-se condicionada às percepções e análises de cada sujeito/pesquisador, assim as idéias e teorias não refletem a realidade pura, mas sim traduzem a realidade de uma maneira que pode ser errada, e ainda, a nossa realidade não é mais que a nossa idéia de realidade (MORIN; KERN, 2001, p. 141).

Neste contexto, há o reencontro da incerteza, segundo os autores Morin e Kern, a mais profunda incerteza, sobre as possibilidades sociais e humanas, através desta visão do paradigma complexo, há uma maior compreensão do todo e das partes, e também da nossa condição de pesquisadores influentes e influenciados nas ‘realidades’ observadas. Ainda citando os autores, “a reforma do pensamento necessária é aquela que gerará um pensamento do contexto e do complexo”.

Por fim, Morin (2007, p. 69) afirma que a aspiração à complexidade traz em si a aspiração à completude, já que se sabe que tudo é solidário e multidimensional, mas, vista de outra forma, a consciência da complexidade nos faz compreender que jamais poderemos escapar da incerteza e que jamais poderemos ter um saber total: a totalidade é a não-verdade. Sendo estes conceitos importantes para o posicionamento epistemológico do presente estudo, buscando posicionar o pesquisador em suas limitações e formas de analisar a realidade, fazendo interface e gerando maior compreensão sobre o estudo como um todo e sobre as teorias e análises interligadas.

E a teoria de rizomas, complementa esta visão complexa de múltiplos relacionamentos, com princípios epistemológicos e metodológicos de posicionamento do pesquisador.

## 2.8 Teoria de Rizomas

Fazendo interface com as teorias ator-rede e da complexidade, a teoria de rizomas, proposta pelos autores Deleuze e Guattari (1980), é uma proposta filosófica como um modelo epistemológico onde a organização dos elementos não segue linhas de subordinação hierárquica. Desta forma, diferenciando-se do modelo tradicional de árvore, no qual uma base ou raiz dá origem a ramas primárias, depois ramas secundárias, etc., o modelo de rizoma aborda questões como a multiplicidade (comum com outras teorias), em que qualquer elemento pode afetar ou incidir em qualquer outro e as entradas do sistema são múltiplas, entre outros princípios.

O conceito tem sua origem na botânica, nos exemplos de algumas plantas cujos rizomas podem funcionar como raiz, talo ou rama, sem importar sua posição na planta, podendo, também transformar-se em bulbo ou tubérculo. Esta metáfora serve para exemplificar o sistema cognitivo onde não existem pontos centrais, afirmações ou conceitos mais fundamentais que outros.

Um sistema pode ser chamado de rizoma quando, por conceito, busca sempre o oposto da simplificação e das dicotomias, os autores afirmam assim que o mundo perdeu seu pivô, sendo necessário fazer o múltiplo, não acrescentando sempre uma dimensão superior, mas, ao contrário, de maneira simples, no nível das dimensões que se dispõe, sempre  $n-1$ , sendo somente assim que o uno faz parte do múltiplo, estando sempre subtraído dele (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 15).

Para um melhor entendimento do conceito de rizoma, Deleuze e Guattari (1995) propuseram seis princípios básicos, sendo eles resumidos a seguir.

1º e 2º - Princípio da conexão e da heterogeneidade: O princípio da conexão aborda a capacidade infinita de multi-entradas e conexões de um rizoma, onde qualquer ponto de um rizoma pode ser conectado a qualquer outro e deve sê-lo. Com relação ao princípio da heterogeneidade, segundo os autores, cadeias semióticas de toda natureza são conectadas, ou seja, cadeias diversas, assim como biológicas, políticas, econômicas, entre outras, colocando em jogo não somente regimes de signos diferentes, mas também estatutos de estados de coisas. Ainda tratando-se destes 2 princípios, um rizoma não necessita de conectar cadeias semióticas, organizações de poder e ocorrências que remetem às mais diversas naturezas.

3º - Princípio da multiplicidade: Nos rizomas, uma multiplicidade não tem sujeito nem objeto, mas somente determinações, grandezas, dimensões que não podem

crescer sem que mude de natureza (as leis de combinação crescem com a multiplicidade). Este crescimento das dimensões numa multiplicidade que muda necessariamente de natureza à medida que ela aumenta suas conexões é chamado de agenciamento.

4º - Princípio de ruptura a-significata: Para os autores, um rizoma pode ser rompido e quebrado, mas também tem a capacidade de retomar segundo uma ou outra de suas linhas, e segundo outras linhas. Com relação às linhas, todos os rizomas compreendem linhas de segmentaridade, com funções de organização e estratificação, mas também compreendem linhas de desterritorialização, ou seja, linhas de fuga, linhas que se remetem umas às outras, e que seu movimento de fuga não interfere na perpetuação e continuidade do rizoma.

5º e 6º - Princípio da cartografia e da decalcomania: Seguindo a analogia de árvores e rizomas, Deleuze e Guattari (1995, p. 21) abordam a lógica da árvore como uma lógica de decalque e reprodução, pois ela consiste em declarar algo que está já feito, a partir de uma estrutura, articulando e hierarquizando os decalques, sendo estes como folhas das árvores. Com relação aos rizomas, eles não podem ser estruturados por nenhum modelo estrutural ou generativo, sendo eles mapas e não decalques. O mapa está inteiramente voltado para uma experimentação ancorada no real, construindo e sendo parte do rizoma. O mapa é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente. Ele pode ser rasgado, revertido, adaptar-se a montagens de qualquer natureza, ser preparado por um indivíduo, um grupo, uma formação social. O decalque por sua vez volta sempre ao mesmo, quando o mapa tem sempre múltiplas entradas, sendo assim uma questão de performance (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 22).

O princípio da cartografia, para Romagnoli (2009, p. 169), se apresenta como valiosa ferramenta de investigação, exatamente na busca de englobar a complexidade dos fenômenos estudados, colocando problemas e investigando o coletivo. Para o autor, o papel do pesquisador na perspectiva da cartografia é central, pois a produção do conhecimento se dá a partir de percepções e sensações vividas no encontro com seu campo e ao longo de sua vida.

A fim de resumir as principais características de um rizoma os autores citam os seguintes enunciados:

- Um rizoma conecta um ponto qualquer com outro ponto qualquer e cada um de seus traços não remete necessariamente a traços da mesma natureza (princípio da translação, na teoria ator-rede);

- O rizoma não é feito de unidades, mas sim de dimensões, ou de direções movediças;
- Não tem começo nem fim, mas tem sempre um meio pelo qual ele cresce e transborda;
- Ele constitui multiplicidades lineares a  $n$  dimensões, sem sujeito nem objeto, sempre na  $n-1$ ;
- Os rizomas tem esta tal multiplicidade que não varia suas dimensões sem mudar de natureza nela mesma e se metamorfosear;
- O rizoma se refere a um mapa que deve ser construído, produzido, conectável e com múltiplas entradas e saídas (remete-se também ao conceito de conexões, ligamentos, sustentações do desenvolvimento e do processo de seguir os atores através das redes, na TAR);
- Contra os sistemas centrados, o rizoma é um sistema a-centrado não hierárquico e não significante, unicamente definido por uma circulação de estados (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 33).

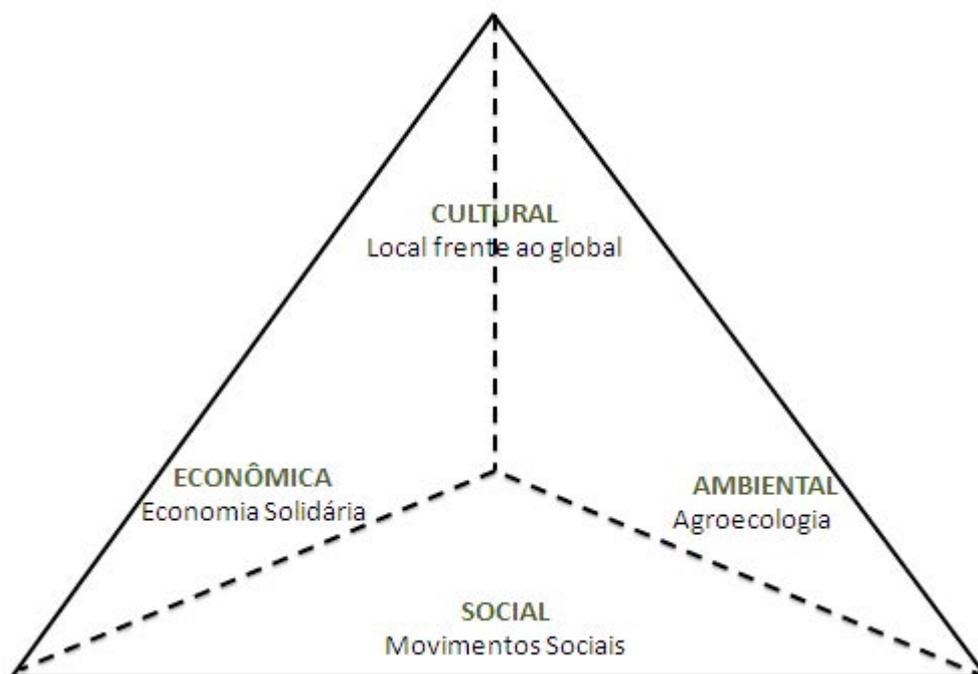
Um rizoma se encontra sempre no meio, entre as coisas, sem início ou fim, ainda que os autores Deleuze e Guattari (1995, p. 35) reconheçam que não é fácil perceber as coisas pelo meio, os rizomas são, para eles, unicamente aliança, representando um movimento transversal que carrega as coisas, umas às outras.

### **3 FRAMEWORK PROPOSTO**

O *framework* proposto na presente pesquisa tem o propósito de formar uma base conceitual e analítica para o processo de desenvolvimento sustentável na construção do coletivo através das interações em redes no caso da cadeia-rede Justa Trama, e foi organizado em três etapas, a primeira aborda as relações teóricas das dimensões do desenvolvimento sustentável, a segunda relaciona as três teorias ator-rede, complexidade e rizoma e suas similaridades e complementaridades e a terceira etapa apresenta o *framework* teórico construído e proposto.

#### **3.1 Relação de novas teorias para análise das dimensões do desenvolvimento sustentável**

As quatro dimensões do desenvolvimento sustentável abordadas na presente pesquisa, para análise do caso da cadeia-rede Justa Trama são: ambiental, social, econômica e cultural (com base nas proposições de Ignacy Sachs). A dimensão cultural foi adicionada às três dimensões tradicionais de desenvolvimento sustentável, pela importância dos relacionamentos e do aspecto cultural na agroecologia. Conforme posicionamentos metodológicos adotados e com fins de uma maior aproximação ao fenômeno estudado, a análise de cada uma destas dimensões, na presente pesquisa, foi incrementada, pois elas não serão analisadas da forma e com os autores tradicionalmente utilizados, e sim um conjunto de quatro novas teorias serão relacionadas com cada dimensão, sejam elas: na dimensão ambiental a teoria utilizada será a da agroecologia. Na dimensão econômica, a teoria relacionada é a da Economia Solidária. Na dimensão social, a teoria dos movimentos sociais é que permitirá maior aproximação ao fenômeno estudado. E, por fim, a dimensão cultural, que terá como aspectos de análise a questão do local frente ao global, buscando entender como as interações agem nesse processo, conforme representação da figura 4, representada em quatro dimensões, para melhor ilustrar as relações interdependentes do processo e a complexidade da análise. Ao invés de escolher autores de desenvolvimento sustentável e utilizar diretamente os elementos de análise preconizados pelos mesmos, optou-se pelo preenchimento das dimensões de desenvolvimento sustentável usando-se outras teorias, mais adequadas ao fenômeno analisado.



**Figura 4: Relação das dimensões do desenvolvimento sustentável e seus respectivos aspectos de análise**

### 3.2 Relação entre as teorias ator-rede, complexidade e rizoma

As três teorias escolhidas para esta análise ilustram a forma como o pesquisador vê, pensa e corresponde às proposições iniciais da presente pesquisa. Em uma tentativa de relacionar alguns aspectos que são similares e complementares destas três abordagens, podemos citar o autor da teoria ator-rede, Bruno Latour, que, ao explicar sobre o que se trata o ator-rede, o compara com um rizoma, proposto por Deleuze e Guattari, que é representado pela multiplicidade heterogênea, ou seja, qualquer elemento pode afetar ou incidir em qualquer outro e as entradas do sistema são múltiplas, buscando sempre o oposto da simplificação e das dicotomias. E, em tentativa de comparar a teoria ator-rede com a teoria da complexidade, o autor concebe a visão de que a TAR é ainda mais empírica que a complexidade, porém, alinhada em seus principais fundamentos (LATOUR, 1994).

A partir deste panorama, um dos principais fundamentos comuns entre as três teorias, é sobre a visão e o papel do pesquisador, que é expresso, na teoria ator-rede, através da idéia de que o pesquisador tem que simplesmente ir a campo, sem nenhuma

pré-determinação, ou conceitos, buscando somente descrever o que os actantes estão fazendo, como estão seguindo suas associações e redes, com quais elementos se relacionam. Já na teoria de rizomas, existe a perspectiva da cartografia, ou seja, cabe ao pesquisador desenhar mapas, onde ele está construindo e sendo parte do rizoma, e este mapa é aberto, conectável em todas as suas dimensões, desmontável e reversível, ou seja, o pesquisador está descrevendo, através de mapas, o que está se movimentando no objeto de pesquisa, porém ele também faz parte deste processo, seu papel não é excluído do processo.

E na teoria da complexidade, afirma-se que a realidade encontra-se condicionada às percepções e análises de cada sujeito/pesquisador, assim as idéias e teorias não refletem a realidade pura, mas sim traduzem a realidade de uma maneira que pode ser errada, e ainda, a nossa realidade não é mais que a nossa idéia de realidade (MORIN; KERN, 2001, p. 141).

Por estas questões, tem-se então em comum, que todas as teorias compreendem esta mesma visão do pesquisador, que é influenciado e influencia sempre suas pesquisas, pois está imprimindo sua visão de realidade em todo o processo da pesquisa. E que compreendem a impossibilidade de captar o todo, mas buscam de forma persistente captar o máximo de elementos e relações possíveis, múltiplas e heterogêneas, a fim de compreender o contexto e sua dinâmica, desde o centro dos acontecimentos, seguindo os atores, buscando transpor as controvérsias, que são vistas como as caixas-pretas já fechadas, já consideradas como verdades inquestionáveis.

Esta visão pode ser definida como paradigma complexo, compreendendo as limitações e possibilidades dos pesquisadores, ainda sabendo que jamais poderemos ter um saber total: a totalidade é a não-verdade.

Outros aspectos relacionados às três teorias são similares e/ou complementares. Conforme apresentado no quadro 3, algumas relações entre os principais fundamentos de cada uma das teorias:

**Quadro 3: Relação entre teorias ator-rede, complexidade e rizomas**

TEORIA	PRINCÍPIOS	DEFINIÇÃO	RELAÇÃO com as teorias*
<b>Ator-rede</b>	Similaridade	Análise simétrica de sociedade e natureza	Heterogeneidade, multiplicidade (R)
<b>Ator-rede</b>	Translação	Hibridização, mestiçagem, multiplicidade de conexões, que geram transformações	Hologramático, sistêmico/ Organizacional (C)

<b>Ator-rede</b>	Mediação	O que ocorre entre as relações, qual o direcionamento que elas dão para as redes	Conexão, multiplicidade, ruptura a-significante (R)
<b>Ator-rede</b>	Caixa-preta	Processos que realizam-se por si só em organizações e não são questionados	Decalcomania (R)
<b>Ator-rede</b>	Parlamento das coisas	Local ou forma onde são postas em análise e discussão questões híbridas (sociais e naturais)	Auto-eco-organização, tetralógico (C)
<b>Complexidade</b>	Sistêmico/ Organizacional	Ordem, desordem, organização e interação constantes são constantes em sistemas/redes complexos	Ruptura a-significante, conexão, multiplicidade, nós (A, R)
<b>Complexidade</b>	Hologramático	Nos sistemas complexos, não só as partes compõe o todo, mas o todo também está presente em cada parte. Como também o todo não é só maior que a soma das partes, mas ele pode ser também menor, pelas discordâncias.	Translação, conexão (A, R)
<b>Complexidade</b>	Retroativo	Negação da causalidade linear, pois além de a causa gerar o efeito, o efeito também pode agir sobre a causa.	Multiplicidade, translação, intermediários e mediadores (A, R)
<b>Complexidade</b>	Recursivo	Os produtos e os efeitos dos sistemas complexos são ao mesmo tempo causas e produtores do que os produz.	Multiplicidade, translação, intermediários e mediadores (A, R)
<b>Complexidade</b>	Auto-eco-organização	Os elementos de um sistema complexo são interligados e interdependentes, possibilitando sua manutenção, assim como este sistema está inserido em um ambiente também complexo, produzindo efeitos e sendo afetado pelos sistemas que estão em contato.	Parlamento das coisas, cartografia e decalcomania (A, R)
<b>Complexidade</b>	Re-introdução do pesquisador no objeto pesquisado	O pesquisador faz parte da construção da pesquisa, e nunca conseguirá compreender a totalidade dos fatos, nem a realidade, pois ela depende de cada olhar.	Cartografia, similaridade (A, R)
<b>Rizoma</b>	Conexão	O rizoma/rede/sistema complexo tem capacidade infinita de multi-entradas e conexões	Similaridade, mediação, nós (A)
<b>Rizoma</b>	Heterogeneidade	Cadeias semióticas de toda natureza são conectadas, tanto elementos humanos como não-humanos	Translação, mediação (A)
<b>Rizoma</b>	Multiplicidade	Num rizoma, uma multiplicidade não tem sujeito nem objeto, mas somente determinações, grandezas, dimensões que não podem crescer sem que mude de	Retroativo, recursivo, mediação, similaridade (A, C)

<b>Rizoma</b>	Ruptura a-significante	natureza Um rizoma pode ser rompido e quebrado, mas tem a capacidade de retomar, segundo uma ou outra de suas linhas	Sistêmico/ Organizacional (C)
<b>Rizoma</b>	Decalcomania	Lógica das árvores, de decalque ou reprodução	Caixa-preta (A)
<b>Rizoma</b>	Cartografia	Lógica de mapas, onde o mapa está inteiramente voltado para uma experimentação ancorada no real, construindo e sendo parte do rizoma.	Re-introdução do pesquisador no objeto pesquisado, similaridade (A, C)

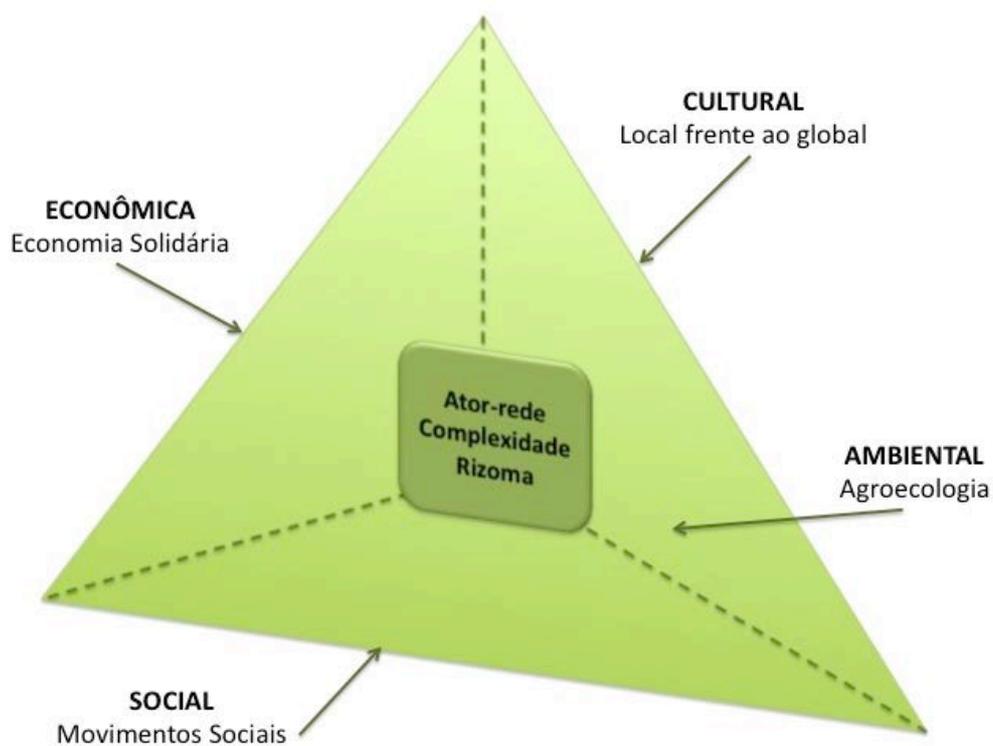
\*C: Complexidade; A: Ator-rede; R: Rizomas

Após estas considerações, foi possível a construção de um *framework* geral para análise e interpretação dos resultados alcançados.

### 3.3 Framework geral

A partir da ilustração do raciocínio teórico proposto para análise na presente pesquisa, o *framework* apresentado na figura 6 ilustra esta proposta geral, sendo representado em quatro dimensões para melhor englobar todas as dimensões e níveis interligados e interdependentes de conceitos e propostas de análise. O *framework* proposto é constituído de quatro lados, ou seja, quatro triângulos interligados e relacionados, que representam as quatro dimensões do desenvolvimento sustentável e as respectivas teorias relacionadas, a fim de proporcionar uma maior aproximação do pesquisador com o objeto pesquisado. E a pirâmide é apresentada com um preenchimento sólido, afim de representar a forma de captar, compreender e visualizar estes fenômenos complexos, que são os relacionamentos entre humanos e não-humanos. Os princípios de análise das três teorias ator-rede, complexidade e rizomas são ilustrados no *framework* como o tecido conjuntivo da análise das quatro dimensões do desenvolvimento sustentável, ou seja, preenchendo e ligando a análise dos relacionamentos através das quatro dimensões do desenvolvimento sustentável, dando sustentação à proposição teórica de captar a construção do coletivo em uma iniciativa agroecológica. Este preenchimento também pode ser relacionado com o conceito de *embeddedness* ou de imbricamento, que significa uma imersão e associação interdependente e interligada de conceitos, é a forma de ver e compreender o fenômeno estudado, que envolve teorias, visão epistemológica e, na presente pesquisa, este

modelo é melhor compreendido e elucidado através do conceito de *systemographie*, abordado na metodologia.



**Figura 5:** *Framework* interação entre desenvolvimento sustentável e relacionamentos entre humanos e não-humanos

## **4 METODOLOGIA E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

Os passos adotados na metodologia da presente pesquisa são descritos e esquematizados a seguir, considerando uma introdução inicial quanto à postura epistemológica adotada.

O paradigma positivista, relatado por Descartes, em seu livro seminal “O discurso do método”, aborda a pretensão de abarcar todo o campo das ciências naturais, sociais e subjetivas. Sugerindo que a verdade é única, que somente a ciência tem a verdade e através da verificação de hipóteses, pode-se testar e validar a verdade, tida como única (VASCONCELOS, 2002, p. 40).

A corrente positivista, conforme observado, não se caracteriza mais como sendo tão predominante, como no passado, principalmente nos estudos de ciências sociais, uma vez que existe hoje uma maior compreensão das diferentes formas de visão, de interação do pesquisador e de formas de ver e construir os fatos e a realidade, que é diferente para cada indivíduo. Neste caso, busca-se uma compreensão baseada no paradigma complexo, usando-se Edgar Morin, que descreve a complexidade crescente da vida cotidiana, dos fenômenos e da construção do mundo, onde existe interdependência dos fenômenos, ordem, emergências, desordem e organização. O pensamento complexo busca compreender de forma mais abrangente esse conjunto de interações, através da compreensão da limitação do pesquisador, como ser que está inserido também em sua pesquisa, capaz de influenciá-la e de ter sua própria interpretação e compreensão da realidade.

Deste modo, são apresentadas a seguir, a partir do paradigma complexo, as etapas metodológicas seguidas na presente pesquisa.

### **4.1 Tipo de pesquisa**

A presente pesquisa será desenvolvida através do método proposto pela teoria ator-rede, pelo caráter diferenciado da proposta de análise desta abordagem teórica, a utilização de um método de pesquisa mais tradicional não conseguiria captar a complexidade e os objetivos propostos com fidedignidade.

Segundo Bruno Latour, para usar a teoria ator-rede de uma forma completa, temos que começar seguindo os atores, ou seja, tentando nos atualizar com suas

freqüentes inovações, com o objetivo de aprender com eles o que a existência do coletivo se tornou em suas mãos, que métodos eles elaboraram para reunir todas as suas coisas e que questões podem definir melhor as novas associações que eles vão estabelecendo ao longo do tempo (2007, p. 23). Para este autor, o alto grau de abstração da teoria social é o que a torna tão difícil de assimilar. Mas, uma vez que este método nos permitirá compreender com maior clareza os fatos, as motivações e dinâmicas dos actantes, encontraremos então um modo muito mais científico de construir o mundo social, nos abstendo das controvérsias. Conforme Latour (2007, p. 24): “Nós, também, devemos achar nossa terra firme: em areias movediças”.

Então, o princípio deste método é de que, ou nós seguimos os estudos tradicionais e buscamos em que grupo ou nível devemos começar, ou nós simplesmente seguimos os atores e a sua própria maneira, e começamos a viajar através da trajetória que eles deixam para trás pela sua atividade de formar e desfazer grupos (LATOURE, 2007, p. 29).

É preciso se utilizar de uma lista mais ampla de actantes para atuarmos com a metodologia ator-rede, ou seja, promover uma reflexão mais profunda sobre os conflitos práticos da metafísica, incluindo tanto actantes humanos como não-humanos para captar a complexidade inerente a estas relações e associações.

Latour (2007, p. 108) afirma que, “a palavra social deve ser compreendida como alguém seguindo outro alguém, um seguidor ou uma associação heterogênea”. Neste caso, o movimento de associação e circulação une actantes tanto humanos como não-humanos, e isto é o que caracteriza o social, e não algo que já foi definido e está lá pronto para ser analisado. É papel do pesquisador seguir estes movimentos e buscar compreender como os actantes estão vivenciando estas dinâmicas.

Este autor pontua também que nós só precisamos ficar de mente aberta para o formato que os objetos naturais podem representar nas novas associações que seguimos, e, para nossa grande surpresa, uma vez que a fronteira artificial entre o social e o natural for quebrada, as entidades não-humanas estarão aptas a aparecer de forma inesperada (2007, p. 111).

A metodologia seguida e adotada na presente pesquisa é então caracterizada por alguns fundamentos da teoria ator-rede, a fim de buscar uma forma diferenciada e mais complexa de captar a realidade, de seguir os actantes, compreendendo as limitações, desvios, movimentações. Através da proposta de descrever a dinâmica encontrada no campo empírico, o cartógrafo busca compreender melhor as motivações dos

relacionamentos entre os participantes de uma cadeia-rede agroecológica, a Justa Trama.

Ainda podendo ser classificada como uma análise descritiva qualitativa, que segundo Leite (2004, p. 45), a pesquisa descritiva é a pesquisa que se usa para descrever e explicar determinados fenômenos sócio-econômicos, político-administrativos, contábeis e psico-sociológicos, matemático-estatísticos e técnico-linguísticos. A pesquisa descritiva também observa, registra, analisa e correlaciona fatos e fenômenos, procurando descobrir com a maior precisão possível, a frequência com que um fenômeno ocorre, sua relação e conexão com outros, sua natureza e suas características. Ainda tem-se que busca conhecer as diversas situações e relações que ocorrem na vida social, política, econômica e demais aspectos do comportamento humano, tanto do indivíduo tomado isoladamente como de grupos e comunidades mais complexas (CERVO, BERVIAN, SILVA, 2007, p. 62). Já a análise qualitativa, para Vieira (2004, p. 15) é capaz de garantir a riqueza dos dados, bem como facilita a exploração de contradições e paradoxos, sendo relacionada com a questão de que a realidade é socialmente construída. Vale ressaltar, porém, o caráter complexo do estudo, pontuando, conforme cita Latour, que uma boa descrição densa, vale muito mais que qualquer tentativa de explicação.

#### **4.2 Objeto de pesquisa: Descrição da cadeia-rede Justa Trama**

O objeto da presente pesquisa é a cadeia-rede brasileira do algodão agroecológico, chamada Justa Trama, que é composta por seis empreendimentos (1 associação, 4 cooperativas e um ateliê de arte) espalhados por seis estados brasileiros, e caracterizados por fortes engajamentos com movimentos sociais e com questões de sustentabilidade.

A Justa Trama é uma cadeia-rede de cooperação sustentável que produz roupas, acessórios e brinquedos educativos de algodão agroecológico, sendo ela responsável por toda a cadeia, desde a plantação até o consumidor final. A idéia de cadeia permite identificar as organizações que estão ligadas nos seus diferentes elos entre si pelo fluxo produtivo. E a perspectiva de redes é porque ela é composta por associações e cooperativas, distribuídas em 4 das 5 regiões do país e organizam a produção nas etapas apresentadas

no

Quadro

4:

**Quadro 4: Informações sobre a Justa Trama**

<b>Empreendimento</b>	<b>Localização</b>	<b>Etapa da Produção</b>
Associação de Desenvolvimento Educacional e Cultural de Tauá (ADEC)	Sede em Tauá, Ceará	Plantio e beneficiamento do algodão
Cooperativa de Produção Têxtil de Pará de Minas (COOPERTEXTIL)	Pará de Minas, Minas Gerais	Produção do fio e do tecido
Cooperativa Fio Nobre	Itajaí, SC	Confecção de roupas artesanais
Cooperativa de Costureiras Unidas Venceremos (UNIVENS)	Porto Alegre, RS	Confecção de roupas em série
Cooperativa Açafá	Porto Velho, RO	Coleta e beneficiamento de sementes da Amazônia para os botões e acessórios
Ateliê Em Nome da Arte	Porto Alegre, RS	Bichos de pelúcia, jogos educativos e acessórios para cabelo e roupas

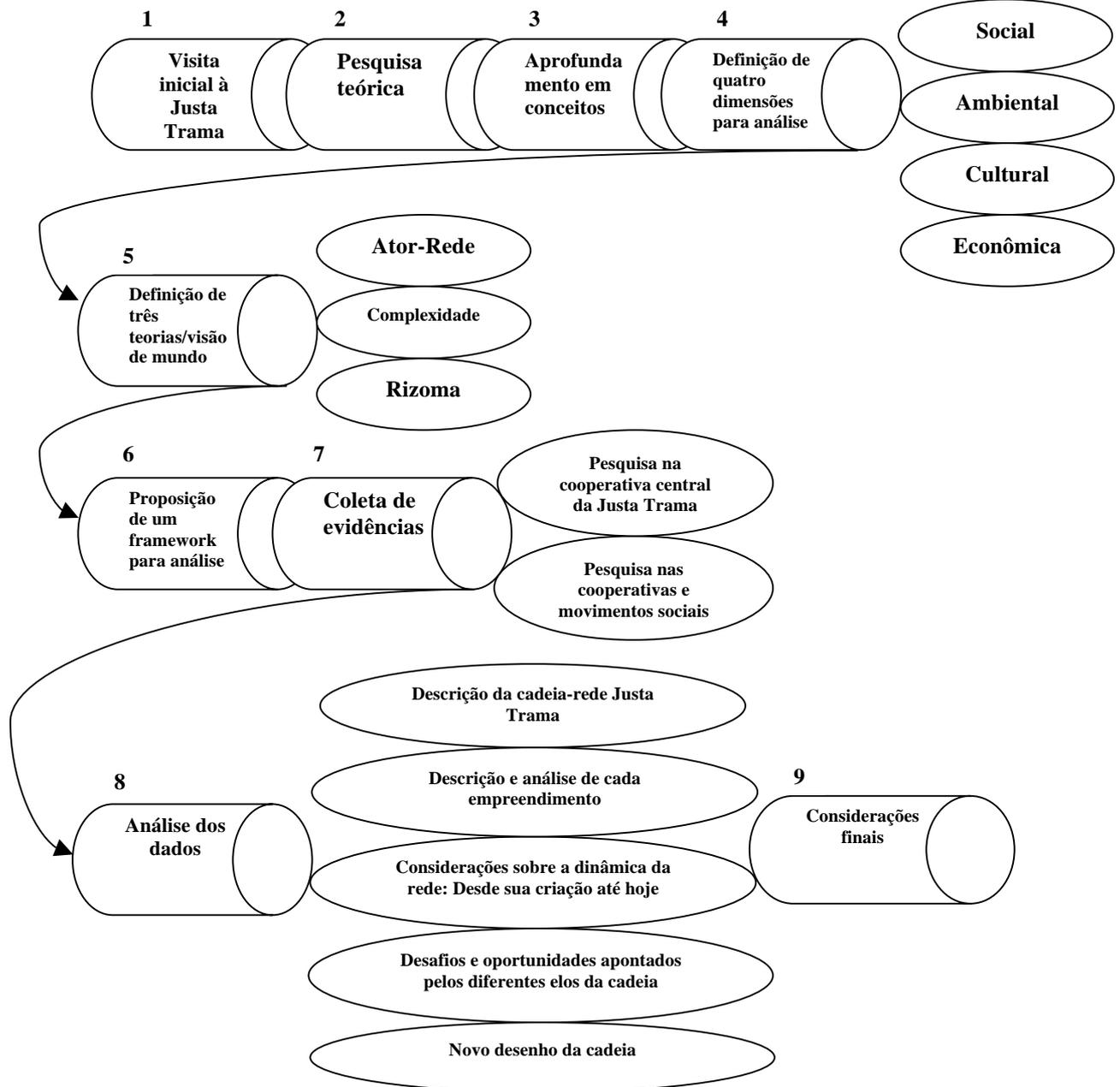
Fonte: Adaptado de Justa Trama, 2009.

Ao todo são mais de 700 associados, atuantes na agricultura familiar, fiação, tecelagem, confecção e artesanato. Esta rede atua também sob a perspectiva do Comércio Justo, pois como todos são donos da marca e possuem todas as etapas da cadeia, sem intermediários, conseguem remunerações mais justas, de 50 a 100% acima do valor pago pelo mercado.

O caso da cadeia-rede Justa Trama pode ser considerado um caso especial onde o desenvolvimento sustentável ocorre através de uma série de percepções e caminhos não convencionais, que são traçados e cultivados, e o objetivo da presente pesquisa é seguir estes atores e buscar compreender e analisar como ocorrem estes processos, e muito mais que isso, entender as motivações que levam ao desenvolvimento sustentável da rede.

### **4.3 Desenho da pesquisa**

O desenho da presente pesquisa está representado na figura 6, conforme as etapas seguidas pelo pesquisador, desde o início do trabalho.



**Figura 6: Desenho da pesquisa**

Fonte: Elaborado pela autora

#### 4.4 Definição operacional da pesquisa

O interesse da presente pesquisa é em analisar a construção do coletivo da Justa Trama, ou seja, como ela foi se desenvolvendo e se articulando ao longo do tempo, porém a coleta de dados foi efetuada num só momento, durante os meses de junho a outubro de 2010. De acordo com a definição operacional, esta pesquisa pode ser considerada como seccional com perspectiva longitudinal, ou seja, segundo Vieira, nesta pesquisa a coleta de dados é feita em um determinado momento, mas resgata

dados e informações de outros períodos passados. O foco está no fenômeno e na forma como se caracteriza no momento da coleta, e os dados resgatados do passado são, normalmente, utilizados para explicar a configuração atual do fenômeno. (2004, p. 21).

A utilização da teorias ator-rede apresentou-se como um grande esforço da autora para conseguir aplica-la, tendo em vista a riqueza de informações capturadas. Porém, vale ressaltar as limitações e dificuldades de conseguir a sua total aplicação. Por restrições de tempo de pesquisa (tempo máximo para conclusão do mestrado), como também pelas distâncias, e por consequência, restrições orçamentárias, não foi possível seguir a rede e os movimentos de todos os actantes em todos os momentos. E em muitos momentos também não foi possível um aprofundamento na coleta destes dados.

Desta maneira, a solução encontrada foi misturar dois tipos de metodologia em diferentes casos, para poder aproveitar a riqueza dos dados da teoria ator-rede, mas também utilizando dados coletados de forma mais convencional, sem este maior aprofundamento, para complementar a pesquisa.

#### **4.5 Técnicas de pesquisa e análise de dados**

Com a finalidade de facilitar a coleta e organização dos dados, a presente pesquisa se utiliza do conceito de estudo de caso, pois se trata de analisar uma cadeia-rede, caracterizada como o caso de pesquisa, sendo assim apresentados e organizados os dados. Segundo Yin, o estudo de caso surge da necessidade de se compreender fenômenos sociais complexos. Ou seja, permite a preservação das características holísticas dos acontecimentos da vida real (2005, p. 20).

A presente pesquisa se utilizará da triangulação de dados, de uma forma mais próxima e menos engessada que tradicionalmente é utilizada, envolvendo técnicas de documentação, entrevistas e observação direta, a fim de uma melhor aproximação e entendimento do caso estudado. A análise documental caracteriza-se por ser estável, podendo ser revisada inúmeras vezes, também é exata, contendo nomes, referências e detalhes exatos de um evento e ampla cobertura, ou seja, abrange longos espaços de tempo, muitos eventos e muitos ambientes distintos (YIN, 2005, p. 112). Esta técnica será importante para compreender, ao longo do tempo, como ocorrem as relações institucionais e estatutárias da cadeia-rede Justa Trama.

Já a técnica de entrevista pode ser então definida como uma forma de interação social ou uma forma de diálogo assimétrico, em que uma das partes busca captar

informações e a outra se apresenta como fonte destas informações (GIL, 1987, p. 113). Nesta técnica o investigador se apresenta frente ao sujeito investigado com o objetivo de obtenção de dados, através da realização de perguntas e do andamento de uma conversa formal ou informal. No caso da presente pesquisa, toda a atuação do pesquisador é realizada informalmente e sem nenhuma rigidez de roteiros, somente objetivando seguir o que os actantes tem a ensinar sobre suas vivências e dinâmicas de trabalho e relacionamentos, porém, conforme mostram os anexos 1, 2 e 3, alguns questionamentos principais foram feitos, de acordo com os objetivos propostos pela presente pesquisa.

As vantagens da utilização da técnica de entrevistas são inúmeras, entre elas podemos citar a possibilidade de obtenção de dados referentes aos mais diversos aspectos da vida social, viabilizando também a obtenção de dados em profundidade acerca do comportamento humano (GIL, 1987, p. 114).

A entrevista é a técnica onde se buscará analisar as motivações e relações que motivam, unem, sustentam e ligam os participantes da rede, buscando também, através deste instrumento, captar as dimensões e questões que levam ao desenvolvimento sustentável, e como ele ocorre na rotina da Justa Trama.

A pesquisa realizada também não é caracterizada por uma abordagem tradicional, pois foi composta de duas análises distintas, uma delas baseada em observação participante e a outra em observação direta.

Na primeira análise, o método da teoria ator-rede é empregado através de uma observação participante em profundidade, onde o pesquisador realiza diversas visitas ao empreendimento, participando das atividades e acontecimentos diários da rotina de trabalho dos atores, compreendendo e observando toda a dinamicidade do processo. Mas, devido a limitações de tempo de pesquisa e de distância dos empreendimentos, não foi possível realizar esta análise em todos os empreendimentos. Somente na cooperativa UNIVENS, localizada na cidade de Porto Alegre, RS, é que este tipo de análise mais aprofundada foi realizada, seguindo os atores e participando de suas atividades. Esta análise pode ser considerada como central para compreender a dinâmica da rede, e central no desenvolvimento da pesquisa, considerando-se que é nesta cooperativa que trabalha a presidente da cadeia-rede Justa Trama e que está localizado o escritório geral.

E, um segundo tipo de análise foi realizado nos demais empreendimentos da cadeia-rede e nos movimentos-sociais associados a ela, que é caracterizado por uma pesquisa mais pontual de visitas a quase todos os empreendimentos. Porém, somente

um dos empreendimentos não foi possível que a pesquisadora visitasse pessoalmente, que é a Cooperativa Açaí, devido a restrições de distância e orçamentárias. Porém, com relação à este aspecto, deve-se considerar o engajamento da presente pesquisa em um projeto de pesquisa que envolve 3 universidades e o apoio de coleta de dados e intercâmbios entre os alunos e pesquisadores envolvidos, conforme explicado a seguir.

O projeto de pesquisa no qual faz parte a presente pesquisa é denominado “Rede de cooperação sustentável na cadeia produtiva do algodão agroecológico: Conectando o local ao global”, proposto em conjunto pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Universidade de Fortaleza (UNIFOR) e pela Universidade de Rondônia (UNIR), com vigência de 2008 a 2011, com financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Este projeto tem como objetivo geral descrever, analisar e conceber a gestão da cadeia produtiva do algodão agroecológico, considerando a inserção do desenvolvimento sustentável como uma estratégia de internacionalização de seus produtos finais. E a justificativa da criação deste projeto está na ampla disseminação, na última década, de estratégias de desenvolvimento sustentável, através de produção orgânica e agroecológica, e o algodão ilustra bem o funcionamento de uma rede que liga diversos segmentos produtivos, inseridos no paradigma da sustentabilidade.

Podendo assim, através do entendimento acerca do funcionamento da rede de produção do algodão agroecológico no Brasil, servir de subsídio para decisões, táticas ou estratégias a serem tomadas pelos integrantes da cadeia-rede, subsidiar as decisões para as cadeias e redes organizadas, bem como para o aprimoramento de políticas públicas, proporcionando assim ferramentas importantes para o poder público e gestores nas suas ações para a consolidação de um modelo de desenvolvimento sustentável local e regional, com um olhar global, mesmo que parcial, existe um mercado doméstico e um internacional.

#### **4.6 Coleta de dados**

A coleta de dados foi realizada de junho a outubro de 2010. Foram entrevistados membros dos sete empreendimentos integrantes da cadeia-rede Justa Trama, entre eles, somente na Cooperativa Açaí, em Rondônia, a coleta dos dados foi facilitada pelo projeto de pesquisa, através da Universidade de Rondônia (UNIR). Todos os outros empreendimentos houve a visita, a realização de entrevistas e observação direta, pela

autora da dissertação. Como também buscou-se entrevistar membros de movimentos sociais que estão ligados à Justa Trama, o caso do ESPLAR. Já a UNISOL, outro importante movimento social na história da Justa Trama, foram realizadas inúmeras tentativas de contato, porém, o presidente desta associação em nenhum momento mostrou-se disponível para responder às questões propostas. Desta forma, somente breves dados sobre este empreendimento são descritos na presente pesquisa, devido à sua grande importância na formação da cadeia-rede Justa Trama.

Em particular é citado o caso da cooperativa UNIVENS, de Porto Alegre, onde foram realizadas várias visitas periódicas, a fim de construir uma observação participante, onde o pesquisador encontrou-se inserido no contexto cotidiano, buscando vivenciar estas experiências e compreender melhor sua rotina e dinâmica.

Este actante, a cooperativa UNIVENS é considerado como a “porta de entrada” que a pesquisadora encontrou para entrar no contexto da cadeia-rede analisada e começar a seguir os outros actantes. Através de um contato inicial com a presidente desta cooperativa, durante uma visita de campo para compreender melhor como funcionava a dinâmica da rede, foram estabelecidas algumas direções e novos contatos para que a pesquisadora pudesse seguir os outros actantes.

As visitas e entrevistas foram realizadas com agendamento prévio, de acordo com a disponibilidade dos participantes, e nos quadros 5 e 6 são relatadas com seus respectivos detalhes. A maioria das entrevistas não foram gravadas, pois muitos entrevistados sentiram-se constrangidos com a utilização do aparelho, sendo então transcritas à mão.

**Quadro 5: Resumo das entrevistas realizadas com os membros da Justa Trama**

<b>Cooperativa</b>	<b>Entrevistado</b>	<b>Data</b>	<b>Tempo de Duração</b>
Coopertêxtil	CP1	23/06/2010	2h30min.
Coopertêxtil	CP2	23/06/2010	50min.
Coopertêxtil	CP3	24/06/2010	1h30min.
Coopertêxtil	CP4	24/06/2010	40min.
Coopertêxtil	CP5	24/06/2010	30min.
Coopertêxtil	CP6	24/06/2010	50min.
Coopertêxtil	CP7	23/06/2010	25min.
Fio Nobre	FN1	30/06/2010	40min.
Fio Nobre	FN2	30/06/2010	40min.
Fio Nobre	FN3	30/06/2010	40min.
Fio Nobre	FN4	30/06/2010	1h30min.

Fio Nobre	FN5	01/07/2010	1h10min.
Fio Nobre	FN6	01/07/2010	2hrs.
Em Nome da Arte	NA1	30/07/2010	2hrs.
Em Nome da Arte	NA2	30/07/2010	2hrs.
ADEC	AD1	25/08/2010	50min.
ADEC	AD2	25/08/2010	40min.
ADEC	AD3	26/08/2010	20min.
ADEC	AD4	26/08/2010	40min.
ADEC	AD5	26/08/2010	20min.
ADEC	AD6	27/08/2010	1h40min.
Cooperativa Açai	CA1	06/08/2010	50min.
Cooperativa Açai	CA2	13/08/2010	1hr.
Cooperativa Açai	CA3	14/08/2010	1hr.

**Quadro 6: Resumo das entrevistas realizadas com movimentos sociais ligados à Justa Trama**

Movimento Social	Entrevistado	Data	Tempo de Duração
ESPLAR	ES1	02/09/2010	1h30min.

Já na cooperativa UNIVENS, foram realizadas visitas periódicas, e as entrevistas foram realizadas de forma totalmente informal, durante a realização das tarefas de trabalho das cooperadas. A cooperativa caracteriza-se por possuir 25 cooperados, sendo eles apresentados da seguinte forma, UN1, UN2, e assim sucessivamente. As datas destas visitas ocorreram entre 15/06/2010 e 15/10/2010, mas não foram registrados o tempo de entrevistas, pois elas foram sempre realizadas muito informalmente e várias vezes houve o diálogo entre pesquisador e todos os cooperados.

Todos estes registros estão devidamente documentados e anotados em um caderno de campo que acompanhou a pesquisadora durante toda a realização do trabalho. Onde, conforme Latour (2007), foram captadas percepções, relacionamentos, expectativas e atitudes dos actantes em seu meio, dos actantes com a presença do pesquisador e do pesquisador com relação ao meio e aos actantes.

Outras fontes de informações foram consultadas para a realização deste trabalho (quadro 7), são elas vídeos, monografias e dissertações sobre o assunto, bem como reportagens, *sites* do atores envolvidos no processo, ou seja, elementos não-humanos importantes para o desenvolvimento da pesquisa.

**Quadro 7: Resumo dos documentos e arquivos consultados**

<b>Documento</b>	<b>Empreendimento</b>	<b>Ano</b>
Cartilha feita por agricultores	ESPLAR	1979
Cadernos de pesquisa	ESPLAR	1980
Cadernos de pesquisa	ESPLAR	1982
Cartilha feita pelo ESPLAR para os agricultores	ESPLAR	1985
Capítulo de livro não publicado	ESPLAR	2008
Receitas para prevenção de insetos	ADEC	2009
Receita de biofertilizantes	ADEC	2009
Plano ambiental	ADEC	2010
Plano ambiental	ADEC	2011
Dissertação de Mestrado – Daniela Metello	UFRJ	2007
Dissertação de Mestrado – Josiane de Andrade Pereira	UNIFOR	2009
Dissertação de Mestrado – Silvana Aparecida de Aguiar	UNIFOR	2009
Dissertação de Mestrado – Rolf Ezequiel Simões	UNIFOR	2010

#### **4.7 Análise, interpretação e apresentação dos dados**

A análise e interpretação dos dados foi realizada após a coleta de dados em todas as cooperativas e associações ligadas à Justa Trama, buscando, neste sentido, respeitar o paradigma complexo adotado na presente pesquisa. Onde, o pesquisador, ciente de seu papel e limitações em não conseguir atingir a totalidade ou a verdade absoluta de todos os fenômenos, busca então construir um conhecimento, um entendimento e uma maior aproximação do fenômeno estudado, a fim de compreender melhor algumas facetas da sustentabilidade e seu contexto.

Segundo Latour, parece sem sentido dizer que os pesquisadores têm que seguir os actantes através de suas trilhas, se eles se espalham por todos os lugares e todos os lados. Ainda questionando que actantes devem ser escolhidos? Qual deve ser escolhido para ser seguido e por quanto tempo? E se cada actante for feito de outros actantes em outros lugares e se espalharem como um enxame, então quando devemos parar? Para ele, todas estas perguntas podem ser resolvidas de forma prática, ao seguir os atores através de suas trajetórias, estamos escrevendo relatos, buscando descrever o que estamos seguindo (2007, p. 122).

Ainda para este autor, os relatos textuais são o laboratório científico do social, ou seja, se o social é de certa forma algo que circula, e não um mundo o qual possa ser acessado por algum pesquisador lúcido, então ele pode ser repassado por diversos dispositivos adaptados à tarefa – incluindo textos, relatórios e trajetórias. E, como qualquer

outro instrumento, ele pode ou não falhar, por isso um bom relato baseado na teoria ator-rede é uma narrativa, uma descrição ou uma proposição onde todos os actantes fazem alguma coisa e não somente estão presentes no local (2007, 127). Ainda tem-se que ao invés de simplesmente transpor efeitos sem transformá-los, cada ponto no texto deve ser uma bifurcação, um evento, ou a origem de uma nova translação. Tão logo os atores são tratados não como intermediários, mas como mediadores, eles rendem o movimento do social visível ao leitor, assim, através de vários relatos textuais, o social se torna novamente uma entidade circulante (2007, p. 128).

Latour questiona o fato de que não é necessário utilizar recursos grandiosos para captar grandes questões de formação de grupos, agências, ontologia, etc., pequenos cadernos conseguem ser mantidos durante o procedimento de coleta de dados e são muito mais do que ‘meras descrições’, como pode ser sugerido (2007, p. 135). Para ele, o simples fato de gravar qualquer coisa no papel já é uma imensa transformação que requer muita habilidade, e se ater à descrição é um dos alcances mais altos e raros. Buscando a irredução neste processo, e não a redução.

Para a compreensão do problema de pesquisa definido, alguns princípios orientadores foram definidos, envolvendo esta metodologia diferenciada, que são eles:

- A rede de actantes não é previamente estabelecida, ela é construída pelos actantes que interferem no curso da ação. Assim, a rede é o resultado da análise e não seu fator estruturador;
- A perspectiva da simetria é fundamental na consideração de actantes humanos, não-humanos e híbridos. Inscrições, instrumentos e pessoas devem ser analisadas;
- Os actantes engajam-se em controvérsias que definem o curso da ação deixando seus traços;
- Os actantes são, na verdade, atores-redes, pois não agem sozinhos. Estes actantes são representados por porta-vozes que falam em seu nome. Os actantes organizados e representados por seu porta-voz podem se constituir em tradutores de interesses fortes, formando pontos de passagem obrigatórios, sendo que cada rede pode ter mais de um ponto de passagem obrigatório;
- Os pontos de passagem obrigatórios constituem representantes do discurso hegemônico que circula na rede;
- Os actantes subalternos podem desenvolver e defender outras lógicas que não a dos pontos de passagem obrigatórios de uma rede específica, constituindo outras

redes que se entrecruzam e contribuem para o desenvolvimento da controvérsia. Isso faz com que o objeto de estudo seja múltiplo.

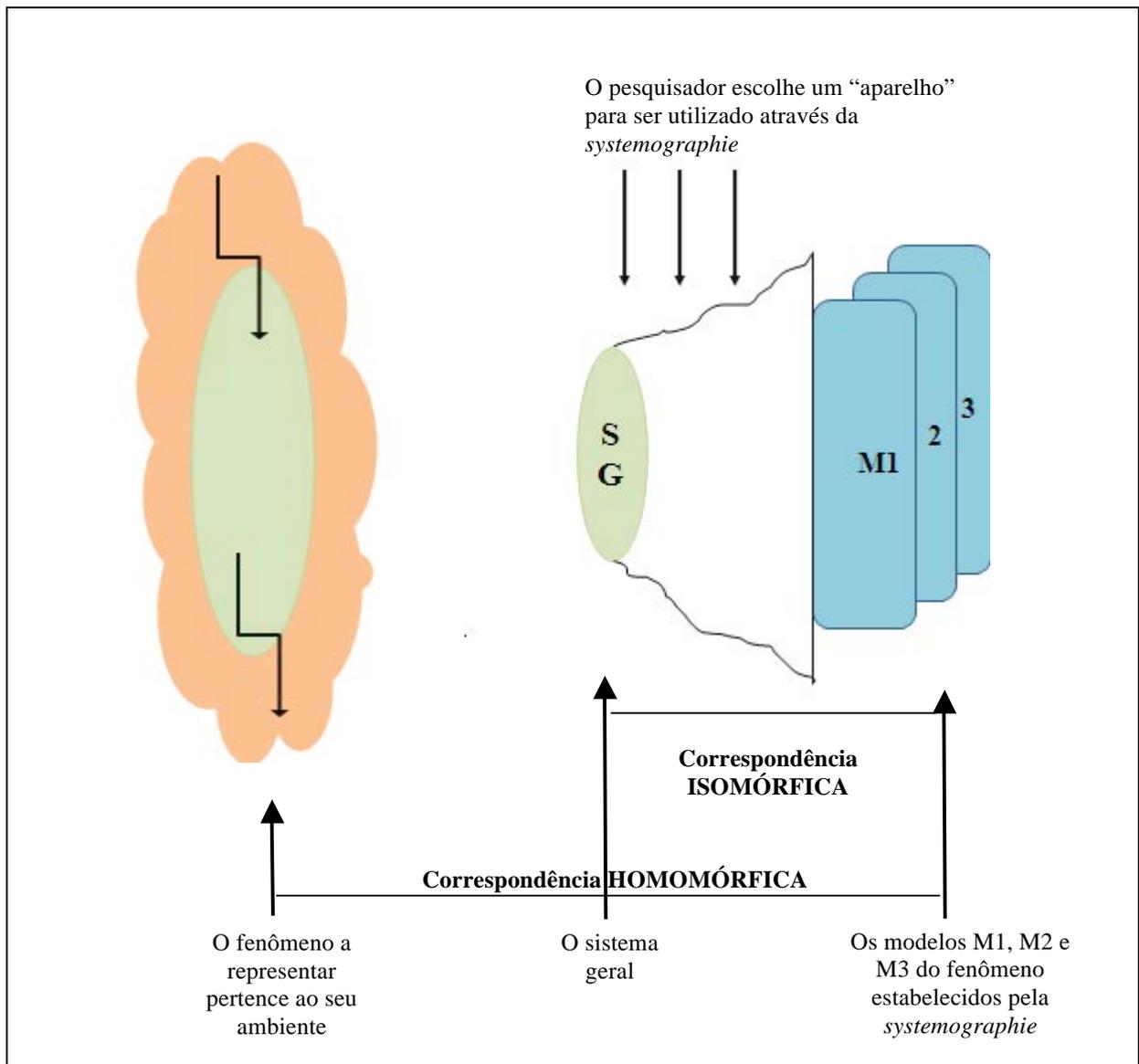
Também é importante ressaltar, exatamente a definição e classificação das quatro dimensões do desenvolvimento sustentável que se buscou identificar em cada uma das entrevistas, sendo descritas no quadro 7, a fim de formar um quadro de referência para facilitar a análise dos dados e suas compreensão.

**Quadro 8: Definição dos autores e conceitos utilizados para cada dimensão do desenvolvimento sustentável selecionada**

<b>Dimensão</b>	<b>Principais Autores</b>	<b>Conceitos trabalhados</b>
<b>Ambiental</b>	Altieri, Sachs, Caporal e Costabeber	Considera-se os seguintes requisitos para uma agricultura sustentável: a) compreensão holística de agroecossistemas; b) baixa dependência de insumos comerciais; c) uso de recursos renováveis localmente acessíveis; d) utilização dos impactos benéficos ou benignos do meio ambiente local; e) aceitação e/ou tolerância das condições locais, antes que a dependência da intensa alteração ou tentativa de controle sobre o meio ambiente; f) manutenção a longo prazo da capacidade produtiva; g) preservação da diversidade biológica e cultural; h) utilização do conhecimento e da cultura da população local; i) produção de mercadorias para o consumo interno e para a exportação.
<b>Econômica</b>	Gaiger, Castanheira e Pereira	Buscar compreender as características da economia solidária em todos os empreendimentos e participantes, tais como: todos que trabalham nos empreendimentos devem possuir posses iguais, com os mesmos direitos de decisão; cada membro do grupo deve ser responsável pela gestão, participando plenamente dos resultados alcançados; não havendo hierarquia, e sim união consciente e solidária entre os trabalhadores; orientação a uma lógica coletiva e também onde cada um deve ser responsável por si e também pelos demais, o que expande o conhecimento mútuo dos associados e a importância de seu inter-relacionamento afetivo.
<b>Social</b>	Benford e Snow	Buscar compreender se os empreendimentos da Justa Trama entre si e entre eles e os movimentos sociais que estão ligados a ela existem elementos da teoria da ação coletiva, que é caracterizada pela formação e desenvolvimento de modelos individuais e depois coletivos gerados pelas situações e relacionamentos vividos com elementos de fora do grupo, considerando variáveis de análise tais como a identificação de problemas, a flexibilidade ou rigidez, inclusividade ou exclusividade nos relacionamentos, a variação no escopo interpretativo e de influência, o grau de ressonância e também processos discursivos e estratégicos destes grupos e seu respectivo relacionamento com a cadeia.
<b>Cultural</b>	Poletta e Jasper, Escobar	Busca-se identificar aqui a relação de cada participante com o próximo e com a sociedade, ambiente e cultura na qual se encontra inserido, tanto dentro dos próprios empreendimentos quanto com relação à rede como um todo. Através da teoria da identidade coletiva, caracterizada como uma cognição individual, moral e emocional conectada com uma comunidade, prática ou instituição mais ampla. Sendo vista como uma percepção de uma relação compartilhada, sendo

		desenvolvida em questões como a emergência de tais identidades coletivas, com as suas dinâmicas de comprometimento e incentivo e também com os efeitos e transformações que vão gerando.
--	--	--

Para complementar e elucidar com maior clareza o posicionamento e forma de entendimento da presente pesquisa, o conceito francês chamado de *systemographie*, esclarece esta posição adotada, sendo conceituado como um instrumento de concepção-construção de modelos de fenômenos ou de projetos percebidos como complexos (LE MOIGNE, 1990, p. 22). Para Pedrozo (1995, p. 26), através da *systemographie* se pode passar da análise à concepção (representação) do fenômeno estudado. De acordo com a figura 7, este conceito, visto como instrumento de representação permite conceber e desenhar uma imagem à semelhança de um objeto ou fenômeno estudado.



**Figura 7: La systemographie**

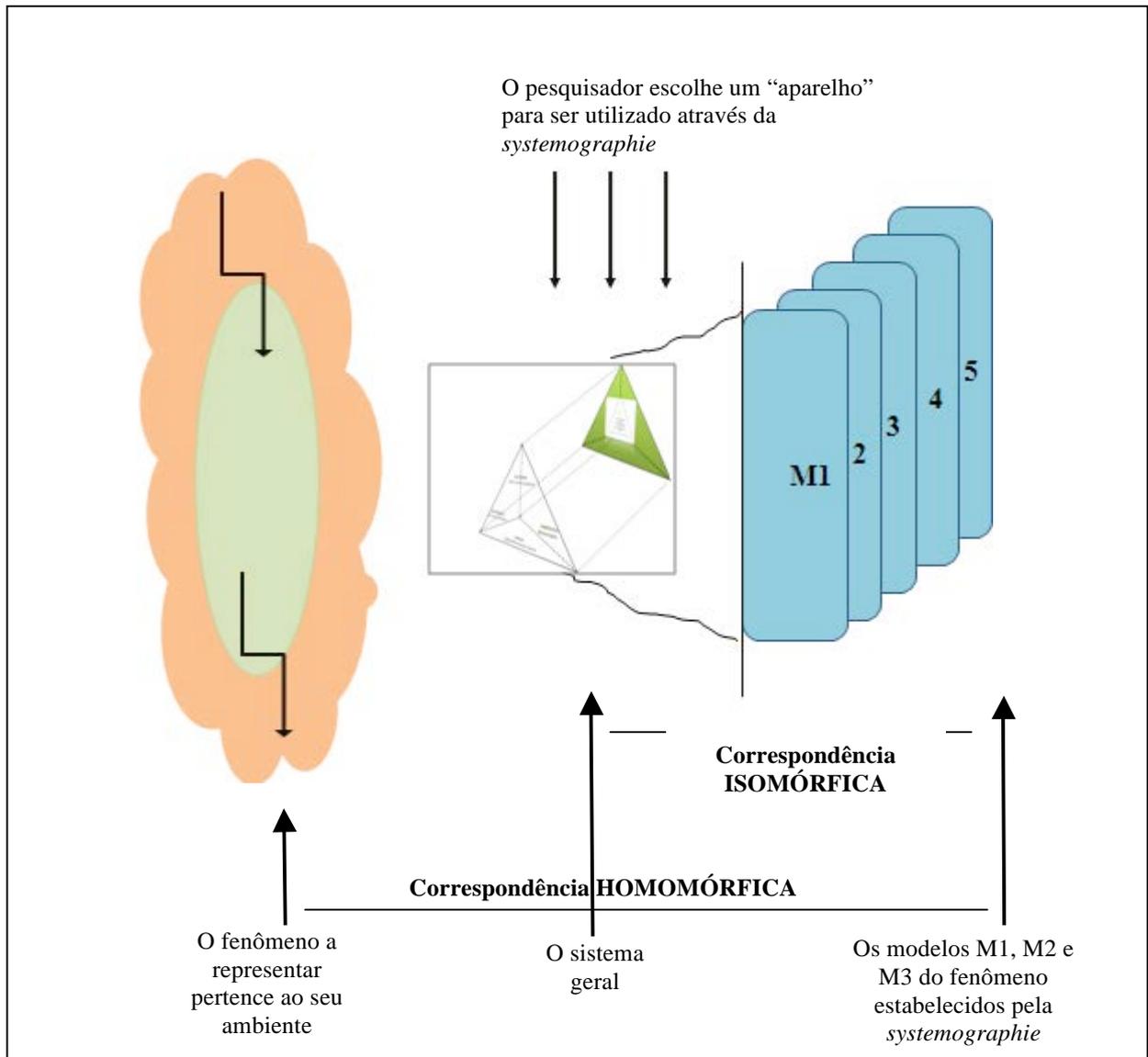
Fonte: Traduzido de Le Moigne (1990, p. 28).

A *systemographie* é dividida em três partes principais: o quadro, o desenvolvimento e a interpretação. Onde o quadro é a construção de M (resultado) por correspondência isomórfica com um sistema geral; o desenvolvimento é a documentação de M por correspondência homomórfica de M com o fenômeno estudado e a interpretação é a simulação das ações possíveis sobre M para antecipar as conseqüências eventuais no fenômeno.

Para uma melhor compreensão, a correspondência isomórfica entre o sistema geral e os modelos significa que para cada elemento do sistema geral corresponde um elemento no

modelo e, pelo contrário, na correspondência homomórfica, terá elementos do fenômeno que não serão representados nos modelos. Em avanço à palavra análise, a *systemographie* se propõe a idéia de concepção, ou seja, não é somente necessário explicar os componentes do objeto para entendê-lo, mas sim é preciso conhecer e compreender o objeto para poder interpretá-lo (LEITE; BORNIA, 2006). A proposta da *systemographie* de captar a complexidade dos fenômenos de forma a conceber os resultados, através da proposição de um sistema geral, o qual, na presente pesquisa, é representado pelo *framework* geral, traz uma maior compreensão do fenômeno e da posição do pesquisador com relação ao objeto pesquisado. Também pode ser considerada esta teoria como uma “lente” através da qual o observador modela a realidade observada (LEITE; BORNIA, 2006).

Na presente pesquisa, o objetivo da representação do pensamento permitida pela *systemographie* é de representar como a construção do *framework* levará as considerações finais sobre uma série de resultados e interpretações da realidade. Conforme ilustrado pela figura 8, a presente pesquisa, através do *framework* geral proposto, tem por objetivo atingir alguns resultados, como representado por M1, 2, 3, 4 e 5, buscando-se compreender as quatro dimensões do desenvolvimento sustentável ocorrendo na cadeia-rede Justa Trama (M1, 2, 3 e 4) e, por fim, compreender (M5), através do imbricamento de três teorias centrais (ator-rede, complexidade e rizomas), através de uma análise complexa e interligada, os relacionamentos que ocorrem na cadeia-rede Justa Trama e que permitem que as quatro dimensões do desenvolvimento sustentável estejam ocorrendo, simultaneamente.



**Figura 8: Representação de *La systemographie* da presente pesquisa**

Fonte: Adaptado de Le Moigne (1990)

Os resultados concebidos na presente pesquisa são então apresentados no capítulo 5, na discussão e apresentação dos resultados.

## **5 INTERPRETAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS**

Neste capítulo são trabalhados os dados coletados na presente pesquisa, através de sua exposição e argumentação, de acordo com os objetivos e as teorias propostas.

Conforme a postura metodológica adotada na presente pesquisa, que tem como característica seguir os actantes através da rede, e para fins de compreender melhor o problema de pesquisa proposto, que é compreender qual é o papel dos relacionamentos em uma cadeia-rede de produção sustentável de algodão agroecológico, considerando-se as diferentes dimensões envolvidas em todo o seu processo, desde o plantio até o consumidor final, os dados são apresentados em seis etapas. A primeira aborda a contextualização da cadeia-rede pesquisada, o panorama global do setor. A segunda etapa é uma densa descrição de toda a cadeia-rede Justa Trama, seguindo o fluxo produtivo, começando pelo plantio, até chegar ao último elo, o que realiza a maior parte da comercialização. A terceira etapa é caracterizada pela dinâmica da rede, quais foram seus caminhos, suas linhas de fuga, seus movimentos de associação e relacionamentos, enfim, como o social foi construído. Ainda em uma quarta etapa são apresentados os principais desafios e oportunidades apontados pelos principais envolvidos com a cadeia, em uma tentativa de mostrar quais serão os próximos caminhos que serão percorridos pela cadeia-rede. A quinta etapa apresenta o novo desenho da cadeia, através de mapas, é ilustrada a configuração atual da Justa Trama. E, por fim, a sexta etapa apresenta a ligação entre todos os elementos de análise e os resultados obtidos.

### **5.1 Contextualização da cadeia-rede pesquisada**

A agroecologia é mais frequentemente trabalhada com relação à produção de alimentos, uma vez que sua necessidade é latente, devido à grande quantidade de agrotóxicos presentes em muitos alimentos e também sua grande industrialização. Porém muito pouco se pensa com relação ao plantio do algodão, sendo este um insumo de grandes volumes de produção, processamento e comercialização em nível mundial, sendo ainda mais potencializado através do setor da moda e de grandes conglomerados produtivos na China, que proporcionam mão-de-obra de baixíssimo custo, podendo-se

até considerar trabalho subumano em muitos casos, para grandes potências líderes do setor de vestuário no mundo.

Porém deve-se considerar o grande impacto da alta utilização de agrotóxicos e produtos químicos diversos nas plantações de algodão, principalmente por não ser um produto comestível, as grandes indústrias possuem um domínio forte sobre a maioria dos agricultores de pequena ou larga escala, causando danos irreparáveis ao meio ambiente e também à saúde dos agricultores e de seus familiares, que passam por sérios problemas devido à grande quantidade de químicos que são expostos diariamente.

Neste contexto, começam a surgir iniciativas de plantação de algodão no sistema agroecológico ou orgânico, sendo o primeiro mais fortemente caracterizado pela agricultura familiar, e o orgânico já apresentando modelos produtivos mais diversos, inclusive empresariais. Existe atualmente uma organização sem fins lucrativos norte-americana chamada *Organic Exchange* (OE), que trabalha com o compromisso de expandir a agricultura de fibra orgânica, com um foco específico no algodão, facilitando a criação de soluções que melhorem a qualidade ambiental, aumente a qualidade de vida dos agricultores, aumente a lucratividade para marcas inovadoras e seus parceiros de negócios e expandam a escolha do consumidor. A OE publica relatórios anuais de suas pesquisas sobre a produção, processamento e o mercado do algodão orgânico no mundo, bem como realiza o trabalho de certificações e rastreabilidade para produtos de algodão orgânico. No relatório de 2009, a tabela abaixo foi apresentada, demonstrando que a venda de artefatos de algodão orgânico atingiu o valor de 4,3 bilhões de dólares, representando um aumento de 35% do estimado de 3,2 bilhões de dólares comercializados em 2008. Notando-se também que as vendas globais de produtos de algodão convencional caíram 7%. O que representa um grande avanço em termos de mudanças de hábitos de consumo da população, de uma forma geral.



**Figura 9: Vendas globais do varejo de produtos de algodão orgânico**

Fonte: Organic Exchange, 2009

Estes dados mostram o volume crescente de procura e venda de artefatos de algodão orgânico, sendo potencializada principalmente a partir de 2007 e 2008. Mostrando oportunidades mundiais de comercialização para a cadeia-rede pesquisada, a Justa Trama.

Ainda segundo este relatório, os estudos mostraram que esta continuação da rápida expansão do mercado foi guiada pelo grande aumento no interesse dos consumidores em produtos verdes, da expansão significativa de programas de algodão orgânico por marcas e varejo e o alcance de programas de facilitação de algodão orgânico por novos entrantes no mercado. Ainda que a maior parte do contexto dessa pesquisa ter sido realizada com grandes produtores já certificados, e com grandes organizações dominantes de grande parte dos mercados mundiais de têxteis, esses resultados não deixam de ser interessantes para visualizar o panorama global e suas dimensões e dinâmica, que está se mostrando muito acelerada.

Outro dado importante para uma contextualização da produção global do algodão orgânico, de acordo com o relatório da OE, a produção do algodão cresceu 20%

em 2008/09, comparado com 2007/08, ou seja, de 145.872 toneladas, para 175,113 toneladas, e foi plantado em 253.000 hectares, em 22 países.

A fim de contextualizar também esta produção no Brasil, tem-se que o país é o 5º maior produtor mundial da fibra, sendo cultivado tanto o herbáceo como o arbóreo e a produção é tanto para mercado interno como para o mercado externo.

No Brasil, desde o período em que o país era colônia de Portugal (1500 a 1822), a cultura do algodoeiro vem sendo explorada comercialmente. No Século XVIII, ainda no período colonial, o Maranhão se destacou como um grande fornecedor de fibras para as fiações inglesas que dominavam o mercado mundial de tecidos. No Maranhão a cultura se estendeu e a produção se organizou no semi-árido do Nordeste, tornando os Estados da Bahia, Ceará, Paraíba, Pernambuco e Rio Grande do Norte grandes produtores (EMBRAPA, 2010).

De acordo com estimativas da Coexis e do Instituto Biodinâmico (IBD), hoje cerca de dez empresas têxteis de pequeno e médio porte estão envolvidas com a cadeia de produção de algodão orgânico no país. Para atender à demanda dessas empresas, existem certificados cerca de 600 hectares de campos de algodão especial, que são trabalhados principalmente por produtores familiares - em muitos casos donos de pequenos lotes de assentados pelo programa governamental de reforma agrária. Outros cerca de 400 hectares estão em fase adiantada de certificação (o processo todo leva 18 meses, em média) e, segundo o IBD, mais 300 hectares deverão entrar no sistema de certificação, ainda este ano.

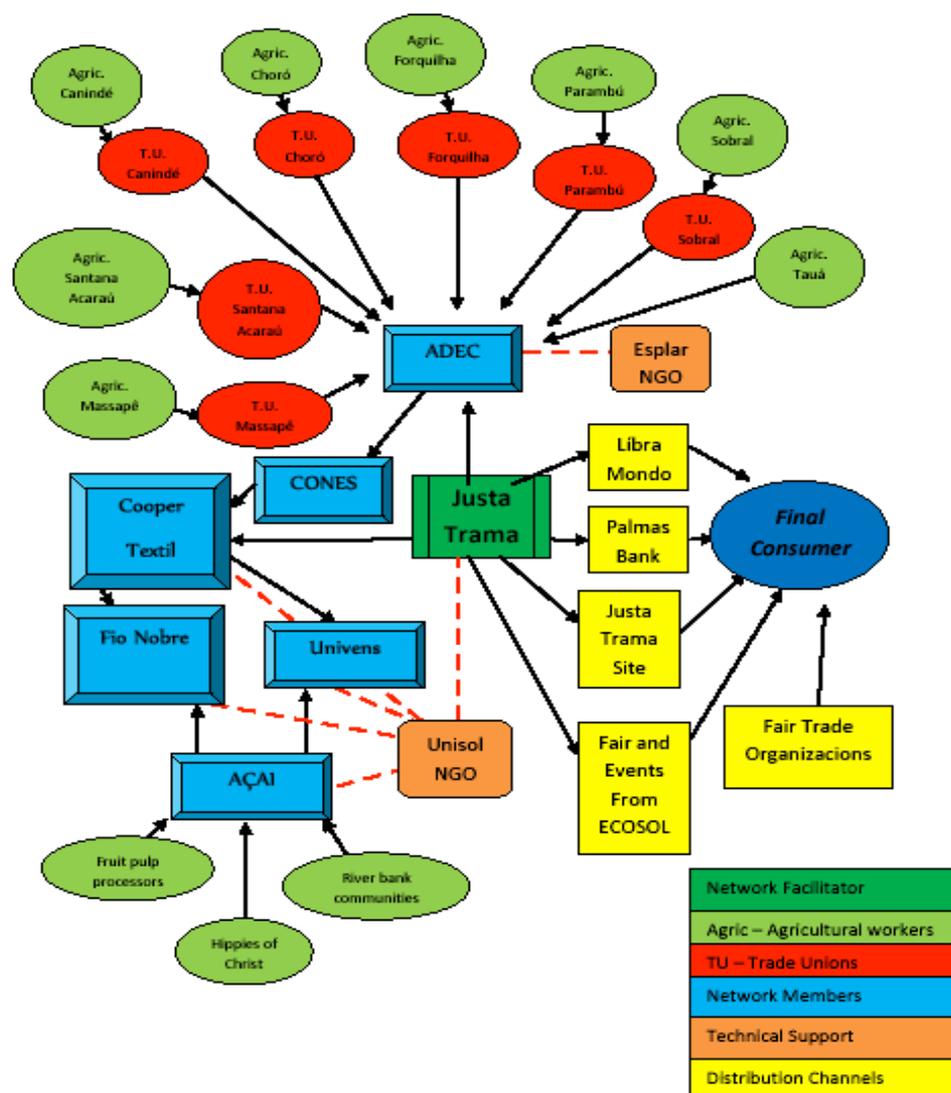
Hoje, os principais estados produtores são Paraná, Paraíba e Ceará. Mas, existem áreas de plantio em São Paulo, Pernambuco, Minas Gerais e Rio Grande do Norte (SÔNEGO, 2010).

A apresentação destes dados é importante para a introdução das configurações da cadeia brasileira do algodão agroecológico, Justa Trama.

## **5.2 Justa Trama**

A cadeia-rede brasileira do algodão agroecológico, chamada Justa Trama, é composta por seis empreendimentos (uma associação, cinco cooperativas e um ateliê de arte) espalhados por seis estados brasileiros, e caracterizados por fortes engajamentos com movimentos sociais e com questões de sustentabilidade.

O início da Justa Trama foi em 2004, quando receberam o pedido de confeccionar mais de 60 mil bolsas para o Fórum Social Mundial, em 2005, em Porto Alegre, RS. Neste primeiro momento, a configuração da rede contava com a Cones (responsável pela fabricação de fios) e a Textilcooper (responsável pela produção do tecido), ambas já desligadas da rede, e também a UNIVENS e a Fio Nobre (PEREIRA e FARIA, 2009). A ADEC juntou-se a rede logo depois, então, através de um financiamento concedido pela Secretaria Nacional da Economia Solidária do Ministério do Trabalho e Emprego (SENAES), foi possível o início das atividades organizadas da rede, tendo seu lançamento oficial em Outubro de 2005, em um evento do Criança Esperança, no Rio de Janeiro (PEREIRA; FARIA, 2009).



**Figura 10: A Cadeia Rede Sustentável Justa Trama**

Fonte: METELLO, 2007.

Este delineamento da cadeia-rede Justa Trama mostra a complexidade de relações, interações, influências, culturas, diversidade de atores e processos, e, por esta configuração, surge a necessidade e intenção de pesquisar como se deu esta construção do coletivo, deste coletivo que liga, une e conecta inúmeras redes e actantes, processos e movimentos que caracterizam e constroem um desenvolvimento sustentável em diversas dimensões. Este desenho da rede foi feito em 2007, nota-se que na presente pesquisa, um novo desenho será apresentado, mostrando a dinamicidade das associações e a fluidez desta configuração, acompanhando os movimentos ocorridos em sua construção. Os próximos itens apresentam todos os elos desta cadeia, bem como os respectivos dados coletados ao longo da presente pesquisa.

#### 5.2.1 O plantio: Associação de desenvolvimento educacional e cultural (ADEC)

Este primeiro elo da cadeia é representado por uma associação de agricultores familiares, que atualmente conta com 80 associados, todos ligados ao plantio do algodão agroecológico, através do apoio da Associação de Desenvolvimento Educacional e Cultural de Tauá (ADEC). A ADEC tem como missão: “Contribuir para a melhoria da qualidade de vida dos seus associados/as, através do desenvolvimento qualificado da produção, processamento e comercialização dos produtos agroecológicos, fundamentado em relações igualitárias de gênero, sócio-economia solidária, conservação dos recursos naturais e promoção da agricultura familiar” (ADEC, 2010). Bem como seus principais objetivos são:

- Promover atividades que visem o fortalecimento da agricultura familiar de base agroecológica, através da colocação de seus produtos no comércio justo e solidário;
- Implementar técnicas de conservação e preservação do solo e da água;
- Incentivar a produção de mudas de espécies nativas, exóticas e frutíferas;
- Fortalecer e revitalizar as Casas de Sementes Comunitárias, na perspectiva da segurança alimentar, através da produção de sementes;
- Providenciar os meios necessários para o armazenamento, beneficiamento e comercialização dos produtos da agricultura familiar;

- Estimular o associativismo, o cooperativismo, a solidariedade e a equidade de gênero entre seus associados e associadas.

A ADEC iniciou sua história em 1986, devido a dificuldades das mulheres nos tempos de seca, conforme comenta o entrevistado AD6:

Tinham tempos de três anos de seca seguidos, tinha muitas mulheres e o governo sempre lançava alguns paliativos, trabalho de emergência pras mulheres, e o trabalho de emergência pras mulheres foi isso, juntar as mulheres do sindicato dos trabalhadores rurais, juntamos um grupo de mulheres e aí fizemos essa reivindicação para o governo apoiar na questão do artesanato. Aí tinha vários grupos, grupos de confecções, de crochê, de tricô, de redes de tecido mesmo e redes de pesca, grupo de couro. Bom, começou com esses grupos, eram mais ou menos 60 mulheres que participavam desse grupo, aí foi fundada a ADEC por conta disso, porque antes disso, essas mulheres começaram a trabalhar no sindicato, e não era um local apropriado, o sindicato deveria apoiar, mas não executar diretamente essas coisas.

Este trabalho durou uns três ou quatro anos, e a sociedade de Tauá vestiu muito estas confecções. Mas, segundo AD6, quando terminou a seca, o governo retirou o apoio, e elas então não conseguiram se virar sozinhas, e, como nem todas têm vocação para a comercialização, somente conseguiram se destacar as que abriram empreendimentos próprios e tinham mais noção de negócio.

Até que em 1993, a ADEC já estava totalmente desestruturada, então, decidiram transformar seu foco de atuação para as atividades do campo, conforme relata AD6:

Então ela se tornou municipal para implantar algumas atividades de intervenção na área do campo, quando em 1991 até 1992 a gente fez um diagnóstico participativo do próprio município no sindicato para identificar as potencialidades e dificuldades, já tinha sinais de desertificação no município, aí identificando todas essas necessidades, a gente retomou a ADEC para fazer algumas intervenções diante dos desafios encontrados no diagnóstico.

Já nesta época, o ESPLAR começou a trabalhar com a ADEC, ajudando na construção desse diagnóstico e também na implantação do projeto inicial da ADEC, que começou com a implantação de unidades de caprinos, casas de sementes, cisternas, foi quando começaram a ser usadas, e hoje já é uma política pública, e o plantio do algodão começou somente em 1996 e 1997.

Através destes caminhos e descaminhos que pode-se compreender o princípio da ruptura a-significante, da teoria de rizomas, pois, uma vez que a ADEC funcionava em apoio às mulheres em épocas de seca, muitas delas, com a transformação do foco para a agricultura, continuaram a participar, mas de outra forma, envolvidas na lavoura, em treinamentos e novas atividades que elas estavam novamente envolvidas.

Destaca-se também a participação de um mediador, conforme a teoria ator-rede muito importante em todo o processo, principalmente pelas falas de todos os entrevistados, que foi o Pedro Jorge do Centro de Pesquisa e Assessoria, o ESPLAR. Por seu intermédio, foram implantadas nos municípios de Tauá e Parambú algumas pequenas áreas de pesquisa de meio hectare, para observação do comportamento do bicudo (principal praga que destruía plantações de algodão). Depois de uns dois ou três anos, eles conseguiram produção, mesmo apesar do bicudo, conseguindo então sementes precoces do algodão, e começaram a tentar comercializar, mas com grandes dificuldades no início, porque ainda não havia mercado.

No início então eles conseguiram vender pouca coisa para uma empresa em São Paulo e outra em Fortaleza, que fabricou camisetas para a organização não-governamental Greenpeace. Mas as indústrias têxteis não valorizaram o trabalho, devido à pequena quantidade de pluma que estava sendo produzida e também pela falta de consciência, “não se tinha o compromisso de tá se construindo uma coisa nova”, AD6:

Então, para que se construísse o que tá hoje, foi necessário todas essas andanças do Pedro Jorge nas feiras nacionais e nos fóruns, foi se encontrando com essa turma, tanto se encontrou com a Veja, essa empresa francesa que hoje compra a maior parte do algodão tanto com a Justa Trama, e aí quando a gente conheceu as meninas da Justa Trama, já havíamos conversado com a Veja e a Alterec (outra empresa francesa, mas que não chegou a comercializar).

Com relação à **dimensão ambiental**, as percepções captadas pelo pesquisador foram de que este é o elo mais focado e imerso nestes princípios, devido ao fato de ser prática diária destes associados a conversão ambiental e os princípios técnicos da agroecologia.

A questão de trabalhar a ecologia, hoje, de fato, a gente acha porque é que trabalhamos contra produtos químicos, que faz mal, e nós trabalhamos nessa cadeia e por isso que quem acredita que esse veneno traz tanta doença se unem, vários já morreram intoxicados, o câncer é provado que é causado por venenos. As famílias são mais sadias, por isso que trabalhamos e queremos o bem de todos (AD2).

Conforme consta no anexo 4, na proposta de implantação dos consórcios agroecológicos, já formulada para 2011, a ADEC prevê medidas de conservação de solos, técnicas específicas para o plantio do algodão, o manejo adequado de insetos e pragas, sem utilizar nada que degrade o meio ambiente ou a saúde dos agricultores, e os principais critérios, que contemplam a não utilização de agrotóxicos, de queimadas, de sementes com tratamentos químicos, ou máquinas, como também são dispostos os

compromissos de cada uma das partes nesta parceria, tanto da ADEC em cadastrar e auxiliar os agricultores, como dos agricultores, em aplicar as técnicas, repassar estes conhecimentos e permanecer no consórcio para garantir a venda (pois somente após dois anos é que eles conseguem vender com a certificação).

E, no anexo 5, também ficam evidentes diversos critérios ambientais, conforme expresso no plano de manejo ambiental da ADEC do ano de 2010, distribuído aos agricultores. Elementos como baixa dependência de insumos comerciais, uso de recursos renováveis localmente acessíveis, utilização dos impactos benéficos ou benignos do meio ambiente local, aceitação e/ou tolerância das condições locais, antes que a dependência da intensa alteração ou tentativa de controle sobre o meio ambiente, manutenção a longo prazo da capacidade produtiva, preservação da diversidade biológica e cultural, utilização do conhecimento e da cultura da população local, produção de mercadorias para o consumo interno e para a exportação.

Nossa luta é pelas questões de desertificação da natureza, causando grandes desequilíbrios, até os governos estão trabalhando nessa área, mas ainda não disseram que é proibido usar veneno. Por isso que muitos agricultores não querem aderir, querem fazer como sempre fizeram, destruindo (AD1).

Estes documentos são actantes não-humanos que fazem diferença no processo, pois são as “cartilhas” de todos os agricultores, assim que são transmitidas as principais regras e normas para o plantio, manejo e colheita do algodão. Estas regras escritas são importantes para o comprometimento que é sempre exigido entre ADEC e agricultores.

Segundo esses critérios, ficam visíveis vários requisitos para uma agricultura sustentável, propostos por Caporal e Costabeber (2004), tais como a compreensão holística dos agroecossistemas, a baixa dependência de insumos comerciais, o uso de recursos renováveis localmente acessíveis, a utilização dos impactos benéficos ou benignos do ambiente local, manutenção a longo prazo da capacidade produtiva e a preservação da diversidade biológica e cultural.

Com relação ao requisito que trabalha a aceitação e/ou tolerância das condições locais, antes que a dependência da intensa alteração ou tentativa de controle sobre o meio ambiente, AD5, filha e neta de agricultores, de 16 anos, observa:

Ai eu adoro trabalhar com a terra, andar no meio, nas roças, eu tinha que ser do mato mesmo, porque eu adoro esse lugar. Assim, eu acho esse lugar espetacular. Porque tem gente que não gosta, porque é pobre, é seco, mas eu não consigo vê, eu vejo pelo outro lado sabe, que aqui é uma mata única no mundo, a caatinga, que tem animais que só existem aqui, e é isso, eu so apaixonada pelo semi-árido, pela caatinga. Aí eu só acho que faltam políticas que ajudem as famílias a aprender a conviver com a seca, porque a seca

existe realmente, não tem é como se combate, é um fenômeno natural, a gente tem é que se adaptá com isso, e as pessoas estão alienadas talvez né, não conseguem aprender técnicas e acabam destruindo a natureza, por isso desse aquecimento global né, toda a destruição, que não se adapta ao ambiente, é como se a natureza tivesse que se adapta ao seu jeito.

Com relação à utilização do conhecimento e da cultura da população local, observa AD5, que estuda em uma escola no município de Independência, vizinho ao município de Parambú, onde fica a propriedade rural de sua família. Esta escola tem uma metodologia de trabalho diferenciada, e favorece este apoio e envolvimento da cultura local e seus atores:

Então, é uma escola diferente, porque a educação é contextualizada, os conteúdos são voltados mais pelo que a gente vivencia durante a nossa sessão familiar, a gente estuda o nosso contexto. Então passo 15 dias lá na escola, aí as matérias, existem as mesmas matérias das outras escolas né, geografia, matemática, etc. e tem a zootecnia, tem agroindústria familiar, tem agricultura, tem oficinas, sempre tem oficinas, de doce, de artesanato, todo o final de semana que a gente tá lá tem uma oficina diferente que é pra gente vê né, aprendê outras coisas, são oficinas que a gente pode tá desenvolvendo aqui no nosso dia-a-dia, aprendendo coisas novas sobre alimentação, alimentos alternativos que a gente pode aproveitar a casca de alguma fruta pra fazer outras receitas. E também outras coisas, também a partir do barro a gente faz oficinas, então a gente tá sempre estudando coisas realmente da nossa terra, porque nas outras escolas é como a gente estudar o que é a cultura de outros estados, a cultura de outros países e acaba esquecendo o que a gente vivencia aqui, e além do mais lá a gente sempre tem uma pesquisa que a gente traz pra casa, aí a partir dessa pesquisa que a gente vai estudá, por exemplo, tem uma pesquisa que fale sobre a nossa cultura, então as nossas aulas serão a partir da cultura, todas as aulas serão contextualizadas a partir da pesquisa. Tem oficina de vídeo também digital, tem aula de informática.

Esta agricultora participa de uma iniciativa da ADEC e do ESPLAR de capacitar multiplicadores do campo, ou seja, em cada comunidade, pelo menos uma pessoa fica responsável por fazer o acompanhamento técnico de toda a comunidade, e eles são treinados e recebem diárias para isso, com a finalidade de diminuir a frequência das viagens dos técnicos da ADEC (que são só 2) a todas as propriedades. Estes jovens multiplicadores são uma espécie de mediadores, pois são capacitados para produzir transformações em sua comunidade, eles tem todo o conhecimento que os técnicos da ADEC e do ESPLAR têm, e vão auxiliando todas as propriedades de sua comunidade, realizando visitas frequentes.

E sobre a produção de mercadorias para o consumo interno e para a exportação, AD1 observa:

Tem uma demanda muito grande do algodão agroecológico lá fora, e a idéia é que se tenham mais adeptos. Por isso estamos organizando um seminário, onde vai ter palestras até da Embrapa, mas também de agricultores que já

trabalham com isso, pra incentivar que tenham novas famílias querendo se cadastrar e mudar sua produção.

E, ainda conforme esta idéia, AD1 explica que tudo que é plantado nos consórcios serve para alimentação familiar, mas eles conseguem produzir muito mais que só para seu consumo próprio, então estão com novos projetos de ajudar na comercialização deste excedente de alimentos.

Trabalhamos em consórcios, e o IBD precisa de dois anos no mínimo para certificar estes consórcios, porque você planta mais diversidade, sabe que algodão é o carro chefe da renda da família, e o resto é para alimentação própria, que sabe que é natural e não traz doença (AD1).

Já com relação à **dimensão econômica**, o que marca as características de economia solidária, neste primeiro elo da cadeia, é o processo de remuneração mais justo de todos os agricultores, através do sistema de comércio justo e a valorização do trabalho em associação. Conforme acusa o seguinte depoimento:

Mas que ajudou até no processo da gente se reunir com os agricultores e com a direção para a gente discutir o custo que sairia 1kg. de algodão entre os agricultores. Na época a gente já vendia o algodão a R\$ 18,50 a arroba de 15kg. do algodão, depois com esse preço a gente viu que tava baixo ainda, mas aí a gente discutiu com as empresas, com os diretores, agricultores e chegamos a um preço de R\$ 24,90 a arroba. Hoje é um R\$ 1,66, hoje já fecha a R\$ 25,00. Enquanto que o algodão convencional aqui em Tauá eles compram de R\$ 12,00 no máximo R\$ 13,00 a arroba de 15kg.

Bom, então daqui pra lá a gente vem nessa teimosia, a ADEC tem dificuldade de conseguir adeptos para o algodão porque se trabalhar de qualquer jeito, convencional, a turma já tem essa cultura, e se você dissesse bom, você pode plantar de qualquer jeito, a turma viria. Mas daí se você diz que tem que ser associado da entidade, cumprir os critérios que a gente estabelece, pensar na qualidade, não usar nenhum produto químico nem nada, aí aqueles que são acostumados a lançar de qualquer jeito as coisas brecam um pouco sabe, ficam assim pensando, aí porque a gente sabe que existe a cada ano a dificuldade de adquirir mais adeptos, sai, entra, entra, sai, é sempre assim. É uma dificuldade até pra o trabalho de certificação, porque se você só vai tá certificado em dois anos, no outro ano lá que ele vai poder até exportar o produto dele, aí ele já não tá mais né (AD1).

A discussão do preço justo do produto e trabalho dos agricultores foi, sem dúvida, um grande marco para este processo de mudança da situação de cada um deles, para assim adquirir esta maior valorização do trabalho junto aos seus compradores. Mas a questão da mudança de mentalidade dos agricultores, ainda precisa ser trabalhada. Pois é natural que os agricultores, quando não conseguem enxergar outros benefícios além dos econômicos e financeiros, eles buscarem sempre o que mais dá lucro. Seja através da agricultura convencional, seja na relutância em aceitar somente um preço mais justo, quando anteriormente existiam subsídios. Mas a partir do momento em que a

ADEC, juntamente com o ESPLAR estão empenhados na realização de cada vez mais seminários e treinamentos sobre os princípios agroecológicos e este sistema de trabalho em associação, em rede, eles começaram a conhecer e entender estas vantagens. Mas isto precisa ser trabalhado da melhor forma possível, sempre buscando valorizar e preservar a sua cultura e suas tradições.

Esta mentalidade dos agricultores pode ser vista como uma caixa-preta, pois são processos que sempre ocorreram, estão agindo sempre assim, de geração em geração, buscando sempre o maior lucro, da forma menos 'trabalhosa' possível. Porém, cabe aos técnicos da ADEC e do ESPLAR abrir esta caixa-preta, realizar extensos trabalhos de conscientização, buscando mudar a mentalidade dos agricultores, para que eles possam compreender os outros benefícios que eles estão conquistando, bem como os benefícios para o meio ambiente e toda sua comunidade.

Ainda na dimensão econômica, é importante ressaltar que existem dois tipos de certificações sendo realizadas com relação ao trabalho e produtos dos agricultores, uma delas é da organização Instituto Biodinâmico (IBD), que certifica o algodão como orgânico, e a outra organização é a FLO-CERT GmbH, uma certificadora alemã que trabalha com o selo de comércio justo. Ambas as certificações são pagas e sistematizadas pela empresa Veja, que compra 60% do algodão produzido por esses agricultores. A Veja é uma empresa francesa que trabalha com a ADEC desde 2004, ainda antes de eles conhecerem a Justa Trama, e esta empresa faz contratos de três em três anos com a ADEC, garantindo a compra de pelo menos 60% da produção anual dos agricultores. A Veja fabrica tênis e mochilas com este algodão no Brasil e os exporta diretamente para a França. Por isto também a grande importância das certificações. Conforme explica AD1, o processo funciona da seguinte maneira:

O orgânico do IBD é todo o algodão, e o da FLO é só dos sócios da ADEC. Existe um processo de três anos, o primeiro ano é conversão, depois ele atinge o orgânico brasileiro e depois o orgânico para a Europa. Às vezes quando eles não fazem o processo certo, usam algum químico no caminho, eles são rebaixados novamente para conversão. E o que o François (*executivo da Veja*) tá propondo é pagar o diferencial, entendeu, se o agricultor perdeu por alguma razão o selo, ele vai ser pago menos que o outro né, porque o outro trabalha, faz tudo direitinho e ganha a mesma coisa que o fez coisa errada, não dá né. Esse ano a Veja achou melhor que a ADEC pagasse a certificação toda e eles vão repassando o dinheiro né, aí foi feito um acordo assim, conforme a quantidade de produção que eles comprem, eles pagam R\$ 1,50 a mais para o quilo comprado, então quanto mais a ADEC produzisse pra eles, melhor seria porque teria mais dinheiro para pagar a certificação. Mas como esse ano a produção foi baixa, esse valor ainda vai ser muito pouco, menos do que temos que pagar para o IBD. Mas isso aí pode mudar

ainda, pode ser que ano que vem venha mais produção e a gente consiga dar a volta.

Com relação à Justa Trama, eles estão recebendo também este algodão certificado, mas não estão pagando por ele, segundo AD1, na última reunião da Justa Trama:

A Veja paga o IBD, mas também tem um prêmio que ajuda a pagar. Porque a Veja é a grande interessada nesse negócio, porque eles vendem para o mercado orgânico europeu, então eles têm um selo orgânico e também um selo do comércio justo, da FLO, que eles vendem com mais segurança lá pra Europa. Para a certificação FLO, ela dá um prêmio de uma certa quantidade de algodão comercializado para a ADEC né, e a ADEC definiu que esse prêmio que a Veja ia passar pra ADEC seria pra pagar parte dessa certificação do IBD. Então a Veja passa o dinheiro pra ADEC para pagar a certificação e foi feito um acordo com esse dinheiro do prêmio pra pagar a certificação, mas segundo a Veja isso não é suficiente, quando eles pagavam o IBD direto eles contrataram um agrônomo técnico para fazer esse trabalho de certificação em todos os municípios, porque senão fica muito caro se o IBD fizer tudo. Então a Veja faz uma parte, a ADEC faz outra parte e o ESPLAR faz outra parte, daí a Val (*técnica contratada pela Veja*) vem, faz um *check list* dos agricultores e depois só vem os inspetores visitar e avaliar, fazer relatórios, e liberar o selo, que se renova todo ano.

Por este depoimento, percebemos o quanto é trabalhoso e custoso para uma pequena associação de agricultores familiares lidarem com o processo de certificação orgânica. Mas, por ser esta uma medida de segurança não só para o mercado, mas para todos os envolvidos no processo, para garantir o cumprimento de todas as normas e cuidados com o meio ambiente, bem como também o seu preço de venda. A empresa Veja necessita destes selos, principalmente pois comercializa seus produtos no mercado europeu, e este por sua vez é exigente com relação à certificações e garantias.

Já a Justa Trama não precisa ainda destas certificações, e também não dispõe ainda de recursos suficientes para ajudar a pagar este processo. Porém, de fato ela está adquirindo o algodão certificado, e esta questão gera um certo desconforto para os participantes da cadeia, conforme os depoimentos:

Com relação à Justa Trama, isso já deu uma polêmica danada, porque pra ela não precisa ter certificação, não tem nada que seja só orgânico. Ai tem essa polemica ai grande né, porque eles não precisam pagar a certificação, só que todos que a gente trabalha são certificados, então se elas (*Justa Trama*) não paga, nós paga. E elas estão comprando um produto certificado, daqui né. Elas (*Justa Trama*) compram também de outros lugares, do Paraná uma vez também. Da ultima vez elas só compraram 2T. porque parece que elas tinham comprado bastante algodão do Paraná. Por isso que a Veja briga né, porque o que sobrar do contrato ela compra né. Tanto a Veja quanto a Justa Trama pagam esse preço de R\$ 25,00 a arroba de 15kg. de algodão, que foi definido até no GAM (Grupo Agroecologia e Mercado). Porque tanto a Veja

quanto a Justa Trama elas estão sempre assim em contato com quem eles compram né, a Justa Trama já visitou aqui, os agricultores já, a Nelsa e a Idalina já foram neles. E a Veja também já foi nas roças, mas elas também conheceram o processo todo. Então como eles já tão nessa lógica de trabalho sustentável e solidário, que é outra lógica né, então eles respeitam que o agricultor discuta qual que seria o preço mais justo. Então o acordado entre os agricultores e a Veja e a Justa Trama é que todos pagariam esse preço justo, e também na verdade parece que todos os agricultores querem tá aí por causa do preço, mas não, não é só por causa do preço não (AD1).

Essa é uma das inúmeras dificuldades de construir um empreendimento que funcione baseado em outros valores que a lógica tradicional. Pois as certificações são, de certa forma, um mecanismo de mercado, para aumentar a confiança dos consumidores nos produtos que estão consumindo. A Justa Trama afirma não precisar deste mecanismo, pois sua história e seu relacionamento com os clientes já garante esta confiabilidade, porém, elas precisariam ajudar a pagar este mecanismo, já que estão se utilizando dele de qualquer forma.

E com relação a esta proposta de trabalho diferenciado, através da consideração de valores e dimensões mais amplas, AD2 comenta:

A diferença é que a Nelsa já teve aqui em seminário e tudo e o François vem sempre aqui, e alguma vez que ele vem, às vezes ele faz reunião com a direção e com outros agricultores. A diferença que a gente acha é porque aqui o empresário compra o produto e fica lá no gabinete dele, faz o preço dele e compra e tudo. Ele não vai lá no agricultor pra ver o que ele faz e o que ele não faz. E aqui a gente tem essa preocupação e as empresas também tem, as empresas também pagam os difusores pra ver isso quando os técnicos não tão e a direção não tá, são pessoas que vão visitar os agricultores, que entendem mais, que se engajam nesse projeto e tem paixão por isso, eles vão fazer acompanhamento lá. As vezes a gente acha importante né, olha, o comprador tá discutindo com nós, a produção, a qualidade, a especificação, isso é importante porque os outros não fazem isso, né. O François ele já trouxe até uma equipe que representa a Veja em outros países, eles já trouxe representantes que fazem venda em 200 países, ele trouxe eles aqui pra conversar com a gente, mesmo que a gente não se entenda direito, algum faz uma fala e repassa pra gente tudo né, ele trouxe aqui pra conhecer e tal, daqui que sai o algodão, a gente trabalha naquele sistema. E aqui tá os agricultores, a matéria-prima, a cadeia onde produz, e pra nós a gente entendeu melhor como o resto do produto é feito lá em São Paulo. Não ser só uma história né, trazer também pra conhecer qual o trabalho do agricultor pra produzir e botar aqui dentro o algodão. Às vezes a gente pensa assim, vou deixa, mas daí dizem pra gente, não faz isso, que tu tá sendo conhecido no mundo inteiro. Daí às vezes vem esse pessoal aqui e dá força pra gente, valorizando nosso trabalho. Isso é uma questão de valorizar o agricultor.

Através deste depoimento, percebe-se a importância dos relacionamentos, que, independentemente de terem surgido através de uma relação 'comercial', eles vão muito além. Diversos elementos são considerados nestas negociações, e, quando existe este

outro olhar de valorização dos agricultores, existe uma mudança de comportamento geral, uma mudança na forma que eles passam a ver as coisas. Ainda sobre estas mudanças nos relacionamentos:

Pra você vê essa questão do capitalismo, tanto a Veja quanto a Justa Trama o combinado é que eles paguem a metade antes da produção e depois quando o produto tá pronto vem o restante, quando recebem a pluma. Mas para o agricultor ele quer receber tudo na hora, e a ADEC tem que se vira pra conseguir que esse recurso vá conseguir pagar, por exemplo assim quando tem muita produção e a ADEC tem que ficar agoniada para comprar o produto, mas a própria Justa Trama já adiantou 100% e a Veja também adiantou uma parte bem maior. Embora esteja no contrato que é só a metade, como a gente tá trabalhando nessa lógica de comércio justo e solidário, hora dessas eles adiantam todo o dinheiro e a ADEC paga os agricultores e não passa nenhum perrengue, então tem essa garantia de que o produto tem o comércio garantido, esse ano não teve foi produção né, tem demanda demais pra comprar e não tem produção (AD1).

Os princípios da economia solidária relacionados ao respeito e conhecimento mútuo dos associados e a importância de seu inter-relacionamento afetivo são claramente descritos nesta fala, que denota as diferenças que podem existir nas relações comerciais, que, num sistema capitalista puro, tentariam extrair o menor preço possível dos produtores, sem nunca ter qualquer contato com eles, sempre ocorrendo através de uma série de intermediários. Neste caso, a busca pela maior proximidade e valorização do trabalho e dos produtos ofertados pelos agricultores são predominantes, tanto que tornaram-se condição mínima para que os agricultores realmente fechem contratos comerciais.

Ainda com relação aos benefícios do associativismo solidário, a ADEC já foi beneficiada com vários projetos, entre eles, AD6 cita:

Com a participação na cadeia, muitos projetos, verbas e capacitação foram acontecendo:

- Construção de três novos galpões;
- Novas máquinas para descarregar e prensar o algodão (mais potentes e eletrônicas);
- Silos para armazenamento de alimentos;
- Moto, computador, impressora;

Conseguiram:

- R\$ 60.000,00 da Fundação Banco do Brasil
- R\$ 28.000,00 da Prefeitura Municipal

A **dimensão social** é bem reconhecida aqui através do trabalho da ADEC ter sido acompanhado e impulsionado desde o seu início pelo Centro de Pesquisa e Assessoria, o ESPLAR. E também tiveram sempre apoio e relacionamento com a Central de cooperativas e empreendimentos solidários do Brasil, a UNISOL.

Sobre o relacionamento com o ESPLAR, AD2 explica:

Nasceu do sindicato a parceria da ADEC com o ESPLAR, mas todos os planos de trabalho de comércio justo incentivaram, pois é uma grande entidade de pesquisa, com a ADEC que o ESPLAR conseguiu muitos projetos, por isso que até hoje eles são nossos grandes parceiros. Fazemos lá as reuniões do GAM (Grupo de agroecologia e mercado).

Já o entrevistado AD6 relata:

O ESPLAR, por intermédio do Pedro Jorge, que tem sempre dito que ele é um ícone aqui do nosso trabalho com o algodão e ele tem pesquisado fora, tem ido lá fora e tem trazido muitas experiências e ele tem sempre muita vontade.

Sobre este relacionamento, percebe-se a grande parceria que estes dois órgãos tiveram ao longo do tempo, quando existe esta interação, os benefícios se ampliam para ambos, conforme cita AD1:

Queremos sempre nos articular como uma forma de crescer o trabalho. As relações melhorando, a produção melhora, através das parcerias com vários empreendimentos e associações, mas às vezes temos, por exemplo, o seu reconhecimento aqui, e a prefeitura da nossa cidade mesmo não reconhece como deveria.

Sobre o relacionamento da ADEC com a cadeia da Justa Trama, AD2, tesoureiro, comenta:

A Justa Trama se considera um pequeno empreendimento, são empresários, é um pessoal que está iniciando um trabalho pra que veja que dê certo, então tão vendo que é uma coisa fundamental, ela tá crescendo agora, com essa filiação que ela tem agora das cooperativas, que hoje ela é uma central, tava só aquelas cooperativas pequenas, tem em Santa Catarina, que é uma mulher que é barra pesada nesse conceito do trabalho, ela e a Nelsa, que é a Idalina, que a gente até se impressiona como as mulheres são fortes desse jeito, pra elas não tem hora pra nada, toda hora tão dispostas pra fazer qualquer coisa, se você disser pra elas irem para o fim do mundo elas vão. Elas são as duas representações mais fortes que tem da Justa Trama.

A admiração e respeito observada nesse depoimentos são traços da solidariedade e dos valores que preza toda a rede, são formas totalmente diferentes de se conceber um relacionamento, que na lógica tradicional seria somente comercial. E sobre o que AD2 pensa sobre a cadeia-rede Justa Trama, ele afirma:

Principalmente acredito no trabalho da Justa Trama porque ela participa da nossa cadeia, somos a raiz, os outros são galhos, nós somos o espelho de tudo isso, como a Justa Trama tem essa idéia de trabalhar com meio ambiente é importante e tem crescido muito, até internacionalmente, quando pensa que não, aparece um estrangeiro aqui, pra conhecer. A Veja é a principal compradora, mas não vende aqui e então na Justa Trama tem a valorização do

país, e da ADEC, que é o ponto X desta cadeia, valorizando o nosso trabalho também (AD2).

Já AD4, adolescente multiplicadora e produtora, explica sua relação com os empreendimentos:

O meu contato é com o pessoal da ADEC que eles sempre nos falam quem são o pessoal lá da Justa Trama, da Veja, aí a gente vê o material deles, os tênis feitos pela Veja, as roupas feitas pela Justa Trama, e também a gente conhece como é que funciona essa cadeia, a gente produz aqui e depois tem outras pessoas que vão dando continuidade ao trabalho, até o produto sai pronto né, que é uma cadeia bem grande, e a gente conheceu através deles melhor os produtos que são feitos, valoriza né, o produto do agricultor, eles sabem da importância de ter produtos que sejam agroecológicos (AD4).

A teoria da ação coletiva, conforme afirmam Benford e Snow, preconiza o entendimento da formação e desenvolvimento de modelos individuais e depois coletivos, gerados pelas situações e relacionamentos vividos com elementos de fora do grupo. Este conceito é expresso na fala dos entrevistados tanto técnicos da ADEC, como dos agricultores, quando eles demonstram o crescimento e desenvolvimento que eles estão constantemente vivendo, a partir dos relacionamentos, primeiro, da ADEC contaram com o apoio e conhecimento proporcionado pelo Centro de Pesquisa e Assessoria, o ESPLAR, levando a novas formas de produzirem, trabalharem e se organizarem, bem como também trazendo benefícios no que diz respeito aos financiamentos e investimentos externos, intermediados pelo ESPLAR. E, também quando inseriram-se em uma cadeia articulada, voltada para a economia solidária e com objetivos muito além dos econômicos, como a valorização ambiental e social, do seu trabalho e da sua importância como elo fundamental para o funcionamento de um projeto mais amplo.

Buscando identificar elementos presentes nesta teoria, as variáveis de flexibilidade e inclusividade são vistas neste relacionamento entre ADEC, ESPLAR e demais empreendimentos da cadeia-rede. A flexibilidade é característica marcante, pois desde o início deste relacionamento, a ADEC enfrentou diversos momentos, alguns de muita dificuldade, e alguns de melhoria, e, ao longo deste tempo, o ESPLAR soube conduzir a situação de forma a apoiar e participar de forma mais ativa quando a ADEC passava por momentos difíceis e também posicionando-se de forma a garantir maior autonomia à ADEC quando ela já estava em condições de fazê-lo.

Com relação à inclusividade nos relacionamentos, eles sempre foram abertos, sempre propiciando grande transparência, diálogo e confiança, buscando sempre a inclusividade de novos adeptos, buscando disseminar suas práticas.

Sem dúvida, o órgão ESPLAR, e sua representação (porta-voz) Pedro Jorge, são mediadores fundamentais em todo o processo de construção do plantio de algodão agroecológico, bem como da construção da cadeia-rede Justa Trama.

E, por fim, para ilustrar a **dimensão cultural**, apresenta-se o relato da jovem produtora, AD4 :

Nossa cultura é de ter o gado, as vacas, trabalhar a família toda no roçado. É de trabalhar na roça, todo mundo junto, em família, ajudando, quando que chega o inverno então todo mundo vai pra roça, até as crianças, porque isso é uma coisa boa também, porque eles vão se animando pra continuar sempre trabalhando. Tem as pessoas que ficam em casa, cuidando da alimentação, daí vem trabalhadores de fora pra trabalhar junto, daí se juntam muita gente, 20 pessoas no trabalho, e acaba sendo divertido, é uma coisa cultural mesmo, de se juntar, nas chamada adjum, adjum.

É na época da plantação, da limpeza das roças, depois tem a colheita. Aí na época que tem milho verde tem a pamonha, a canjica, tem bolo de milho, cus cuz, tudo, na época de maior fartura, quando é em junho né, tem as festas, as quadrilhas, tem as festas juninas, tem as fogueiras pros santos, e nessa época também tem milho assado, tem o girimum assado na brasa, e a gente se junta em volta das fogueiras, tem até as marcas no quintal, aí ó, na frente, é de tradição também quando termina a fogueira a gente pega a cinza no outro dia de manhãzinha e sai arrodando a casa todinha como se fosse protegendo a casa, aí a gente faz, diz que: São João disse, são Pedro confirmo, que nenhum espírito ruim vai entra na minha casa, porque Jesus Cristo mando. Aí é legal, bem tradição de anos atrás, que vem se fazendo sempre. É bom, tem churrasco nas fogueiras, bem animado. Ai na colheita todo mundo vai ajudar também.

Isto reflete na questão da re-valorização desta cultura local, feita através do trabalho da ADEC e do ESPLAR,

Antes de começar com o orgânico, já plantavam o algodão, crioulo mesmo, mas aí como veio depois a praga do bicudo né o pessoal foi deixando de lado, porque o plantio do algodão é cultural, as pessoas plantavam mesmo porque é algo da cultura daqui do nosso povo, aí só que foi deixando um pouco de lado, aí a gente nem plantava mais, mas com esse projeto né, que veio pra cá, aí as pessoas voltaram a plantar o algodão (AD4).

A cultura local é explicada através do princípio recursivo, pois, conforme os agricultores são influenciados pelas tradições, sempre buscando segui-las, eles também influenciam em seu processo de realização e perpetuação, pois produzem sempre sua renovação e continuidade, através da prática, e da transmissão de geração em geração para seus descendentes.

Esta cultura local, de ter várias gerações vivendo sempre na mesma terra, passando tradições e costumes tanto de processos de trabalho, como de momentos de lazer, são os traços e fenômenos coletivos ocorrendo, no nível da identidade coletiva. Pois surgiram através de processos de interação de indivíduos, de costumes e vivências que perpassaram níveis emocionais e morais. E estas interações foram ainda reforçadas

e valorizadas através das pesquisas do ESPLAR, e o apoio deste e da ADEC, no aperfeiçoamento destas atividades, para que contribuam cada vez mais com seu sustento, seu crescimento, com a preservação ambiental e também de sua cultura local.

Trazendo muitos benefícios para as suas práticas, a entrevistada AD3 é agricultora e há mais de 40 anos sua família planta algodão. Conforme seu relato:

Quando começaram aqui com o algodão tinha muita lagarta e meu marido botava veneno. Mas depois largou. Meu pai morreu muito novo porque usava muito veneno, já aconteceu da bomba estourar e ele ficar banhado de veneno. Às vezes ele ficava tonto, devia ser disso. Nós trabalhamos com a ADEC já faz três anos. Essa assistência ajuda muito na plantação do algodão.

Ela ainda é artesã, a partir de dois cursos que recebeu por intermédio do sindicato dos trabalhadores, ela produz bolsas de palha do milho orgânico, coletado na sua propriedade, e revende na feira municipal. É um trabalho que requer muita habilidade, após as bolsas estarem prontas, ela costura forro de tecido colorido por dentro, e às vezes, decora com flores ou enfeites de crochê ou tecido. Logo que chegamos para visitar a propriedade, ela veio mostrar este seu trabalho, muito orgulhosa. Apesar de ele ser vendido na feira municipal sem uma valorização justa do trabalho artesanal e único.

Uma questão importante é que ainda não são todos os agricultores que conhecem a cadeia da Justa Trama ou a própria cadeia da Veja, eles não sabem ainda para onde vai o algodão que eles colhem. Então, durante a entrevista, foi explicado a entrevistada AD3 todos os processos e caminhos que o seu algodão percorria, inclusive foram mostrados os produtos para ela, que se mostrou muito impressionada, quis tocar e sentir a maciez do tecido. Sua neta, que é multiplicadora do campo e está mais envolvida com este trabalho já conhecia, mas ela não, assim como a maioria dos agricultores.

Estes processos são ainda importantes para trabalhar e conseguir inserir na identidade coletiva de todos os agricultores, todo o caminho que o seu algodão está percorrendo, como ele se transforma, por que mãos ele passa, e, principalmente, saber de todo este olhar solidário e de uma consciência diferente que eles estão envolvidos.

Para o técnico da ADEC, AD1:

É uma coisa que ainda falta melhorar, digamos, muitos agricultores ainda não sabem que tem a cadeia toda, não sabem o que é a Justa Trama, eu não sei se é por culpa da gente que no trabalho de campo a gente deixa passar muito batido, mas também nos seminários sempre que possível a gente tenta falar né, é que também a gente tem poucos momentos que a gente tá com eles, além do acompanhamento. Tem as assembleias, de 4 em 4 meses, daí tem a prestação de contas e as pautas já estão tão cheias que as vezes não dá tempo.

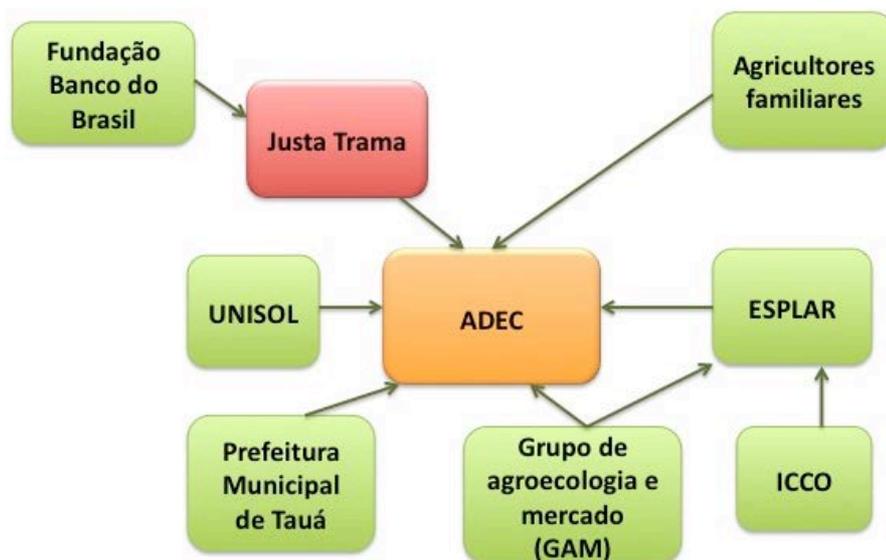
A gente quer fazer umas que sejam temas de só um dia falar de certificação, de só um dia falar de Justa Trama. Mas tem também que muitos não entendem direito a história da cadeia, nem todos entendem. Isso é uma coisa que é com o tempo né. Eu mesmo não conheço elas, só por foto, nunca fui em nenhuma reunião, normalmente vai o Chagas e o seu Chiquinho. Também com a distância muito grande não dá pra tá lá, tem que tá aqui. A gente tem que falar mais com os agricultores sobre isso. Eles são agricultores que a produção deles aqui ultrapassa as fronteiras do estado deles, até do país, na Europa. Cada um fazendo uma parte com o mesmo objetivo, até chegar lá no produto final. Mas tem agricultor que não sabe o que é. Às vezes fala numa reunião muito rápida, mas depois eles esquecem. Mas isso é importante pro trabalho da ADEC né, porque isso fortalece cada vez mais né, a instituição conta com um empreendimento que tá interligado nessa cadeia né, que não tá isolado, mesmo que não tenha o reconhecimento daqui né, do próprio estado, muitas vezes vem você aqui lá de outro estado para conhecer, vem também outras pessoas de fora, da França do Paraguai, que vem conhecer esse trabalho graças a essa divulgação que tem sido feita, a Nelsa e Idalina falando aqui e ali disso e as pessoas buscam.

Ainda sobre a visão da cultura local, o técnico da ADEC, AD6, explica:

Tem esse benefício ainda da certificação que é um desafio que a gente tem que botá na mente de cada agricultor a importância desse processo, porque eles só vêem importância quando solta o dinheiro na mão, daí eles vêem a coisa, visível, mas eles tem que vê as coisas de outro modo, quer dizer, vê a importância que a certificação sai a 250,00 até mais pra cada agricultor, eles não pagam, mas tem que vê se eles desenvolvem as atividades e produzem vários produtos, eles vão comercializar com um preço de 30% a mais, esse é o valor do produto orgânico certificado né, na certificação de que eles tão produzindo, então eles podem vender esse preço a mais.

A questão da certificação também é muito importante ser desenvolvida na consciência coletiva do grupo de agricultores. Pois, num primeiro momento, parece muito óbvio para um observador externo que eles realmente valorizam a questão de serem certificados, pois é um grande diferencial de mercado. Mas todo este processo está muito longe da realidade local, onde eles não conseguem visualizar (principalmente porque nunca tiverem esta oportunidade) o que ocorre depois que entregam a sua colheita. Estes mecanismos de mercado e de garantias estão muito aquém de suas percepções, como cada um entende e trabalha com isso há muitos anos, não vê esta necessidade, a percepção geral é de que é muito trabalhoso, são muitos requisitos que eles acham muita burocracia, e simplesmente não querem seguir, ou não dão a devida importância ao assunto.

Para que eles consigam evoluir cada vez mais, precisam compreender verdadeiramente todos os benefícios trazidos por este processo, tanto para eles, como para toda a cadeia, os consumidores, e os ecossistemas em geral. São regras rígidas, mas que devem ser aceitas e internalizadas em seu processo de produção e de trabalho, como sendo algo benéfico e aceito pelo coletivo.



**Figura 11: Relacionamentos da associação ADEC**

Por fim, a figura 11 ilustra os principais relacionamentos entre organizações mencionados pelos entrevistados, voltados à economia solidária e relacionados à Justa Trama. Nesta figura, estão representados fluxos de informações, parcerias técnicas, solidárias e financeiras.

### 5.2.2 A coleta de sementes e produção de acessórios: Cooperativa Açai

A etapa de coleta de sementes e produção de botões para as roupas da Justa Trama e também de acessórios vendidos pela marca é realizada por uma cooperativa localizada na cidade de Porto Velho, em Rondônia. São atualmente 68 cooperados, entretanto somente 23 estão ativos, compondo a atividade de beneficiamento de sementes de árvores da floresta amazônica. A cooperativa foi fundada em 07/01/2003, e tornou-se membro da Justa Trama desde a sua fundação, em 2005.

Uma das principais sementes que se destina a procura e coleta desta cooperativa é a do açai, que tem maior importância econômica. Como as frutas são muito procuradas por indústrias alimentícias por causa da polpa, eles recebem as frutas e

descartam as sementes, que são colocadas em sacos à disposição nas calçadas. Parte delas é levada pelos artesãos. E as peças de côco são feitas por um grupo de artesãos informais que são ligados à Cooperativa Açai, chamado Hippies de Cristo.

Além dos produtos trabalhados para a Justa Trama, que são adornos e botões para as roupas, a Cooperativa Açai também trabalha com outros materiais e focos, pois a demanda da Justa Trama não supre sua capacidade produtiva e nem gera renda suficiente para todos. Estas atividades incluem a confecção de biojóias, artesanatos, fabricação de bonés e bonecas. Também precisam ser destacados trabalhos sociais como o realizado com o presídio feminino, onde as presidiárias realizam a perfuração das sementes de açai e a fabricação de jóias. Outro trabalho que vai começar a ser desenvolvido é no Presídio Urso Branco, onde serão produzidos bonés e bonecas, utilizando também o tecido da floresta. Este tecido da floresta é produzido especialmente na floresta amazônica, no estado de Rondônia. É elaborado com um tecido de algodão convencional e com o látex da seringueira, o látex é então colocado no algodão, e então esta mistura é posta na fumaça, colando o látex no tecido.

A **dimensão ambiental**, na cooperativa Açai, é expressa pelo seu trabalho principal de extração e coleta de sementes de plantas nativas amazônicas para a confecção de acessórios para as coleções da Justa Trama. Mesmo não se tratando de uma atividade tratada como agrícola, os princípios citados por Caporal e Costabeber (2004) ficam muito claros e são efetivamente realizados pela cooperativa Açai neste processo.

A baixa dependência de insumos comerciais pode ser observada através do discurso da cooperada AD1, que diz que a utilização da agricultura agroecológica, o trabalho com as sementes e a questão atual da busca de tingimentos naturais para as roupas, mostra o objetivo da Justa Trama, de poder melhorar o planeta.

Em segundo lugar, o uso de recursos renováveis localmente acessíveis, conforme expresso pelo depoimento:

Bom estamos fazendo alguns estudos sobre o tingimento natural (bom fazer o tingimento já sabemos, só que precisamos da garantia de que esse tingimento tenha uma boa fixação nos vestuários, é que falta ainda estudos para a garantia da fixação) (CA3).

O quarto item, a aceitação e/ou tolerância das condições locais, antes que a dependência da intensa alteração ou tentativa de controle sobre o meio ambiente, “(...)

Pois é importante esse comércio justo, a sustentabilidade sem exploração que é um dos princípios praticados pela Justa-Trama” (CA3).

A manutenção a longo prazo da capacidade produtiva,

Acho interessante que são produtos naturais, que não agride a natureza, e faz com que toda a cadeia-rede seja ecologicamente correta. Só temos a ganhar com esses produtos ecológicos, porque essa é a atuação da cooperativa (princípios ecológicos), Trabalhar com o algodão ecológico da Justa Trama segue-se igual a os princípios da Cooperativa (CA2).

A utilização do conhecimento e da cultura da população local é expressa pela cooperada AD1, que está com um projeto de aplicação do tecido da floresta em roupas da Justa Trama, as peças já foram enviadas para aprovação. E este tecido da floresta é um tecido produzido na Floresta Amazônica, no estado de Rondônia, é elaborado com a junção de um tecido de algodão convencional e do látex (da seringueira). O látex é jogado no tecido, e depois esse tecido, já com o látex em si, é posto na fumaça, que ‘cola’ o látex no tecido. Esta é uma atividade tradicional da cultura local, e está sendo resgatada para desenvolver também nos produtos da cadeia-rede Justa Trama. Demonstrando assim essa valorização do conhecimento e cultura local. A presidente da cooperativa colabora também, falando da cadeia como um todo:

Percebe-se o resgate de cultura, com sustentabilidade, a prática de agricultura familiar, a valorização do agricultor e gestão própria (CA3).

E, por fim, a produção de mercadorias para o consumo interno e para a exportação,

Podemos ter idéia do alcance do trabalho da Justa Trama quando vemos nossos produtos indo para o exterior. Ela incentiva e melhora bem a nossa auto-estima, vê que seu produto esta sendo valorizado no exterior é muito prazeroso (CA3).

Esta característica é expressa através da utilização e comercialização dos produtos feitos pela Cooperativa Açaí tanto no seu local de origem, a cidade de Rondônia, como em vários outros locais do Brasil e do mundo, através da associação com a Justa Trama. Fazer parte desta rede é o que possibilitou que eles tivessem essa valorização e crescimento em vários locais que não a sua cidade de origem.

Quanto à **dimensão econômica**, as características de economia solidária são vistas, de diferentes formas pelos entrevistados, para a cooperada CA1, que é artesã e faz parte do conselho fiscal da cooperativa, sobre a importância do cooperativismo

solidário, comenta: “Alguns fazem sua parte, outros não. É mais trabalho do que benefício”.

Para CA2, cooperada artesã e também coletora de sementes, os princípios da economia solidária trabalhados na Cooperativa Açaí objetivam: “Desenvolver a região sem explorar e acabar com um dos bens mais preciosos que existe, o meio ambiente”.

Estes dois depoimentos mostram as divergências de visão e opinião entre os participantes, onde CA1 abordou as dificuldades enfrentadas quando se trabalha com várias pessoas em conjunto, quando muitos fazem sua parte, mas sempre tem dificuldades de relacionamento, quando existem diferentes opiniões e personalidades, e CA2 abordou os benefícios que esta associação traz: que são a valorização da região e do meio ambiente.

E, por fim, a presidente da cooperativa, CA3, explica: “Empreendimento autogestionário, trabalho de valores, preços justos, sustentabilidade regional, trabalho do cooperativismo, solidariedade, busca de mercado, parceiros e busca de tecnologia social”. São estes os princípios que ela busca desenvolver e aprimorar a cada dia, na sua gestão da cooperativa, mostrando-se bem consciente dos vários benefícios e valores que são abordados pela economia solidária, e, na medida do possível, tentando inserir na rotina da Cooperativa Açaí e também da rede em que participa, a Justa Trama, através das trocas, do relacionamento e do compartilhamento estes valores.

Em termos econômicos o trabalho com a Justa trama supriu a maioria das nossas carências, o que falta ainda é uma melhor organização de produção (mas isso será em breve resolvido através de um consultor pago pela UNISOL, o qual pretende melhorar a situação da cooperativa). (CA3).

Com relação à questão da sustentabilidade econômica, percebe-se que a cooperativa também não consegue sustentar todos os seus cooperados com os trabalhos da Justa Trama, mas eles desenvolvem vários outros produtos e projetos, e procuram também desenvolver cada vez mais a parte dedicada à Justa Trama, através da organização da produção, e do auxílio que têm de consultores e organizações que apóiam todo o desenvolvimento da Justa Trama.

A **dimensão social**, que diz respeito às relações da cooperativa com as outras cooperativas da rede e, principalmente, da mesma com os movimentos sociais aos quais está ligada, é descrita pelas cooperadas como sendo:

É como a história do passarinho... Que cada um tem que fazer a sua parte, nem que os outros não façam (CA1).

As relações sociais na Justa Trama são boas, pois nos encontros entre os elos vemos a troca de experiências e de idéias.

Um incentiva o outro. Através dessa parceria temos troca de idéias e vemos como o nosso trabalho é gratificante (CA2).

Estes primeiros depoimentos denotam as relações entre os próprios participantes da cadeia-rede Justa Trama, onde tem que haver uma orquestração nos relacionamentos, nas tarefas, na produção e no fluxo de bens e serviços. Deixando claro como é importante a participação e dedicação de cada cooperado, de cada parte para que o todo seja cada vez mais desenvolvido, com base nos valores impostos por eles, de cooperação, solidariedade e trabalho coletivo.

Bom as reuniões são de três em três meses e nelas estão todos os elos envolvidos na cadeia-rede, através delas conhecemos outros parceiros da Justa-Trama (Foi numa dessas reuniões que a cooperativa conheceu um representante da Espanha o qual tem procurado através de investimentos suprir as necessidades da cooperativa, já com a UNISOL, temos ajuda nas descobertas dos problemas gerais da cooperativa, além de doação de passagens para os encontros e as feiras, e a qualificação dos cooperados através de cursos pagos por ela “UNISOL”.) (CA2).

Todos são filiados a UNISOL, trabalhos envolvidos com apenas e apenas. É de grande importância para todos os elos da cadeia rede, pois através do envolvimento da Justa Trama com a Itália (através da ISCOR) e com a Espanha (através da COLOSULT), temos a divulgação de todos os elos da cadeia, e assim conseguimos benefícios com esses apoios (CA3).

Já estes dois outros depoimentos representam a interação e os benefícios trazidos pelos relacionamentos entre a Cooperativa Açáí, enquanto participante da Justa Trama e os movimentos sociais associados e apoiadores. Estes elementos ilustram a teoria da ação coletiva, quando demonstram modelos coletivos que foram desenvolvidos através de interações pela busca de ideais comuns, como a solidariedade.

A teoria da complexidade explica tais interações através do princípio da auto-eco-organização, que pressupõe que os elementos são interligados e interdependentes, e também estão inseridos em um ambiente complexo, produzindo efeitos e sendo afetados pelo ambiente que estão inseridos.

A **dimensão cultural** pode ser descrita então a partir das seguintes visões das cooperadas:

Através da Justa-Trama recebemos incentivos financeiros, além de termos a abertura do mercado nacional e internacional para os nossos produtos.

Através da cooperativa e como nos outros elos da cadeia temos a prática da preservação ambiental o que é muito importante.

Trabalhamos na fabricação de bio-jóias, bolsas, além de trabalhos sociais: no presídio feminino e no presídio Urso Branco (CA2).

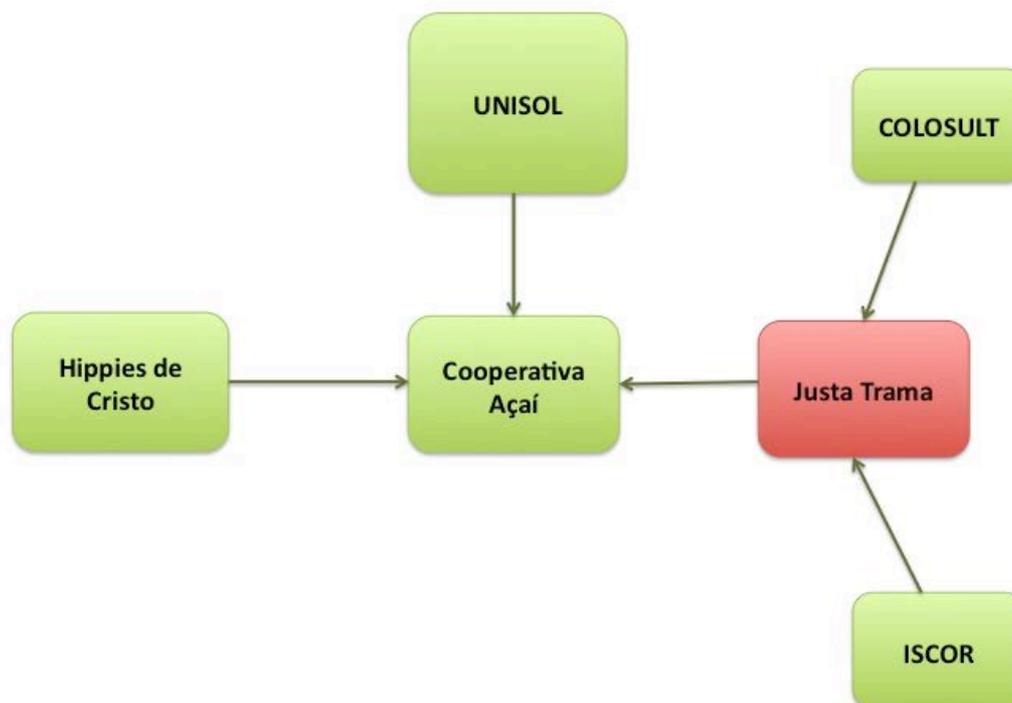
O trabalho da Justa Trama significa a oportunidade de mostrar o trabalho da cooperativa, de mostrar que podemos sim ter um desenvolvimento regional sem destruição.

O que é mais interessante é que todos os elos são donos da Justa-Trama, isso traz um sentimento de responsabilidade como o desenvolvimento de um trabalho aonde todos ganham.

Nosso trabalho sempre é realizado com solidariedade, sustentabilidade, agregação de valores e resgate de culturas dos pontos envolvidos (dos elos da Justa Trama) (CA3).

Estes depoimentos demonstram alguns elementos culturais que podem ser analisados através da relação entre os participantes e seu trabalho, a valorização da sua terra e sua relação com a sociedade. Temos assim então, através da teoria da identidade coletiva, conforme Poletta e Jasper, a percepção da relação compartilhada em que os participantes é expressa através da noção de coletivo, de valorização do trabalho em cooperativa, onde todos têm as mesmas responsabilidades e são sócios, como também da valorização do trabalho como um bem comum, capaz de promover o desenvolvimento de todos, e também quando eles compreendem a importância de estar associado em uma rede, com um objetivo maior e mais abrangente, de promover esta sustentabilidade global, a fim de impactar também em um desenvolvimento regional sustentável, conforme afirmou CA3.

Com relação à abordagem de Escobar, *grassroots approach*, o desenvolvimento real é aquele que vem da comunidade local, a partir de suas tradições e saberes sobre o trabalho, e as formas de realizar as atividades, e, neste caso da Cooperativa Açaí, as formas de coleta e beneficiamento das sementes, bem como a fabricação de artefatos de tecido da floresta são atividades que respeitam e valorizam as tradições e os saberes locais. Gerando assim um desenvolvimento de dentro pra fora, que é capaz de produzir sustentabilidade local, com uma visão e alcance global, mas através das tradições locais, e não a partir de técnicas e ensinamentos de outros locais ou de outras culturas.



**Figura 12: Relacionamentos da cooperativa Açaí**

Na figura 12, são representados os relacionamentos entre organizações mencionadas pelos entrevistados, voltadas à economia solidária e relacionadas à Justa Trama. Nesta figura, estão representados fluxos de informações, parcerias técnicas, solidárias e financeiras.

### 5.2.3 A produção do fio e do tecido: Cooperativa Coopertêxtil

A Coopertêxtil, responsável pelas etapas de fiação e tecelagem no processo produtivo da Justa Trama, teve sua fundação em 1998, quando existia uma empresa privada trabalhando com esta estrutura, mas esta empresa faliu e pediu concordata. Os funcionários, na época, reuniram-se para buscar alternativas para que eles não perdessem seus postos de trabalho. Através dessa reunião, decidiram fundar uma cooperativa de todos os funcionários, e arrendar as instalações empresariais.

A dinâmica produtiva da Coopertêxtil é expressa por seus números, atualmente são 310 cooperados, sendo que 60% são mulheres, com produção de 500 a 600 mil metros de tecido por mês. Eles compram algodão da bolsa, buscando sempre melhor

preço e qualidade, revendendo o tecido depois para grandes atacadistas. Mas também trabalham simplesmente fazendo o processamento do algodão em tecido para terceiros, e é como preferem trabalhar, conforme CP1.

Com relação à Justa Trama, o entrevistado CP1 conta que em outubro de 2008 a Nelsa, presidente da organização, os procurou, dizendo que haviam perdido o elo da sua cadeia que fazia o fio e o tecido para eles, e então levaram amostras do seu tecido e algodão e propuseram para a cooperativa uma parceria. Foram algumas negociações e então a cooperativa concordou em colaborar com uma remessa inicial com urgência para ser exportada à Itália. Após esta remessa, realizaram com a ajuda dos cooperados, a reunião anual da Justa Trama em Pará de Minas, efetuando assim, oficialmente, a integração deste elo na cadeia-rede.

Na visão do cooperado CP1, a intenção da Coopertêxtil foi mesmo de entrar como colaborador, mesmo sabendo que os custos da produção não compensariam. Devido a uma questão de escala, pois a cooperativa tem uma capacidade produtiva muito grande, e ter que parar tudo para trabalhar com pouca quantidade não compensa, seria ideal que a Justa Trama tivesse uma cooperativa com menor capacidade produtiva.

Para que o algodão orgânico possa ser processado, ele precisa que todas as máquinas sejam limpas, para que não ocorra a contaminação do algodão convencional e suas substâncias químicas. Este processo se torna um grande problema para a Coopertêxtil, uma vez que eles têm que parar toda a sua produção, limpar todo o maquinário, para produzir somente pouca quantidade de tecido, que normalmente não excede um dia de produção. Conforme cita o cooperado CP1:

Nós compramos em torno de 200t/mês. E a Justa Trama consegue nos mandar somente na época de safra e às vezes esse período é maior que um ano devido a rotação de culturas, de 5 a 6t. E para dar a partida nas máquinas, o *input* tem que ser de 10t, ou seja, já aí estamos operando abaixo da capacidade produtiva, com maiores custos. É o elo mais complicado para trabalhar, pois nos outros elos a produção da Justa Trama só agrega, mas para a Coopertêxtil, é muito complicado, pois temos que parar a produção e os custos realmente não compensam o valor recebido.

Até hoje, a cooperativa já produziu aproximadamente 19.875 metros de tecido agroecológico para a Justa Trama. E eles ainda contam com um estoque de 475kg. de fio pronto, aguardando o pedido da cadeia para produzir o tecido.

O fio agroecológico não pode ter contaminação e temos que utilizar uma goma totalmente solúvel na primeira lavagem, para que o tecido não tenha

mesmo nada que não seja 100% natural (tudo isto também significa maiores custos) (CP4).

A **dimensão ambiental**, no elo de fiação e tecelagem, é um pouco diferenciada, pois como este elo é caracterizado por esta grande cooperativa, com muito maquinário, muito gasto de energia e trabalho utilizando grandes quantidades de algodão convencional e produtos químicos em seu processo, somente quando tem que trabalhar com o tecido da Justa Trama é que ela pára todo o maquinário, e, as remessas processadas até hoje, foram feitas aos domingos, para não atrapalhar a produção normal durante os outros dias da semana, é que eles tomam cuidados com a limpeza de todo o equipamento (para não haver a contaminação do tecido agroecológico com os químicos do tecido convencional).

Então com relação aos requisitos propostos por Caporal e Costabeber (2004), o único item mais presente para os cooperados de Pará de Minas é o primeiro, relacionado à compreensão holística de agroecossistemas, pois, conforme CP1:

Mesmo tendo que separar a produção para produzir só o agroecológico, se tivesse um pouco mais de escala e regularidade, com certeza teríamos espaço e cada vez maior interesse em trabalhar com este produto (CP2).

Este depoimento expressa a visão dos gestores da cooperativa no que diz respeito à compreensão da importância de trabalharem com um produto mais sustentável e responsável, onde teriam muito interesse em continuar, caso houvesse maior volume de produção.

A **dimensão econômica** é vista na Coopertêxtil através das características de seu funcionamento como um empreendimento cooperativo, pois somente após fazer parte da Justa Trama é que eles engajaram-se com a UNISOL e também começaram a participar mais dos movimentos, feiras e encontros da economia solidária. Até o ano passado eles não tinham nenhum convênio com organizações não-governamentais ou apoiadores, como sindicatos ou movimentos sociais, eles caminharam sozinhos, montaram somente os cooperados reunidos seu estatuto e regimento, sem ajuda nem modelo, e hoje servem de modelo para muitas outras cooperativas.

Eu e o vice-presidente Geraldo fomos para um encontro anual da UNISOL em São Caetano, em outubro de 2009, representando a Justa Trama, onde tivemos oportunidade de viver uma excelente experiência e oportunidade de conhecer toda a cadeia (CP1).

Este depoimento mostra que existem muitos passos importantes que a associação com a Justa Trama e a UNISOL trouxeram para a Coopertêxtil. Eles puderam expandir seus contatos, sua visibilidade, através da oportunidade de inserir-se em um projeto diferenciado que trabalha com valores tanto ambientais como solidários.

Quanto às questões financeiras, de viabilidade e sustentabilidade da atividade para a Justa Trama, CP2 afirma:

Na verdade trabalhamos até mais pelo social com a Justa Trama, pois o retorno financeiro não é o principal, e sim a visibilidade e o contato também. O maior problema que enfrentamos aqui com a Justa Trama é realmente o efeito produtivo da quantidade, ou seja, esse equilíbrio de quantidade de matéria-prima para processar com nossa capacidade produtiva.

Ainda sobre esta atividade com a rede, cabe ressaltar que a Coopertêxtil cobra o mesmo valor para processar o algodão agroecológico do que para processar o algodão convencional. Não inserindo então discussões de comércio justo, e nem incluindo seus custos extras com a limpeza das máquinas, a parada da fábrica e a goma diferenciada.

Com relação aos princípios de economia solidária, expressos através do cooperativismo, como esta cooperativa assumiu uma empresa que havia falido, a maioria dos cooperados são funcionários da fábrica, ficando muito distantes da diretoria, e ainda com a mentalidade de empregados da fábrica. Eles enfrentam problemas para conseguir que todos os cooperados assumam seu papel de sócios, buscando sempre o melhor para toda a cooperativa, mas também criaram uma certa hierarquia que divide claramente o ambiente do escritório que é da diretoria, e da fábrica, que é dos operários, conforme os depoimentos:

Os maiores problemas enfrentados hoje é que a maioria dos cooperados não entende o que é a cooperativa, reclamam, não querem trabalhar em dias de feriadão, não compreendem o sentido e a responsabilidade do trabalho de cada um em fazer cada vez mais crescer a cooperativa. O conselho de administração que cuida da disciplina dos cooperados está com muitas dificuldades (CP7).

Temos algumas dificuldades com a cultura do pessoal que é de empregados, e não conseguem ter consciência de visão cooperativa, de sócios (CP6).

Mas eles também valorizam os lados positivos dessa associação, que ainda podem ser muito mais abrangentes e benéficos para eles, havendo uma consciência do coletivo maior.

O lado positivo de estar em cooperativa é primeiramente porque estávamos todos prestes a sermos desempregados, e aí surgiu a idéia da cooperativa, e então fizemos o acordo com a empresa que faliu que a primeira prestação do

arrendamento seria para pagar nossos direitos trabalhistas, e foi cumprido. Outro ponto positivo é a estabilidade, pois fábricas de tecido passaram já por vários problemas, um dos principais com a entrada da China, e na cooperativa conseguimos superar tudo isso e manter todos os postos de trabalho, quando a maior parte das indústrias têxteis teve que realizar grandes cortes de pessoal (CP6).

Sobre as vantagens da economia solidária, com relação à inserção da cooperativa em uma cadeia-rede bem articulada, CP6 coloca:

Na Justa Trama são pessoas sérias e bem comprometidas com o objetivo da economia solidária e nos envolvemos com a confiança e em poder ajudar e colaborar. Vejo o cooperativismo muito importante e a economia solidária é muito importante nisso.

Já sobre a **dimensão social**, o envolvimento da cooperativa com movimentos sociais nunca havia existido, somente após o contato com a Justa Trama. Em setembro de 2009 eles afiliaram-se à UNISOL, pois estavam órfãos, mas decidiram com o apoio da Justa Trama construir e buscar novos vãos juntos, pois sozinhos, várias coisas são muito mais difíceis. E a assessoria da UNISOL tem sido importante, conforme o depoimento:

Este contato para nós surgiu para ajudar a formar a cadeia e ganhar experiência neste trabalho. Pois nossa dimensão de volume de produção é muito diferente.

A participação nesse empreendimento cooperativo diferenciado nos motiva pela visibilidade que temos, de ter contato com pessoas, pesquisadores, visitantes e contatos mais abrangentes, até internacionais.

O brilho no olhar que vimos da cadeia toda quando veio para a reunião geral aqui em Pará de Minas em conhecer como tudo acontece aqui, foi muito gratificante (CP2).

O pessoal reconhece todos os ganhos que estão tendo e proporcionando a muita gente também, ao participar desta cadeia solidária, pois, apesar de estarem organizados em cooperativas, seu objetivo inicial, e até então, era unicamente manter os postos de trabalho. E as discussões e propostas da Justa Trama fizeram com que eles se abrissem para uma série de novas possibilidades, relacionamentos, valores e processos diferenciados. Estes movimentos são possibilitados através da translação, promovida pela interação com diferentes actantes, eles estão produzindo novos efeitos, considerando novos elementos em seus processos de trabalho, bem como compreendendo questões que vão muito além do que antes destas interações eram compreendidas.

Com relação às impressões individuais sobre o relacionamento da Coopertêxtil com a Justa Trama, CP1 relata:

Eu e Maria de Lourdes, quando teve a assembléia aqui em Pará de Minas, entramos para compor uma chapa, ocupando dois cargos, mas foi como uma retaguarda, pois não nos possibilita de participarmos de eventos porque nossos cargos não nos permitem sair daqui e a Nelsa tem isso bem claro, porque nós não temos liberação da empresa, a nossa participação é deixar o pessoal aqui atualizado e querendo que eles trabalhem com o algodão agroecológico.

Acredito que continuar trabalhando com a Justa Trama é totalmente inviável, pois a estrutura demanda muito tempo, esforço e perseverança para que isso possa acontecer. Ainda estamos muito longe da questão do meio ambiente, ecologia, etc. No caso do algodão agroecológico, ele não dá conta de alimentar a indústria têxtil. E a Justa Trama vai sentir isso, pois não sei se ela encontrará alguém para aceitar essas suas condições.

Tivemos que pagar dois domingos o pessoal para produzir para a Justa Trama, e isso não contamos, arcamos como parceria para a Justa Trama.

A gerencia e o contexto não vão aceitar continuar, pois é financeiramente deficitário (CP1).

Este olhar mais pessimista foi o único dentre os cooperados entrevistados, que seguem relatando todos os benefícios não econômicos que toda esta integração significou para eles:

Tem condições dessa parceria com a Justa Trama dar resultado. Na reunião que participei, a troca de experiência foi muito gratificante para mim (CP6). A pequena quantidade igual vale a pena pela parceria, nós ajudamos elas e elas nos ajudam também (CP3).

Foi interessante trabalhar com a Justa Trama porque nós aprendemos muito e envolveu a cooperativa em um trabalho diferente. Gostaríamos de continuar trabalhando com a Justa Trama, pois nós podemos crescer e vai nos trazer mais oportunidades (CP5).

Os contatos é que são importantes para nós com o trabalho com a Justa Trama (CP2).

Estas percepções individuais, sobre este trabalho conectado em uma cadeia-rede, e assim participar também de ações e parcerias com movimentos sociais, associações que visam à valorização da economia solidária e de projetos social e ambientalmente justos, precisam ser cada vez mais discutidos, para que se possam desenvolver modelos coletivos e coerentes, de acordo com os objetivos da cooperativa em seguir ou não trabalhando com a Justa Trama.

Com relação à **dimensão cultural**, as percepções captadas nesta cooperativa, entre os diferentes cooperados, demonstraram uma série de divergências e questões culturais fortes a serem discutidas.

Uma primeira questão que foi muito marcada em todos os discursos diz respeito à reclamação dos membros da direção com relação à mentalidade e cultura local dos cooperados da fábrica. Pois afirmam que:

Existem muitas dificuldades de mão-de-obra, pois o pessoal que procura ou trabalha normalmente tem baixa escolaridade, e eles não conseguem ver as vantagens de trabalhar em cooperativa, mesmo ganhando mais que em empresas privadas, eles sentem falta da CLT, dos benefícios como 13º, férias, etc. (CP1).

Uma cooperada da área administrativa afirma que:

Todo o pessoal da diretoria nenhum tem curso superior, todos administram tudo sem terem nenhuma teoria, foi com a prática que construíram tudo isso. Quando as determinações são da direção para a fábrica, eles não acatam, quando eles mandam serviço ou demandas para a direção, daí sim eles colaboram e querem que seja efetuado o quanto antes (CP7).

Ela gosta de trabalhar em cooperativa, apesar de não ter os benefícios da CLT, e vê que eles poderiam ter muito mais com o esforço e trabalho sério e responsável de todos, para ela o conjunto deveria funcionar melhor, “pois aqui cada um puxa para o seu lado”.

Temos dificuldade com alguns cooperados que não compreendem o trabalho em cooperativa, em associação. A nossa administração é muito boa, temos remuneração e benefícios muito bons, como cesta básica, estamos buscando também mais tecnologia e nos esforçando para produzir mais (CP4).

Esta hierarquia imposta pelos próprios cooperados é um dos aspectos negativos no sentido de concretizar um dos princípios mais importantes da economia solidária que é a consciência coletiva e solidária.

Outro ponto que gerou algumas controvérsias e assimetrias entre os discursos dos cooperados diz respeito à sua visão pessoal do trabalho com a Justa Trama, de estar inserido nesta cadeia e fazer parte deste trabalho, conforme descreve CP1:

Acho que a Justa Trama deveria fazer um financiamento com o BNDES, para adquirir algumas máquinas de pequena capacidade para produzirem seu tecido, onde ela montaria uma pequena fiação e uma pequena tecelagem. Mas elas tem que fazer o cálculo se seria viável, pois tem energia, encargos, técnicos para manutenção, etc.

Não é interessante para nós a projeção internacional porque não é constante e não tem volume, porque o processo é o mesmo, e temos que ter escala.

No Brasil ainda não tem consciência ecológica suficiente para que a população pague por estes produtos ecológicos.

Este mesmo cooperado relatou uma iniciativa de criar uma feira de produtores orgânicos que falhou na cidade de Pará de Minas, pois, segundo ele, “aqui o pessoal tem a cultura muito mais forte de competição do que de colaboração”.

Muitos cooperados tem uma visão muito centrada no mercado e na economia, pois racionalizam de forma a terem vantagens competitivas no mercado no futuro, ao trabalharem com o algodão agroecológico, e esta visão precisa também ser mais

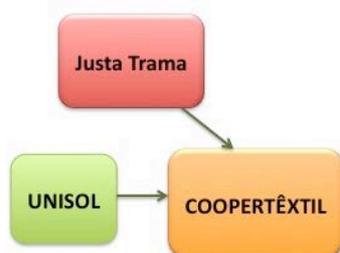
discutida, para que consigam visualizar os outros valores que são importantes para se considerar em todas as suas operações, como a valorização da economia solidária, do trabalho coletivo, do comércio justo, da consideração de impactos ambientais importantes para a planta industrial, bem como com a cultura local e o incentivo de novos relacionamentos com movimentos sociais que defendem causas que consideram estes valores, conforme mostram os depoimentos seguintes.

Por isso também tivemos grande dificuldade para formar a cooperativa, pessoal não tem consciência de associação. Somente na diretoria tínhamos já naquela época um conceito de união e colaboração por isso foi mais fácil (CP1).

Este processo todo é muito natural, é interessante não pelo valor financeiro e sim pelo convívio e prática que você tá tendo com o produto. Pois pode ser uma tendência mundial, então nós estaremos na frente. É muito chique e gratificante ver o produtor vendo todo o processo (CP2).

O trabalho com a Justa Trama nos interessa porque é uma coisa de futuro, e quem sair na frente tende a ter maior vantagem. Indiretamente, este trabalho com o algodão agroecológico te força a ser mais limpo e organizado, por exemplo, seria bom ter uma sala que pudéssemos trabalhar só com o algodão orgânico (CP4).

Pra nós é uma parceria com a Justa Trama, porque vai ser mais lucrativo e teremos mais conhecimento. Eles trabalham só com produtos naturais e precisamos disso para o futuro, além do que o algodão colorido é muito bonito (CP3).



**Figura 13: Relacionamentos da Coopertêxtil**

Na figura 13, são representados os relacionamentos entre organizações mencionadas pelos entrevistados, que até o momento são ainda muito limitados, pois, somente ao iniciarem sua parceria com a Justa Trama é que a cooperativa afiliou-se à UNISOL. Tudo ainda é muito recente, inclusive os benefícios que eles terão com a realização destas parcerias.

#### 5.2.4 A confecção de bolsas e roupas em tecidos diferenciados: Cooperativa Fio Nobre

Este elo de confecção de bolsas, roupas em tecidos diferenciados, crochês e outros produtos artesanais faz parte da Justa Trama desde o seu início. Este empreendimento hoje conta com 20 cooperados, mas trabalhando diretamente são somente 10, pois ainda não há demanda suficiente para que todos possam viver e trabalhar com esta cooperativa.

A Fio Nobre nasceu há 15 anos. Mas ainda antes disso, conforme FN6, um grupo de jovens, membros da Pastoral e militantes, que apoiavam greves e sindicatos, sempre perdiam empregos por conta de sua luta social, e, por isso, na época da abertura política decidiram fundar uma micro empresa chamada Bruscor, em Brusque, SC. Eles não conseguiam sustentar-se com esta empresa, mas estavam lutando juntos e promovendo ajuda mútua.

Este grupo então conheceu um outro grupo, que buscava os mesmos ideais de igualdade e solidariedade, formado pelos entrevistados FN4 e FN5, e juntaram-se então na militância política. A Bruscor trabalhava com articulação de grupos, e isso funcionava em Brusque, mas eles também queriam fazer isso em Itajaí, pra mostrar que isso é possível. A Bruscor então emprestou as máquinas para este grupo iniciar em Itajaí, e depois, quando conseguiram pagar, compraram as máquinas da Bruscor.

Então criamos em Itajaí uma micro-empresa que fazíamos fitas para calçados, mas quando decaiu a indústria calçadista, fizemos também artesanato e começamos a compor, apoiar e lutar por e com movimentos de economia solidária. Apoiamos então um grupo chamado PAZ, que eram senhoras que tricotavam e bordavam, e nós trabalhávamos com fios, fitas e tear (FN6).

Foi então que no Fórum Brasileiro de Economia Solidária, este grupo da Fio Nobre conheceu o grupo da UNIVENS, de Porto Alegre e começaram a ter maior

contato, discutindo algumas questões sobre cadeias e redes solidárias. Porém, tudo aconteceu realmente no Fórum Social Mundial de 2005, conforme FN6:

Quando realmente levamos a idéia adiante, e resolvemos fundar a Justa Trama, e depois de um ano, lançamos a primeira coleção. Nesta época, muitas pessoas nos diziam que éramos loucas, pois pelo menos precisaríamos de cinco anos de planejamento para podermos lançar a Justa Trama, mas nós dizíamos que não tínhamos tempo, que tinham barrigas roncando de fome, e precisávamos dar trabalho e renda para estas pessoas, então em um ano somente, conseguimos.

Como um dos pré-requisitos da Justa Trama é que todos os elos fossem empreendimentos cooperativos, juntaram o grupo PAZ com o grupo de artesanato de fitas e fios, e mais alguns apoiadores da idéia, para que totalizasse 20 pessoas, o mínimo necessário para que uma cooperativa possa funcionar. E em 2007 então foi oficializada a fundação da Cooperativa Fio Nobre.

A **dimensão ambiental**, na cooperativa Fio Nobre, entre os princípios propostos por Caporal e Costabeber (2004), este elo trabalha fortemente as questões relacionadas à compreensão holística de agroecossistemas e a utilização do conhecimento e da cultura da população local. Através dos seguintes depoimentos:

Aproveitamos quase tudo o que costumamos, normalmente usamos os nossos retalhos e os que a Nelsa nos manda para fazermos tapetes, bolsas, etc. (FN4).

Confecção é igual tanto para o orgânico como para o convencional, mas como sabemos que é orgânico, cuidamos mais. Sinto que até o cheiro dos dois é diferente, pois o convencional tem um cheiro de agrotóxico, diferente, e o orgânico já é mais natural, a gente sente muito (FN3).

Este depoimento de uma cooperada que realiza a costura, mostra como a consciência ecológica é expressa através da valorização do produto e do seu trabalho, acreditando realmente que seu trabalho está trazendo muitos benefícios, não só para elas, mas para o meio ambiente. O próprio tecido orgânico é um actante não-humano que produz efeitos, ou seja, ele influencia as percepções e atividades dos outros actantes, que estão agindo de forma diferente por estarem lidando com ele. Esta visão global dos agroecossistemas é expressa pelo cooperado FN4:

Na minha visão, o que mais cresceu com a Justa Trama foi os agricultores lá no Ceará, pois no início eles produziam 1,5 toneladas, e hoje já produzem 2 toneladas.

Temos o plano de fazer uma rasteirinha ecológica, com couro de tilápia (peixe de água doce) e borracha de trabalho solidário da Amazônia, já mandamos este projeto para alguns locais, como a Petrobrás, e estamos aguardando se sairá aprovação e o patrocínio/financiamento para a compra do

maquinário. A proposta é que ela seja 100% natural, temos que usar a criatividade e buscar novos produtos naturais (FN4).

Ainda em se tratando destas inovações, FN6 aborda mais algumas propostas:

Quanto à questão ambiental, a Justa Trama firma suas roupas no ecológico, é orgânica. Somente a serigrafia, a linha e a etiqueta interna ainda não são 100% orgânicas, mas estamos trabalhando para que seja, através da cooperativa Açai, desenvolvendo tintas orgânicas. Trabalhamos com tudo dentro do natural, buscamos aproveitamento total, com foco que permaneça no movimento de agroecologia, que também somos engajados no movimento contra transgênicos.

E esta consciência ecológica se expressa através da inovação, onde eles estão constantemente tentando criar e recriar produtos, para que sejam cada vez mais ecológicos, preservando assim a diversidade biológica e cultural e a baixa ou mínima dependência dos insumos comerciais para esta produção.

A minha motivação maior é trabalhar com o algodão orgânico, porque todo mundo diz que temos ouro nas mãos, e às vezes até desmotivamos com as dificuldades, mas aí pensamos que temos esse ouro nas mãos, mas acredito que será muito bom trabalhar só com a Justa Trama (FN6).

Esta motivação é importante quando falamos do princípio da utilização do conhecimento e da cultura da população local, pois, mesmo que a região onde está localizada a cooperativa (em Itajaí) não seja produtora de algodão, elas são culturalmente produtoras de confecções, sempre trabalharam com roupas e tecidos, e esta busca por uma maior sustentabilidade nesta produção, através da valorização da matéria-prima orgânica, este 'ouro', traz um sentido muito mais amplo para o planejamento futuro. Mostrando-se também o algodão agroecológico um mediador que produz transformações, motivações e novas ações na cadeia. Assim como os princípios de solidariedade, claramente expressos por FN6:

Quanto à compra de algodão, este ano o pessoal da ADEC teve muita seca, com a produção muito prejudicada, mas é justamente nesse momento que não podemos buscar novos fornecedores, mas sim apoiá-los e continuar incentivando-os, apoiando e acreditando no trabalho deles e na próxima colheita de muito sucesso.

Por fim, a motivação e consciência ecológica se mostram bem desenvolvidas neste elo de confecção, conforme afirma FN5:

Eu acho um desafio fazer esta engrenagem da Justa Trama se mover, a questão é poder estar fomentando esta produção ecológica, não é 100% ecológica, pois a linha e a impressão não são, mas estamos tentando cada vez mais.

O forte engajamento em movimentos de economia solidária é uma das principais marcas da **dimensão econômica** deste elo de confecção da cadeia-rede Justa Trama, por este motivo, descrevem seus cooperados, com muito orgulho:

Sobre o trabalho em cooperação, é importante a formação, pois já aconteceram algumas vivências de o pessoal perceber que este trabalho não é pra eles, ou seja, que estas pessoas não sabem trabalhar em conjunto, em sociedade solidária. Então eu acredito na vivência e mudança da pessoa, independente de ser na Justa Trama, porque como falei aqui o pessoal não trabalha culturalmente em conjunto (FN4).

Mesmo se tivermos condições de nos sustentarmos só com a Justa Trama, podemos continuar trabalhando com o outro algodão também, pois podemos também dividir nossa produção e também incentivar sempre novos grupos para se organizar e trabalhar (FN6).

O depoimento que segue, da presidente da cooperativa, FN6, é um dos pontos centrais de toda esta história, ela é uma das principais motivadoras e batalhadoras de toda a caminhada da Justa Trama (mediadora), e, através dos princípios de economia solidária de posses iguais, mesmo direitos de decisão, participação plena em resultados, união consciente e solidária e mútua responsabilidade, entre outros, que ela sempre lutou, sua fala expressa o sentimento geral de toda a cadeia, do que se busca mostrar e vencer a cada dia, com a formação da rede.

Tivemos uma série de conquistas na nossa região, através da nossa militância de direitos humanos e economia solidária, conseguimos fomentar vários grupos, projetos e também o Centro Público de Economia Solidária de Itajaí (CEPESI), onde comercializam diversos empreendimentos de economia solidária.

A minha motivação é devido a esta história, é por acreditar, sempre estamos lutando por mais, através desta militância, deste trabalho político.

Não é o financeiro a motivação, é a CONSTRUÇÃO.

A minha grande paixão é a construção da economia solidária, acredito muito nessa nova construção, que outro mundo é possível, que outra economia é possível, que a Justa Trama é vanguarda e que nem a gente sabe a dimensão, às vezes dá muito medo do nosso caminho, mas deixamos sempre claro para todos os parceiros que estamos construindo, mesmo com todas as dificuldades, a gente tá seguindo.

Nosso sonho tá se realizando. Isso pra mim é pagamento, mesmo que não tenha dinheiro no final do mês (FN6).

O idealismo solidário e a cooperação são elementos fundamentais na história da Justa Trama, conforme comenta FN5:

Acredito que lá na frente vai ter viabilidade econômica, e o interessante é que não tá sendo uma empresa com seu capital já formado que atua e sim empreendimentos solidários que caminham juntos em uma rota de aprendizagem e crescimento.

Com relação à comercialização, este aspecto também é uma grande preocupação deste elo, conforme afirmam os cooperados:

Eu achei sinceramente que nessa coleção com o Ronaldo Silvestre daria um *boom*, mas essa resposta não foi muito rápida, agosto de 2009 que fechamos a coleção, mas não teve todo o alcance que eu esperava.

A nossa grande dificuldade de comercialização é achar um preço competitivo, pois como temos esse trabalho solidário, a remuneração do trabalho é mais justa, então na hora de repassar isso para o consumidor às vezes perdemos um pouco, pois não conseguimos atingir preço mínimo em licitações e outras pesquisas de mercado, mas não temos como baixar, o que tem nos ajudado é trabalhar nessa imagem de trabalho de comércio justo, pois tem alguns clientes que valorizam isso, outros não estão nem um pouco preocupados, só pensam em menor preço (FN4).

Mas aqui (no Brasil) quem compra são os 'naturalistas', ambientalistas, mas a grande maioria ainda não tem essa consciência, ao contrário do exterior. Mas nosso foco é que o Brasil também consuma.

Temos que estar sempre renovando as peças nos pontos de venda no Brasil.

A idéia é que se venda direto, pois, por exemplo, no aeroporto o preço final de venda ficaria fora da idéia da Justa Trama, que é vender a um preço justo, e não exagerado, como seria em um estabelecimento de terceiros, no aeroporto.

Temos um projeto com a Faces do Brasil para detectar os pontos fixos de venda de economia solidária no Brasil, isso vai nos ajudar a ampliar nossos pontos de venda em redes e cadeias, dentro da nossa idéia de economia solidária, apoiando também estes empreendimentos.

Pois atualmente até colocamos nossos produtos em vários pontos de venda, mas consignado, então não dava certo. O tecido também precisa ser sempre repostado, pois depois de muito tempo parado cria um cheiro de mofo.

Nossa idéia é criarmos um catálogo para mapear os pontos fixos de venda da Justa Trama no Brasil, após a realização deste projeto de ampliar os pontos de comercialização da Justa Trama.

E estes pontos de venda, também é nossa exigência que se encaixem nos princípios de economia solidária (FN5).

Este é um ponto de divergência ainda entre a cadeia, não só entre os participantes da cooperativa Fio Nobre, pois muitos acreditam que somente devem comercializar seus produtos em empreendimentos de economia solidária, para fortalecer cada vez mais estes empreendimentos, e não se afastar de seus ideais e valores. Porém, existe uma grande preocupação com o fato de a cadeia ainda ter um volume de comercialização muito baixo, e, de imediato, a principal iniciativa seria de vender também para empreendimentos que não são solidários, estipulando para eles seu preço justo, conforme afirma FN6:

Buscamos redes parceiras no Brasil e também em vender para lojas que não trabalham com comércio justo, mas para termos mais visibilidade e abrangência. Já existe uma proposta do SEBRAE de termos uma loja própria só da Justa Trama, mas ainda estamos estudando a viabilidade. E este projeto também está previsto propaganda e viabilização de exportação.

Em empreendimentos que trabalham com comércio justo, damos 10% para quem vende, mas em lojas que não trabalham, fazemos nosso preço e o resto é elas quem decidem, não temos nada a ver (FN6).

E a consciência da sustentabilidade financeira também foi muito abordada:

Economicamente, a Justa Trama ainda não sustenta a cooperativa. Para a cooperativa sobreviver, precisaríamos produzir cerca de 10.000 peças por mês, mas ainda isso não ocorre, mas dentro disso, temos meta de pelo menos produzir 800 peças só para a Justa Trama. Se fôssemos esperar pelo resultado financeiro já teríamos morrido na praia, mas acreditamos que é um mercado potencial e que tem tudo para crescer. Seria muito legal conseguirmos viver só da Justa Trama (FN4).

Antes tínhamos que produzir as coisas para a Justa Trama e esperar um mês ou dois para podermos receber, agora estamos com uma meta de produzirmos 800 peças no mínimo por mês para então poder ter uma regularidade e quantidade maior de produção, assim como o recebimento. Os agricultores são os únicos que temos que ter dinheiro em caixa para pagá-los, porque eles sobrevivem só disso (FN5).

A Justa Trama está num momento muito especial, já pagamos nossas dívidas, temos saldo de vendas, é pouco, mas conseguimos pagar tudo. Uma coisa eu posso te dizer, que o Brasil é um dos países mais organizados em comércio justo do mundo, pois já conheci o sistema de vários países. Buscamos sempre nos sustentar cada vez mais, dependendo cada vez menos de projetos, atualmente estamos conseguindo fazer nossas reuniões com nosso próprio dinheiro, mas sempre que temos que unir todo o pessoal, é muito custo, por isso precisamos planejar muito bem (FN6).

A **dimensão social** da Fio Nobre é expressa através dos depoimentos que mostram os relacionamentos deles com a cadeia e com os movimentos sociais que os apóiam:

Temos que buscar mais qualidade na produção, mas de forma conjunta, onde possamos nos reunir e todos opinarem, e exporem suas idéias, assim como funciona nosso sistema cooperativo (FN5).

Sobre as parcerias e apoios entre a Justa Trama e movimentos sociais ou outros órgãos ou empresas que se relacionam, foram apontadas as seguintes opiniões dos cooperados:

Aprovaram agora uma parceria com o Sebrae para fazer uma nova coleção e divulgação dos produtos. Ainda temos muita coisa para melhorar nesse momento, acreditamos no crescimento de cada um, valorizamos o ser não o ter, então estamos todos crescendo e aprendendo (FN4).

Foi aprovada a renovação do projeto da Petrobrás e faremos o segundo piso, a pintura, e as instalações hidráulicas e elétricas que estão faltando (a construção do atual prédio da cooperativa foi realizada através de um projeto da Petrobrás).

Pretendemos também neste nosso novo espaço, aproveitar para fazermos cursos de capacitação e cidadania.

Tem previsto também no projeto da Petrobrás uma oficina de costura com costureiras profissionais, que ainda não se concretizou.

O que realmente aprovou o projeto da Petrobrás foi estarmos envolvidos na Justa Trama (FN5).

Através de um projeto da FBB (Fundação Banco do Brasil), agora conseguimos verba para eu e Nelsa irmos visitar todos os elos para organizar e unir mais todos os elos da Justa Trama, promovendo uma discussão de como está a Justa Trama com todos os cooperados, em cada elo. É um baita desafio pra gente fazer todos os cooperados serem e terem consciência de onde tá indo a Justa Trama.

As parcerias internacionais estão nos inserindo no processo de parceria de comércio justo, pois não há venda a eles somente, eles estão fazendo junto, construindo junto com a gente. Não tivemos medo, pois estamos fazendo parceria. Eles nos levam mais para conhecer e divulgar tudo lá fora. Na Europa o comércio justo é diferente, quem quiser, pode abrir suas lojas e comprar só produtos de comércio justo e revender, e nós estamos tendo oportunidade de ir para lá, aprender com eles, e também ensinar a eles, essa troca de experiências é o que nos enriquece e fortalece cada vez mais (FN6).

Estes depoimentos caracterizam os relacionamentos com diversos órgãos, não só os movimentos sociais que sempre fizeram parte e colaboraram com a cadeia, que são a UNISOL e o ESPLAR, mas também de empresas privadas, como a Petrobrás, que financia muitas atividades da rede, através de seus projetos de responsabilidade social corporativa, e também órgãos como o SEBRAE, que apóiam com consultorias, projetos de gestão e melhorias no desenvolvimento da cadeia-rede como um todo, bem como focando também nos relacionamentos, com este projeto de financiar as viagens da presidente e da vice-presidente da cooperativa para difundirem todo o processo de trabalho da Justa Trama para todos os mais de 700 cooperados envolvidos no processo. Bem como vale destacar o apoio e cooperação dos órgãos internacionais, que promovem a troca de experiências no âmbito da economia solidária em nível global, gerando assim grande aprendizado para todos os envolvidos, e possibilitando a Justa Trama como um todo uma visibilidade global, e a absorção de conhecimentos muito importantes para seu desenvolvimento.

Sobre a opinião da presidente da Fio Nobre a respeito da importância do relacionamento e da inserção da cooperativa na cadeia-rede Justa Trama:

A Justa Trama não tem tamanho nem dimensão. Eu mesma não tenho esta dimensão, não achava que estávamos tão grandes. E as pessoas acreditam muito nesse projeto (FN6).

Esta descrição da Justa Trama nos remete ao conceito de rizoma e de ator-rede, que são as definições múltiplas, sem início nem fim, nem linhas rígidas definidas.

A **dimensão cultural** pode ser interpretada através das questões da criação da identidade coletiva, conforme pontuam alguns cooperados: “Não temos um

administrador que nos ensine as coisas, mas aos poucos vamos aprendendo as coisas” (FN2).

As cooperadas que trabalham com a parte de corte e costura, participaram de um treinamento em Porto Alegre, em 2009, com um estilista para ensiná-las a fazer as roupas, algumas técnicas e formas mais corretas de fazer, e aí conheceram as cooperadas da UNIVENS. A identidade coletiva é expressa aqui pela atividade de corte, costura, bordado e crochê que as cooperadas sempre trabalham, e este conhecimento foi somado, quando criada a Fio Nobre. Sobre como começou a trabalhar na cooperativa, FN3 comenta:

A gente simplesmente começou a trabalhar e ajudar costurando, bordando e fazendo crochê.  
Eu sabia costurar desde pequena, mas não fazia nada, mas daí abriu a cooperativa e nós ganhamos as máquinas mais modernas da Petrobrás, daí eu comecei a gostar de costurar, e agora adoro quase tudo que costuro. Antes fazíamos crochê e bordados.

Durante a visita, uma observação relevante diz respeito à valorização do trabalho, pois as cooperadas gostam muito de mostrar tudo sobre todas as peças e trabalhos que elas fizeram e como elas são bonitas, mostram detalhes. Não-humanos produzindo seus efeitos, sendo transformados e transformando a rotina e as ações destas cooperadas.

Sobre a visão dos cooperados a respeito de mecanismos de incentivo, comprometimento e caminhos futuros, alguns comentam:

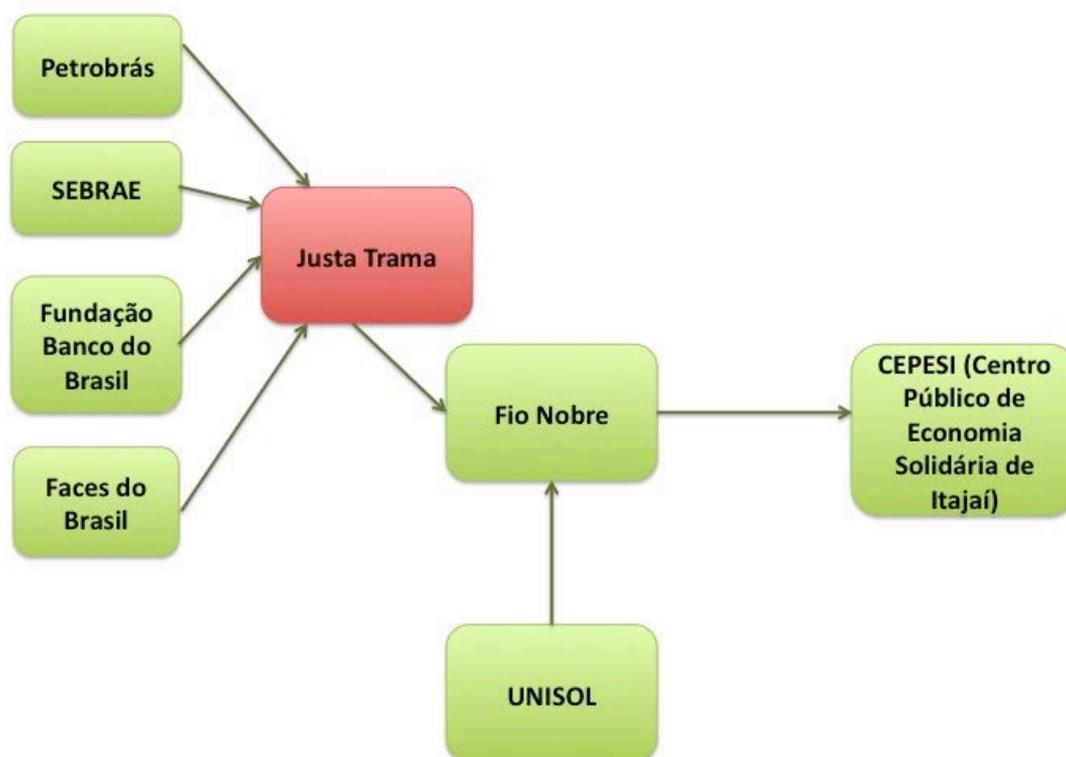
Em Itajaí e Porto Alegre temos a maior responsabilidade da cadeia, de fazer aqui tecido e fio e lá malha e alguma coisa de tecido. Mas nem tudo são flores, mas estamos crescendo e aprendendo. Primeiramente, tudo acontece porque a gente acredita, senão, não teríamos nem entrado.  
Em Itajaí não temos cultura de trabalhar em conjunto como no RS, e o centro público está ajudando com isso um pouco.  
Fazer um produto totalmente natural acontecer dentro dos limites de um país tão grande como o Brasil (FN4).

Acho que falta uma capacitação conjunta, ensinar tudo, aprender junto, em nível de produção.  
É um desejo geral de todos os cooperados conhecerem as outras pontas, e eu tenho uma idéia geral, ou seja, um plano de pegar um projeto de colocar todos que quiserem dentro de um ônibus e conhecer todas as pontas em todo o Brasil. Sem dúvida a Justa Trama é mais valorizada lá fora do que aqui no Brasil (FN5).

Para finalizar, a presidente da cooperativa comenta alguns pontos importantes sobre os mecanismos de incentivo, comprometimento e seus caminhos:

A Justa Trama é uma baita proposta e que acreditamos que vai dar muito certo.

Buscamos um salto em 2011, quando buscamos fechar alguns projetos e atingir a viabilidade econômica, tanto na Justa Trama como na Fio Nobre (FN6).



**Figura 14: Relacionamentos da Fio Nobre**

Na figura 14, são representados os relacionamentos entre organizações mencionadas pelos entrevistados, voltadas à economia solidária e relacionadas à Justa Trama. Nesta figura, estão representados fluxos de informações, parcerias técnicas, solidárias e financeiras.

### 5.2.5 A criação e produção de jogos educativos e bichos de pelúcia: Ateliê Em Nome da Arte

Este é o mais novo elo agregado à cadeia-rede Justa Trama, está localizado na cidade de Porto Alegre, RS e conta atualmente com cinco artesãs. Sua história começou no ano de 2006, quando sete artesãs conheceram-se através de diversas feiras de economia solidária no país, quando perceberam que poderiam reunir-se para poder ter

maior apoio e conseguir assim participar de mais feiras e de mais eventos. E com esta idéia, veio também a idéia de criar um ateliê, onde todas pudessem trabalhar no mesmo lugar, e não em suas casas, como era antes. Com isso também surgiu a idéia da produção coletiva, onde todas sentaram para discutir embalagens padronizadas, e começaram a pensar em novas criações, chamadas “objetos de poder”, onde produziram escapulários, amuletos, etc.. Com a finalidade de representar a marca coletiva do ateliê, estipularam um objeto e um determinado número de produção para cada uma, para levarem às feiras. Mas com isto, duas desistiram, pois não conseguiram se adequar a este modo de produção e trabalho coletivo. E tudo isso começou em 2007, quando cada uma desenvolveu o seu produto para a feira de economia solidária da América Latina, na proposta de ser um produto de baixo custo e que todo o valor deste produto fosse para o fundo coletivo do ateliê.

O início da participação do ateliê na cadeia-rede Justa Trama ocorreu, conforme NA1,

Nos fóruns de economia solidária de Porto Alegre conhecemos a Nelsa da Justa Trama, e também pelos congressos da UNISOL. E o que nos uniu foi o objetivo comum de reaproveitamento de materiais. A Nelsa nos procurou pois a Justa Trama não tinha um destino para os restos (retalhos dos tecidos da produção). Então trouxe a proposta para o ateliê Em Nome da Arte no final de 2008 para produzirmos jogos e brinquedos educativos para levarem como experiência no Fórum Social Mundial, em janeiro de 2009, em Belém do Pará.

A **dimensão ambiental** neste elo é fortemente caracterizada pelo requisito do uso dos recursos renováveis localmente acessíveis, pois o trabalho é todo baseado na filosofia de fazer arte e artesanato através do reaproveitamento de materiais. Todo o seu trabalho é desenvolvido com base em retalhos e reciclagem, e com a Justa Trama também não foi diferente, a linha que foi desenvolvida com bichos de pelúcia e jogos educativos utiliza os retalhos do algodão agroecológico gerados pela confecção.

A matéria-prima na maioria das vezes vem de doações de que fomos atrás para conseguir. E na Justa Trama, elas mandam todos os materiais (exceto linhas) e recebemos pelo nosso trabalho (NA1).

A **dimensão econômica** envolve também diretamente a luta e os ideais comuns partilhados sobre a economia solidária:

Também motiva a questão política, de fazer tudo com outro olhar, outra dinâmica, dentro da economia solidária e ter como conversar sobre isso, podermos discutir isso, é uma coisa de resistência mesmo, de mostrar que tem como dar certo e sobreviver sem ser no capitalismo.

Motiva também a idéia do sustento dos agricultores, da agroecologia. De fugir dos OGM. E acreditamos conseguir mudar essa visão não sustentável do mundo através do consumo. O olhar da economia solidária é o que nos uniu a Justa Trama. (NA1).

Já produziram até hoje mais ou menos 100 bichos diversos e uns 80 jogos diversos. Elas estão estudando como aprimorar os produtos que já estão sendo vendidos. A questão da cor dos bichos é importante, pois somente com o algodão bege e marrom é difícil deixar atrativo para as crianças, para isso, elas precisam trabalhar com mais detalhes, o que leva mais tempo para fazer também. Buscam também faturamento permanente e regularidade na produção. Em função do trabalho da Justa Trama, elas também afirmam ter recebido outras oportunidades.

A idéia é de que todas possamos nos manter com o trabalho do ateliê. Claro que já avançamos muito, nosso trabalho já é muito reconhecido e conseguimos sustentar as despesas do ateliê e das nossas viagens, mas ainda não conseguimos tirar nosso pró-labore. Tudo que ganhamos é re-investido aqui (NA2).

Este depoimento mostra como a sustentabilidade financeira ainda não é possível para elas, o que caracteriza também a grande importância da luta pelos ideais de economia solidária, pois elas acreditam realmente que este é o caminho, então, mesmo que este caminho seja mais lento e trabalhoso, elas irão seguir assim.

A **dimensão social** é expressa através do relacionamento entre o ateliê e a Justa Trama, que está ainda em fase de adaptação e de organizar alguns termos de trabalho, conforme relatam as artesãs:

Atualmente estamos numa fase de decisão e de conversar sobre questões mais técnicas. Pois todas as remessas que já fizemos, sempre foram trazidas com curto prazo e então não tínhamos tempo de organizar cada etapa (NA1).

E estamos também neste momento realizando outro estudo de viabilidade sobre a participação na Justa Trama. Pois estamos tentando discutir mais com elas a questão também do preço final do produto, que achamos que está muito baixo para a valorização adequada do nosso trabalho artesanal. Produzimos para a Justa Trama até hoje só por pedidos, mas queremos também mais regularidade de produção, ter alguma quantidade fixa para produzir todos os meses e termos algum estoque (NA2).

Já sobre o relacionamento da cooperativa com os movimentos sociais, tem-se que eles são associados da UNISOL, bem como, conforme cita NA2, existem outras parcerias, e este trabalho conjunto sempre traz bons frutos:

Tem coisas no ateliê que são comodato da Avesol (Associação do Voluntariado e da Solidariedade) e do Sindicato dos artesãos. Também

recebemos auxílios do fundo da fundação luterana, campanha da fraternidade, Cáritas (através de empréstimo) (NA2).

A **dimensão cultural**, conforme Poletta e Jasper, mostra-se através da relação de cada participante com o próximo, com a sociedade, ambiente e cultura a qual se encontra inserido. Ou seja, através da identidade coletiva, podemos identificar como as participantes deste ateliê vêem seu papel em um empreendimento solidário, que está associado a uma cadeia-rede de produção orgânica e solidária, conforme as suas percepções:

Na última reunião que tivemos com o pessoal da Justa Trama, discutimos muito sobre as diferenças entre o mundo da confecção e o mundo do artesanato.

Nós ainda somos informais, mas podemos comercializar, pois cada uma de nós tem o seu registro de artesã independente. Nós temos discutido sobre que forma legal podemos registrar nosso ateliê. Como cooperativa não podemos, pois somos somente cinco.

Funcionamos sem nenhum coordenador, é como um colegiado, onde dividimos as tarefas, e todas colaboram com alguma coisa (NA1).

Buscamos através de pesquisas imprimir uma identidade para os nossos produtos e levar a marca do estado (RS) que possa ser comercializada em qualquer lugar. Pois o artesanato no RS não tem uma identidade única, somente alguns produtos pontuais fabricados no interior, mas não em todas as regiões nem de forma unificada. O que mais valorizamos na Justa Trama é a importância de todos terem o reconhecimento e pertencimento do trabalho (NA2).

O reconhecimento das atividades que realizam habitualmente em seu ateliê, e as atividades dedicadas à Justa Trama, são abordados sempre com muito diálogo, elas buscam adequar seus objetos, idéias e propostas, com o objetivo da economia solidária como principal motivação.

O fundamento da translação é identificado nesta proposta de diálogo e de cooperação habituais, pois a cada conversa ou troca de opiniões, surgem novas formas de realizar o trabalho, novos caminhos a seguir e até mesmo novas opiniões, híbridos compartilhados pelo grupo.



**Figura 15: Relacionamentos do ateliê Em Nome da Arte**

Na figura 15, são representados os relacionamentos entre organizações mencionadas pelos entrevistados, voltadas à economia solidária e relacionadas à Justa Trama. Nesta figura, estão representados fluxos de informações, parcerias técnicas, solidárias e financeiras.

#### 5.2.6 A confecção de roupas em série, de malha de algodão: Cooperativa Unidas Venceremos (UNIVENS)

A UNIVENS é atualmente o elo final da cadeia, onde todos os produtos chegam, para serem vendidos, é onde se localiza o escritório central, e também onde atua a presidente da Justa Trama, Nelsa Nespolo. A cooperativa de confecção de malhas e uniformes também conta com uma sala de serigrafia e encontra-se localizada na cidade de Porto Alegre, RS. Sua fundação foi em maio de 1996, quando algumas mulheres que estavam desempregadas decidiram comprar suas máquinas de costura e trabalhar por conta própria. Praticamente todas moradoras do mesmo bairro, já haviam trabalhando em outras indústrias de confecção que foram a falência no início da década de 1990,

com a abertura comercial. Então, como já se conheciam, começaram a reunir-se para produzir em conjunto, e, diante de uma perspectiva para a confecção de lençóis para um hospital, que necessitava de nota fiscal, foi que fundaram a Cooperativa Unidas Venceremos, contando com 35 mulheres (METELLO, 2007, p. 90). Neste início da cooperativa, ela funcionava na sacristia da igreja, lá tinham mesas disponibilizadas para que elas pudessem fazer o corte dos tecidos, e elas costuravam em suas casas. Então, após algumas lutas políticas, com o orçamento participativo, elas conseguiram trazer a primeira incubadora popular da zona norte de Porto Alegre para o bairro Sarandi. Lá também a sala que era disponível para elas não tinha espaço para que todas costurassem, somente algumas ocupavam este espaço, conforme afirmam:

Estou há 14 anos na cooperativa, participei da fundação, junto com a Nelsa, Edília, Isaurina e Preta. No início eram muitas reuniões até conseguir abrir a cooperativa, tinha muita gente, mas como demorou muitas saíram pois precisavam trabalhar e outras porque não acreditavam mesmo. A cooperativa foi fundada na capela, quando tinha catequese tinha que parar, costuravam muito em casa. A Nelsa, sempre muito política, com o orçamento participativo conseguiu a primeira incubadora popular da zona norte. E a maioria veio trabalhar aqui... Hoje a gente tá procurando costureiras mas tá difícil, pois damos preferência para o pessoal do bairro (UN6).

É muito bom ver tudo hoje, porque no início era muito sofrido, meia dúzia de camisetinhas pra cada uma, hoje não precisamos mais correr atrás, o pessoal já procura a gente. Iniciou na capela, lá que foi formada a cooperativa. Mas só o corte ficava lá, a costura era feita em casa. Depois fomos para a incubadora, mas nem todas também trabalhavam lá, era em casa porque lá não tinha espaço. Estou há 11 anos na cooperativa, porque nos 3 primeiros anos eu trabalhava num posto de dia e pegava costuras de noite. É maravilhoso ver que cresceu e que a gente ajudou (UN10).

Há aproximadamente sete anos elas estão instaladas no atual prédio da cooperativa, e uma das políticas que consta no regimento interno é que todas as cooperadas têm que ser moradoras do bairro, a fim de economizar com transporte e alimentação, e também para que tudo que elas produzam seja revertido para o próprio bairro, com o intuito do desenvolvimento local, atualmente, a cooperativa conta com 25 cooperados, 24 mulheres e um homem. A produção atual da cooperativa é de 10 a 12 mil peças por mês.

A pesquisa realizada neste elo da cadeia foi um pouco diferente dos outros, pois nos outros elos foram realizadas visitas e entrevistas, mas na UNIVENS, o processo foi realizado através de visitas periódicas ao empreendimento, buscando não só realizar entrevistas, mais sim a observação participante, podendo ter contato com todas as cooperadas, e uma maior visão e inserção em seu cotidiano.

Sobre as dimensões trabalhadas, conforme expresso por Caporal e Costabeber, a **dimensão ambiental** é uma característica não muito difundida ainda entre todas as cooperadas da UNIVENS. Conforme o depoimento:

Como no início todo o stress ficou aqui, tem opiniões muito diferentes aqui dentro. Tem muita gente que pensa ai lá vem de novo essas coisas da Justa Trama. Eu adoro o trabalho da Justa Trama, mas a UNIVENS tá acima de tudo, eu amo isso aqui. E o trabalho com a Justa Trama é mais delicado, demoradinho, e o pagamento não compensa porque temos que fazer também várias outras coisas. Eu gosto muito de trabalhar com estes produtos, mas tu vai ouvir de tudo (UN5).

Denota-se assim o comprometimento da gestão com esta questão, principalmente pelo seu envolvimento maior com a Justa Trama e todo o significado ambiental. Já a maioria das cooperadas tende a compreender e valorizar mais a UNIVENS, e todos os trabalhos que elas desenvolvem de uma forma geral, sem dar uma atenção ou valorização especial à Justa Trama. Apenas quando percebem como, através da Justa Trama estão sendo cada vez mais valorizadas, quando recebem visitas internacionais, repórteres ou quando elas tem a oportunidade de fazer cursos ou representar a Justa Trama em feiras e eventos de economia solidária.

A **dimensão econômica**, na UNIVENS, é expressa através de todos os princípios da economia solidária, sintetizados por Gaiger e Castanheira e Pereira. Pois, em sua rotina, são vivenciados os princípios de que todos possuem posses iguais, com os mesmos direitos de decisão – todo o dia 23 do mês, elas passam a manhã reunidas em assembleia, onde discutem todos os acontecimentos do mês, os pedidos, processamentos, opinam e recebem apoio sobre a qualidade do trabalho, formas novas de trabalhar, organização do trabalho e balanço financeiro. Este momento da assembleia é apenas uma formalidade, pois, durante a rotina, elas estão sempre praticando uma união consciente e solidária, orientadas para uma lógica coletiva.

É difícil para nós que só costumamos, pois não conhecemos o resto do processo da Justa Trama, mas é muito legal o trabalho que é em rede e envolve todas as etapas. Temos muita responsabilidade com nosso trabalho para fazer cada vez melhor e conseguir levar adiante a UNIVENS e a Justa Trama (UN12).

É bom trabalhar aqui, tu tá numa panela fervendo, te envolve, cria um vínculo muito mais forte com a cooperativa. Mas eu tenho algumas máquinas em casa, então faço um pouco lá, mas gosto mesmo é de trabalhar aqui (UN5).

Gosto muito de trabalhar em cooperativa, já trabalhei em outros lugares, mas em cooperativa essa foi a primeira experiência, mas gosto muito (UN6).

Sobre a hierarquia, existe somente a Nelsa, que é a presidente da cooperativa e toma algumas decisões diárias sozinha. Mas esta hierarquia é mais em termos formais, uma vez que, com relação aos processos de trabalho, essa divisão não existe, pois a Nelsa viaja muito e tem sempre muitos compromissos, pois ela é também a presidente da Justa Trama, mas sempre que está na cooperativa, ela está trabalhando muito, no corte, que é seu setor, e ao telefone, e no computador, atendendo clientes, ela está sempre envolvida com o trabalho que sempre fez, junto com as outras cooperadas. E é até impressionante, pois, com a carga de trabalho que ela tem, ela poderia se dedicar somente a estas questões burocráticas e não mais ao trabalho prático.

Já a **dimensão social** denota os relacionamentos entre os cooperados da UNIVENS e da Justa Trama e também entre eles e os movimentos sociais ligados a elas.

Com relação ao apoio internacional, tem o pessoal da Espanha e da Itália. Os da Espanha são ligados à UNISOL e sua contribuição é muito pontual, através de verba para a construção da sede da UNIVENS, centro social, e ajudar a abrir mercado através da certificação de *fair trade*. E a Itália manda recursos para tocarem o negócio e facilitando a exportação para lá (UN1).

Quando começou a Justa Trama fizemos muitas reuniões, mas nunca imaginávamos que ia conseguir envolver tanta gente. Desde o início foi muito lento, várias paradas e cálculos. Eu acho o máximo que tudo que a gente pensou hoje tá acontecendo (UN5).

Claro que não é ainda aquilo que a gente sonhou, mas estamos chegando muito perto de conseguir um preço justo. Quem entrou no Ceará não quer mais voltar a usar agrotóxico, tu vê as pessoas tomando mais consciência de uma coisa que tu fez parte também, é ótimo saber que geramos tantos empregos, então tão se abrindo portas. A Justa Trama tá querendo aumentar a consciência geral. Toda a proposta em si eu achei muito legal. Participei de várias reuniões no início e muitas feiras também. A banca da Justa Trama sempre teve muito movimento e sucesso, chegávamos a sentir vergonha de estar vendendo tanto, pois muitos que precisavam, não conseguiam. Em 2004, tivemos uma venda de R\$ 7.800,00, fazíamos desfile, e todo mundo queria comprar, as pessoas ficavam encantadas pela história (UN5).

Com relação ao envolvimento com os movimentos sociais, a Nelsa é a diretora-secretária da UNISOL Brasil, e a Teresinha, outra cooperada, representa o setorial têxtil da UNISOL Brasil na região sul, onde elas estão sempre muito envolvidas com reuniões, projetos e atividades ligadas à Central UNISOL. Este forte engajamento com os movimentos sociais teve grande importância na constituição e desenvolvimento, não só da Justa Trama, como também da UNIVENS, pois, através de todos estes contatos e troca de experiências, elas sempre cresceram e aprenderam muito.

Com relação à **dimensão cultural**, a cooperativa UNIVENS tem alguns pontos importantes a destacar. Um deles é que num dos dias de visita à cooperativa elas

estavam com uma nova máquina em funcionamento dentro do escritório da Justa Trama, era uma máquina de bordar, que elas não tinham nenhuma, terceirizavam antes.

E uma cooperada falou:

Já tínhamos esta máquina de bordado há dois anos na caixa, mas nunca ninguém se interessou em parar seu trabalho para mexer com ela, e eu me interessei por ela. Aprendi a usar sozinha, lendo o manual, e essa parte de programação é bem complicada (UN3).

Este episódio mostra também os desafios da interações constante com os não-humanos, e é interessante que somente uma das cooperadas se interessou em aprender e pode então beneficiar toda a cooperativa, produzindo transformações.

Com relação à criação da identidade coletiva, existe uma grande ‘magia’ ocorrendo diariamente nesta cooperativa, somente de passar algumas horas por dia nesse local, pode-se sentir o clima acolhedor e envolvente em que elas trabalham. No início da cooperativa, elas não se conheciam, somente moravam no mesmo bairro, suas casas eram próximas, mas, nesses 14 anos de história, elas criaram vínculos que vão muito além dos vínculos profissionais.

O ambiente da UNIVENS é caracterizado pela descontração e sensação de familiaridade, muitas delas tem laços de amizade muito fortes, rotineiramente, algumas trabalham mais concentradas, outras já são mais agitadas, conversam, riem e brincam umas com as outras o tempo todo. Muitas ficam ouvindo músicas, cantando. Sobre os processos de trabalho, é consolidada como identidade coletiva do grupo a troca de idéias e o diálogo constante. Pois, em todos os momentos da confecção, seja nos moldes, corte, costura, a cada peça diferente, a cada dúvida ou insegurança, elas pedem ajuda às outras, e todas opinam e se ajudam. Estes momentos ocorrem várias vezes ao dia, durante todos os dias, e estes simples gestos denotam uma grande diferença com relação a qualquer outro modelo produtivo, é um outro modelo de produção e gestão que permite isso, quando existe esta flexibilidade e consideração de diálogo e troca de conhecimentos. Todo o processo de trabalho é construído dia-a-dia, nada é imposto ou pré-determinado por regras rígidas. As únicas exigências são, claro, as especificações demandadas pelos clientes, mas, todo o processo de trabalho de confecção exige conhecimentos e também as mesmas peças podem ser feitas de várias formas diferentes, por isso este diálogo é tão importante.

Parte disso pode ser compreendido através da teoria *grassroots approach*, de Arturo Escobar, que valoriza esta resistência da construção de novos modelos a partir dos conhecimentos e realidades locais, em não aceitar imposições ou pré-determinações

vindas de outras experiências e contextos. Um paradoxo interessante, que foi imaginado em um desses momentos de diálogo e construção dos processos de trabalho, foi com relação a esta cena e às fábricas de confecção chinesas, de produção em massa, com mão-de-obra barata e condições insalubres de trabalho.

Ainda com relação à rotina da cooperativa, elas não trabalham aos sábados, seus horários são de segunda à sexta-feira, das 07:00 às 11:00 e das 13:30 às 18:00hs. Este horário é mais flexível no horário do almoço para que todas, que possuem filhos e família, possam ir para suas casas fazer o almoço para todos. A maioria delas tem também algumas máquinas de costura em casa, então quando estão com filhos doentes, ou quando estão com prazos muito pequenos para entregar pedidos, elas levam trabalho para fazer em casa, às vezes também nos finais de semana. Durante este horário, elas fazem um intervalo de café, tanto pela manhã, como pela tarde, por uns 10 minutos, onde se reúnem na cozinha, e normalmente discutem assuntos também de trabalho, relacionados ao volume de trabalho do dia e as especificidades da confecção de cada uma das suas peças.

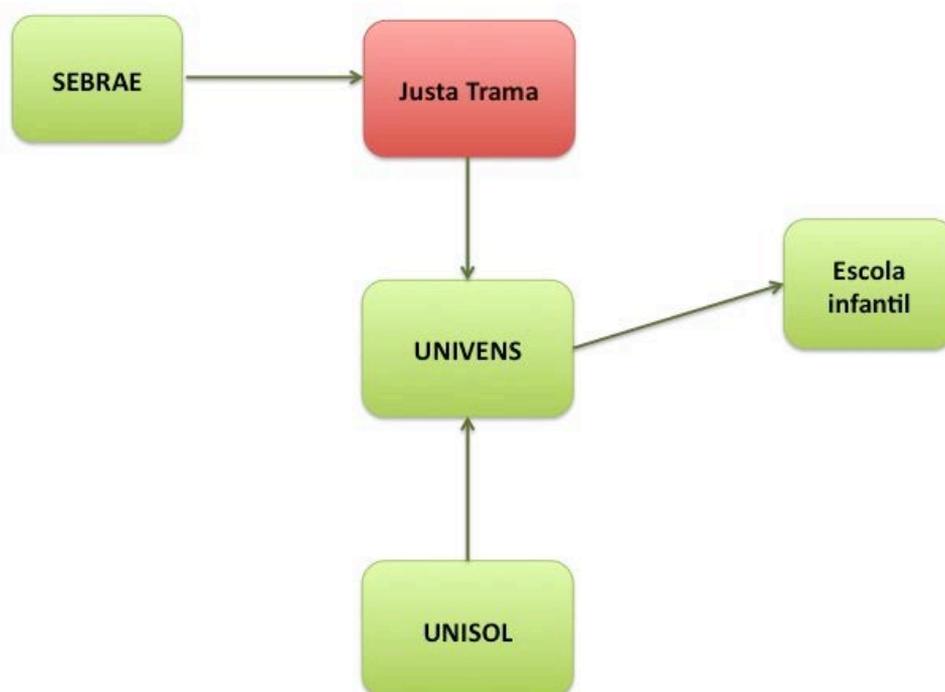
Algo que chama muito a atenção é um mural que está afixado na entrada da cooperativa, que estão afixados o regimento interno e algumas notícias de interesse geral, notícias da cooperativa ou da Justa Trama e também algumas orações e mensagens das cooperadas. Um dos avisos afixados no mural é um comprovante de depósito de R\$ 2.000,00 para o Haiti, com a seguinte mensagem escrita ao lado: “Nossa contribuição para o Haiti! Não tem fronteira quando queremos mudar o mundo”. Este espírito de solidariedade é tão forte que elas realmente não vêem fronteiras para seu trabalho e para realizar mudanças, que inicialmente eram somente locais que acreditavam que seriam capazes de conseguir, e, atualmente, já conseguem visualizar que o alcance da Justa Trama é global, e que elas podem realizar mudanças globais.

A UNIVENS tem uma identidade coletiva fortemente caracterizada pela solidariedade e pelos relacionamentos, que produzem efeitos muito benéficos, retroalimentando todo este processo, impulsionando cada vez mais o comprometimento e incentivo para continuarem crescendo, conforme relata a presidente da cooperativa (UN1):

E aí eu acho que a construção da Justa Trama é como se fosse assim você conseguir chegar num estágio que você não imaginava que fosse possível assim tão no curto prazo, de você ter uma ação aqui que se articula com o Brasil inteiro, a gente discute valores, que a gente reproduz as relações daqui da UNIVENS na Justa Trama. E a Justa Trama tem muito essa cara da UNIVENS sabe, de que pode vir quem quiser aqui dizer que a gente tá certo

ou não, através de tal estudo isso podia ser mais eficiente, mas se isso não convencer a nós, a gente não muda. A gente sofre mais, mas a gestão desse processo todo é que é a gente que tá fazendo. Então pode ser um pouco mais lento, mas é muito mais sólido. Esse mercado internacional, a gente poderia dar um jeito, poderia colocar alguém e daria um boom. Mas talvez não fosse tão sólido quanto o que a gente tá construindo. Então esse processo mesmo que mais lento é o que a gente tá construindo, é muito mais sólido, é como se a gente pudesse pega na mão, é como se a gente pudesse pegar a história na mão, feita por nós, juntos, é muito bom. Te faz acreditar que pela economia solidária você pode construir uma outra economia, você pode construir novas relações, e que a gente tem algo que várias pessoas dizem que é uma utopia, que não existe, que funciona até certo estágio, depois que confronta com o capitalismo são absorvidos ou não resistem, e a gente tá dizendo que não, que dá pra nem entrar nesse ritmo e nem recuar, a gente resiste, a gente quer construir.

E essa construção é uma construção coletiva, que os movimentos sociais tem muita importância também, sendo descritos no capítulo 5.3. Esta resistência valorizada pela presidente da cooperativa (UN1) é fundamental, conforme o autor Arturo Escobar, pois elas respeitam o seu desenvolvimento de dentro pra fora, confiam em seus relacionamentos e em sua capacidade de construção, querem fazer parte de todo esse processo, sem aceitar nenhuma situação ou imposição que não lhes pareça correta e específica para a sua vivência, a sua realidade e os seus ideais.



**Figura 16: Relacionamentos da UNIVENS**

Na figura 16, são representados os relacionamentos entre organizações mencionadas pelos entrevistados, voltadas à economia solidária e relacionadas à Justa Trama. Nesta figura, estão representados fluxos de informações, parcerias técnicas, solidárias e financeiras.

### **5.3 Movimentos sociais ligados à Justa Trama**

Para compreender com maior clareza a questão dos relacionamentos humanos e não-humanos na cadeia-rede do algodão agroecológico, o pesquisador também procurou conhecer e seguir os actantes que apóiam e estão ligados à rede, de diferentes formas. Estes atores são caracterizados principalmente por movimentos sociais e organizações não-governamentais que estão unidos à Justa Trama principalmente pelos ideais compartilhados entre eles de economia solidária, comércio justo e práticas agroecológicas. Os movimentos sociais que apóiam a Justa Trama desde sua fundação são o ESPLAR e a UNISOL. Mas, atualmente, ela conta com parcerias de diversos órgãos, não sendo eles somente movimentos sociais, mas como também empresas privadas, como a Petrobrás, que através de seus projetos de responsabilidade social corporativa incentivam e investem em diversos segmentos na Justa Trama, tem também projetos com o SEBRAE, entre outros.

Também a cadeia-rede conta com vários apoios internacionais, que são órgãos não-governamentais que promovem e incentivam empreendimentos solidários no mundo todo, são eles Nexus, Conosud, Fair Societá Coop e Iscos Cisl.

Na presente pesquisa, foram entrevistados e analisados em maior profundidade somente os dois movimentos sociais que participaram da criação da Justa Trama, fazendo parte da história, desde sua criação.

#### **5.3.1 Centro de Pesquisa e Assessoria (ESPLAR)**

O ESPLAR é uma organização não governamental, sem fins lucrativos, fundada em 1974, com sede em Fortaleza (CE). Atua diretamente em municípios do semi-árido cearense, desenvolvendo atividades voltadas para a agroecologia, a serviço da agricultura familiar.

Um dos principais projetos desenvolvidos pelo ESPLAR é dos consórcios agroecológicos com o algodoeiro, desenvolvido há dez anos no semi-árido cearense,

onde apóia agricultores/as familiares na produção do algodão ecológico. Em Tauá o trabalho é realizado em parceria com a ADEC, desde 1994. Em Choró e Massapê foi iniciado em 2003, em parceria com os respectivos Sindicatos dos Trabalhadores Rurais. O algodão é cultivado em sistemas consorciados com culturas alimentares como milho, feijão, gergelim e guandu, além de espécies arbóreas como nim e leucena. O projeto tem como objetivo gerar renda através da venda de produtos no mercado, em especial o algodão, com maior valor agregado; diversificar a oferta de alimentos saudáveis para as famílias que dele participam e melhorar a qualidade do solo nas áreas trabalhadas. Segundo eles, o cultivo do algodão em bases agroecológicas produziu importantes resultados positivos: desenvolveu a consciência ecológica de um número expressivo de pessoas, melhorou a qualidade do solo e teve a adesão de mais de uma centena de agricultores/as, que utilizam em níveis diferenciados as tecnologias sugeridas. E ainda, desde 2002 o algodão produzido em Tauá está sendo utilizado na produção de fios artesanais por dois grupos de mulheres daquele município.

Segundo ES1, alguns relatos sobre o início desta história:

Mas quem começou o trabalho com o algodão agroecológico no Brasil foi o pessoal de Tauá e por uma iniciativa nossa. Nós fomos os pioneiros né. Então essa história começa em 1990, com um grupo de agricultores que a gente reuniu, e começou a pesquisar uma nova forma de tentar produzir o algodão convivendo com o bicudo que era o grande bicho papão na época né, hoje ainda continua sendo um problema, mas nem por isso as pessoas deixam de produzir. Então começou por aí. E levou dez safras que a ADEC estava vendendo algodão para o mercado orgânico, com altos e baixos em termos de compromissos com quem ia comprar.

Bom, são 20 anos né, mais de um terço da minha vida. Eu considero do ponto de vista profissional, o trabalho mais gratificante que eu me meti até hoje. Não tem comparação. E o início dele coincide com o momento que eu tava saindo do curso de agroecologia, que nós trouxemos da Califórnia o Prof. Miguel Altieri aqui pra Fortaleza, passou 80hs. Dando um curso, o cara era o papa da agroecologia na época. Ao final desse curso, exatamente uma semana depois, eu soube por um colega de trabalho, em uma viagem ao interior, que um agricultor, foi na fazenda onde o cara morava, e ele disse – “ah Eduardo, foi bom que você veio aqui, eu ia procura o ESPLAR pra me ajuda a dizer por que esse ano eu colhi o algodão, depois de ter passado três anos sem colher”. Mais ou menos essas palavras do cara, e ele não tinha colhido algodão desde 87, e em 89 de repente, colheu. Quando ele me contou a história, eu disse, vou atrás desse troço. Eu tava louco pra encontrar um tema de pesquisa, pra dar vazão a esse conhecimento que eu tinha absorvido durante o curso. Aí fui lá, visitei o Veríssimo, em outubro de 89, e aí ele contou toda a história pra mim, eu visitei, fotografei toda a área dele, tem tudo registrado aqui. Em dezembro eu fiz uma cartilhinha, convidando ou desafiando outros agricultores a participarem dessa pesquisa. Teria que ser uma pesquisa participativa, no ESPLAR nós não queríamos simplesmente pesquisar, montar áreas de produção e testar as várias hipóteses e depois chegar e dizer assim, tá aqui ó, pode fazer que vai dar certo. Ou seja, nós nos dispúnhamos a pesquisar, desde que, eles participassem, fizessem junto. Aí eu fiz essa cartilha, aí levei para um curso de formação que tava tendo de

agricultura alternativa para agricultores familiares, homens e mulheres, nós tínhamos um centro de treinamento aqui na metade do caminho entre Tauá e Fortaleza. E eu levei essa cartilha, distribuí lá no curso e distribuí, foi bom que as pessoas leram, entenderam, discutiram o assunto e saiu bom. Então, dez, doze toparam participar, entrar numa pesquisa, e a gente começou.

Ao cabo de seis reuniões, bom, nós vamos primeiro estudar o assunto, o quê que tem nesse bicudo, foi aí que nós estudamos pesquisas feitas pela Embrapa, pela Universidade Federal, depois que nós acumulamos bastante informação, então e agora turma, tá na hora de fazer uma proposta. O quê que a gente apresenta como alternativa ao sistema convencional, passamos duas reuniões trabalhando em cima da nova proposta. E ao final, tava desenhada uma proposta, que não é exatamente igual ao que tá hoje, mas as bases estão lá, 20 anos depois. Em dezembro de 1990 nós lançamos num congresso da CUT aqui essa cartilha, pra outros agricultores, no congresso rural da CUT. Mas isso foi mais pra mostrar que tinha um grupo tentando fazer essas coisas, aí foi só a proposta. E em 91 então a gente começou, a experimentar nas suas próprias áreas o que tava no papel, aquela proposta, e eu dei seqüência acompanhando, viajava a campo, media, acompanhava, pesava com eles as coisas, os resultados, e foi uma coisa também muito gratificante fazer isso, porque houve um interesse muito grande dessas pessoas.

Essa pesquisa durou seis anos, com esse nível de detalhe, durou dois anos, mas o grupo continuou se reunindo e fazendo discussões sobre como tava evoluindo as coisas, durante muito mais tempo. Olha aqui (mostrou uma caixa com apostilas de cada agricultor), as chuvas que eles registravam, e a gente ia e digitava.

Então, sua pergunta foi sobre a motivação, quando foi em 1993, a gente resolveu transferir todo o trabalho pra Tauá, isso aí era em vários municípios, era muito distante, Pompeu Carneiro, Canindé, Madalena, enfim. Quando nós resolvem concentrar o trabalho em Tauá, o grupo de pesquisa ainda continuou mais dois ou três anos, mas não necessitando mais testar essa proposta, a proposta já tava comprovada que era viável, o caminho era por ali mesmo, então as pessoas se encontravam, discutiam, faziam visitas, a gente juntava o grupo, e ia pra outro município, visitar, fazer um intercambio com aquela pessoa que tá plantando lá. E aí na safra em 1993, ah, teve um negócio muito importante antes disso. No segundo trabalho do grupo, em 1991, levamos para um trabalho da reunião do grupo um filme sobre fibras, fios e tecidos do programa Globo Ciência, que mostra toda uma cadeia do algodão funcionando né, foi até o Agil lá de Parambú, disse: - “Mas tem uma coisa, nós não vamos produzir esse algodão pra entregá-lo para os mesmos de sempre, os atravessadores, os comerciantes, que é só quem lucra com a questão, nós vamos ter que arranjar uma máquina para beneficiar esse algodão e a maior parte do produto fique de fato em nossas mãos”. Traduzindo, o que ele falou foi mais ou menos isso. Aí eu caí em campo, pra ver se existia alguma máquina de pequeno porte, de custo barato que pudesse ser comprada, daí o pessoal da ADEC e do Sindicato Rural de Tauá, entraram em contato com a paróquia de Tauá, que dispuseram de uma verba, equivalente naquela época a US\$ 1.500,00. A ADEC já tinha aquela sede, embora menor e tudo. E eu comecei a buscar informações, uma foi com o Amorinho, atual secretário de agricultura do estado, tinha tido uma informação de um técnico da Emater que em Pernambuco tinha um modelo de máquina como a gente tava querendo, bem pequena e barata, mas ele só disse isso. Aí eu toco o telefone da Emater em Pernambuco, me deram uma dica um técnico aposentado da Emater, telefonei pra ele e ele disse pode vir aqui que eu te levo lá. O governo do estado naquela época tinha comprado 10 dessas máquinas pra distribuir para as associações. E eu visitei duas máquinas delas, ele me levou na fábrica, nessa época fabricavam sob encomenda, lá em Recife mesmo, aí o Roberto disse, eu vendo essa máquina pra vocês pelo equivalente a US\$ 1500,0, pronto então compramos porque já tava disponível esse dinheiro. Mas a máquina veio e ficou alguns dias aqui no ESPLAR, porque eu vi que ela tava funcionando bem legal e tudo, mas ela

tinha um problema de colocar muito pouco algodão de cada vez, aí um técnico alemão que tinha na UFC, trouxe ele aqui e mostrei a máquina e tal vamos colocar um funil maior pra caber mais algodão, ele fez pra gente isso, uma melhoria no desempenho da máquina, somente agregando um funil na entrada. E a máquina foi pra Tauá e a primeira safra beneficiada foi a de 1993 e vendida como algodão orgânico, e aí começa a história da gente tomar decisões pra ADEC, a ADEC não tinha idéia de preço, só do mercado corrente convencional.

O início dessa história, conforme o relato, aborda a importância de actantes não-humanos, tais como o curso com o Prof. Altieri, as pesquisas e iniciativas do ESPLAR em conquistar mais adeptos, a participarem de toda essa pesquisa e processo, bem como o programa do Globo Ciência, que foi um vídeo que provocou reflexão e *insights* para transformar todo um processo de negociação que vinha ocorrendo há muito tempo.

Com relação à **dimensão ambiental**, o ESPLAR sempre teve uma caminhada que buscasse maior sustentabilidade ambiental no semi-árido, pois trabalham com agricultura familiar, e estão em contato diário com a degradação do solo e com as agressões que os próprios agricultores se submetem, na utilização intensa de agroquímicos que prejudicam sua saúde e o meio ambiente. Conforme explica ES1, sobre os desafios dessa proposta agroecológica:

O outro desafio é que nós estamos numa região onde o algodão historicamente tem uma produção por área infinitamente menor do que no centro-oeste, em São Paulo, do que na região do cerrado. Claro que lá a custos astronômicos, que nem sempre a produtividade compensa, mas lá é a realidade. E a nossa é outra, a produtividade dos sistemas consorciados é relativamente boa, mas a do algodão, como ele é apenas um componente dentro dos demais, é baixa, então nosso desafio é como fazer crescer a oferta de algodão pela agricultura familiar de bases agroecológicas sem que isso, ou melhor, fazer crescer sem que seja necessário agregar mais milhares e milhares de pessoas. Porque aí em vez de um potencialmente 500 agricultores que a gente teria esse ano, que não teve por causa da seca, nós teríamos que ter uns 2 mil, 3 mil, e aí quem é que vai dar conta da assistência. Aí a outra possibilidade é o estado, que já tá através do PDHC, da Embrapa, da secretaria de desenvolvimento agrário aqui do estado já tem um início de trabalho.

Neste órgão de apoio à Justa Trama, conforme os princípios da agroecologia propostos por Caporal e Costabeber, todos eles são contemplados pelo ESPLAR, pois seu trabalho de formação é justamente este, incentivar e dar assistência às áreas produtivas do semi-árido a produzirem de forma mais sustentável, com as bases da agroecologia.

Na **dimensão econômica**, existiu todo um envolvimento do ESPLAR com a comercialização inicial do algodão, antes mesmo de surgir a Justa Trama, conforme ES1 descreve esta trajetória:

Bom, a Filobel comprou esse algodão durante três anos para o Greenpeace, e em 1997 foi a Baobá tecidos artesanais de São Paulo, uma empresa pequenininha de uma historiadora rica, que montou uma tecelagem artesanal e depois ela transformou numa cooperativa que é gerida pelos próprios tecelões que trabalharam com ela. E a Daniela, que era essa dona da Baobá, veio aqui, visitou o pessoal de Tauá, conheceu quem era que tava fazendo esse algodão que tava comprando, comprou o algodão, pagou a certificação, e pagou o melhor preço, 50% de diferença no preço. Mas aí a Daniela resolveu na fazenda dela lá em São Paulo planta algodão numa área pequena, um hectare, dois hectares, e comprou uma máquina pequena igual a essa que a ADEC tinha, levou pra SP pra fazer tudo lá. Mas aí ela achou que também não dava certo, o negócio dela era mesmo plantar café e aí depois ela parou, e depois continuou a Baobá. Só parou a produção de algodão. Daí ela doou a máquina pra nós. Ela me ligou e disse: - Pedro Jorge, resolvi parar com essa história de algodão, preferi continuar comprando mesmo, e quero doar esta máquina, o quê que eu faço, daí eu disse olha, pra ADEC ela já tem aquele pequenininha já, só de 10 serras, aí pronto, a ADEC mandou buscar. E a Daniela comprou em 1997 e 1998 e o grande nó continuou sendo fio, fazer o fio. Eu tive que ir a Recife e de lá me informaram na Embrapa que tinha um SENAI que tinha um departamento de uma escola de produtos têxteis, mas é do SENAI, lá em Goiana, vizinho a Recife. Aí me mandei pra Goiana e consegui que eles fizessem o algodão pra Daniela, 1.000kg. de fio, mas aí, era assim, a coisa do SENAI não tinha funcionários em quantidade suficiente para operar todas as máquinas, então era os alunos como estagiários que iam operar e levou quase um ano. Então a Daniela desistiu. Mas valeu essa primeira experiência de tentar fechar a cadeia e conseguimos fechar. Depois eu visitei a tecelagem da Daniela também.

Em 1999, foi a Tribal Company, uma empresa de um grupo religioso, confessional mesmo, eles se auto-intitulam de tribos e vivem em comunidades. No Brasil é lá em Londrina, eles moram em um sítio, uma coisa assim. E resolveram se meter na produção de roupa orgânica. Aí o Paulo Cesar que era esse Cearense que fazia parte desse grupo veio aqui e já negociou a compra do algodão, mas ele disse, eu quero é já recebe a confecção. Aí eu fui no sindicato das indústrias têxteis daqui, daí pá, Ivan Bezerra, que é irmão do ex-governador do estado, usineiro de algodão, politicamente dominavam o estado aqui, e dono de uma grande indústria têxtil, e eu nem conhecia ele, mas aí conversamos e tal, e ele: é para o desenvolvimento do estado? Eu topo. Era três toneladas de algodão, pararam o setor todinho da fábrica, fizeram o fio, fizeram a malha, foi certificado aí o algodão, a indústria, e agora, fazer confecção, eu disse, eu tenho uma saída, tinha uma ex-sócia do ESPLAR tinha se dedicado a uma indústria da família, de roupa feminina, roupa íntima. Aí ela já saiu da empresa com o tecido. E aí, quando foi em 1999, foi isso com a Tribal, 2000 aí não apareceu ninguém pra comprar o algodão. E a ADEC recebeu o algodão, eu acho que foi desse ciclo anterior da Veja e da Justa Trama foi a maior safra que teve, umas 20 toneladas de algodão. E dessas 20, a ADEC pode comprar apenas a metade, porque não tinha dinheiro pra pagar. Aí ao comprar a metade, a outra metade, o pessoal jogou para as usinas, tava lá por qualquer preço. E o resto o pessoal que entregou, teve gente que passou um ano pra receber o dinheiro. Então foi o caos. 2001 a gente decidiu dá uma parada de um ano, não incentivar, incentivar os consórcios, mas sem algodão, pra passa só fazer isso quando tivesse garantia da ADEC poder comprar. E foi nessa época que o ESPLAR tinha um dinheiro, nesses choques de câmbio do governo Fernando Henrique, a gente tava com um dinheiro da ICCO que tinha orçado tantos mil euros e com o choque cambial, valeu 20% mais. Então foi um ganho que ninguém

esperava. E a ICCO disse, vocês não vão devolver o dinheiro, mas o emprego desse dinheiro tem que ser informado pra nós, o quê que vão fazer, não é botar mais gente, ou aumentar salário, que é um negócio insustentável. A gente pode emprestar esse dinheiro pra ADEC, a ADEC quando vendia o algodão nos devolvia, e garantia que quem produzisse algodão ia receber no ato da entrega. E aí no outro ano a gente voltou, foi a safra de 2002, foi vendida pra Osklen em 2003, e a de 2003 vendida em 2004 pra Veja. Porque a Osklen deu o cano aí, a safra de 2003 a Osklen se comprometeu a comprar, acertou-se preço, fecharam preço com a ADEC, quatro meses depois, eles disseram que não, que não queriam. E aí o preço já tinha caído. A safra de 2000 foi junto com a de 2002 daí.

Se a ADEC não tivesse aquela máquina, a primeira pequeninha, não tinha como obter sementes, garantindo que eram sementes limpas, livre de agrotóxicos, ia ficar dependente do governo do estado, ou dos donos de usina que beneficiam de todo o tipo. Ela garantiu e garantiu a coisa tão importante quanto, que aquele algodão que tava passando lá, que tava sendo beneficiado era o algodão dos agricultores que adotavam o sistema agroecológico, não era o convencional.

Ainda sobre a dimensão econômica, vale ressaltar como todo este trabalho diferenciado e esta luta que o ESPLAR abraçou, juntamente com a ADEC, sempre caminhou para que a comercialização cada vez mais tivesse esse viés da economia solidária, através de buscar sempre empresas que tivessem realmente estes ideais também.

Esta resistência deles em não comercializar mais com empresas que somente envolvem o preço como fator de negociação é um grande avanço no processo todo, pois, conforme os ideais da economia solidária, eles compreendem que as negociações precisam ser participativas, os empresários precisam conhecer os produtores, precisam se ajudar mutuamente, estabelecer relações, participar mesmo.

Os relacionamentos entre o ESPLAR e a Justa Trama, e as outras empresas e suas constantes articulações com grupos, sindicatos e governo são abordados através da **dimensão social**. Conforme os relatos de ES1, um pouco de como tudo isso ocorreu no passado e ocorre hoje:

Agora, em relação à Justa Trama propriamente dito, em julho de 2004 eu fui convidado pra participar desse congresso da UNISOL, onde podiam ir duas pessoas daqui, um do ESPLAR e outro das organizações que estavam ligadas ao algodão. Nessa época foi o Aeronilton que nessa época era o representante do sindicato dos trabalhadores rurais de Quixadá e nessa época nós participamos da primeira reunião, que foi mais ou menos um embrião da Justa Trama ainda, não tinha nem nome, tudo era a UNIVENS né, era a cooperativa das mulheres costureiras lá de Porto Alegre. Nem a CONES participou dessa reunião, participou a TextilCooper. Então foi a UNIVENS, a Fio Nobre de Itajaí, a Dalvanir eu acho que tava chegando nessa história, mas ainda não nesses primeiros contatos, que é da Cooperativa Açai lá de Rondônia e um representante que hoje é a ADEC né, no caso o Aeronilton né, e eu pelo ESPLAR. Mas o Rodnei, da CONES (Cooperativa Nova Esperança) lá de Nova Odessa, SP, apesar de não ter participado dessa

reunião mandou dizer que não gostava muito de reunião, que resolvesse que ele topava e ele aceitava. Apesar de ele não ter participado, foi uma pessoa fundamental ele, e a CONES, ele como gerente comercial, fundamental na organização dessa cadeia. Porque se tinha já o algodão aqui, você tinha as costureiras querendo confeccionar, a Textilcooper disposta a fazer os tecidos, mas não tinha ninguém pra fazer o fio, e sem fio não tem tecido, aí o Rodnei disse eu faço, a CONES faz. E a participação do Rodnei, a participação da CONES nessa tomada de decisão foi fundamental não só para a Justa Trama. Mas dois meses depois, três meses depois dessa reunião com a Justa Trama, chega aqui no ESPLAR o François da Veja *Fair Trade* da França, querendo comprar o algodão, e veio e comprou o algodão. Quer dizer, primeiro ele veio no ESPLAR teve um contato comigo, depois ele viajou sozinho pra Tauá, e lá comprou o algodão e mandou que mandasse pra São Paulo. Mas a essas alturas eu já tinha dito pra ele, olha o grande lance, a grande dificuldade, o grande limite até hoje é achar quem faça fio, ninguém quer fazer fio de três toneladas, tem que parar a fábrica todinha, você já viu como é né, pára um setor todinho, limpa tudo, pra poder ter o algodão agroecológico, termina, volta tudo como era antes. Mas eles cobram pela paralização das máquinas, cobram pela limpeza, então o fio, enquanto no Brasil. Pra você ter uma idéia o fio hoje pode ser comprado no Brasil vindo da Índia, mais barato do que o produzido no Brasil. O fio do Peru, que é o fio mais nobre, é o algodão de melhor qualidade do mundo, o peruano e o egípcio, chega aqui mais barato que o nosso, o fio do algodão agroecológico, isso é tempo que eles contam como dinheiro, que não tão ganhando, então tem que tirar.

Então aí na história que a UNIVENS articulou esses contatos com a cadeia, foi fundamental para conseguir finalmente uma cooperativa disposta a fazer fio, não importava o preço, mas tava disposta. Bom, passada essa reunião aí, o pessoal não tinha dinheiro ainda pra comprar o algodão, por isso que a Veja comprou. Mas quando foi em 2005, em março de 2005, quando foi beneficiada a safra de 2004 lá da ADEC, janeiro, fevereiro não sei, terminaram de beneficiar tudo, aí a Justa Trama já tinha conseguido um empréstimo com a UNISOL, uma forma de financiamento, aí não era ainda a cooperativa Justa Trama, era ainda a UNIVENS, mas já funcionando como uma articulação de uma cadeia, essa cadeia no âmbito da economia solidária, só cooperativas de economia solidária.

Em setembro ou outubro de 2005, foi feito então o lançamento da marca Justa Trama lá no Rio, no morro Pavão, Pavãozinho, lá perto da praia de Copacabana. Foi feito lá na favela mesmo, eu subi com o maior medo do mundo, a pé, subindo o morro lá pra ir no lançamento que foi feito no CIEP, junto com o pessoal da associação dos moradores do morro do Pavão. Gente bonita, o desfile do lançamento das coleções foi todo com as meninas lá do morro, desfilaram muito bem e eu tenho fotos lindas desse evento. Todas negras né, bem jovens. E aí pra nós assim foi um momento muito importante, quando a gente se reuniu na casa que o pessoal ficou hospedado lá, é conseguiram um local, era um centro de alguma coisa, reuniram na sala lá, todo mundo sentado no chão, e foi colocado os diversos tipos de confecção e todo mundo naquela roda né, então a gente pega, pô o algodão de lá tá resultando nisso aqui, que bom, que legal né. Nessa reunião fomos eu e o Dário, lá de Massapê. E a partir daí já tinha a marca Justa Trama e ela criou uma espécie de coordenação da qual faziam parte dois representantes de cada cooperativa, passando pela ADEC, passando pela CONES, pela Textilcooper, pela UNIVENS e Fio Nobre e a Cooperativa Açai.

Através deste depoimento transparece a importância da construção dos relacionamentos, em como um parlamento das coisas foi formado nessas reuniões, a fim de discutir o relacionamento humano e suas atividades, mas também sobre os processos

e instituições e empreendimentos envolvidos no processamento do algodão agroecológico.

Com relação à sua parceria com a ADEC, ES1 relata:

Veja, a ADEC é uma história em que a gente identifica fases bem distintas, uma que a ADEC não tinha movimento, não tinha grande movimento, não tinha grande volume de algodão pra vender, os seus diretores não tinham remuneração nenhuma, e trabalhavam voluntariamente e com muita dificuldade pra dar conta, morria de ligar pra ADEC e ninguém atendia, tava fechado mesmo, chegava época safra do algodão, eles davam jeito de marcar dia pra receber o algodão, as pessoas vendiam o algodão e não sabiam quando iam receber o dinheiro, só depois que vendesse. Uma série de dificuldades. Aí a coisa veio dessa forma com a ADEC, isso até mais ou menos 2006, com a ADEC fortemente dependente do ESPLAR. Quem servia de interlocutor pra responder se tinha algodão, quanto tinha, qual era o preço, não sei o que, éramos nós da ESPLAR. A ADEC nem aberta tava pra atender telefone, não tinha e-mail, era complicado muitas vezes, e nós acabávamos tendo que responder muita coisa pela ADEC, aí quando começa a Veja a comprar o algodão a ADEC já teve um pouco mais de vitalidade, de condição de minimamente ter mais dedicação do pessoal, embora não tivesse salário, não tivesse ganho pra fazer o trabalho que eles faziam. Em 2007, a coisa já começa a mudar de figura, quando a ICCO que é uma agência holandesa de cooperação internacional, a ICCO que financia o ESPLAR há mais de 20 anos, aprovou um projeto nosso que permitiu que nós colocássemos a ADEC num orçamento dentro desse projeto para a ADEC, acho que foram 30 mil euros, era 55 mil para o ESPLAR e 30 pra ADEC. Isso permitiu que as pessoas tivessem uma remuneração em forma de diárias, não era salário, mas quando tinha que sair pra ir nas comunidades pra ver quem tinha que plantar o algodão, reunião, não sei o que, naquele dia que ele saía pra trabalhar, ele tinha uma diária, não sei quanto era, R\$ 30,00, passava uma semana trabalhando no campo, ou lá dentro da ADEC organizando as coisas, recebia também. Não era um salário para a diretoria, por outro lado, hoje o esforço, sobretudo da minha parte é tentar estimular a autonomia da ADEC, porque até então, mudava uma diretoria, aí a gente tinha que praticamente começa do bê-á-bá de novo, das noções elementares do que eles tinham que fazer pra fazer funcionar essas coisas. Quando em 2004, a UNIVENS e depois a Veja entraram pra articular a cadeia já estava um pouco melhor, quem era da diretoria já tava passando mais tempo no cargo. Às vezes um era presidente, passava a ser tesoureiro, ou secretário, mas as pessoas eram as mesmas, mas antes tinham mudanças radicais, saía uma diretoria e entrava outra completamente diferente.

Então, deliberadamente, eu vi que já que a ADEC tava com um pouco mais de condição, era importante que a gente também fizesse um esforço pra gente não tá assumindo decisões por eles, porque era tudo, assim quanto é o preço do algodão, eu é que tinha que consultar aqui, e muitas vezes, por não conseguir contato com eles, eu deixava tudo engatilhado, praticamente tudo resolvido, e quando entrava em contato com eles, confabulava e dizia, é, pode fechar. E eu é que fechava. Mas aí foi a consciência de que essa dependência não ia levar a nada, que fez com que uma vigilância permanente pra que não ficar querendo gerar uma autonomia por um lado, e por outro lado, querendo se manter importante também, porque toda a empresa que procurava, procurava a mim, isso é bom né.

Eu fui a Tauá e aí me deu um estalo, o algodão aquelas alturas não era mais produzido só em Tauá, tinha Xoró, Massapê. Então foi Xoró, Massapê e Tauá. Aí o que foi que eu fiz, a ADEC não pode mais tá decidindo sozinha com o ESPLAR o destino desse algodão. Então eu pego o telefone, ligo pra ADEC, pra Xoró e Massapê, e digo olha, é nessa situação, tem muita gente

querendo comprar o algodão e eu acho que essa coisa não é só mais da ADEC, eles concordaram. Vamos fazer uma reunião pra começar a discutir essas coisas, isso eu to elaborando agora né, então quer dizer, esse também foi um passo interessante pra essa possibilidade de autonomia né, porque nesse momento, quando nós nos reunimos pela primeira vez, eram dois sindicatos, o ESPLAR e a ADEC, nos reunimos aqui, foi feito todo um como é que tá, quanto tempo de produção, de quem é essa produção, e como pode ser vendida e tal. E aí já começou a se estabelecer um espaço de diálogo entre os representantes da produção e nós também, e quando foi menos de um ano depois, a gente fez duas reuniões desse ano. E a partir de 2005, duas, três, quatro reuniões, e aí o grupo já pegou um nome, Grupo Agroecologia e Mercado (GAM), o GAM surgiu em 2004, ainda sem nome, e em 2005 ele foi batizado com esse nome, e passou a ser uma coisa séria, de muita discussão, de muito quebra-pau, de muitas discordâncias, às vezes e tudo, mas sempre buscando consensos, acordos, essas coisas. E o GAM passou a ter um papel de planejar a safra, assim, onde é que vai ser plantado, tem mais alguém interessado, tem. E aí foi aumentando, hoje são 15 municípios, mas nem todos participam do GAM, tem uns que tão ainda muito no começo, e o GAM o pessoal só convida pra participar quando já tem algum caminho percorrido. Não é entrou pra produzir e participa. E o GAM então planeja as atividades, distribui tarefas, discute a parte do acompanhamento técnico do ESPLAR e da ADEC, negocia, discute condições sobre o preço, o beneficiamento da safra, e também a respeito da certificação. Encaminha E, naturalmente, a ADEC também mostra os custos do beneficiamento, então só resumindo a história de autonomia, à medida que a ADEC teve condição com o projeto da ICCO, pra ter gente mais disponível lá, a partir do momento que o GAM passou a existir, as coisas foram gradativamente sendo transferidas ou pra ADEC tomar suas iniciativas ou para o GAM, onde a ADEC também está presente.

As reuniões hoje são praticamente mensais, aqui no ESPLAR. O pessoal tem dificuldade de transporte, porque há uma distribuição espacial muito dispersa, porque tem quatro municípios aqui no sertão central, quatro na região norte do estado e outros seis na região dos Inhamuns. Então, fazer uma reunião com representantes desses 10 ou 12 que participam do GAM, em Canindé, por exemplo, ela tem que pegar ônibus, sair de um lugar pra outro é complicado, é pior que conexão de avião.

Este relato observa o papel de mediador exercido pelo ESPLAR durante todo o período de construção dessa nova lógica agroecológica através do algodão, acolhendo, dando total suporte e, posteriormente, buscando encaminhar a ADEC, articulando todos estes movimentos. E, atualmente, o ponto em que estes relacionamentos estão, conforme ES1:

E eu fui muito presente nas reuniões da Justa Trama até 2007, eu fui uma em Rondônia e outra em Porto Alegre, foi lá na UNIVENS, de lá pra cá, sempre vai alguém daqui, a Justa Trama é realmente a cadeia formada pelas cooperativas, pelas associações, já teve outras cooperativas também que já entraram, lá de São Paulo.

Existe um diálogo permanente ainda hoje com a ADEC, até por força desse projeto com o ICCO. Com a Justa Trama é diferente, até porque a ADEC é Justa Trama né, e eu hoje tenho uma comunicação muito menos freqüente com a Nelsa, por exemplo, com a Idalina, do que foi até 2007, por exemplo. E a mesma coisa com a Veja também. Mas antes tudo passava por aqui. A partir do momento que a ADEC tem um endereço eletrônico, tem pessoas

habilidades a usar computador, entrar na internet, aí muda. E eu considero esse um resultado muito importante.

Sobre as novas articulações, existe um movimento muito importante sendo desenvolvido, que é a Rede do Algodão Agroecológico, fruto de todas estas articulações já desenvolvidas, conforme o depoimento:

E isso já é resultado também de uma outra coisa que é a Rede do Algodão Agroecológico do Semi-Árido, que envolve cinco estados do Piauí até Pernambuco, com mais de 8 ou 10 ONGs e não sei quantas associações de agricultura familiar, mais a Embrapa, mais o projeto do Helder Câmara, e duas empresas também participam da coordenação da rede. E daí em um seminário que nós organizamos agora em abril passado, convidamos três certificadoras, duas vieram, para debater o seguinte desafio: como tornar sustentável a certificação orgânica para agricultura familiar no semi-árido, esse foi o tema do debate.

E a rede tá tendo um trabalho muito importante que é pra desmistificar esse bicho papão que é a relação com empresas. Houve muito quebra-pau, houve muitas pessoas que se pronunciaram: - Pô, não sei por que empresas dentro das nossas reuniões.

Eu até uma vez dei uma resposta de público assim, para um colega lá de Pernambuco, porque ele assim, ai não sei por que uma empresa tá numa reunião da rede. Aí eu fiz todo um histórico, de como era o algodão do passado que os agricultores familiares produziam, que 50% do que eles produziam era para o dono da terra, e os outros 50% eles tinham que vender aos donos também, porque senão, eram ameaçados até de prisão, se fossem vender fora, porque o dono tinha que comprar aquele algodão com um preço bom pra ele e péssimo pra quem tava plantando. Porque com aquilo ele lucrava mais para revender pra usina de beneficiamento. E eu falei pra ele, se a gente quiser voltar para o sistema em que todo o algodão era entregue para os usineiros, que vão pagar um preço que hoje é mais ou menos a metade que as cooperativas e empresas do comércio justo tão pagando, se as empresas forem pagar o mesmo valor que é a metade do comércio convencional, então tudo bem. Ou então nós nos relacionamos com essas empresas pra contribuir para que essas relações tenham uma qualidade diferente, ou não vamos manter, sustentar, uma proposta do algodão agroecológico, sem nenhuma dúvida.

Enquanto movimento social que incentivou no início e apóia até hoje a proposta dos consórcios agroecológicos do algodoeiro, ao analisar esta organização pelo viés da teoria da ação coletiva, abordada por Benford e Snow, traz algumas considerações. O primeiro tópico a ser considerado diz respeito à identificação de problemas e lócus de atribuição, ou seja, dentro do ESPLAR, e no seu relacionamento com outras associações ou empresas, existem problemas, mas todos são sempre resolvidos através do diálogo, que é um dos princípios fundamentais de todo o seu trabalho. Através desse diálogo constante eles sempre conseguiram identificar, solucionar e otimizar todos os problemas ou pontos fracos que surgiram.

Com relação à sua configuração, o ESPLAR pode ser caracterizado como extremamente flexível (a não ser com as regras e normas de plantio e técnicas

agroecológicas) e também se mostra muito inclusivo, pois sempre esteve aberto para novas relações e negociações, aliás, por muito tempo, eles é que eram responsáveis por vários processos que deveriam ser realizados pelas associações, como as negociações de venda do algodão.

Sobre a variação no escopo interpretativo e influência, os modelos de ação coletiva operados nos movimentos sociais podem variar com relação ao escopo de atuação dos movimentos e com relação à sua influência. O ESPLAR, de acordo com a classificação de Benford e Snow (2000, p. 619), pode ser caracterizado como um macro movimento, dentro de sua área de atuação, pois influencia e age diretamente sobre o trabalho de outros movimentos sociais, no caso, os sindicatos dos trabalhadores rurais, principalmente, mas também está sempre se articulando com outros movimentos e projetos. Para ilustrar de forma mais efetiva esta influência, a missão do ESPLAR é:

Construir coletivamente um projeto de desenvolvimento solidário, ecologicamente sustentável e efetivador de direitos, com foco na agricultura familiar, fundamentado na agroecologia, na igualdade de gênero, no fortalecimento da autonomia dos movimentos sociais, na soberania e segurança alimentar e nutricional e contra a discriminação de raça, etnia e geração (ESPLAR, 2010).

Com relação aos níveis de ressonância, o ESPLAR é considerado como tendo alto nível de ressonância em seu âmbito de atuação, pois sempre está moldando a sociedade e os movimentos com os quais se relaciona, sempre recebendo retorno de todas as transformações e benefícios que efetivamente realiza para estes parceiros.

Por fim, com relação à forma como os modelos de ação coletiva são desenvolvidos, gerados e elaborados, Benford e Snow apontam o processo discursivo e o processo estratégico. Sobre o processo discursivo, que se refere às conversas, ações discursivas, escritas e comunicação em geral que os membros dos movimentos realizam inicialmente no contexto ou com relação à atividade dos movimentos, eles são gerados por dois processos, a articulação e a amplificação de modelos. Tanto em termos de articulação, como de amplificação de modelos, o ESPLAR, através de sua intensa atividade em congressos, eventos, formação de novas parcerias e por tomar à frente em vários processos que acreditava que valia a pena lutar, toda esta história mostra como esse processo discursivo foi sempre muito bem trabalhado neste movimento.

E sobre o processo estratégico, que diz respeito, por exemplo, a como recrutar novos membros, mobilizar novas adesões, entre outros, também são claramente esforços sempre praticados pelo Centro de Pesquisa e Assessoria, sempre buscando ampliar e transformar a sociedade e os movimentos aos quais está se relacionando.

Sobre a **dimensão cultural**, tem-se a caracterização da identidade coletiva a partir, principalmente, da busca pela sustentabilidade tanto ambiental, como social, política e cultural, através de vários mecanismos que foram sendo trabalhados ao longo dos anos. Um evento muito importante nessa história, segundo ES1, o início mesmo de todas essas idéias e conversas, se deu em 1982 com a construção de uma cartilha, feita com os agricultores, e digitada e montada pelo ESPLAR, quando resolveram se articular para começar a lutar contra este sistema, que era a questão da meia do algodão. Os agricultores, para trabalhar na terra, tinham que entregar metade do que produzissem de algodão para o dono da terra, e a outra metade, eram forçados a vender para ele mesmo, por preços irrisórios.

Esta cartilha (Anexo 6) é um marco histórico dessa trajetória, e uma reflexão sobre todas as mudanças que se tem desde lá, até hoje tanto em termos de desenvolvimento sustentável como em termos de relacionamentos pode ser feita. Os agricultores familiares moravam em fazendas de terceiros e plantavam algodão e mais algumas culturas para seu sustento, como milho e feijão. O sistema da meia do algodão funcionava da seguinte forma, para que pudessem ficar na terra, tinham que entregar ao patrão 50% do algodão que colhessem, e os outros 50% eram obrigados a vender para o patrão, por preços muito baixos, sob ameaças de expulsão da terra ou prisão. Foi então que os agricultores associaram-se ao Sindicato e o patrão disse a eles que teriam que escolher, ficar na terra ou ficar no sindicato, e que teriam 60 dias para sair, caso escolhessem o sindicato. Mas eles conseguiram, em Fortaleza, fazer um contrato onde eles teriam que pagar os mesmos 50%, porém teriam direito a novas terras e também a área de horta.

Eles então reuniram-se com o patrão e o sindicato em 1979, tentaram negociar o preço de 30%, mas ele não aceitou. Então foram brigar na justiça, tanto que conseguir pagar apenas 20% do algodão colhido ao patrão, e o resto foram vender na cooperativa de Canindé, uma cidade vizinha.

Receberam então uma intimação de despejo do patrão, então na justiça, não haviam conversado muito, como sempre faziam, e foram então baixando os valores de indenização, mas o patrão aceitou indenizar três, das cinco famílias, porém eles não aceitaram, pois ou ele indenizava as cinco famílias, ou nenhuma.

Passaram-se algumas safras e então os agricultores estavam recebendo muito mais, vendendo seus 80% de algodão diretamente. Por fim, teve outra audiência, e só

uma família aceitou ser indenizada e sair. Já as outras, unidas, conseguiram a criação de outro contrato que favorecesse cada vez mais os seus direitos.

Esta breve história, resumida aqui, está totalmente ilustrada com o desenho e as palavras dos próprios agricultores que passaram por essa situação, e toda esta história teve sempre um pano de fundo das relações entre eles, da união, pois somente quando eles começaram a se unir, conversar e discutir sobre como estavam deixando de lutar por seus direitos, foi que conseguiram conquistar, aos poucos, através da resistência e da união, cada vez mais condições e direitos, que davam forças para que continuassem lutando. Este acontecimento, interpretado pela *grassroots approach*, mostra as forças e idéias da própria comunidade local, que, baseados em sua própria experiência, produziram transformações muito valorizadas e que promoveram o desenvolvimento de sua qualidade de vida e trabalho.

Mesmo isto sendo há quase 30 anos atrás, a questão dos relacionamentos sempre se provou sendo o caminho, pois até hoje, todos os avanços que foram sendo conseguidos pelos agricultores familiares, foram normalmente conseguidos em conjunto, ou seja, através da união em sindicatos, que conseguiram formar a associação ADEC, que conseguiu o apoio de vários outros órgãos e sindicatos, e foram conseguindo crescer, adquirir as máquinas para que pudessem ter mais valor agregado na venda, foi inserindo-se em redes e cadeias que beneficiavam as suas atividades. Através desta união as transformações foram ocorrendo. Inicialmente, eram mais rígidas, e a resistência tinha que ser buscada também na justiça, atualmente, existe ainda uma série de desafios que precisam ser trabalhados, mas existe também esta união consciente e solidária do pessoal que compreende que isto é o que os levará a vencer estes desafios.

A dimensão cultural pode ser traduzida por esta história, que, através de sua resistência e união, dentro das bases que sempre viveram, conseguiram transformar a realidade, que hoje já é muito mais prospera, mas ainda sabem que devem continuar lutando.

Nesta construção, dois mediadores foram fundamentais: o Pedro Jorge, como porta-voz do Centro de Pesquisa e Assessoria, e todas as translações e novos relacionamentos que ele engendrou, e, num momento mais inicial, esta cartilha (anexo 6) feita pelos agricultores, pois foi uma formalização da situação em que eles viviam, seu chamado por transformações, expresso através desta cartilha, de seus desenhos e palavras, sendo um importante não-humanos que serviu como o início das mudanças.



**Figura 17: Relacionamentos do ESPLAR**

Na figura 17, estão representados fluxos de informações, parcerias técnicas, solidárias e financeiras do ESPLAR.

### 5.3.2 União e Solidariedade das Cooperativas e Empreendimentos de Economia Social do Brasil (UNISOL)

A UNISOL Brasil (União e Solidariedade das Cooperativas e Empreendimentos de Economia Social do Brasil) é caracterizada como uma associação civil sem fins lucrativos, de âmbito nacional, de natureza democrática, cujos fundamentos são o compromisso com a defesa dos interesses reais da classe trabalhadora, a melhoria das condições de vida e de trabalho das pessoas e o engajamento no processo de transformação da sociedade brasileira em direção à democracia e a uma sociedade mais justa (UNISOL, 2010).

Com base em laços de solidariedade e cooperação, tem por objetivo principal reunir as entidades, empresas coletivas constituídas por trabalhadores e quaisquer outras modalidades de pessoas jurídicas, que atendam às finalidades do seu estatuto, a fim de

promover efetivamente a melhoria sócio-econômica de seus integrantes, garantindo-lhes trabalho e renda com dignidade.

Seu histórico é a partir do surgimento de inúmeras cooperativas no Brasil, especialmente após os anos 90, se justifica pela busca dos próprios trabalhadores por alternativas de geração de trabalho e renda face ao cenário de crise vivida pelo país, decorrente das políticas liberalizantes.

Ao mesmo tempo, inúmeras entidades de apoio às cooperativas foram igualmente constituídas. O atual governo, tendo a percepção de que as cooperativas se constituem em uma forma positiva de geração econômica e social, instituiu a Secretaria Nacional de Economia Solidária (SENAES), vinculada ao Ministério de Trabalho e Emprego.

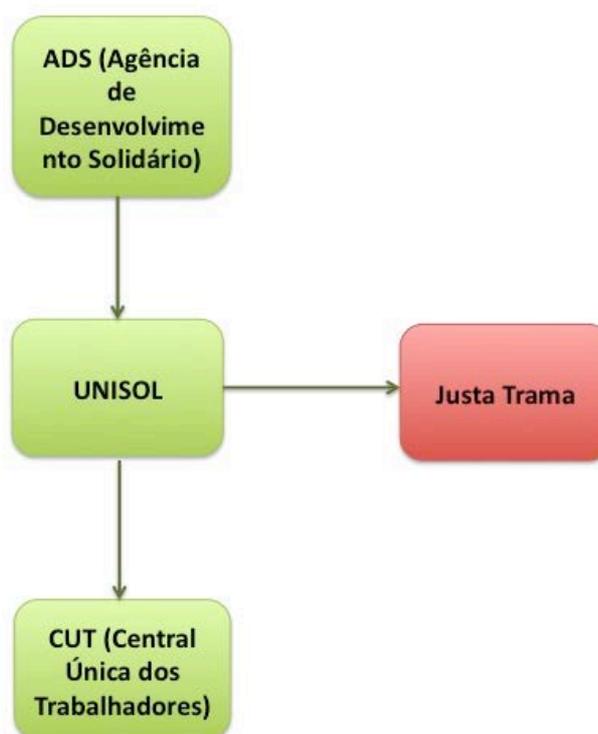
A UNISOL Cooperativas, fundada em março de 2000, surge da vontade das cooperativas nascidas com o apoio institucional do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC e de Sorocaba, e do Sindicato dos Químicos do ABC, entre outros, que passou a agregar outras cooperativas, bem como o apoio de outros sindicatos, em uma primeira fase restrita ao Estado de São Paulo. Por sua vez, a Central Única dos Trabalhadores (CUT) lançou, no mesmo ano, a Agência de Desenvolvimento Solidário (ADS), visando organizar e fomentar o desenvolvimento local nas várias regiões do país.

Tendo como diretriz a consagração dos princípios históricos e ideológicos do cooperativismo autêntico, a CUT e a ADS, a UNISOL Cooperativas e os sindicatos que a apóiam, deliberaram pela constituição de uma central de empreendimentos solidários e cooperativas, em âmbito nacional, visando aglutinar forças e desta forma levar adiante um projeto de inclusão econômica e social, de democratização nos locais de trabalho, de participação no capital e nos ganhos gerados pelo próprio trabalho. Nasce assim a proposta de constituir a UNISOL Brasil.

Tem como objetivos:

- Promover o desenvolvimento da chamada economia solidária, por meio do incentivo e apoio às iniciativas já em curso, bem como gerar novas iniciativas que resultem na criação de novos postos de trabalho e renda para os trabalhadores e pessoas em situação de exclusão.
- Fortalecer os princípios do cooperativismo autêntico e da economia solidária, por meio da prática cotidiana da participação democrática, da intercooperação e da aglutinação das forças em prol do interesse comum dos sócios-trabalhadores.

- Suscitar o debate – em âmbito nacional, Regional, Estadual e local – quanto às necessidades de modificações nas legislações correlatas à economia solidária e ao cooperativismo, influenciando nos respectivos legislativos para a adequação à atual realidade, bem como para a criação de mecanismo de incentivo, fomento e de apoio, concernentes aos interesses de toda a sociedade brasileira.
- Dar representação política aos empreendimentos e às cooperativas como agentes de influência efetiva, promovendo a atuação conjunta, ampliando a participação e o desenvolvimento econômico e social como elementos fundamentais para a real inclusão dos trabalhadores e para a democratização dos meios de produção, do trabalho e das relações sociais.



**Figura 18: Relacionamentos da UNISOL**

Na figura 18, estão representados fluxos de informações, parcerias técnicas, solidárias e financeiras da UNISOL.

#### **5.4 Considerações sobre a dinâmica da rede, desde sua criação até hoje**

Desde a sua criação, a Justa Trama passou por uma série de mudanças, adaptações e foi adquirindo novos formatos e delineamentos, perderam-se alguns parceiros, adquiriram-se outros. Sem nunca perder o sentido e os objetivos pleiteados pela cadeia-rede. Conforme o princípio da ruptura a-significante, proposto por Deleuze e Guattari (1995), as redes ou rizomas contém linhas, e pode ocorrer de algumas destas linhas romperem-se, porém estes movimentos de fuga não vão interferir na perpetuação e continuidade do rizoma. Devido à definição operacional da presente pesquisa ser considerada como seccional com perspectiva longitudinal, a intenção é utilizar todos os dados bibliográficos e os dados coletados através das entrevistas para conseguir descrever e captar a dinâmica da rede ao longo dos seus cinco anos de existência, buscando introduzir o novo desenho da cadeia-rede Justa Trama proposto na presente pesquisa, considerando sua configuração atual e captando os relacionamentos humanos e não-humanos. Este capítulo foi construído, principalmente, através de uma conversa com a presidente da Justa Trama e da UNIVENS, Nelsa Nespolo.

Ainda antes de se pensar a configuração da Justa Trama, existe uma história que partiu inicialmente de um estudo da Agência de Desenvolvimento Solidário da Central Única dos Trabalhadores (CUT) sobre complexos cooperativos. Para concretizar esta iniciativa, diversos encontros foram realizados, e esforços foram dedicados, principalmente de técnicos e organizadores de cooperativas, como a Cooperativa Nova Esperança (CONES) de Nova Odessa e a Textilcooper de São Paulo. Algumas iniciativas nessa época foram frustradas e muita gente acabou desacreditando que seria possível essa construção. Então a UNIVENS entrou e teve um papel fundamental nessa história, pois foi quando tudo começou realmente a formar corpo e se concretizar. Inicialmente, destas discussões surgiram a UNISOL Brasil e o Fórum Brasileiro de Economia Solidária (FBES). Então, dentro desses espaços que foram criados para discussão, tanto da UNISOL, como do Fórum, sempre com o respaldo da ADS, muitas articulações e discussões mais profundas começaram a serem promovidas, onde reuniam-se representantes da CONES, Textilcooper, UNIVENS, ESPLAR e UNISOL.

A UNIVENS sempre teve esse papel de mediadora nesta construção, produzindo translações durante toda a sua trajetória, construindo relacionamentos e produzindo ações, articulando estes movimentos para que estas conversas gerassem resultados concretos, ações concretas, na busca de seus objetivos.

A Fio Nobre e a Cooperativa Açai aproximaram-se então a partir dessas discussões através do FBES. Esta constituição previamente já pensada da Justa Trama então, através de seus porta-vozes representantes, resolveu agir, e constituir-se na prática. Assim, no Fórum Social Mundial em Porto Alegre, em 2005, a UNIVENS foi responsável pela negociação com o Fórum, e articularam a confecção de mais de 60 mil bolsas de algodão agroecológico, que foram produzidas pela CONES, Textilcooper e 35 empreendimentos cooperativos da região sul do Brasil (entre eles a UNIVENS e a Fio Nobre).

Então eles testaram se tudo isso funcionaria no Fórum, pois antes mesmo de irem ao evento, segundo UN1, já estava dado quem seriam os elos, lá promoveram uma oficina com todos os elos, menos a CONES, e decidiram começar a produção, decidindo que tipo de roupas iriam produzir, roupas de praia, femininas, saias, camisetas, bermudas. E quando decidiram registrar a marca, perceberam que não teriam dinheiro para comprar o algodão nem para mandar fazer o fio, então, segundo UN1, encontraram os responsáveis pela Secretaria Nacional de Economia Solidária (SENAES), e conversaram sobre a possibilidade de apresentar um projeto para eles, que ajudasse a financiar o processo produtivo em todos os elos. Ou seja, em um primeiro momento, cada um entrou com a sua parte, sem recurso nenhum, confiando nesse processo.

Por isso que a gente tem essa relação muito forte entre a gente, porque cada um foi produzindo sem receber. E aí com o projeto depois a gente fez um projeto com a UNISOL finanças, a gente foi buscando assim quem pudesse nos conceder esse empréstimo até que sáisse o recurso da SENAES (UN1).

Então estavam prontos para fazer o lançamento oficial, que queriam que fosse ainda no FSM de 2005, mas como não foi possível, escolheram o Fórum Mundial de Turismo, em novembro de 2005 no Rio de Janeiro, para fazer esta divulgação. Conforme relata UN1:

E aí foi aquela história toda, nada deu certo, foi um horror, porque acabou só acontece o desfile entre a gente, e as personalidades que a gente queria que fosse não foram.

Esse foi um momento muito máximo pra gente sabe, construí de fato esse corpo e lá que a gente definiu quem ia ser o coordenador de cada uma das cooperativas, então a gente teria um colegiado né tocando, enquanto a gente não poderia ter ainda uma constituição jurídica né, porque a gente não tinha 3 cooperativas, só tinha a Açai e a UNIVENS, a Fio Nobre passou por um processo de transformação em processo cooperativo, e a gente aguardava também a decisão da CONES em participar, mas eles decidiram que não queriam fazer parte juridicamente, queriam só prestar serviço e a Textilcooper foi quando ela termino assim, ela fez a nossa primeira produção e depois ela começou a ter uma decadência total até falir. Mas foi muito legal

a gente poder fazer essa discussão, tanto do colegiado, como também o que seria o valor justo pra cada peça, foi muito legal. Assim, a gente fala que hoje não foi o que a gente esperava, mas naquele momento ali a gente tava todo mundo muito feliz, a gente nem se deu conta que tudo aquilo que tava acontecendo ali tava muito aquém do que a gente esperava. Mas a gente então, saiu um ônibus daqui que pegou o pessoal da UNIVENS, passou por SC e pegou o pessoal da Fio Nobre e passou por SP e pegou o pessoal da CONES e Textilcooper, e fomos embora pro RJ fazer o lançamento. Então foi um momento muito importante, imagina indo pro Rio né, ainda mais pra lançar o produto da gente, mesmo que tenha sido na favela do Canta Galo, pra todo mundo foi emocionante. Eu digo, não pelo fato de ter sido lá, mas pelo fato da gente não ter conseguido dar a visibilidade que a gente queria dar.

Este momento do lançamento foi um dos marcos transformadores de todo o processo, pois, apesar de ter sido diferente do que eles esperavam, foi um momento de importância fundamental para todos que participaram de toda a construção, eles estavam vendo tudo concretizando-se. Sobre estas expectativas que hoje, elas percebem que não foram exatamente como esperavam, UN1 comenta:

As coisas pra gente sempre foram muito difíceis, sabe, talvez isso seja um dos grandes fatores que unifica. Fazer um projeto sempre é uma coisa difícil sabe, ele volta, tem que reformular, um projeto com o SEBRAE a gente levou um ano e meio pra aprova. Então nada na Justa Trama é fácil, e dificuldade a gente nunca fala assim quais são os problemas não, mas a gente sempre fala quais são os maiores desafios que a gente tem, que tem muita coisa que a gente tem que tá superando né.

O princípio recursivo, na visão complexa, traz o entendimento de negação da causalidade linear, ou seja, não somente a causa gera o efeito, mas o efeito também pode agir sobre a causa, gerando um contínuo *feedback* de retroalimentação. Neste caso, não somente a causa de planejar este lançamento no Rio de Janeiro produziu o efeito da concretização, mas também toda a forma como o evento (efeito) ocorreu, gerou transformações e novos sentidos de todo este trabalho para os elos envolvidos, foi um momento muito deles, onde eles realmente puderam compreender a dimensão de tudo aquilo que estava acontecendo, eles viram como a sua união e trabalho coletivo poderia ser recompensador e realizador.

Na continuação deste processo então, no momento da legalização oficial da Justa Trama, a CONES não apoiou, pois ela desde o início foi muito relutante e desconfiada de toda esta idéia, apesar de inúmeras reuniões, foi um processo muito desgastante que fez com que eles só concordassem em fazer remessas externas, sem querer participar oficialmente. E com a Textilcooper, eles conseguiram produzir somente a primeira remessa para a Justa Trama, mas com eles, o relacionamento desde o início foi muito próximo e dinâmico, segundo UN1, eles entraram de cabeça desde o início, sempre

engajaram-se, porém, estavam com muitas dívidas, problemas internos de gestão e de produção, então tiveram que fechar.

Estes acontecimentos são compreendidos como algumas imposições e resistências que representam o todo sendo menor que a soma das partes, pela ótica complexa, o todo, neste caso, não foi maior que a soma das partes, pois seus efeitos não foram positivos para a Justa Trama.

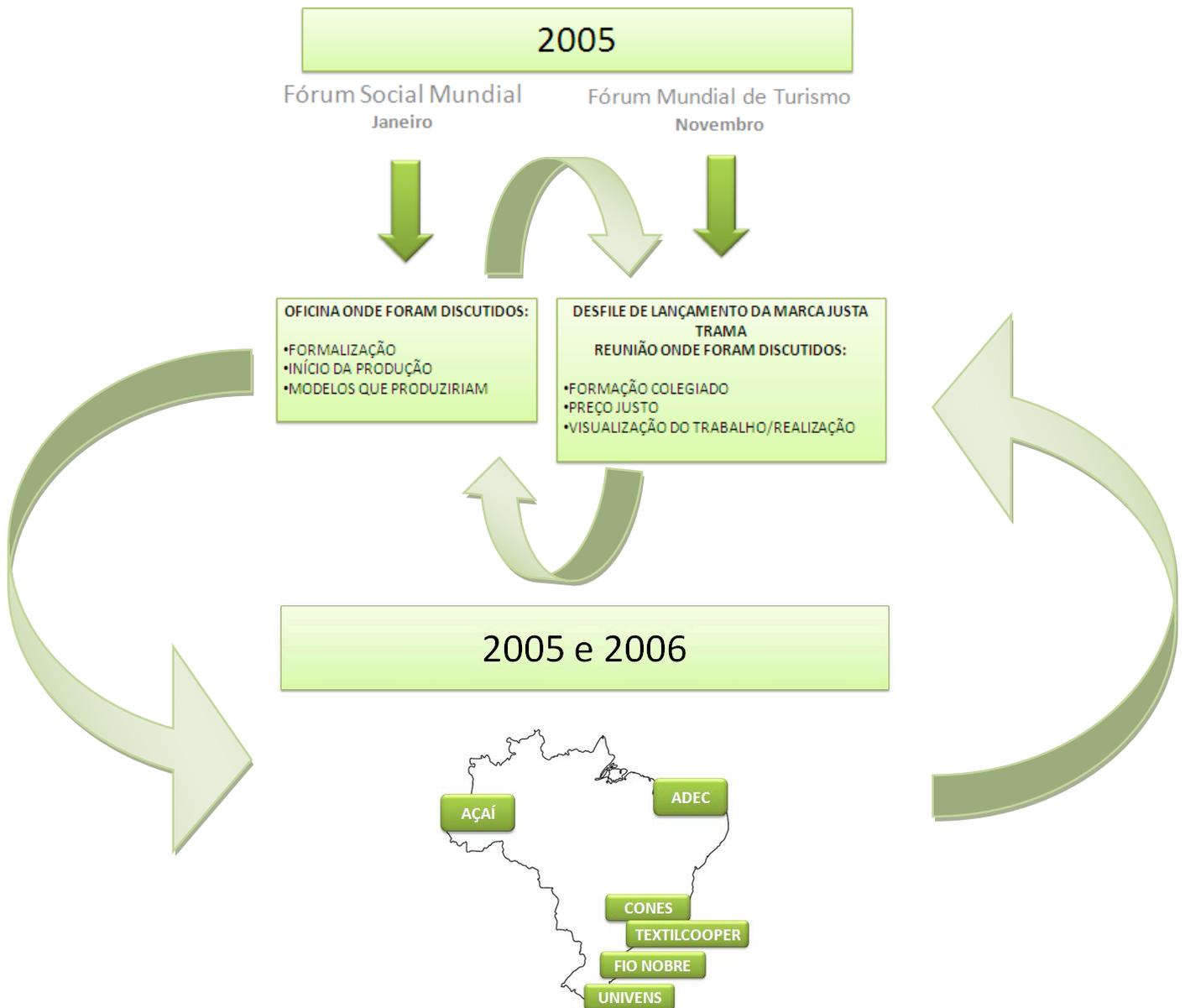
Neste período a Justa Trama ficou órfã de quem produzisse o fio e o tecido para elas, pois antes a CONES produzia o fio e a Textilcooper o tecido. Porém, através de um designer que elas conheceram em alguns eventos, elas conheceram a Coopertêxtil, em Pará de Minas. Segundo UN1, “Então a gente foi lá e foi super legal porque um dos diretores já tinha ouvido falar da gente, da Justa Trama, e achava que um dia podiam ser parceiros, então foi só construir a parceria e deu né”.

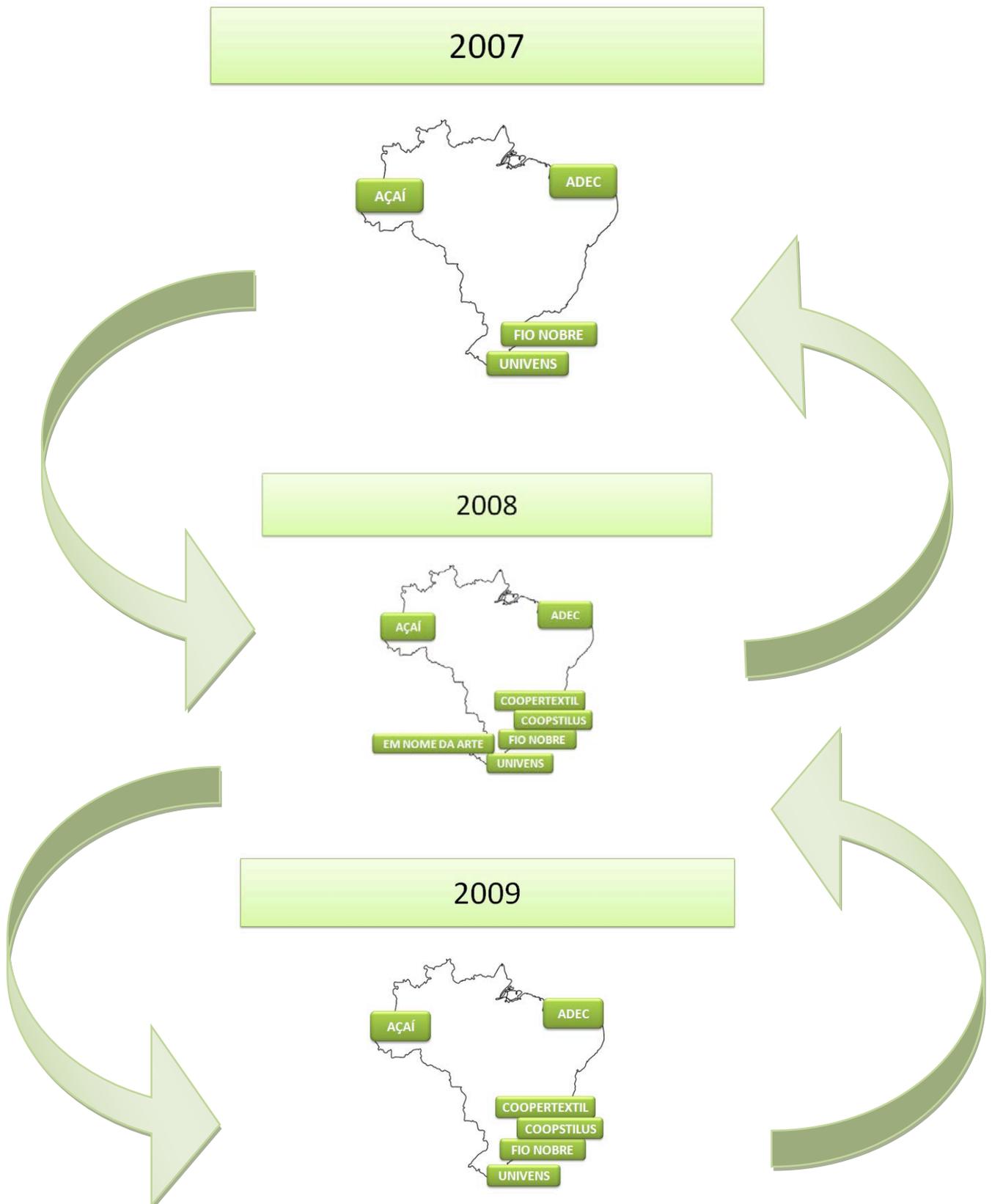
A entrada da Coopstilus então ocorreu principalmente pela vontade da Justa Trama de ter algum elo em São Paulo, pois tinham perdido a CONES e a Textilcooper neste estado, que é considerado importante para elas. Então, elas já se conheciam das atividades da UNISOL, e resolveram engajar-se nesta parceria, confeccionando então roupas infantis, artigos que ainda não eram produzidos pela cadeia.

Porém a Coopstilus enfrenta atualmente alguns problemas, principalmente de quantidade de demanda e produção, seu número de cooperadas reduziu para somente 4 ou 5, e elas estão considerando mudar sua razão social de cooperativa para micro-empresa. A angústia delas, segundo UN1 é para produzir mais, elas tem uma qualidade muito boa e tem muito interesse, então na última reunião da Justa Trama, eles insistiram para que elas continuassem como cooperativa, pois só assim conseguiriam se manter na Justa Trama, e também pediram para que elas criassem novas peças e apresentassem para a cadeia, para começar a produzir mais.

Ainda uma nova emergência surgiu, em 2008, um momento onde a cadeia-rede já estava produzindo efeitos e emergências positivas, dinamicamente conseguindo compreender o seu todo maior que a soma das partes. Foi a participação do ateliê de artesãs Em Nome da Arte, que, através de seu trabalho com retalhos e reaproveitamento de materiais, pode completar uma parte da cadeia que ainda não era trabalhada, os restos da produção (retalhos).

A configuração dinâmica da rede pode ser expressa, ao longo de sua trajetória, em três momentos distintos, em seus cinco anos de história, através da figura 11.





**Figura 19: Configuração dinâmica da cadeia-rede Justa Trama**  
Fonte: Elaborado pela autora

### 5.5 Desafios e oportunidades apontados pelos diferentes elos da cadeia: Como compreender os caminhos que a Justa Trama pode seguir

Uma das questões feitas a todos os entrevistados, de todos os empreendimentos que compõe ou estão ligados à Justa Trama, diz respeito às suas percepções dos desafios e das oportunidades vistos por eles, da continuidade da Justa Trama. Após a composição da dinâmica da cadeia-rede ao longo do tempo, desde sua formação, e antes de concluir com a configuração atual, é relevante compreender quais são os olhares e percepções dos participantes para o futuro.

Os principais desafios apontados pelos entrevistados são:

Nos comprometemos com valores muito altos, compramos 10t. de algodão a R\$ 7,00/kg. Tudo dá muito medo, é um desafio diário, já pegamos dinheiro emprestado sem saber se conseguiríamos pagar, depois graças a Deus conseguimos, temos que fazer reuniões inúmeras para fazer tudo isso funcionar, ver pessoas com dificuldades e que tem que fazer eles saírem da miséria através da Justa Trama.

Sabemos simplesmente que temos que fazer, sem saber no que vai dar, mas temos que fazer. E Deus tem ajudado (FN6).

Este depoimento é a visão da presidente da Cooperativa Fio Nobre, que tem ideais muito fortes que a conduzem para vencer estes desafios. Um desafio muito grande ainda é conseguir uma visão e compreensão da cadeia como um todo e sua importância e seus valores, em todos os elos, e todos os cooperados. Conforme o depoimento a seguir, que denota as assimetrias de visão ainda bem expressivas na cadeia-rede, como relata um cooperado da Coopertêxtil:

Acredito que continuar trabalhando com a Justa Trama é totalmente inviável, pois a estrutura demanda muito tempo, esforço e perseverança para que isso possa acontecer. Ainda estamos muito longe da questão do meio ambiente, ecologia, etc. (CPI).

Inúmeras são ainda as dificuldades de tentar manter um empreendimento em uma lógica diferenciada, buscando sempre respeitar valores que não só econômicos, mas sociais, ambientais e culturais, conforme expressam os cooperados:

Fazemos esse trabalho porque temos amor ao trabalho, e tem essa meta de seguir essa cadeia, de fazer muito mais pelo nosso objetivo que é proteger o meio ambiente, mas a gente vai fazendo tudo o que pode (AD2).

Não é fácil conseguir novos adeptos. Até tem grupos do município de Independência que procura, mas quando você chega lá, você vai pra discussão, apresentar as regras do trabalho da gente, como a gente trabalha, como a gente quer que o trabalho seja feito, daí muitos dizem não, não vou não, eles acham muita burocracia, eles acham que é burocracia. Porque ainda

tem muitos trabalhadores que tem a cabeça de exploração do meio ambiente, eles queimam, desertificam, ainda tá na cabeça do povo isso (AD1).

Alguns desafios que contemplam toda a extensão da Justa Trama foram apontados pelas artesãs do Ateliê Em Nome da Arte:

A equalização do valor justo que fique bom para todos, a valorização maior disso. Ainda são desafios a organização da produção para termos regularidade, ou estoque mínimo. Também buscar a capacitação e discussão da gestão nesse modelo diferenciado de valores solidários. Precisamos de treinamento para lidar com a gestão em um ambiente tão dinâmico (NA2).

Desafio de termos muitas atividades e responsabilidades com o grupo e também com outros grupos, e também a questão da produção e gestão é uma quebra de foco, não há ferramentas, só para o modelo tradicional (NA1).

Fazer de outra maneira é um desafio também da lógica tradicional, pois viemos de formações tradicionais, no modelo capitalista vigente, eu mesmo já trabalhei em multinacionais. Sem considerar o desafio por si só que é trabalhar em grupo. Mesmo em decisões que precisam ser rápidas acabam sendo mais lentas porque tem que resolver coletivamente (NA2).

Estes depoimentos mostram um dos grandes e principais desafios da Justa Trama hoje, que é a gestão, tanto da rede como um todo, como a gestão e organização da produção, pois este empreendimento é diferente de todos os modelos já vistos ou estudados em escolas de administração ou engenharia de produção. Elas precisam desenvolver, voltando a citar a teoria *grassroots approach*, ferramentas de gestão e de produção que sejam pensadas a partir de seu caso específico, que sejam eficientes para o seu caso único. E o preço justo também é uma questão que ainda não foi completamente definido, está sempre em discussão, em todos os elos, e todas as reuniões, ainda existe muito para conversar e conseguir encontrar o preço mais próximo e adequado para toda a cadeia, em sua organização coletiva.

Outros dois desafios dizem respeito ao impasse do preço justo e também da comercialização:

A gente sempre retoma a discussão do preço justo, porque agora a gente tá fazendo um estudo pra avaliar os preços que a gente tá atuando, se é justo mesmo, mas é uma questão muito complicada pois a gente quer agregar mais valor nos produtos, mas também a gente quer preservar esse outro lado, esse outro princípio de que quem produzir pode comprar, e não só a gente que tá produzindo, mas os que estão na mesma condição. E isso vem sempre à tona, sempre. Os produtos orgânicos, a gente sempre fala isso que é pra um minoria que consegue pagar o preço que é e a gente volta pra essa discussão. E a minha opinião é que a gente tem que achar uma receita pra ter esse conceito e ao mesmo tempo ter alguns produtos realmente pra quem possa pagar mais, a gente tá tentando ver assim, qual é a receita. Que não seja assim, esse que tem melhor qualidade com maior preço e os outros não, a gente não quer isso, a gente quer que sejam estilos, estilo que um público daqui que não é chegado, mas que a gente sabe que tem outro público que paga né.

A gente quer vender pro mundo, a gente não quer um mercado determinado, a gente quer o mundo. Hoje a gente tá muito forte nesse movimento social, da economia solidária, nas feiras, produtos corporativos, eventos, mas a gente quer tá pro mundo todo. E indo abrindo possibilidades, mais do que ter uma loja só pra JT, a gente poder entrar nas lojas multi-marcas. E a gente acho que vai ter uma dificuldade pra entrar nesse mercado mais formal, porque eles agregam muito, 100% é pouco pra eles, então primeiro que a gente se indigna muito, porque depois de todo esse processo e discussão a gente consegue chegar a um valor X, daí vai ter um só elo que vai querer mais de 100%, mas tudo bem, a gente tá aí pra tá ocupando o espaço, a gente quer que todo mundo use roupas orgânicas, a gente quer que substituam pelo convencional, e ir substituindo e tirando esse algodão com agrotóxico que contamina tudo, rios, solo.

O depoimento do técnico do ESPLAR mostra quais são os principais desafios não só da Justa Trama, mas de toda a questão comercial e global que envolve o algodão agroecológico, e a sua relação com a cadeia-rede Justa Trama.

São grandes os desafios, um deles é que a gente tem, através da experiência, principalmente da Veja, da Tudobom e da Justa Trama, experimentado um outro tipo de relação, fundamentalmente diferente, não é uma Osklen, não são por exemplo a C&A, o negócio deles é barganhar o preço é baixa o preço, e já a Coopnatural, aquela do algodão colorido lá da Paraíba, se aproxima e vai adotando uma postura muito semelhante, quase igual a da Veja e a da Justa Trama, passando a negociar diretamente com os agricultores, passando a financiar, entrando com algum dinheiro, passando sabe, a mudar sua postura, então a rede tá conseguindo isso. Mas, mesmo assim, ainda há de parte de pessoas das ONGs em geral, e de parte de alguns agricultores ou de suas associações, uma postura de pé atrás com empresas, porque sempre é uma relação muito desfavorável. Aí não, nós precisamos mudar em dois planos. Um é entender que você pode ter interesses comuns em determinados momentos, dos agricultores com as empresas, mesmo sendo diferentes (...) então não ver isso como um dragão, um bicho horroroso de sete cabeças, mas saber que é possível, mesmo sendo diferentes, buscar o que comumente se chama da lógica do ganha-ganha, não um toda vida ganha e outro toda vida perde, porque historicamente é isso, esse é um desafio (ES1).

O outro desafio é que nós estamos numa região onde o algodão historicamente tem uma produção por área infinitamente menor do que no centro-oeste, em São Paulo, do que na região do Cerrado. Claro que lá a custos astronômicos, que nem sempre a produtividade compensa, mas lá é a realidade. E a nossa é outra, a produtividade dos sistemas consorciados é relativamente boa, mas a do algodão, como ele é apenas um componente dentro dos demais, é baixa, então nosso desafio é como fazer crescer a oferta de algodão pela agricultura familiar de bases agroecológicas sem que isso, ou melhor, fazer crescer sem que seja necessário agregar mais milhares e milhares de pessoas (ES1).

Estes desafios envolvem a produção do algodão agroecológico, e todo o envolvimento do ESPLAR para conseguir vencer estes desafios, que foi o grande motivador e incentivador de todo este processo, ainda hoje está envolvido, pois os desafios ainda são muitos, incluindo a questão climática e ambiental, que não podemos mudar, somente nos adaptar e criar novas formas sustentáveis de manter esta produção.

Para UN1, presidente da Justa Trama, os três principais desafios são:

1. Qualificar mais (em fevereiro vem agora uma designer italiana no sentido de simplificar e qualificar, como você pode ter um vestido simples, mas que não apareçam costuras, que você vire do avesso e esteja realmente com qualidade, a outra é do fio, do algodão, fazendo pré-encolhimento, o algodão tá sendo colhido mais limpo do que ele tava);
2. Gestão cada vez mais participativa e ativa de todos, do conhecimento e decisões (eu e a Idalina estamos fazendo visitas em todos os elos, sabe, ficar 2, 3 dias discutindo com os cooperados, o que é a Justa Trama, como eles enxergam, o que nós produzimos, para onde vai esse produto);
3. Aumentar a comercialização (isso, avançado, a gente dá o salto na comercialização, atingindo mercados onde não vamos ainda).  
E cada uma delas já estamos atacando de formas diferentes. Esse são nossos grandes desafios, descobrindo com a nossa própria caminhada por onde que a gente vai.

E as principais oportunidades apontadas pelos entrevistados são:

Principalmente acredito no trabalho da Justa Trama porque ela participa da nossa cadeia, somos a raiz, os outros são galhos, nós somos o espelho de tudo isso, como a Justa Trama tem essa idéia de trabalhar com meio ambiente é importante e tem crescido muito, até internacionalmente, quando pensa que não, aparece um estrangeiro aqui, pra conhecer (AD2).

Aqui são vistas as diferentes visões e motivações dos cooperados, em diferentes elos, para a continuação da cadeia-rede, das suas oportunidades futuras. Na ADEC, o pessoal tem uma consciência ambiental muito forte, e trabalham muito diretamente nessa questão de se adaptar ao meio ambiente onde vivem, buscando preservá-lo ao máximo, por isso sua visão de oportunidades está mais ligada à dimensão ambiental, à esta construção sustentável de produção agrícola. Já em outros elos, de costura, confecção e até artesanato, que sempre tiveram engajamento político e lutas sociais pelos movimentos de economia solidária, sua visão de oportunidades envolve muito as dimensões de economia solidária e social, conforme os depoimentos:

Também motiva a questão política, de fazer tudo com outro olhar, outra dinâmica, dentro da economia solidária e ter como conversar sobre isso, podermos discutir isso, é uma coisa de resistência mesmo, de mostrar que tem como dar certo e sobreviver sem ser no capitalismo.  
Motiva também a idéia do sustento dos agricultores, da agroecologia. De fugir dos organismos geneticamente modificados (OGM). E acreditamos conseguir mudar essa visão não sustentável do mundo através do consumo (NA2).

A visibilidade global é importante para todos os elos e a questão social e ambiental são o caminho e o futuro. Na mesma dimensão que é uma oportunidade é uma responsabilidade muito grande trabalhar com a Justa Trama, pois nós lidamos com a expectativa, a iniciativa de fazer diferente e de sustento de muita gente. Essa discussão está mais articulada, cada vez mais na questão do consumo consciente, também considerando questões importantes para a Justa Trama como a valorização do local, e não pensar só na comercialização externa. Quando se trabalha no coletivo existem menos

dificuldades, várias pessoas pensando nas mesmas questões. E todas temos essa escolha de acreditar que esse é o caminho. É também desafio e oportunidade. E nós já conseguimos muitas coisas com essa nova maneira de pensar (NA1).

Esta mensagem, por fim, mostra como são os caminhos que serão seguidos pela Justa Trama, através dessa busca de fazer outro negócio, incluir outros valores, considerando, pelo menos, as quatro dimensões do desenvolvimento sustentável, em diferentes níveis em cada elo, a ambiental, econômica, social e cultural. A presidente da cadeia-rede, por fim, complementa:

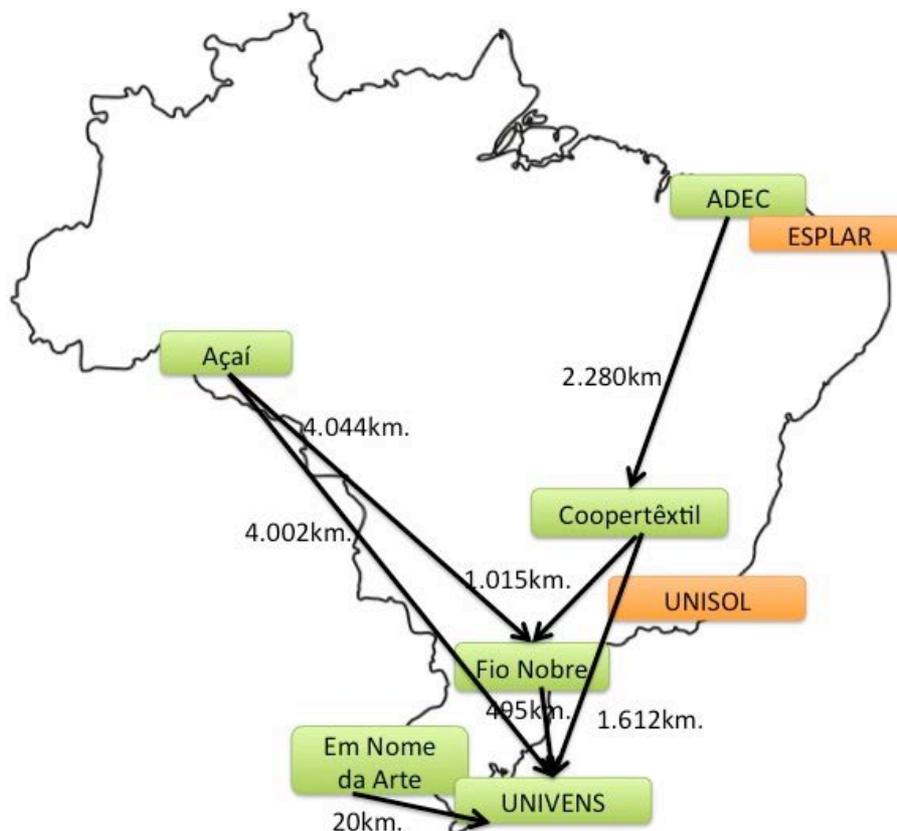
Cada um de nós tem uma caminhada bem diferenciada, alguns vem do movimento popular, alguns do movimento sindical, outros vem de uma compreensão mesmo quase que nascendo dentro da economia solidária, mas sem dúvida a construção da Justa Trama significa pra gente poder mostrar pro mundo o que é possível a gente fazer sabe, é pegar teoria de sindicalista, é pegar teoria de sonhos que a gente tinha e de coisas que também tão escritas da Justa Trama e dizer não olha ali ó, tudo isso é possível mesmo, tá ali concreto de verdade. E na luta sempre do movimento sindical a gente dizia sempre que os trabalhadores não conseguiam ter os instrumentos de produção, e aqui a gente consegue ter os instrumentos de trabalho e a gente consegue tirar os intermediários, que são os que acabam ficando com o acúmulo de muito valor. Acho que é muito desafiador e muito realizador e que te faz sonhar outras possibilidades. Sabe a gente consegue discutir com outros e dizer olha, vamos por aqui, que a gente conseguiu indo por aqui. E a gente vê assim ó, você tá preservando o meio ambiente, você tá transformando a realidade que tá ai, você tá distribuindo renda, você tá construindo relação de justiça entre as pessoas, você tá fazendo moda né, fazendo as pessoas usarem suas roupas, ao mesmo tempo a gente luta pra que as pessoas diminuam o consumo, porque o planeta não suporta mais isso né, e todos esses itens trabalhando com uma matéria-prima que não tem agrotóxico é algo maravilhoso sabe, é diferente sabe, se a gente tivesse uma cadeia de produção de roupa que a gente tivesse fazendo com fibra sintética ou mesmo com o algodão convencional, então você quer vender muito, porque isso dá sustentabilidade, mas com esse algodão você tem mais que isso, você tá tendo todo esse cuidado com o meio-ambiente.

A configuração atual da cadeia está representada a seguir. É nesta configuração que estes desafios e oportunidades estão sendo vivenciados, compreendidos e transformados novamente, em uma constante dinâmica.

## **5.6 Novo desenho da cadeia-rede Justa Trama: compreendendo a lógica dos relacionamentos**

O primeiro mapa ilustra os elementos envolvidos da dinâmica da cadeia-rede Justa Trama atualmente, tanto humanos como não-humanos, tentando captar sua

diversidade e configuração, bem como as distâncias que percorrem os produtos e na qual fluem informações.



**Figura 20: Desenho atual da cadeia-rede Justa Trama**

Em um segundo momento, são representados os relacionamentos, em suas formas diversas, sempre considerando humanos e não-humanos. Os fluxos de informações e os relacionamentos são expressos aqui a fim de ilustrar a complexidade envolvida nessa configuração.

O quadro 9 apresenta uma breve descrição de outros órgãos/entidades/movimentos sociais que estão ligados à Justa Trama de formas e intensidades diferentes, além dos dois movimentos sociais já citados aqui, UNISOL e ESPLAR.

**Quadro 9: Relação entre a Justa Trama e os movimentos sociais**

ÓRGANIZAÇÃO	DESCRIÇÃO	RELACIONAMENTO COM JUSTA TRAMA
<b>FBB</b>	A Fundação Banco do Brasil surgiu a partir da idéia de criar dentro do Banco do Brasil uma organização que tivesse suas funções voltadas ao desenvolvimento social, com início de suas atividades em fevereiro de 1988.	Relação financeira, apoio através de projetos que ajudam a cadeia-rede a se manter economicamente. Mas são projetos que passam por editais, e são escolhidos por sua

		importância e identidade.
<b>FBES</b>	Surgiu de reuniões do 1º FSM em 2001, e participam três segmentos: empreendimentos de economia solidária, entidades de assessoria e/ou fomento e gestores públicos.	Relação política de espaço para discussão e canal de articulação e promoção de todo o trabalho e o movimento da economia solidária.
<b>SENAES/TEM</b>	O Ministério do Trabalho e Emprego cria em maio de 2003 a Secretaria Nacional de Economia Solidária, com o objetivo de viabilizar e coordenar atividades de apoio à Economia Solidária em todo o território nacional, visando à geração de trabalho e renda, à inclusão social e à promoção do desenvolvimento justo e solidário.	Apoio financeiro inicial, através de um projeto que foi concedido. Mas sempre teve apoio político também, são ideais compartilhados de transformação da realidade.
<b>SEBRAE</b>	O Serviço de Apoio às micro e pequenas empresas surgiu em 1972, é uma entidade privada sem fins lucrativos com a missão de promover a competitividade e o desenvolvimento sustentável dos empreendimentos de micro e pequeno porte.	Relação financeira, também através da aprovação de projetos, auxílio de gestão e consultorias também.
<b>PETROBRÁS</b>	A Petrobrás é uma sociedade anônima de capital aberto e o acionista majoritário é o governo brasileiro, caracterizada por uma empresa de energia que atua principalmente com atividades que envolvem óleo e gás natural. Através de seleções públicas, a empresa seleciona projetos para investir e apoiar, sob seu pilar de responsabilidade social.	Apoio de construção da sede de Itajaí, da Fio Nobre, e também do fornecimento de maquinário para esta sede. Realizado através de projeto submetido à um edital de responsabilidade social corporativa promovido pela Petrobrás.
<b>ICCO</b>	A ICCO é uma organização holandesa composta de várias igrejas para o desenvolvimento da cooperação, atuando em 53 países. Sua atividade consiste em financiar atividades que estimulem e capacitem pessoas, de suas próprias formas, a organizar-se em condições dignas de vida.	Apoio financeiro e ideológico fornecido ao ESPLAR, que também tem alcance na ADEC, pagando os salários e diárias dos técnicos.
<b>CONOSUD</b>	A Associação de Cooperação Internacional Norte-Sul é uma organização sem fins lucrativos que desde sua identidade de cidadania crítica, com um compromisso cívico e solidário, trabalha pela promoção do desenvolvimento humano integral (com todos os seus componentes sociais, culturais, econômicos, ecológicos e pessoais). Realizam ajuda e cooperação técnica e econômica às pessoas e organizações sociais do sul.	Troca de experiências, relacionamento baseado na visão da construção de outro mundo, através de uma economia justa e solidária, constantes discussões e promoção de eventos e momentos de reflexão e apoio à esta ação global.
<b>NEXUS</b>	É a instância regional da Confederação Geral do Trabalho Italiana, que tem como função a elaboração e direção política organizativa e a gestão de atividades contratação e novas propostas sobre temas de interesse geral.	Apoio financeiro, mas por identidade ao projeto, está possibilitando a construção de uma nova sede para a Cooperativa Açaí, em Rondônia.
<b>ISCOS CISL</b>	O Instituto Sindical pela cooperação e	Relacionamentos com viés

	desenvolvimento atua como organização não-governamental em todas as áreas do mundo. Há vinte anos buscam contribuir com a solidariedade do trabalho, valorizando a liberdade sindical nos países em desenvolvimento, voltados à garantir os direitos humanos.	político, de construção de uma nova realidade e envolve a troca de experiências e de ações para produzir transformações.
<b>FAIR SOCIETÀ COOP</b>	É uma cooperativa social que decidiu trabalhar com consultoria, da formação da economia solidária, na comunicação social e na cooperação internacional. Se apresentando como associação voluntária, como um parceiro com quem projetar, crescer e imaginar a construção de uma economia mais solidária e sustentável.	Construção coletiva de relações comerciais, por identidade, pra poder fortalecer e dar uma dimensão internacional à Justa Trama. Eles abrem mercado para a Justa Trama na Itália, trazem pessoas para realizar capacitações aqui nas cooperativas, a Justa Trama fornece o fio para eles, em incentivo à um projeto de lá de apoio à artesãos locais e também com a troca de abertura de mercado também para seus produtos prontos, e eles querem qualificar a Justa Trama para isso. Já fizeram três exportações para eles de fio, todas foram fora do prazo, por falta de programação de produção nos elos e por não conhecerem o mercado internacional, mas eles sempre tiveram muita paciência e apóiam sempre a causa, pela construção.

Na visão da presidente da Justa Trama, os relacionamentos entre os elos integrantes da cadeia-rede podem ser explicados como:

A gente se comunica por e-mail, a gente conversa bastante, sobretudo por email mesmo. Como a gente também se conhecia do fórum brasileiro, antes da construção da Justa Trama, tem uma relação de confiança de carinho muito legal. E também a gente acabou envolvendo mais um ou dois de cada elo da cadeia, então a relação não é exclusiva, a gente vai trazendo outros já pra esse debate, na perspectiva futura também.

Na visão complexa, este relacionamento entre os elos da cadeia é visto através do princípio hologramático, onde não só os elos (partes) estão no todo, mas também o todo (cadeia-rede Justa Trama e seu conjunto de valores e princípios) está em cada parte, ou no mínimo, nos mediadores. Todos os empreendimentos estão representados e representam esse conjunto complexo de valores, de identidade, de sustentabilidade e solidariedade que eles mesmos criaram e são seus produtos, ou seja, de acordo com a visão complexa, o princípio recursivo busca a compreensão destes relacionamentos

através do entendimento de que os produtos e os efeitos são ao mesmo tempo causas e produtores do que os produz, o produto é produtor do que o produz..

E os relacionamentos entre a Justa Trama e os movimentos sociais e organizações que estão ligadas:

A gente tem duas relações, a gente tem uma relação que é mais política de identidade do projeto e tem algumas que nos deram aporte financeiro pra gente pode tocar, que não é só isso, também tem uma identidade com esse projeto, então com nenhum a gente faz uma relação só de buscar o dinheiro, toma lá da cá. Sempre é uma relação muito forte. Com outros a gente tem uma relação permanente de construção do que a gente tá fazendo, que é o ESPLAR, é a UNISOL, todas as organizações do fórum de economia solidária, o FBES, a CONOSUD é uma questão totalmente de identidade do projeto. Além disso, o que é muito legal pra gente, é a gente encontrar em outros países nomes que se identificam, tipo no Uruguai encontramos a JUSTA LANA, que é bem de um jeito parece assim que você tá vendo a JUSTA TRAMA, mas é com lã, envolve os produtores, é preciso ter uma idéia e fazer coisas similares. A outra é a TRAMA DA MATA, que envolve os seis estados do norte, que tão trabalhando com as sementes, já tem uma marca, já ta se registrando, então tá bem interessante.

Esta multiplicidade de relacionamentos representa a dinamicidade da rede, como ela está produzindo suas identidades, sua trajetória ao longo do tempo, marcando territórios e construindo valores e relações sustentáveis.

## **6 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A partir dos resultados analisados, busca-se, neste capítulo, responder a pergunta de pesquisa proposta, que se trata de compreender qual o papel dos relacionamentos na dinâmica da cadeia-rede de produção sustentável do algodão agroecológico, considerando-se as diferentes dimensões envolvidas em todo o processo, desde o plantio até o consumidor final, através da perspectiva do desenvolvimento sustentável. Esta questão foi respondida através do atendimento dos objetivos geral e específicos definidos previamente, e descritos a seguir.

### **6.1 Considerações sobre o papel dos relacionamentos e o desenvolvimento sustentável**

Toda a perspectiva da complexidade dos relacionamentos e seu papel transformador e motivador é baseada na visão dinâmica de mudanças e transições, associada a processos de desenvolvimento sustentável. E essas transições e mudanças são vistas em todos os aspectos da cadeia-rede Justa Trama, em todos os seus elos e movimentos sociais ligados a ela, bem como em todas as dimensões analisadas, tanto sociais, como ambientais, econômicas e culturais.

Através do paradigma do meio, da visão do pesquisador agindo e construindo um mapa de todo o fenômeno, seguindo os actantes, suas pistas, rastros e trajetórias, foi ocorrendo de forma a compreender a importância dos relacionamentos, principalmente em um caso onde estes relacionamentos são fundamentais, muito mais do que outro aspecto predominante em cadeias e redes guiadas pela lógica tradicional (econômica-financeira).

Os mediadores produzem transformações, e esse é o principal papel dos relacionamentos, produzir a dinâmica que movimenta e desenvolve a rede. Como principais mediadores transformações da cadeia-rede Justa Trama, vemos a cartilha inicial produzida pelos agricultores em 1982, a UNISOL, o ESPLAR (através do portavoz Pedro Jorge), o algodão orgânico, as reuniões semestrais, a Nelsa Nespolo, presidente da rede, a Idalina, de Itajaí, as confecções, jogos e acessórios produzidos, a oficina realizada no Fórum Social Mundial em 2005, o desfile de lançamento no Fórum Mundial de Turismo em 2005, entre outros, como vídeos e estatutos.

O papel destes mediadores é expresso através de motivações e objetivos que vão sendo concretizados, os três principais são os ideais de cooperação, solidariedade e sustentabilidade, através de uma visão holística e de construção de um novo mundo. Através do paradigma complexo, pode-se compreender que estes mediadores são influenciados e influenciam toda a dinâmica da rede através destes ideais.

Quanto às dimensões do desenvolvimento sustentável, todos os elos e movimentos sociais analisados consideram em sua prática as quatro dimensões propostas, social, ambiental, econômica e cultural. Porém, em diferentes níveis, intensidade e foco. Na visão do pesquisador, o quadro abaixo mostra esta relação, conforme a dimensão predominante em cada empreendimento:

**Quadro 10: Relação das quatro dimensões do desenvolvimento sustentável e os empreendimentos entrevistados**

<b>Empreendimento</b>	<b>Dimensões do desenvolvimento sustentável</b>
ADEC	Ambiental
Cooperativa Açai	Econômica
Coopertêxtil	Econômica
Fio Nobre	Social
Em Nome da Arte	Econômica
UNIVENS	Social
ESPLAR	Social
UNISOL	Social

## 6.2 Atendimento dos objetivos propostos

O quadro 11 apresenta a relação dos objetivos específicos com os resultados encontrados.

**Quadro 11: Relação entre objetivos específicos e resultados analisados**

<b>Objetivos Específicos</b>	<b>Resultados</b>
Compreender as relações entre os atores humanos e não-humanos	Através das visitas aos elos produtivos e aos movimentos sociais, o pesquisador pode ter uma compreensão dos relacionamentos ocorrendo na cadeia, compreender os relacionamentos de uma forma mais ampla, não somente entre humanos, mas também compreender a importância que não-humanos produzem nessas relações. Tais como o algodão agroecológico, os materiais de trabalho, as instituições, entre outros.
Compreender as questões de sustentabilidade que ocorrem nas relações entre os humanos e não-humanos, na construção do coletivo	As quatro dimensões (ambiental, social, econômica e cultural) foram identificadas em todos os elos, como também nos movimentos

	<p>sociais pesquisados, alguns em maior ou menor intensidade, de acordo com as formações dos principais actantes envolvidos. Porém é entendido que toda a articulação que foi engendrada nesse processo de formação da rede é um esforço coletivo de todos os elos para assimilarem cada vez mais questões que envolvem cada uma destas dimensões, buscando sempre considerá-las em todas as suas atividades.</p>
<p>Verificar os fenômenos e interações que motivam e sustentam a dinâmica do funcionamento da rede analisada</p>	<p>Os fenômenos e interações responsáveis pela motivação e união da dinâmica da cadeia são principalmente os ideais de cooperação, solidariedade e sustentabilidade, através de uma visão holística e de construção de um novo mundo.</p>
<p>Analisar as diferentes relações que envolvem a rede analisada em seu contexto mais amplo, como as redes são conectadas</p>	<p>A Justa Trama e sua ampla rede de conexões heterogêneas foi captada através das percepções e relatos, descritos principalmente no quadro 8.</p>
<p>Compreender a relevância das conexões e dos valores na construção dos coletivos para a sustentabilidade</p>	<p>Toda a multiplicidade de relacionamentos tanto humanos quanto não-humanos identificados é o que move a dinâmica da cadeia-rede Justa Trama, em direção a práticas cada vez mais sustentáveis. Respeito, admiração, solidariedade, cooperação e união em todos esses relacionamentos, são valores compreendidos em todos os elos, e fundamentais para a construção de um coletivo cada vez mais voltado à sustentabilidade.</p>

Como principais resultados tem-se a compreensão dos diferentes actantes humanos e não-humanos e as transformações que eles produzem, através dos seus relacionamentos, sendo as três principais os ideais de cooperação, solidariedade e sustentabilidade, através de uma visão holística e de construção de um novo mundo. Foram identificados os principais mediadores, os nós (ações) e a translação da caminhada. Observou-se diferentes graus de prioridade sobre as quatro dimensões do desenvolvimento sustentável em todos os actantes da cadeia-rede estudada. Mas o principal resultado foi verificar que muitos nós (ações) influenciados pelos mediadores, ligados aos movimentos sociais foram realizados sem uma análise econômico-financeira, a priori, considerando-se as dimensões culturais, sociais e ambientais, enquanto buscava-se esse equacionamento econômico-financeiro.

A análise realizada na presente pesquisa priorizou a compreensão da importância dos relacionamentos, sejam eles humanos, como não humanos. Neste caso, entende-se que, sem apresentar qualquer base de dados econômico-financeira, consegue-se obter uma visão ampla e dinâmica de toda a construção e trajetória da cadeia-rede analisada. Demonstrando as diversas formas que pode-se contribuir com um estudo que tenha um foco mais amplo e complexo.

Através das transformações geradas por relacionamentos, destacam-se também não-humanos como actantes importantes, os mediadores, que também produzem transformações e agem sobre os relacionamentos e sobre os humanos. O caso da cadeia-rede Justa Trama apresenta fatos e valores relevantes para compreender em que nível os relacionamentos fazem a diferença em certas situações. As redes que estão ligadas e formando cada vez novas conexões enriquecem o todo com emergências positivas, e quando existem rupturas, mesmo que sejam a-significantes, o todo acaba tornando-se menor que a soma das partes naquele determinado momento.

Para finalizar, a complexidade intrínseca a todos os relacionamentos torna a presente pesquisa mais abrangente, capaz de compreender como a interdependência entre actantes humanos e não-humanos é capaz de impactar e transformar a cadeia-rede. Desta forma mostrando as emergências positivas e negativas, bem como os movimentos de ordem, desordem, organização e relacionamentos ocorridos ao longo dos 5 anos de existência da cadeia-rede Justa Trama. Mostrando como os nós que ligam e inter-relacionam os diversos actantes produzem transformações e resultados, contemplando as quatro dimensões do desenvolvimento sustentável estudadas.

### **6.3 Implicações para gestão e estratégia**

Com relação às contribuições da presente pesquisa para a atuação de gestores e representantes de empreendimentos auto-gestionados, observa-se que os relacionamentos tem grande importância na produção de transformações/translações. Empreendimentos que tem um histórico de engajamento em movimentos sociais e lutas por diferentes causas, devem estar atentos aos relacionamentos como um todo, pois muitas decisões e transformações ocorrem puramente baseadas em relacionamentos, confiança, ideais partilhados, ao invés de fins econômico-financeiros.

E quanto às estratégias dos representantes dos movimentos sociais, é importante ressaltar seu esforço em construir e contribuir para a autonomia dos empreendimentos que eles incentivam e apoiam. É importante que primeiramente eles possam auxiliar e motivar o desenvolvimento desses empreendimentos, mas, após esse processo, eles terão que trabalhar em uma mudança no foco dos relacionamentos. Algumas translações terão que ser produzidas para garantir que estes empreendimentos consigam ter sua autonomia e auto-gestão, conforme o exemplo do ESPLAR e da UNISOL, com relação à formação e desenvolvimento da ADEC e da Justa Trama como um todo.

#### **6.4 Limitações da presente pesquisa e sugestão à futuras pesquisas**

A presente pesquisa buscou compreender os relacionamentos em sua forma mais ampla ocorrendo na cadeia-rede Justa Trama, produzindo transformações e efeitos ao longo do tempo, através de uma combinação de teorias e um olhar complexo e holístico de todo o processo de sustentabilidade em todo o ciclo produtivo, desde o plantio ao consumidor final, de roupas e acessórios de algodão agroecológico.

As limitações deste modelo e da construção do *framework* são relativas à especificidade de um caso único, e da clareza de que somente um recorte do fenômeno foi analisado, e, com base nele, algumas considerações foram expressas. Porém, existiriam ainda muitas outras formas de compreender este mesmo fenômeno, esta cadeia-rede, principalmente pela dinamicidade dos acontecimentos e transformações.

Para futuras pesquisas, o entendimento das teorias analisadas e o *framework* proposto poderiam ser testados para que se pudesse compreender outros fenômenos complexos e onde não há distinção clara entre a atuação de actantes humanos e não-humanos.

## REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO DE DESENVOLVIMENTO EDUCACIONAL E CULTURAL DE TAUÁ. TAUÁ: ADEC, 2010. Folder e Jornal de divulgação

ALONSO, Angela. As teorias dos movimentos sociais: um balanço do debate. **Lua Nova**, São Paulo, v. 76, p. 49-86, 2009.

ALTIERI, Miguel. **Agroecologia: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável**. 2ª Ed. Porto Alegre: Ed. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 110 p. 2000.

ARAÚJO, Ronaldo F.; CARDOSO, Ana Maria P. A ciência da informação como rede de atores: Reflexões a partir de Bruno Latour. In: Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, 8. Salvador: Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação, 2007.

BANERJEE, Subhabrata. Who sustains whose Development? Sustainable Development and the Reinvention of Nature. **Organization Studies, Londres**, v. 24, n. 1, p. 143-180, 2003.

BARIN-CRUZ, Luciano; PEDROZO, Eugenio A.; ESTIVALETE, Vânia F. B. Towards sustainable development strategies: A complex view following the contribution of Edgar Morin. **Management Decision, Londres**, v. 44, n. 7, p. 871-891, 2006.

BARROS, Ricardo de Faria. **Desenvolvimento regional sustentável: a experiência do Banco do Brasil**, 2007, 201 f. Dissertação (Mestrado em Administração) - Programa de Pós-Graduação em Administração, Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

BENFORD, Robert; SNOW, David. Framing processes and social movements: An overview and assessment. **Annu. Rev. Sociol, Palo Alto**, v.. 26, p. 611-639, 2000.

BERNARDES, Júlia Adão; FERREIRA, Francisco Pontes de Miranda. Sociedade e Natureza. In: CUNHA, Sandra Baptista e GUERRA, Antônio José Teixeira (Orgs.). **A questão ambiental: diferentes abordagens**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

BRASIL, Ministério do Meio Ambiente. **Carta da Terra**. Brasília, 2006. Disponível em: <[http://www.mma.gov.br/estruturas/agenda21/\\_arquivos/carta\\_terra.doc](http://www.mma.gov.br/estruturas/agenda21/_arquivos/carta_terra.doc)>. Acesso em: 24 jul. 2009.

CALLON, Michel. Some elements of a sociology of translation: domestication of the scallops and the fishermen of St. Briec Bay. **Power, Action and belief: a new sociology of knowledge?** J. Law. Routledge, **Londres** p. 196, 223, 1986.

CANCHUMANI, Roberto M. L. A propósito da construção de indicadores de ciência e tecnologia (C&T) no Brasil: Aspectos Sociotécnicos. In: V Congresso Nacional de Excelência em Gestão: Gestão do conhecimento para a sustentabilidade. **Anais do V Congresso Nacional de Excelência em Gestão**. Niterói, 2009.

CAPORAL, Francisco Roberto; COSTABEBER, José Antônio. **Agroecologia: alguns conceitos e princípios**. Brasília: MDA/SAF/DATER/IICA, 2004.

CASTANHEIRA, Maria E. M.; PEREIRA, José R. Ação coletiva no âmbito da economia solidária e da autogestão. **Revista Kátal**, Florianópolis, v. 11, n 1, p. 116-122, Jan./Jun., 2008.

CERVO, Amado L.; BERVIAN, Pedro A.; SILVA, Roberto. **Metodologia Científica**. , 6ª ed . São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007. 162p.

COMISSÃO MUNDIAL SOBRE MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO. **Relatório Nosso Futuro Comum**. 2ª ed. Rio de Janeiro: FGV, 1991.

DELEUZE, Gilles, GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Vol. 1, São Paulo: Ed. 34, 96 p., 1995.

ELZEN, Boelie; WIECZOREK, Anna. Transitions towards sustainability through system innovation. **Technological Forecasting & Social Change, San Diego** , v. 72, p. 651-661, 2005.

EMBRAPA (EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA). Sistemas de Produção: Algodão Agroecológico. Disponível em: < [http://sistemasdeproducao.cnptia.embrapa.br/FontesHTML/Algodao/AlgodaoAgriculturaFamiliar\\_2ed/index.html](http://sistemasdeproducao.cnptia.embrapa.br/FontesHTML/Algodao/AlgodaoAgriculturaFamiliar_2ed/index.html) > Acesso em: 07 jun. 2010.

ESCOBAR, Arturo. **Encountering development: The making and unmaking of the third world**. Princeton Studies in culture/power/history, Princeton, 1992, 290p.

ESPLAR (CENTRO DE PESQUISA E ASSESSORIA), Centro de Pesquisa e Assessoria. Disponível em: < <http://www.esplar.org.br/quem/oque.htm> > Acesso em: 13 mar. 2010

FARIA, Maria Vilma; AGUIAR, Silvana Aparecida. Cooperatives' rationality within the social economy: a study of agro-ecological cotton production network in Brazil. In: 2<sup>nd</sup> EMES International Conference on Social Enterprise. **Anais 2<sup>nd</sup> EMES International Conference on Social Enterprise**, Trento, Italia, 2009.

FONSECA, Tania M. G; KIRST, Patrícia G. (org.) **Cartografias e Devires: A construção do presente**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2003.

GAIGER, Luiz I. A Economia Solidária e o Projeto de *Outra Mundialização*. **DADOS – Revista de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, vol. 47, n 4, p. 799-834, 2004.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3. Ed. São Paulo: Ed. Atlas, 1987.

IYER-RANIGA, Usha; TRELOAR, Graham. A Context for Participation in Sustainable Development. **Environmental Management**, Tennessee, vol. 26, n 4, p. 349-361, 2000.

JUSTA TRAMA, Site da Rede de Cooperação Sustentável Justa Trama. Disponível em: < <http://www.justatrama.com.br/conteudo/home.php> > Acesso em: 10 jul. 2009.

LATOUR, Bruno. **Reassembling the social: An introduction to actor-network theory**. Oxford: Oxford University Press, 2005.

LATOUR, Bruno. On actor-network theory: A few clarifications. **Soziale Welt-Zeitschrift für Sozialwissenschaftliche forschung und praxis**, Frankfurt, vol. 47, n 4, 1996.

LATOUR, Bruno. **Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora**. São Paulo: Editora UNESP, 2000, 438p.

LATOUR, Bruno. **Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994, 152p.

LAW, John. Notes on the theory of the actor-network: Ordering, strategy and heterogeneity. **Systems Practice**, Lancaster, vol. 5, n 4, 1992.

LAW, John; HASSARD, John. **Actor-Network theory and after**. Oxford: Blachkwell Publishing, 1999.

LE MOIGNE, Jean L. **La modélisation des systèmes complexes**. Paris: Dunod, 1990.

LEITE, Francisco T. **Metodologia Científica**: iniciação à pesquisa científica, métodos e técnicas de pesquisa, metodologia da pesquisa e do trabalho científico (monografias, dissertações, teses e livros). Fortaleza: Universidade de Fortaleza, 2004, 287p.

LEITE, Maria S. A.; BORNIA, Antônio C. Modelagem: abordagens que consideram a complexidade do sistema. In: XXVI ENEGEP. **Anais do XXVI Enegep**, Fortaleza, CE, 2006.

MELO, M. F. A. Q., *et al.*, Sucata vira brinquedo: Tradução a partir de restos. **Psicologia e Sociedade**, São João Del Rei, vol. 19, n 2, p. 114-121, 2007.

METELLO, Daniela G. **Os benefícios da associação em cadeias produtivas solidárias: O caso da Justa Trama – Cadeia Solidária do Algodão Agroecológico**, 2007, 157 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) - Programa de Pós-Graduação de Engenharia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

MORAES, Márcia. A ciência como rede de atores: ressonâncias filosóficas. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Niterói, vol. 11, n 2, p. 321-333, maio/ago. 2004.

MORIN, Edgar; KERN, Anne B. **Terra Pátria**. Instituto Piaget, Stória Editores, Lisboa, 209 p., 2001.

MORIN, Edgar. **O Método 1: A natureza da natureza**. 3ª Ed. Porto Alegre: Sulina, 2007.

MORVAN, Y., **Filière de Production : Fondementes d'Economie Industrielle**. Paris : Economica, 1985.

OE, Organic Exchange. **Organic Cotton Market Report 2009: Executive Summary**. Disponível em <[www.organicexchange.org](http://www.organicexchange.org)> Acesso em: 10 jul. 2010.

PEDROZO, Eugenio A. **Cadre conceptuel em gestion de coopératives agricoles: Une analyse selon l'Economie des concentions, La systémique et la complexité**, 1995. Tese (Doutorado em Administração)- Institut National Polytechnique de Lorraine, Lorraine, 1995.

PEDROZO, Eugenio A.; SILVA, Tânia N. O desenvolvimento sustentável, a abordagem sistêmica e as organizações. **Revista Eletrônica de Administração (REAd)**, São Paulo, n 6, vol 6, 2000.

PEREIRA, Josiane, FARIA, Maria Vilma. A Rede de Economia Solidária do Algodão Agroecológico: Desenvolvimento Humano, Sustentabilidade e Cooperação entre os Produtores Rurais do Estado do Ceará. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPAD, 2009, São Paulo. **Anais do XXXIII Encontro da ANPAD**, São Paulo, 2009.

PESSOA, Rosângela A. **Formação de Redes de Economia Solidária: O caso da Rede Abelha Ceará**, 2008, 114 f. Dissertação (Mestrado em Administração) - Pós-Graduação em Administração de Empresas, Universidade de Fortaleza, Fortaleza, 2008.

POLETTA, Francesca; JASPER, James. Collective Identity and Social Movements. **Annu. Review of Sociology**, Palo Alto, Vol. 27, p. 283-305, 2001.

ROMAGNOLI, Roberta C. A cartografia e a relação pesquisa e vida. **Psicologia e Sociedade**, Porto Alegre, vol. 2, n 21, p. 166-173, 2009.

SACHS, Ignacy. **Caminhos para o desenvolvimento sustentável**. Rio de Janeiro: Garamond, 2002. 95 p.

SÔNIGO, Dubes. Um mercado em fase de estruturação no Brasil, mas com bom potencial de crescimento: o de têxteis orgânicos. In: ECOTECE. Disponível em: <[www.ecotece.org.br/blog/?p=573](http://www.ecotece.org.br/blog/?p=573)> Acesso em: 25 jun. 2010.

TECNOLOGIA, CIÊNCIA E INOVAÇÃO: a abordagem sociológica. Disponível em: <<http://sociologiadatecnica.blogspot.com/2006/02/resumo-da-teoria-do-actor-redenuma.html>> Acesso em: 10 nov. 2009.

TURETA, César; ALCAPADINI, Rafael. O objeto *objeto* na análise organizacional: a teoria ator-rede como método de análise da participação dos não-humanos no processo organizativo. **Cadernos EBAPE**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, p. 51-60, mar. 2009a.

TURETA, César; ALCAPADINI, Rafael. Teoria Ator-rede e estudos críticos em administração: possibilidades de um diálogo. **Cadernos EBAPE**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 3, p. 406-418, set. 2009b.

VASCONCELOS, Eduardo M. **Complexidade e pesquisa interdisciplinar: epistemologia e metodologia operativa.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

VIEIRA, Marcelo M. F.; ZOUAIN, Deborah M. **Pesquisa qualitativa em administração.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. 224 p.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos.** 3ª Edição. Porto Alegre: Bookman, 2005.

WADDELL, Steve. Realising Global Change: Developing the Tools; Building the Infrastructure. **JCC, Greenleaf Publishing**, St. Sheffield, v. 26, p. 69-84, 2007.

ZYLBERSZTAJN, D. (Org.). **Economia e Gestão dos Negócios Agroalimentares.** São Paulo: Pioneira, 2000.

ZUCATTO, Luis C. **Análise de uma cadeia de suprimentos orgânica orientada para o desenvolvimento sustentável: Uma visão complexa,** 2009, 200 f. Dissertação (Mestrado em Administração) – Programa de Pós-Graduação em Administração, Escola de Administração, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

## ANEXO 1: CARACTERIZAÇÃO DOS ENTREVISTADOS

<b>Cooperativa</b>	<b>Entrevistado</b>	<b>Função</b>
Coopertêxtil	CP1	Diretor
Coopertêxtil	CP2	Vice-presidente
Coopertêxtil	CP3	Gerente de Produção
Coopertêxtil	CP4	Gerente de Produção
Coopertêxtil	CP5	Gerente de Produção
Coopertêxtil	CP6	Tesoureira
Coopertêxtil	CP7	Secretária da Presidência
Fio Nobre	FN1	Costureira
Fio Nobre	FN2	Costureira
Fio Nobre	FN3	Costureira
Fio Nobre	FN4	Cooperada (financeiro/costura)
Fio Nobre	FN5	Cooperado (produção)
Fio Nobre	FN6	Presidente
Em Nome da Arte	NA1	Sócia
Em Nome da Arte	NA2	Sócia
ADEC	AD1	Técnico
ADEC	AD2	Tesoureiro
ADEC	AD3	Agricultor
ADEC	AD4	Agricultor
ADEC	AD5	Agricultor
ADEC	AD6	Técnico
Cooperativa Açáí	CA1	Cooperada (artesã)
Cooperativa Açáí	CA2	Cooperada (artesã)
Cooperativa Açáí	CA3	Presidente

**ANEXO 2: ROTEIRO ENTREVISTA 1: PRESIDENTES DAS COOPERATIVAS**

1. Histórico da cooperativa:
2. Histórico da cooperativa na Justa Trama:
3. Quantos cooperados:
4. Como você percebe o trabalho da Justa Trama?
5. Como você percebe a importância do trabalho da sua cooperativa na Justa Trama?
6. O que este projeto significa para vocês?
7. Quais são os planos para a continuação na Justa Trama?
8. Qual é a quantidade do trabalho da cooperativa destinado à Justa Trama?
9. E em termos econômicos, qual é a importância deste trabalho?
10. O que mais motiva vocês a participarem da Justa Trama?
11. Qual o trabalho normalmente desempenhado pela cooperativa (a parte que não é destinada à Justa Trama)?
12. Vocês teriam interesse em trabalhar mais com o algodão orgânico da Justa Trama, caso a produção crescesse?
13. Como você percebe as relações sociais na Justa Trama?
14. Você tem idéia do alcance do trabalho da Justa Trama?
15. Como você vê esta projeção internacional da Justa Trama?
16. Com relação à economia solidária, quais são os princípios da cooperativa?
17. Com relação às questões ambientais, principalmente advindas do plantio do algodão orgânico, qual a sua posição?
18. E quanto aos movimentos sociais que a Justa Trama está ligada? Como a UNISOL? Qual a sua relação com eles?
19. Quais são os significados que você percebe no trabalho da Justa Trama?
20. Como a ADEC realiza seu trabalho de instrução e treinamento aos agricultores? Existe algum tipo de continuação no campo? Como produtores multiplicadores?
21. Como está a questão dos projetos e financiamentos? Quais já foram importantes e quais vigoram atualmente?
22. Qual é a quantidade comprada pela Justa Trama e pela Veja?
23. Como é produção da VEJA? Onde?
24. Este ano como foi a colheita do algodão?
25. Qual foi a reação da JT e da VEJA com relação a isto?
26. Oportunidades e desafios vistos pela gestão?
27. Quais são as principais ações realizadas pela ADEC, enquanto associação?



**ANEXO 3: ROTEIRO ENTREVISTA 2: COOPERADOS DAS COOPERATIVAS**

1. Desde quando você é associado da cooperativa?
2. Como foi este início?
3. Quais são as suas tarefas?
4. Como você percebe o trabalho da Cooperativa?
5. É satisfatório?
6. E com relação ao trabalho da cooperativa para a Justa Trama, o que você acha?
7. Como você percebe a importância do trabalho da sua cooperativa na Justa Trama?
8. O que este trabalho com a Justa Trama significa para você?
9. Você gostaria de continuar trabalhando na Justa Trama?
10. O que mais motiva você a participar da Justa Trama?
11. Você teria interesse em trabalhar mais com o algodão orgânico da Justa Trama, caso a produção crescesse?
12. Como você percebe as relações sociais entre os integrantes da Justa Trama?
13. Você tem idéia do alcance do trabalho da Justa Trama?
14. Como você vê a projeção internacional da Justa Trama?
15. Quais são os principais motivos que o ligam a este trabalho na cooperativa e com relação à Justa Trama?
16. Para você, qual é a importância da questão ambiental (do algodão orgânico) da Justa Trama?
17. Para você, qual é a importância do cooperativismo solidário vivenciado e praticado por vocês?
18. Para você, qual é a importância das relações dos cooperados e dos integrantes da Justa Trama para o trabalho conjunto?
19. Quais são os significados que você percebe no trabalho da Justa Trama?

**ANEXO 4: ROTEIRO ENTREVISTA 3: REPRESENTANTES DOS MOVIMENTOS SOCIAIS**

1. Qual foi o papel do movimento na construção da Justa Trama?
2. Como ocorreu este início?
3. Quais motivações e ações coletivas foram promovidas pelo movimento para a criação da Justa Trama?
4. Como funciona o movimento? Qual sua ação? Quais as principais questões que estão envolvidas?
5. Como é o relacionamento do movimento com outras instituições?
6. Como é o relacionamento do movimento com outros movimentos sociais?
7. Como é o relacionamento do movimento com a Justa Trama?
8. Qual é o papel do movimento na Justa Trama atualmente?
9. Em relação ao processo de organização das idéias e questões pertinentes ao movimento e à Justa Trama, como se dá esta troca?
10. Qual é o nível de ressonância das ações coletivas do movimento em relação à Justa Trama?
11. Qual é o nível de ressonância das ações coletivas do movimento em relação à sociedade/comunidade onde está inserido?
12. Qual é o nível de ressonância das ações coletivas do movimento em relação aos alvos das suas ações?
13. Como se dá a articulação da conexão e alinhamento de eventos e experiências do movimento com a Justa Trama?
14. Quais são os esforços estratégicos por parte do movimento com relação à articulação, manutenção e motivação no que diz respeito à Justa Trama?

## **ANEXO 5: DOCUMENTO DA ADEC: PROPOSTA PARA IMPLANTAÇÃO DOS CONSÓRCIOS AGROECOLÓGICOS 2011**



### **PROPOSTA PARA IMPLANTAÇÃO DOS CONSÓRCIOS AGROECOLÓGICOS 2011**

#### **1- CONSERVAÇÃO E MELHORIA DO SOLO**

- \* Plantio consorciado (plantio de diferentes culturas em uma mesma área);
- \* Curvas de nível (o plantio em nível evita a erosão provocada pelas chuvas);
- \* Enleiramento com garranchos, valetas de retenção e muretas de pedras (ajudam a controlar a erosão do solo);
- \* Adubação orgânica com esterco de bovinos, caprinos ou ovinos (melhora a fertilidade do solo e nutrição das plantas);

#### **2- PLANTIO DO ALGODÃO**

- \* Plantar o algodão logo nas primeiras chuvas ou no seco, se possível;
- \* Plantar as variedades de algodão 7MH, no espaçamento de 1,5 metro por 1 metro ou o algodão 8H (herbáceo) no espaçamento de 1 metro por 1 metro e aroeira no espaçamento de 1,0 por 1,5m, dependendo das condições do solo;
- \* Plantar o algodão em faixas de 4 a 6 fileiras de modo que ocupe mais ou menos a metade da área (no mínimo 40 % e no máximo 60 % );
- \* Fazer raleamento ou desbaste das plantas, deixando uma ou duas plantas por cova;
- \* Podar o algodão 7MH e arrancar o algodão 8H e o aroeira, após o pastejo dos animais;
- \* Os preços do algodão serão de acordo com a qualidade do produto: primeira qualidade (preço maior) e segunda qualidade (20 % a menos).

#### **3- MANEJO DE INSETOS E PRAGAS**

- \* Usar biofertilizantes (calda nutritiva ou urina de vaca) para fortalecer as plantas;
- \* Pulverizar as plantas com defensivos naturais do nim e outras plantas;
- \* Fazer catação dos botões florais do algodão pelo menos duas vezes por semana;
- \* Usar métodos de controle de formigas com produtos naturais;

#### 4- CRITÉRIOS PRINCIPAIS

- \* Não utilizar agrotóxicos ( inseticidas, herbicidas ou adubos químicos);
- \* Não utilizar fogo no preparo dos roçados;
- \* Não utilizar sementes com tratamento químico (Ex. milho híbrido);
- \* Não utilizar o trator no preparo do solo, exceto em alguns casos com o uso do escarificador;
- \* Para participar da proposta dos consórcios agroecológicos, o/a agricultor/a deverá associar-se á ADEC.

#### 5- OUTRAS RECOMENDAÇÕES

- \* Não colher e nem armazenar o algodão em sacos de rafia (plástico);
- \* Os consórcios devem ter no mínimo três culturas principais, além de jerimum, melancia, melão ,etc.
- \* O tamanho da área de consórcios deve ser no mínimo de meio hectare e no máximo de três hectares, dependendo da força de trabalho familiar;
- \* Usar capoeiras e áreas em pousio, recuperando essas áreas com adubação orgânica; \* Utilizar cobertura morta, enleiramento e plantio de leguminosas como o guandu;
- \* Fazer e usar a calda nutritiva em cada comunidade;
- \* Procurar agricultores/as interessados em aderir ao projeto, que estejam próximos/as de outros/as que já estejam fazendo parte dos Consórcios;
- \* A partir do segundo ano as técnicas agroecológicas devem se estender a toda unidade familiar;
- \* Plantar árvores nativas.

### **COMPROMISSOS**

#### \* DA ADEC:

- mobilizar e cadastrar os agricultores e agricultoras interessados na proposta;
- capacitar os agricultores e agricultoras no manejo de consórcios agroecológicos;
- antecipar o fornecimento das sementes do algodão para o plantio;
- realizar o acompanhamento técnico nas áreas de consórcios;
- garantir a compra do algodão e do gergelim dos consórcios;
- trabalhar a comercialização dos outros produtos dos consórcios (Ex:milho e feijão);

#### \* DOS AGRICULTORES E AGRICULTORAS:

- aplicar as técnicas agroecológicas recomendadas;
- participar das reuniões, intercâmbio, capacitação e visitas de acompanhamento;
- repassar o que foi aprendido para outras pessoas da comunidade;
- ter atenção para a qualidade do algodão na ocasião da colheita e do armazenamento.

- permanecer nos consórcios para garantir a venda dos produtos, pois somente a partir do segundo ano o agricultor é certificado como orgânico.

## ANEXO 6: DOCUMENTO DA ADEC: PLANO AMBIENTAL DA ADEC 2010



# PLANO AMBIENTAL DA ADEC 2010

## 1 – INTRODUÇÃO

A agricultura praticada no município de Tauá e em toda região dos Inhamuns tem se caracterizado pelo cultivo intensivo do solo, sem nenhuma preocupação com a sua conservação, através de queimadas, uso de tratores de forma errada, plantio de morro abaixo, uso de agrotóxico e superpastoreio. Estas práticas têm levado a degradação dos solos e intensificado o processo de desertificação, colocando os/as agricultores/as familiares numa situação de vulnerabilidade

A agricultura moderna tem utilizado inovações tecnológicas como o desenvolvimento de novas variedades de plantas para aumentar a produção e produtividades agrícola. Este aumento na produção de alimentos vem acompanhado do uso de fertilizantes e agrotóxicos e o crescimento de grandes infra-estruturas de irrigação. Estas técnicas que permitiram aumentos na produtividade degradaram os recursos naturais dos quais a agricultura depende – o solo, reservas de água e a diversidade genética natural.

Por outro lado a ADEC- Associação de Desenvolvimento Educacional e Cultural de Tauá vem desenvolvendo uma agricultura de base agroecológica que visa buscar soluções efetivas para os problemas ambientais da nossa região, a partir da produção sustentável de produtos ecologicamente corretos, oriundos da agricultura familiar, com certificação orgânica concedida pelo IBD e em processo de certificação pela FLO *Fair Trade* para o comércio justo.

Neste Plano Ambiental a ADEC pretende explicitar suas propostas para o desenvolvimento de práticas de preservação ambiental, fundamentada na agroecologia e no fortalecimento da agricultura familiar, em busca de uma convivência produtiva e sustentável no semi-árido.

## 2- OBJETIVO GERAL

Este Plano Ambiental tem como objetivo geral desenvolver uma agricultura de base agroecológica, a preservação dos recursos naturais e relações igualitárias de gênero, visando a melhoria da qualidade de vida dos/as agricultores e agricultoras familiares, através da sócio-economia solidária.

## 3- OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Promover atividades culturais, educacionais, de promoção social e ambiental, visando estimular a cooperação, o associativismo e a solidariedade entre seus associados e associadas, objetivando o fortalecimento da agricultura familiar de base;
- Implementar as técnicas de conservação e preservação do solo e da água;

- Incentivar a produção de mudas de espécies nativas, exóticas e frutíferas;
- Implementar e revitalizar as Casas de Sementes Comunitárias na perspectiva da Segurança Alimentar, conservação dos recursos genéticos e convivência com o Semi-Árido
- Providenciar os meios necessários para viabilizar o armazenamento, beneficiamento, industrialização e comercialização dos produtos da agricultura familiar;

#### **4 - HISTÓRICO DA ADEC**

A ADEC - Associação de Desenvolvimento Educacional e Cultural é uma associação de agricultores/as fundada em 1986, por iniciativa de um grupo de mulheres artesãs, com apoio do Sindicato de Trabalhadores/as Rurais de Tauá. Em 1993 foi realizado a mudança de Estatuto para atuação direta no campo e desde então, a ADEC vem contribuindo de forma significativa com o desenvolvimento rural sustentável do município de Tauá e Região dos Inhamuns..

Atualmente a ADEC atua no Conselho Municipal de Segurança Alimentar e Nutricional, nos Conselhos Distritais das Associações Comunitárias de Tauá e no Fórum Cearense pela Vida no Semi-árido.

A ADEC tem como princípio a agroecologia, que orienta suas ações junto às famílias associadas. A valorização cultural, o diálogo, a inserção nas políticas públicas e o fortalecimento de ações de protagonismo infanto-juvenil no desenvolvimento agroecológico fazem parte do dia a dia da instituição desde a sua fundação.

Desde 1993 os/as associados/as da ADEC cultivam o algodão agroecológico, que é beneficiado na própria Associação. A partir de 2003 a ADEC vem comercializando sua produção para duas cadeias produtivas do comércio justo. Uma parte da pluma beneficiada é comercializada para a *Veja Fair Trade* empresa francesa para fabricação no Brasil do tênis agroecológico da marca *Veja*, destinado ao mercado europeu. Outra parte da pluma é vendida para *Central Justa Trama* em Porto Alegre-Rio Grande do Sul, que articula uma rede de cooperativas para produção de confecções que é destinado ao mercado interno brasileiro. A pluma de algodão da ADEC é certificada como orgânica pelo IBD. A ADEC está em processo de certificação com a *FLO Fair Trade* para o comércio justo.

Hoje a ADEC conta com um quadro de 79 associados/as após recadastramento realizado em novembro de 2009 destes 67 são homens e 12 são mulheres. Em relação à posse da terra, todos/as são agricultores familiares, distribuídos nas seguintes categorias: 48% são pequenos proprietários/as, 24% são agregados/as, 12,6% são assentados da reforma agrária, 11,6% são agricultores/as sem terra e 3,8% são parceirosiros.

#### **5. ÁREA DE ATUAÇÃO DO PLANO AMBIENTAL**

A ADEC tem como área de atuação principal a região dos Inhamuns no sertão do Ceará, incluindo os municípios de Tauá, Parambu, Independência e Arneiroz, com perspectiva de se entender para os municípios de Quiterianópolis e Aiuaba.

#### **6. PROGRAMAS DO PLANO AMBIENTAL**

## **Proposta do Plano Ambiental para o ano de 2010:**

### **1- CONSERVAÇÃO E MELHORIA DO SOLO**

#### **1.1. Plantio consorciado**

Consiste em plantar em uma mesma área uma diversidade de culturas, com diferentes necessidades nutricionais, porte e sistemas de raízes também diferentes, que venham a se complementar visando a obtenção de colheitas satisfatórias de produtos variados. O plantio consorciado diminui o risco de perdas de safra por falta ou excesso de chuvas, ataque de pragas ou outros. Busca-se o estabelecimento de relações baseadas nos princípios do Comércio Justo e Solidário, como também a superação das desigualdades de gênero.

#### **1.2. Curvas de nível**

O Plantio em nível é a prática de plantar seguindo linhas que estão na mesma altura do terreno. Tem o objetivo de evitar a erosão provocada pela água das chuvas quando encontra caminho livre para arrastar o solo de alto a baixo.

#### **1.3. Valetas de retenção**

São regos feitos seguindo as curvas de nível que também ajudam a controlar a erosão. Devem ser feitos quando a terra estiver bem molhada.

#### **1.4. Enleiramento com garranchos**

Os garranchos que restarem depois de retirada toda a madeira, lenha e varas, devem ser enleirados em curva de nível para ajudar no controle da erosão.

Obs.: pode-se também fazer muretas de pedras com o mesmo objetivo

#### **1.5. Adubação orgânica com esterco de bovinos, caprinos ou ovinos**

É recomendável, sempre que possível, adubar o solo com esterco, para melhorar a fertilidade do solo e a nutrição das plantas. Havendo bagana de carnaúba esta também deve ser usada.

#### **1.6. Solo e Água**

A ADEC assegura-se de que seus/as associados/as empreendam as práticas recomendadas para reduzir ou impedir a erosão do solo causada pelo vento, pela água ou pelo impacto humano e animal.

A ADEC também assegura-se de que seus/as associados/as empreendam as práticas recomendadas para promover a fertilidade e a estrutura do solo.

### **2- PLANTIO DO ALGODÃO**

#### **2.1. Escolha das áreas**

Implantar os consórcios em áreas com solo indicados para algodão, evitando os baixios e áreas alagadiças onde a umidade favorece menores ou maiores infestações do bicudo. Plantar o algodão logo nas primeiras chuvas ou no seco, se possível.

## **2.2 Preparo do Solo**

Não é permitido o uso do fogo no preparo dos roçados para o plantio agroecológico.

No caso de abertura de novas áreas com a derrubada da mata (broca), toda madeira será retirada para aproveitamento de estacas, varas e lenha. Quanto aos garranchos que restarem, devem ser enleirados em curva de nível para que aconteça a decomposição da matéria orgânica para melhorar a fertilidade do solo.

Só é permitido utilizar o trator seguindo as curvas de nível e usando grade leve.

## **2.3. Escolha das sementes**

Não utilizar sementes com tratamento químico. Sempre obter informações sobre as sementes que chegam ao roçado, cuidando para plantar sementes SEM produtos químicos. Priorizar o plantio das sementes de variedades nativas.

## **2.4. Tipos de culturas a serem plantadas**

O roçado agroecológico deverá ter no mínimo três culturas principais (ex: algodão, milho, feijão), além de outras como exemplo melancia, jerimum, pepino, maxixe, cabaça, etc. Pode-se também plantar o gergelim o sorgo ou a fava.

O gergelim deverá ser sempre plantado na mesma proporção que as culturas do milho e do feijão; pois ele funciona como repelente da mosca branca e ajuda no controle das formigas cortadeiras.

É importante o plantio do feijão de corda e de moita ou do feijão guandu, porque são leguminosas fixadoras de nitrogênio no solo.

## **2.5. Plantio em faixas e espaçamentos recomendados**

Fica como recomendação para todos/as os/as agricultores/as plantio do algodão em faixas de 4 a 6 fileiras, alternada com as demais culturas do consórcio.

## **3- MANEJO DE INSETOS E PRAGAS**

No plantio agroecológico o controle de insetos-praga do algodão e das outras culturas é feito exclusivamente com produtos naturais como a urina de vaca, defensivos naturais à base de plantas e outras medidas como as catações, o cultivo de plantas que atraem ou afugentam insetos. Nos sistemas agroecológicos não se usa agrotóxico ou qualquer veneno químico.

### **3.1. Catação dos botões florais do algodão**

Logo que aparecer o primeiro botão deve-se ficar muito atento para catar, duas vezes por semana, e enterrar todos os botões que venham a cair no chão. Isto diminuirá muito a reprodução do bicudo.

### **3.2. Controle de lagartas e outras pragas**

Deve-se usar defensivos naturais do nim e outras plantas. Pode-se fazer defensivos com extratos de folhas verdes de nim, pó de folhas secas de nim, óleo e torta de nim para pulverizar as plantas contra o ataque de insetos (Receitas em anexo).

### **3.3. Uso de biofertilizantes**

A calda nutritiva ou a urina de vaca ajudam a fortificar a planta e também afugentam algumas pragas. Pode ser usada misturada com extratos de folhas ou de pó de folhas de fim (Receitas nos anexos).

### **3.4. Convivência com formigas**

Usar somente produtos naturais para o controle das formigas, como folhas de nim, maniçoba, gergelim, manipueira, cal virgem, aterramento dos formigueiros entre outros. Obs.: ver nos anexos as receitas para controle natural de formigas.

## **4- PRESERVAÇÃO DOS RECURSOS GENÉTICOS E SEGURANÇA ALIMENTAR**

### **4.1. Campos de Produção de Sementes**

Implantação de campos de produção, de algodão e feijão em bases agroecológicas, no município e na região dos Inhamuns, tanto para o plantio como para a comercialização.

### **4.2. Casas de Sementes**

Revitalização da Casas de Sementes da ADEC como garantia das sementes de variedades nativas ou crioulas para o plantio agroecológico e incentivo a reestrutuação de outras Casas de Sementes existentes no município, como fortalecimento da luta contra as sementes transgênicas.

### **4.3. Organismos Geneticamente Modificados (OGMs)**

A ADEC assegura-se de que seus/as associados/as não cultivem nenhuma semente transgênica, híbrida ou com tratamento químico.

## **5- INSUMOS NATURAIS**

### **5.1. Biofertilizantes**

Incentivar a preparação e o uso da Calda Nutritiva para adubação foliar (receita em anexo), como também o uso da urina de vaca como forma de proteção das plantas contra as pragas e doenças.

### **5.2. Defensivos Naturais**

A ADEC deverá promover junto aos agricultores formas de aquisição dos produtos naturais na preparação dos defensivos naturais à base de plantas como o nim, angico, pimenta malagueta, pimenta do reino, urtiga e ingredientes como cal virgem, soro de leite e outros, conforme receitas em anexo.

Os defensivos à base do nim serão usados da seguinte forma: calda das folhas, calda do pó da folha do nim, óleo do nim e torta do nim.

Também será incentivado, junto aos agricultores/as familiares a colheita das sementes do nim para comercialização na ADEC, que posteriormente fará a extração do óleo, tanto para defensivo natural, como para uso medicinal.

## **6- DESTINO DOS RESÍDUOS SÓLIDOS**

Todo lixo existente e produzido na propriedade deverá ser destinado a locais adequados para tal, de maneira que possa evitar a contaminação do meio ambiente.

## **7- DESENVOLVIMENTO AMBIENTAL**

### **7.1. Responsabilidade pelo Meio Ambiente**

A equipe técnica e os/as multiplicadores/as agroecológicos/as serão responsáveis pelo acompanhamento técnico, desenvolvendo ações de sensibilização, formação e capacitação voltadas para a preservação ambiental, com orientação e coordenação da Direção Executiva da ADEC.

Os/as multiplicadores/as agroecológicos/as são agricultores/as que têm facilidade de expressão e que foram capacitados/as em agroecologia, para que possam acompanhar as unidades familiares participantes dos consórcios agroecológicos. Eles/as devem ter consciência e experiências agroecológicas nos aspectos econômicos, sociais, ambientais, culturais e políticos.

### **7.2. Agrotóxico**

A ADEC assegura-se de que seus/as associados/as não utilizarão nenhum tipo de agrotóxicos: inseticidas, herbicidas, ou adubos químicos. Não usarão veneno de forma alguma, nem para as formigas, nem para dar banho nas criações.

É importante saber que a utilização de venenos fica proibida para agricultores/as que já fazem parte dos consórcios e para aqueles/as que estão aderindo a partir de 2009.

### **7.3. Uso do Fogo**

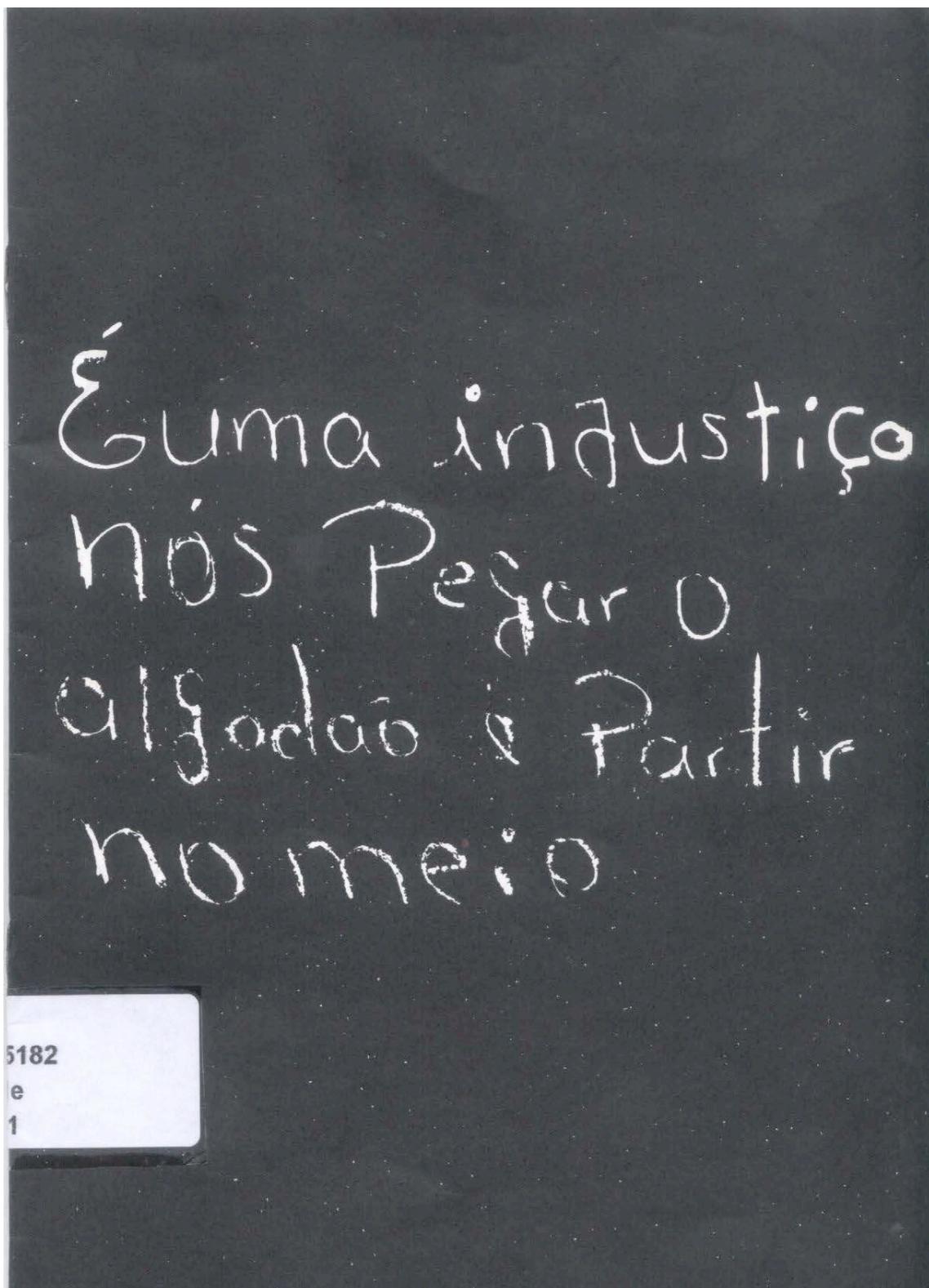
É vedado o uso da prática do fogo no preparo dos roçados. O mato resultado da broca, após ter sido aproveitado a madeira, deve ser enleirado em curva de nível.

### **7.4. Reflorestamento**

A ADEC assegura-se de que incentivará seus/as associados para produzirem mudas de espécies nativas, exóticas e frutíferas para o reflorestamento de suas unidades produtivas.

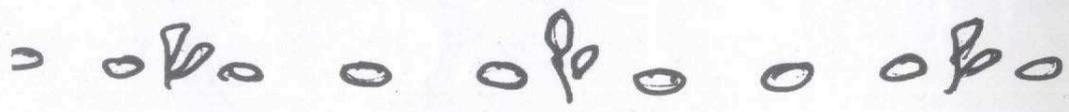
Tauá-CE, 12 de janeiro de 2010

## ANEXO 7: CARTILHA INICIAL DOS AGRICULTORES EM 1979

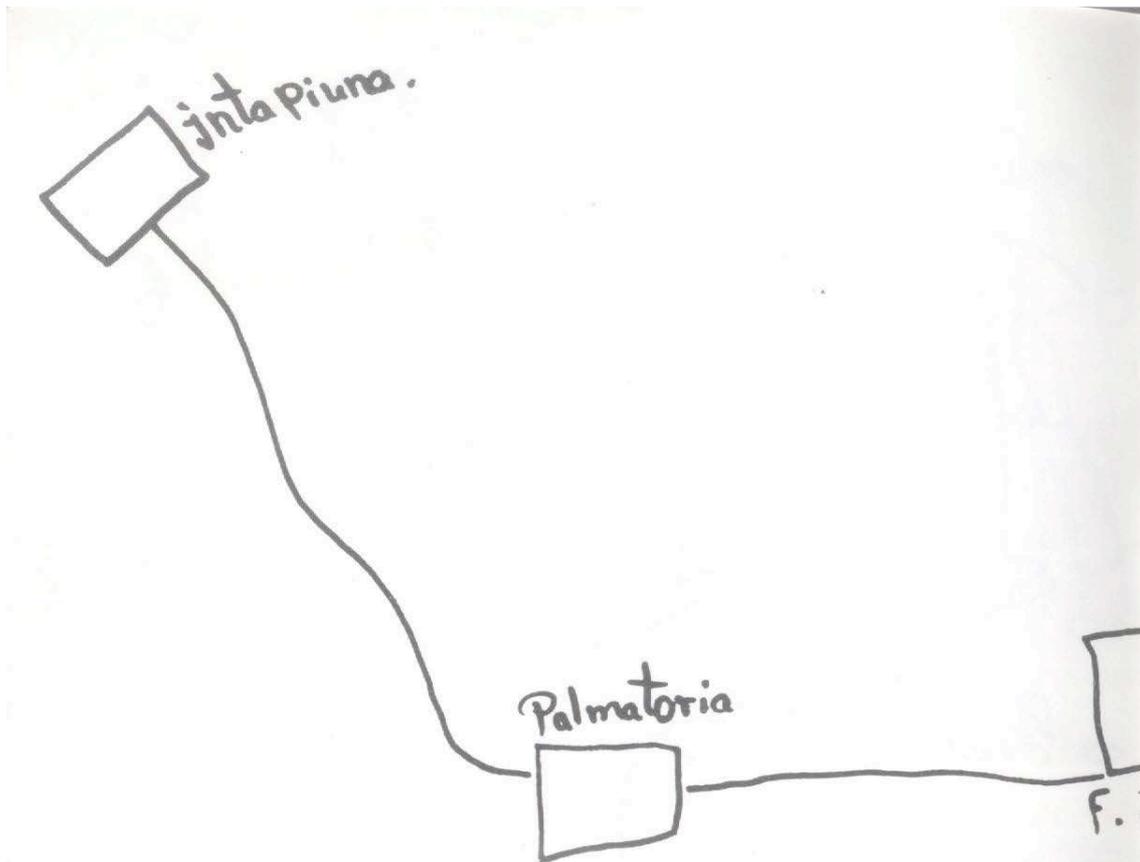


3206  
21/03/05

ESPLAR  
Documentação:  
N.º 3206  
21/03/05



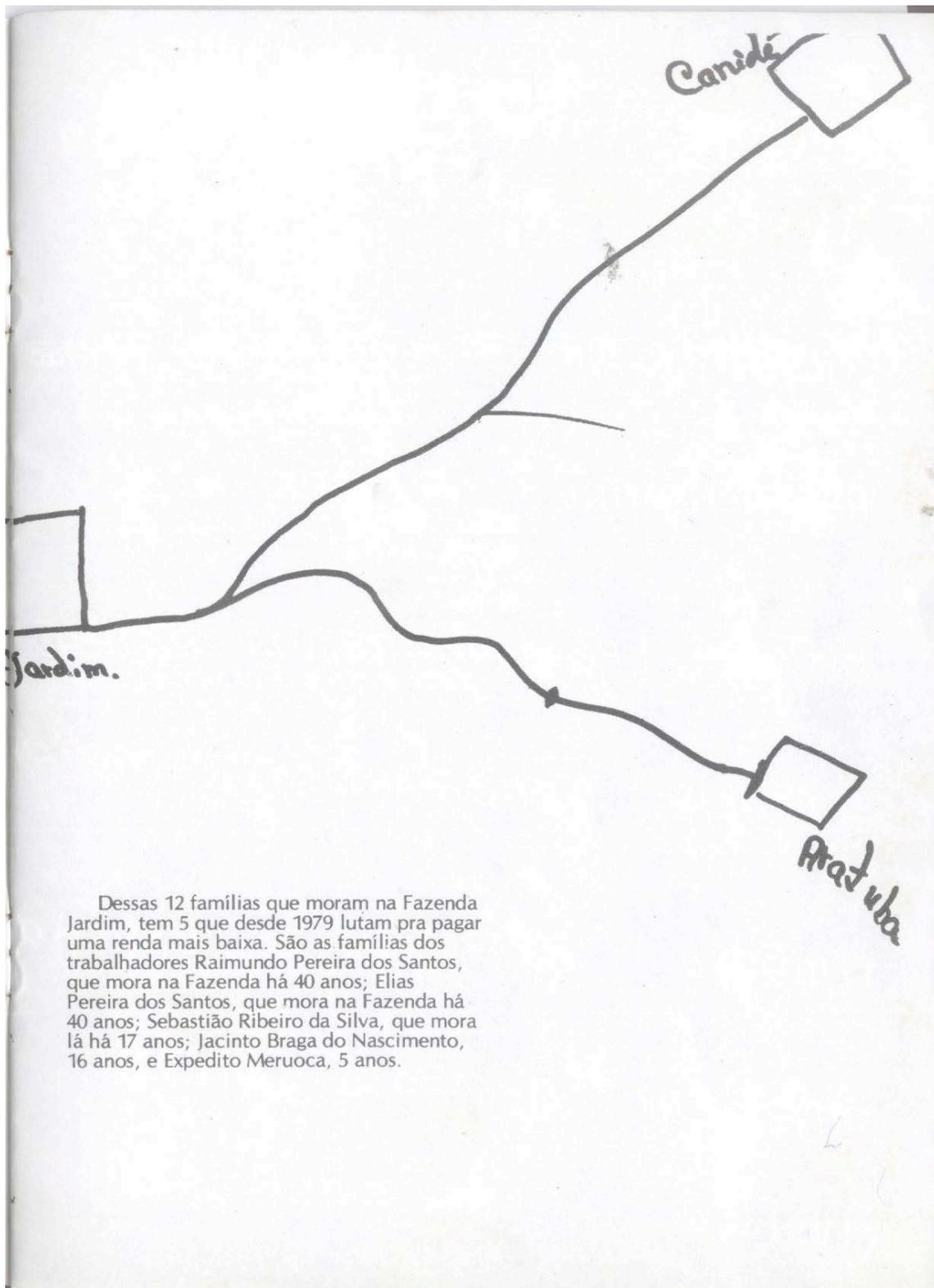




"Nós moramos na Fazenda Jardim, no município de Aratuba, no Estado do Ceará. Ao todo são 12 famílias que moram na Fazenda e vivem da agricultura, plantando milho, feijão, algodão e fava.

O proprietário da Fazenda mora em Itapiuna.

Os lugares que a gente mais anda são Aratuba e Palmatória, que fica no município de Itapiuna".



Dessas 12 famílias que moram na Fazenda Jardim, tem 5 que desde 1979 lutam pra pagar uma renda mais baixa. São as famílias dos trabalhadores Raimundo Pereira dos Santos, que mora na Fazenda há 40 anos; Elias Pereira dos Santos, que mora na Fazenda há 40 anos; Sebastião Ribeiro da Silva, que mora lá há 17 anos; Jacinto Braga do Nascimento, 16 anos, e Expedito Meruoca, 5 anos.

TRABALHO LUTA CORAGEM RENDA  
LIVRE.

TRABALHADOR PLANTA milho feijão

Algodão UMIÃO RENDA

HISTÓRIA FAZENDA JARDIM PATRÃO

AMEAÇA TRABALHADOR MEIA

AMEAÇA EXPULSÃO DESPEJO

INDENIZAR. CONTRATO ACORDO

Justiça. CORAGEM LEI.

Quando os moradores mais antigos chegaram à Fazenda não pagavam renda, mas tinham que dar três dias de sujeição por semana.

Com os anos mudou o sistema para a meia do algodão. Os outros gêneros eram livres para os trabalhadores.

# meio

“Vimos assim nessas bases até 1969. Chegou o ponto de ser fundado o Sindicato. Houve uma reunião em Aratuba, já pra pensar na fundação. Aí teve essas explicações: o que era o Sindicato, que dava direito ao trabalhador e que a gente podia mudar e ter outras condições de vida. Os homens ficaram animados, mas era com medo. Chegaram aqui e um deles conversou com a mulher: mas ficasse com isso calado.

Um dia as mulheres souberam que tinha outra reunião e foram sozinhas.

Já era o dia da fundação do Sindicato, aí já podia se associar as pessoas. Damos os nomes lá, preenchemos a ficha.

Na volta fomos dizer isso. Aí eles ficaram:

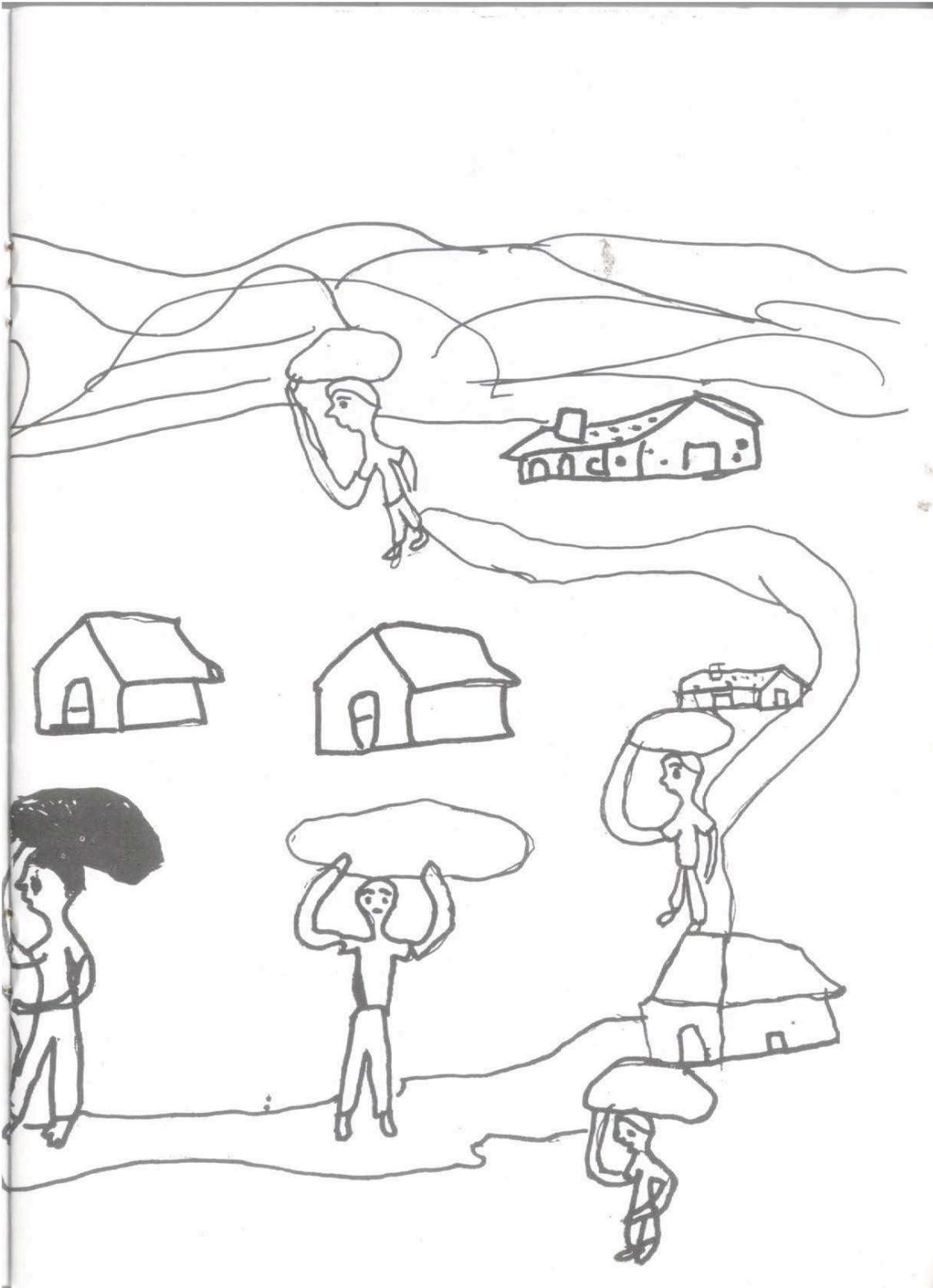
— Tu é doida, mulhé, como é que tu vai te meter num negócio desses sem saber nem o que é?

— Pois é e vocês têm que ir também, que não é só mulhé que tem que ficar dentro disso. É também os homens.

Eles foram na outra reunião e se associaram. Quando nós chegamos lá, eles tiraram as carteiras, mas era triste mesmo, desanimado. No caminho de volta, um deles disse:

— Não dou 8 dias pro patrão saber e vir botar a gente pra fora”.







“Nessa época entrou um gado do patrão na roça do Elias. E veio uma intimação do Sindicato pro patrão. Aí quem foi pagar o pato foi nós, as mulheres. A gente via a hora os homens desanimar. Diziam:

— Bem que eu disse que não entrasse nessa história. Agora o que vai acontecer?

Quando o patrão chegou, aí fez uma zuada... Nós fomos todos pro grupo escolar. E nós mulheres ficava ali encostada, cutucando os homens pra eles não esmorecer, vendo a hora eles dizerem que ficavam com o patrão e entregava as carteiras do Sindicato. O patrão disse:

— Porque é que vocês se associaram nesse Sindicato?

— Porque a gente viu que é uma lei que assegura os direitos do trabalhador e nós quisemos ficar com esse direito que a gente tem.

— Mas o direito de vocês já têm na minha mão, pois eu tenho uma folha do imposto sindical que eu pago.

— Sim, mas se o senhor tem esse direito, mas tá nas suas mãos, nós queremos é um direito que nós tenha nas nossas mãos.

— Pois eu não quero. Das duas, uma: ou eu ou o Sindicato.

— Nós queremos o senhor e o Sindicato.

Até que chegou o ponto dele dar prazo de 60 dias pra nós sair.

— Não senhor, nós não sai”.

Comunidade          agadim          União          Luta  
 Rada          Estatuto          Da Terra          Meia  
 Acordo          Adivogado          justiça  
 Organização          Delegacia          Sindical  
 Patrão          Desprezo          Trabalhador



“Aí nós fomos três vezes em Fortaleza, na Federação do Sindicato, e conseguimos fazer um contrato, pagando a mesma renda de 50 por cento do algodão, com direito dele dar terra nova pra gente brocar os roçados todos os anos e trabalhar de horta sem pagar renda, numa área de 1 litro de milho. O contrato foi por cinco anos.

Vimos assim nessas bases até 1979. Aí achamos que pra pagar 50 por cento era demais porque o que se fazia era só pra ele. Brocar, plantar, roçar, colher pra tirar a metade do algodão pra dar pro patrão, aí a gente ficava sem nada.

Aí a gente pegou a ler o ESTATUTO DA TERRA, e fomos ver o que a gente podia exigir. Nós fizemos esse plano em maio, numa reunião.

Quando foi em julho, na primeira semana que nós ia apanhar algodão, nós se reunimos de novo e combinamos:

— Tal dia nós vamos começar a apanhar o algodão. Vamos fazer o que combinamos em maio ou não vamos?

Aí todas as 5 famílias que havia resolvido diminuir a renda pro patrão começamos a apanhar o algodão e deixar guardado em casa.

No fim da semana, o gerente da Fazenda chegou com os sacos pra receber o algodão e ninguém entregou”.



"Nessa época nós convidamos o proprietário para uma reunião com ele, o Presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Aratuba e o advogado do Sindicato, Antonio Pinheiro de Freitas, lá no Grupo Escolar que tem na Fazenda.

Nessa reunião, em agosto de 1979, nós falamos pra fazer um acordo com ele: ficar pagando 30 por cento só do algodão. Mas ele não aceitou: Aí nós partimos pra questão na justiça.

Quando nós acabamos de colher a safra de 79, começamos a querer vender o algodão. Aí fomos de novo ao advogado e ele conversou com o juiz e o juiz mandou uma carta para o proprietário vir receber os 20 por cento, mas ele não atendeu.

Quando foi de outra vez ele atendeu e veio buscar. Aí ele recebeu os 20 por cento dele e disse:

— "Bem, esse algodão aí eu não quero ele".

Sacudiu num canto e disse:

— "Fica aí pra 30 anos".

Antes da gente começar a colher a safra de 80, recebemos a notícia: Vocês estão de parabéns. Ganharam a questão da renda de 20 por cento". Aí nós se reunimos pra dar a notícia a todos.

Então começemos a apanhar o algodão em julho e fomos guardando. Terminamo em setembro aí fomos separar os 20 por cento dele e vender o nosso.

A gente planejou assim: pegar 3 testemunhas e pesar o algodão e tirar os 20 por cento dele e depois vendemos o nosso na Cooperativa de Canindé".

DIÁRIO DA JUSTIÇA (Estado do Ceará - Brasil)		3
N.º 13.681 (Pelo II)		
FORTALEZA, Ceará-Falva, 20 de março de 1981		
N.º 13.682	- de MULLUNGO. Apelante - José Bolívar Neto. (Adv José Silveira da Silva). Apelados - Raimundo Pereira dos Santos e outros. (Adv Antônio Pinheiro de Freitas). Relator - O Exmo. Desembargador Joaquim Jorge de Sousa Filho.	
	ACORDA a Segunda Câmara Cível do Tribunal de Justiça do Estado, em julgamento de turma, ninguém discrepante, negar provimento ao recurso, para confirmar a sentença recorrida.	
	<b>EMENTA:</b> - Parceria agrícola. Não há exceder de 20% a cota devida pelo parceiro colono.	
	- Consignatória proposta para o fim de vir o parceiro-proprietário receber a sua parte dos frutos, ou mesmo recebê-la, segundo o percentual prefixado em lei.	
	- Ação julgada procedente. Sentença confirmada.	

TRABALHADOR

SINDICATO

ESTATUTO DA TERRA

INVERNO ESCOLA RENDA

JUSTIÇA

PLANTA

CONTRATO COLHER.

LUTA

LIBERDADE.

É uma injustiça  
 nós o advogado  
 Partir no meio



É uma injustiça  
 meia

Em novembro de 80 chegou um oficial de justiça trazendo a intimação da ação de despejo que o patrão tinha entrado contra nós. Nesse papel já vinha marcada a audiência de despejo.

Nessa audiência nós já sabia que era uma ação de despejo e que nós sabia que era com indenização. Toda vida antes da audiência nós se reunia e discutia muito. Mas dessa vez ninguém se previniu.

Quando a gente chegou lá e o assunto era indenização e nós não levava nada planejado, então pedimos ao juiz pra nós sair fora planejar alguma coisa. Então combinamos: o Jacinto pedir 50 mil cruzeiros, o Basto, 50 mil, o Raimundo Martins 250 mil, o Elias, 200 mil e o Meruoca, 60 mil.

Mas quando a gente entrou no debate, a gente foi caindo, caindo... o Jacinto caiu pra 30 mil cruzeiros, o Basto pra 25 mil, o Raimundo pra 100 mil, o Meruoca pra 15 mil e o Elias pra 80 mil. Mas o patrão concordou em indenizar os 3 que pediram menos. Mas aí ninguém aceitou: OU TODOS 5 OU NINGUÉM.

—Depois dessa audiência, o proprietário foi duas vezes na Fazenda tentar fazer acordo pra indenizar.

— Nós não tem acordo pra fazer aqui. Espere a próxima audiência que a gente resolve!'

Em 1979 os 5 parceiros produziram 2.364 kg de algodão. A parte que pagaram ao proprietário, como renda, foi 20 por cento, ou seja, 472 kg.

O algodão foi vendido a 400 cruzeiros a arroba. Desse modo, os 5 apuraram um total de 50.400 cruzeiros. A parte paga ao proprietário, avaliada ao mesmo preço, totalizou 12.400 cruzeiros.

Em 1980, a produção de algodão foi de 2.051 kg. A parte dos 5 moradores foi vendida a 600 cruzeiros a arroba. Assim, eles ficaram com total de 65.640 cruzeiros, enquanto os 20 por cento que ficaram com



o proprietário, se tivesse sido vendido ao mesmo preço, valeria 16.400 cruzeiros.

Nesses dois anos, as 5 famílias ficaram com um total de 116.000 cruzeiros, e o proprietário, recebendo somente 20 por cento da renda, ficou com algodão no valor de 28.800 cruzeiros. Se tivessem continuado pagando meia, os 5 parceiros ficariam com 72.420 cruzeiros e o proprietário com o mesmo valor.

Pagando renda de 20 por cento, eles lucraram 43.620 cruzeiros nesses dois anos.





No dia 12 de fevereiro de 81 foi a outra audiência. O patrão partiu logo pra indenizar de novo. O Elias disse:

— Me dê 100 mil que eu vou embora.

— Tá feito.

E assinaram logo.

— E vocês, querem a indenização de vocês também?

— NÃO.

Ganhamos essa nova questão. O juiz decidiu que tinha que partir para o contrato. Nós ia pensar no caso”.

PATRÃO INJUSTIÇA SERTÃO S

OPRESSÃO AMEAÇA. EXPULSÃO

SINDICATO CORAGEM LUTA

BOTAR PRA FORA

ORGANIZAÇÃO REUNIÃO

DELEGADO SINDICAL MEIA

RENDA

